

Louis de Wohl

# A LIBERTAÇÃO DO GIGANTE

- Romance da vida de Tomás de Aquino -

*This is a MBS Library best viewed by Micro Book Studio.*

*You may download it at*

<http://www.microbookstudio.com>

- [A](#)  
[LIBERTAÇÃO](#)  
[DO GIGANTE](#)

**Louis de Wohl**

**A LIBERTAÇÃO DO GIGANTE**

**- Romance da vida de Tomás de Aquino -**

**Índice Geral**

- [LIVRO I](#)
- [LIVRO II](#)
- [LIVRO III](#)
- [LIVRO IV](#)

---

■ [\*Índice Anterior\*](#)

# LIVRO I

## Índice

**CAPÍTULO I**

**CAPÍTULO II**

**CAPÍTULO III**

**CAPÍTULO IV**

**CAPÍTULO V**

---

▪ *Índice Anterior*

## LIVRO II

### Índice

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

---

▪ [Índice Anterior](#)

## LIVRO III

### Índice

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

---

▪ [Índice Anterior](#)

## LIVRO IV

### Índice

**CAPÍTULO I**

**CAPÍTULO II**

**CAPÍTULO III**

---

▪ *Índice Anterior*



**Louis de Wohl**

## **A LIBERTAÇÃO DO GIGANTE**

**- Romance da vida de Tomás de Aquino -**

### **LIVRO I**

#### ***CAPÍTULO I***

**Estava frei Vicente sozinho no jardim que, em pleno viço, louvava a Deus num deslumbrante colorido, que fazia inveja à magnificência do rei Salomão. Lia o breviário; eram as primeiras horas da tarde, e assim sentia-se o frade ainda lépido e nada distraído.**

**A primeira coisa que o distraiu foi a sombra que, no muro diante dele, não era, como devia ser, uma superfície plana e reta; apresentava, ao contrário, uma como protuberância que perturbava a regularidade da linha. Frei Vicente, que tinha dado uma olhadela por cima do breviário, sentiu-se incomodado. Olhando melhor, viu que aquela protuberância tinha uma forma quase absurda: era como uma cabeça de carneiro, mas com chifres e orelhas, e até mesmo com barba: digamos, pois, um bode.**

**Mas desde quando os bodes trepam em muros verticais, com mais de nove pés de altura?**

**Frei Vicente sabia muito bem que, a rigor, deveria estar concentrado na leitura do breviário. No seu íntimo, pareceu-lhe ouvir como que um toque de alarme: atém-te ao livro, e não cuides nem da sombra nem do bode! Obedeceu e leu a linha seguinte. Depois a tentação de dar mais uma olhadela àquela sombra, uma só, foi mais forte.**

**A sombra parecia verdadeiramente uma cabeça de cabra ... ou coisa semelhante. E ... movia-se.**

**O frade estremeceu. A sombra era viva, sôbre o muro, movia-se ... mas não era um bode. Que seria?**

**Tinha o focinho delgado, indolente, alongado e amarelado. As orelhas eram pontudas, e entre elas surgiam dois cornos curtos e retos que terminavam numa espécie de bolota. Tinha os olhos semicerrados sob pálpebras cansadas e altivas. Mas o pior era que crescia, crescia. A cabeça já sobressaía dois palmos acima do muro, aliás, para ser mais claro, somente o pescoço aumentava, um pescoço amarelo, sem fim, com estranhas manchas escuras.**

**Frei Vicente olhava espantado. Aterrorizado, via aquele horrível pescoço crescer, crescer além de toda medida possível para homens e bichos. Via uma diabólica cabeça de cabra no corpo de uma enorme serpente, que subia cada vez mais alto. De repente, à beira do muro apareceram duas mãos pretas, e um instante depois um pequeno homem todo preto, com turbante branco, vestes brancas e dentes alvos, abertos num riso de escárnio. Indicando aquela forma horrenda, cujo pescoço continuava a subir, o homenzinho exclamou com voz estridente:**

**- Sciraff! Sciraff!**

**A enigmática figura, ao invés, não emitiu nenhum som.**

**Dando um profundo suspiro, o frade retomou o domínio de si mesmo.**

**- Ápage - exclamou. - Ápage, Satanás! - E persignou-se, o que não causou nenhuma impressão nem ao homenzinho negro nem à aparição, mas ajudou o frade a readquirir inteiramente suas faculdades físicas. Deu um salto, virou-se, e com toda a rapidez que lhe permitiam eus setenta anos, fugiu para o mosteiro.**

**- Reverendíssimo abade ... reverendíssimo abade ...**

**Francisco Tecchini, abade de Santa Justina, estava justamente examinando um belíssimo exemplar do Organon de Aristóteles. Tratava-se naturalmente da tradução de Boécio, não a mourisca glosada por Averróis, que naqueles últimos tempos gozava das simpatias de certos círculos modernos, uma mistura de verdade aristotélica e de heresia averroísta, que acabaria por estragar o bom nome do Estagirita. Oh! Poder escoimar devidamente aquele monturo! Encontrar quem demonstrasse àqueles filósofos muçulmanos, orgulhosos e seguros de si próprios, que Aristóteles,**

**e ainda vivo, haveria de rir a valer das suas fantásticas interpretações ...**

**- Reverendíssimo abade ...**

**- Agora o abade não recebe porque está trabalhando em ...**

**- Mas eu preciso falar com Ele.**

**- Frei Leão, deixe entrar frei Vicente - disse o abade em voz alta. enquanto o ancião já entrava cambaleando na cela.**

**- Reverendíssimo abade, o diabo ... Vi ... vi o diabo.**

**- Ainda o diabo! - Exclamou o abade aborrecido. - Que bobagens são essas? - Apenas seis meses antes tivera de fechar um de seus monges ia enfermaria e vigiá-lo dia e noite, porque se julgava continuamente assaltado pelo demônio. Afinal tivera de apelar para o exorcista de outro mosteiro, que examinado o homem, aconselhou... interromper os jejuns por alguns meses e mandá-lo diariamente trabalhar algumas horas ia horta. "Só isso?" "Sim, é o que resolve, reverendíssimo abade. )aqui há três semanas estará curado". E a receita fora eficaz. Mas que humilhação ter de recorrer a um exorcista de fora! E agora, eis frei Vicente! Porém este caso devia ser diverso: Ele era homem razoável reflexivo, exatamente o contrário de um feixe de nervos. Por que i maligno escolhera justamente Ele? eis o enigma. Uma coisa, porém, será certa: não se tratava de prescrever a frei Vicente os trabalhos da corta: ele era justamente o jardineiro do convento.**

**- Deve ter sido o demônio - insistiu o frade. - E trazia consigo em diabrete preto que dizia tratar-se de um Serafim, um serafim. Mas mentia. Não podia ser um serafim! Era a coisa mais feia, mais Horrerosa Que já vi em minha vida. Qual serafim, qual nada! - Frei Vicente Estava indignadíssimo.**

**- Mas onde, isso tudo? - perguntou o abade.**

**- Junto às moitas - explicou o frade. - Isto é. além do muro que fica atrás das moitas.**

**"Já se vê, topografia de jardineiro", pensou o abade. "Onde estão,**

**entretanto, nossas moitas? Isso prova que o bom homem não perdi juízo". Notou então o ponto inverossímil da declaração.**

**- Atrás do muro? Então como podias vê-lo se o muro é alto nove pés e meio?**

**- O homenzinho preto havia trepado em cima - explicou frei Vicente. - E o ... o outro avançava com a cabeça e o pescoço.**

**- Deve tratar-se de um diabo bem comprido - murmurou o abade levantando-se com esforço. - Está bem, vamos ver.**

**Lá fora tinham-se juntado uma dúzia de monges.**

**- Parece que tens razão, frei Vicente, - exclamou o abade com ironia.  
- Deve ser mesmo o diabo. Basta ver quanto trabalho sagrado já interrompeu... - Os monges afastaram-se enquanto Ele acrescentava: - Vamos, adiante! As moitas.**

**Alcançaram o lugar em poucos instantes; mas o muro; atrás daquela beleza de cores, estava deserto.**

**- Foi mesmo aqui, frei Vicente?**

**- Com toda certeza, reverendíssimo abade.**

**- Que pena! - disse, o abade friamente. - Está bem. Volto ao meu trabalho. E se alguma coisa tivesse que reaparecer...**

**Um grito rouco do frade cortou-lhe a palavra.**

**- Lá... lá, reverendíssimo!... - E indicava o portão, onde realmente estava acontecendo alguma coisa. O frade porteiro precipitou-se em direção do edifício principal, gritando a plenos pulmões; mas a sua voz era abafada pelo ressoar de trompas, tão alto de rebentar os tímpanos. Era aquele o diabo de frei Vicente? Fora, diante do portão, devia haver uma grande confusão. E que era aquele interminável monstro guiado por um pequeno preto?**

**- Ei-lo, reverendíssimo, - exclamou frei Vicente. - Eí-lo junto com o diabrete! Não dizia eu!**

O portão tinha doze pés de altura: não obstante, para passar aquela coisa teve de dobrar o pescoço, o horrível pescoço que parecia fizesse uma reverência, e depois levantou-se em todo o seu tamanho. No momento o abade pensou seriamente que o seu frade tivesse razão, mas depois, atrás daquela coisa viu aparecer uma massa cinzenta e informe, com enormes orelhas e uma longa tromba: certamente aquele era o animal chamado elefante, que Ele vira pintado, um animal estranho e terrível, mas em fim, um animal. "Quem tenha visto esses animais" pensou o abade "não terá dificuldade em crer que existam o unicórnio ou a salamandra, que vive no fogo: mas o porquê, a origem...". Talvez fosse apenas um incubo do qual poderia acordar em pouco. De todas as portas os frades acorriam olhando aterrorizados aqueles estranhos intrusos. Entrando com algum esforço pelo portão, o elefante barriu novamente; estava acompanhado por um diabrete negro, um pagão de pele escura, com birbante e vestes brancas, que o conduzia pela tromba. Seguiam-se outros animais: lincas e panteras, pelo menos meia dúzia, todos com mordaca, conduzidos por homens de turbante, e depois uma fila de camelos de uma e de duas corcovas.

- Santa Mãe de Deus! - suspirou frei Vicente. - Que está acontecendo, reverendíssimo abade? Ter-se-á desencadeado o inferno sobre a terra?

O abade não respondeu. Olhava para a entrada, onde atrás dos arcos apareciam outras formas, figuras humanas em magníficas roupas transparentes, de todas as cores do arco-íris: lindos rostos de mulheres quito pintadas. Elas também tinham os seus demônios, criaturas disformes em amplas vestes soltas ao vento: os eunucos. Bailarinas e eunucos! ... O abade compreendeu e perdeu a cor.

- Sim, frei Vicente, o inferno se desencadeou ... mas é o inferno 'a terra. E um insulto, uma ofensa como aquela que foi feita a Nosso Senhor ... e com a mesma intenção. Ei-lo que chega.

Ajustado na armadura, ereto num corcel ajaezado, entrou na praça um cavaleiro acompanhado por pagens e escudeiros: um enorme coleópero rodeado de formigas. Olhou em torno e dirigiu-se diretamente para o abade, diante do qual parou.

- Sois vós o padre superior?

**- Sou D. Francisco Tecchini, superior de Santa Justina. Que significa, senhor, esta invasão, esta ... procissão inconveniente e impudica?**

**- Reverendíssimo, - disse o cavaleiro - sou o conde de Caserta, criado vosso. Aquela que vos comprazeis de definir procissão inconveniente e impudica é uma parte da corte de sua majestade imperial, da qual vós sois súdito como eu: súdito e servo, reverendíssimo, como todos esses são seus servos e servas; bípedes e quadrúpedes, não há diferença.**

**- A diferença, senhor conde, poderia vo-la ensinar uma criança. este é um lugar sagrado ...**

**- Não vim para discutir sutilezas teológicas, - interrompeu o cavaleiro - mas para anunciar a iminente chegada do imperador que dignou fazer do vosso convento seu quartel-general temporário.**

**- Impossível - deixou escapar o abade, cujos lábios tremiam. - O imperador e seus nobres naturalmente são bem vindos... mas desde que a sua visita compreenda tudo isso ...**

**- Sinto ter de interromper mais uma vez o vosso belo discurso, ias quando o meu senhor manda, nada é impossível. Ele compreende que os monges e o belo sexo não combinam. Por isso vós e vossos monges deixareis imediatamente Santa Justina ...- para vosso próprio bem. seus lábios finos e sarcásticos contraíram-se levemente sob o nariz comprido e sensual, enquanto os olhos escuros e penetrantes brilhavam invertido.**

**- Abandonar Santa Justina ... - murmurou o abade contrafeito. - Não posso ... não posso crer que o imperador ...**

**- Reverendíssimo, a vossa idade e o hábito impedem-me de vos responder como a quem ousasse pôr em dúvida a exatidão das minhas afirmações. E a vós também devo ...**

**- Prefiro ofender-vos - interrompeu o abade - declarando-vos mentiroso, a ofender o imperador, considerando verdadeiras vossas palavras.**

**- Basta - interrompeu o cavaleiro. - Dou-vos meia hora. Se pois do**

**prazo ainda encontrar aqui algum frade, acabará mal. Recebi -ordem de desimpedir este lugar para que se torne digno do meu senhor. fio palavras do imperador.**

**- Compreendo - disse o abade, que tinha recobrado a calma. - Se Santa Justina deve ser digna do vosso senhor, não pode mais sê-lo do meu.**

**Afastar-nos-emos.**

**E passando diante do cavaleiro emudecido, dirigiu-se para a entrada, onde os monges, perto de cinqüenta, se haviam reunidos cheios de medo é de indignação. "O Santíssimo", pensava. "Os vasos sagrados e os paramentos, alguns livros e os manuscritos. Agradeçamos a Deus pelo voto de pobreza. Encontraremos um refúgio em Montecassino, onde haverá lugar para nós também". Não seria definitivamente, pois o imperador Frederico não se demorava muito no mesmo lugar. Depois da excomunhão, já havia mudado de quartel-general mais de uma vez por ano. Parecia que o chão lhe queimasse sob os pés. E talvez fosse verdade ...**

**- Reverendíssimo abade ...**

**- Que há, frei Vicente?**

**- Agora quem se ocupará de minhas flores?**

**- Das nossas flores, frei Vicente.**

**- Das nossas flores, reverendíssimo. Algumas delas necessitam de água três vezes ao dia, e ...**

**- Não sei, mas temo que ao retornarmos será preciso começar tudo de novo. - E com um doloroso sorriso acrescentou: - Frei Vicente, tinhas razão e estavas errado. Errado porque aquilo que viste não era o diabo; razão porque era o arauto do diabo.**

**Um sino vibrante começou a tocar. O ótimo, simples e já ancião frei Filipe anunciava as vésperas ... vésperas que não seriam cantadas. Com tristeza frei Vicente viu o rosto do abade contrair-se num choro silencioso. E o sino continuava a tocar.**

**O imperador chegou cinco horas depois com um cortejo de cerca de sessenta nobres e algumas centenas de servos. Já estava escuro, não, porém, no pátio do mosteiro. O conde de Caserta havia terminado os preparativos. Ao longo dos muros, em intervalos regulares, ardiam tochas. Todos os sinos tocavam ao mesmo tempo. O conde, numa vestimenta de veludo ornada de peles, sem armadura, inclinou-se profundamente, beijou**

**o estribo e ajudou o imperador a desmontar.**

**Frederico teve um instante de hesitação.**

**- Tochas viventes! - disse. - Pela barba do profeta, é um belo espetáculo! - Cada tocha estava presa à cabeça de uma bailarina e iluminava um corpo fascinador, cuja veste consistia exclusivamente numa ampla calça oriental e colares cintilantes. - O teu gosto, conde de Caserta, refinou-se muito. Mas não as deixes por muito tempo no pátio. A noite está um pouco fria e podem apanhar um resfriado que depois pega em todos os meus amigos. Não sei como isso se dá, mas fato é que acontece.**

**Acolheu a respeitosa risada dos nobres com o sorriso comum a todos os suevos, um sorriso em que os olhos não tomavam parte.**

**- Caserta é um mago - disse sorrindo o margrave Palavicini. - Como fizeste, amigo, a transformar os frades assim? Qual seria o abade? Rogo-te apresentar-mo. É a primeira vez que me dá esse desejo.**

**- E os frades? - perguntou secamente Frederico.**

**O conde deu de ombros:**

**- Caminham pela noite ... para o sul.**

**- Quem, então, está tocando os sinos?**

**- Sim, os sinos - sorriu o conde. Talvez, meu senhor, gostásseis de ver como se tocam...**

**- Vejamos - concordou Frederico. - Vem, primo Cornualha, tu também. Absburgo, Palavicini! Ezelino! Vamos ver os sinos do conde de ;acerta. Pela Caaba de Meca, imagino uma boa**

**brincadeira.**

**Os nobres chamados desmontaram e seguiram-no em direção à torre.**

**- E eu, papai? - perguntou uma voz de menina.**

**- Pelo que sei do conde, não me parece coisa adequada a "um jovem" como tu, Silvana, -disse rindo Frederico sem voltar-se.**

**Todos riram. Para a cavalgada a princesa Silvana tinha-se vestido de homem: assim jovem e esbelta, aqueles trajes ficavam-lhe bem. Só o rosto era decididamente feminino, com aqueles lábios túmidos e corados, o narizinho arrebitado, os olhos cinzentos e um pouco amendoados. como os de sua mãe.**

**Ezelino voltou-se para olhá-la e atirou-lhe um beijo, mas ela mostrou-lhe a língua como um moleque, e riu-se alto. Um jovem cavaleiro da comitiva de Comualha não pôde deixar de menear a cabeça.**

**- Não há de que escandalizar-te, cavaleiro, - murmurou junto dele uma voz zombeteira. - Os dois vão casar-se esta semana.**

**O jovem inglês levantou os olhos e viu um homem de sua idade (no máximo poderia ter uns vinte anos), de belo físico e relativamente alto por ser italiano, com uma bela frente, olhos escuros, lábios finos e vivos: um desses homens com os quais não se pode ficar amuado por muito tempo, e pelos quais Piers Rudde sempre tivera uma pontinha de inveja. Na Itália (e mesmo em França) encontravam-se freqüentemente desses jovens elegantes e de modos tão desenvoltos que podiam permitir-se serem descarados até diante de uma cabeça coroada, e com isso conseguindo, algumas vezes, um colar de ouro. O inglês teve ganas do dar uma resposta briosa, mas limitou-se a dizer:**

**- Sinto-me muito confuso.**

**O jovem italiano explodiu numa gargalhada:**

**- Não me admira. São coisas que na Inglaterra nunca a( acontecem não é?**

**- Certamente não - replicou com frieza Piers Rudde. Mas explica-me, peço-te, por quem ou por que coisa ouvi o imperador Jurar? A que profeta aludia?**

**- Ora. - respondeu o italiano dando de ombros. - Pela barba do profeta. não é? Maomé, é claro. Certamente também os outros profetas terão tido barba: parece uma condição necessária. Quanto mais comprida a barba, tanto melhores as profecias. Mas ele aludia a Maomé. Não ouviste dizer "pela Caaba de Meca"?**

**- Sim, mas que é isso?**

**- Uma grande pedra negra no meio da cidade santa dos muçulmanos. Pelo que se diz, é a pedra sôbre a qual Abraão queria sacrificar o filho Isaque: o anjo Gabriel depois transportou-a gentilmente a Meca.**

**- E o imperador crê nisso? - perguntou o inglês admirado. É verdade que, como dizem os padres, fez-se muçulmano?**

**- Fala baixo, cavaleiro, z- murmurou o italiano. - Não, não creio seja verdade. Recentemente ouvi-o dizer: "Não me libertei de uma cadeia para deixar-me prender por outra". Entretanto, invocar os símbolos maometanos está em moda. E tal moda foi introduzida justamente pelo imperador.**

**- Talvez seja melhor assim - comentou Piers Rudde. - Deste modo ele deixa em paz os nomes sagrados. Este é um convento, não?**

**- Pelo menos era-o até há pouco - foi a resposta desembaraçada. - Gostaria de saber o que terão pensado aqueles frades vendo entrar o serralho imperial. Foi uma idéia de sua augusta inteligência. Ele diverte-se com tiros desses quando ...**

**Interrompeu-se porque mencionar a excomunhão do imperador não era coisa de bom gosto.**

**- Qual serralho? Estas ... estas jovens?**

**O italiano riu francamente.**

**- Ah, boa, muito boa esta, cavaleiro! ... E dizem que no teu país**

**nebuloso não se sabe rir! -Mas tornou-se sério vendo o estupor do inglês. - Pelos benditos califas e por todos os santos, vejo agora que tua pergunta era séria; desculpa a minha alegria. Referia-me aos animais, aos quadrúpedes que o imperador foi arrebanhando em todos os continentes. Alguns são verdadeiras raridades, e ele nunca se põe de viagem sem levá-los consigo. Não estás informado de que os mandou adiante com o conde de Caserta? É mesmo, tu nos alcançaste só à tarde e não podias saber. Não me admira a tua confusão. Todos nós vivemos um pouco confusos.**

**- Também me parece - respondeu o outro brevemente.**

**- Melhor assim - asseverou o italiano. - É quase um modo de viver divino. Movemo-nos num mundo estupendo que nos pertence. Em qualquer parte que chegamos trazemos alegria e assombro, esperança e desespero, amor e ódio. Não é este o modo dos deuses? Basta uma palavra do imperador ... e uma cidade é arrasada. Outra palavra ... e uma cidade surge das cinzas. Agora os sábios sultões e os emires do Oriente nos mandam incenso e mirra ...**

**- Esta é uma conversa sacrílega, cavaleiro, - exclamou Piers Rudde, admoestando-o.**

**- Não, é poesia sacrílega - suspirou o jovem italiano. - Parece-me ouvir minha mãe. Oh! quantas vezes disse-me ela que acabarei mal! Ela também não percebe a diferença entre poesia e prosa. Vejamos, que mais tens em comum? É alta, morena e ferosa ... é como uma estátua de Juno, a mãe dos deuses: enquanto tu és loiro de olhos azuis, e provavelmente forte de meter medo. Evidentemente não um Apolo, é claro, pois, que em tal caso terias mais compreensão pela poesia. És**

**talvez um daqueles deuses tudescos, cujo nome basta para destroncar uma língua italiana, tanto são poderosos. Tu e minha mãe não poderiam ser mais diversos, e no entanto fazeis a mesma opinião de mim, pobre poeta. Se uma terceira pessoa ainda me disser o mesmo, acabarei por acreditá-lo também eu. Mas eis que voltam; parece que se divertiram um bocado. Gostaria de saber o que arrumou o conde de Caserta com os sinos. Nunca pensei tivesse ele um. pingo de fantasia ...**

**O pequeno grupo aproximou-se. O imperador mostrava-se satisfeito, Ezelino e Palavicini riam-se às gargalhadas. O conde de Absburgo mostrava-se incerto entre o choro e o riso, e o conde de Cornualha, aborrecido como sempre. Caserta estava radiante.**

**- Extraordinário o Caserta! - Exclamou Ezelino. - Nunca vi sineiros tão graciosos pairarem no ar como borboletas.**

**- Espero tenha preparado com igual cuidado a comida e a bebida - observou o imperador.**

**- O jantar aguarda o divino Augusto - apressou-se em dizer o conde de Caserta. - Tivemos que reorganizar o refeitório. Esses monges ... - e estremeceu - penso que levaram muito a sério o voto de pobreza.**

**- Os monges tomam tudo a sério, - declarou o imperador - e dão fé a qualquer coisa, desde que dita com suficiente seriedade. Onde está Mousca?**

**O pequeno negro apareceu como que por encanto e atirou-se humildemente ao chão.**

**- Mousca, onde estão os meus queridos animais?**

**- Providenciou-se um lugar para todos, ó sol invicto!**

**- Está bem. Irei vê-los amanhã. A mesa, amigos!**

**O refeitório havia sido realmente transformado. Tapetes orientais cobriam o chão de pedra, e uma toalha purpúrea havia sido estendida sobre a enorme mesa em cruz. Os monges tinham levado consigo o crucifixo de cima da alta cadeira do abade. Caserta o substituíra pelo estandarte imperial: uma águia preta num fundo de ouro. Num canto estava tocando uma pequena orquestra, e loco, o bobo da corte, bailaricava em volta da mesa, atrapalhando os nobres que procuravam lugar. Para cada um deles achara um apelido que escondia um pouco de amarga verdade, é claro, sem excessivo amargor, pois cada bobo deve saber que não é prudente descobrir excessivamente as cartas antes que os senhores tenham comido e bebido. Pequenino, corcunda, com um nariz comprido e ridículo entre dois olhinhos pretos e sempre em movimento, acentuava o grotesco de sua disforme figura a roupa meio vermelha e meio rosa.**

Ouvindo-o apelidar Ezelino de "Ecce homo", o imperador pôs-se a rir: era um daqueles gracejos que ele mesmo gostava de fazer. Mas quando loco chamou o conde de Absburgo de "tiozinho azedo", a testa imperial enrugou-se.

- Peço perdão - disse logo loco. - O meu senhor pensa diversamente, e como é muito maior que eu, nem mesmo eu devo pensar como eu. Retiro, pois, o título "tiozinho azedo" e o confiro ao grande

conde de Inglaterra. Como sempre, tens razão, irmão imperador: ele o merece, muito mais que o "titio beijola".

Quando as risadas acabaram, Piers ouviu uma voz exclamar:

- Muito bem.

Levantando o olhar viu o jovem cavaleiro italiano com quem tinha conversado antes.

- Que queres dizer, senhor?

- Boa tática. Quando se ofende uma pessoa só, esta se aborrece. Quando, porém, se ofendem duas ao mesmo tempo, ou mais, todos acham graça. A honra e a dignidade são bens individuais, divindades solitárias.

Absburgo tinha realmente sorrido... com o grosso lábio ofendido. O conde de Cornualha, porém, estava impassível como se nada tivesse ouvido.

Os pagens em libré imperial trouxeram os primeiros pratos.

- Um momento! - gritou loco. - Meus nobres senhores, esqueceis o lugar em que estais. Ninguém recitará a oração? Pois bem, eu o farei. - E voltando-se para o imperador, levantando as grossas mãos em ato de adoração "orou": - Grande e divino senhor de todos os animais, agradecemos-te o pão cotidiano. Os burros trouxeram-no nas costas, portanto é justo e equânime que outros burros o levem consigo na barriga. Assim seja.

Piers percebeu que o bobo era-lhe sumamente antipático. É verdade

**que os bobos tinham a tarefa de pôr em ridículo todas as coisas, mas aquilo era-lhe insuportável. Também ao conde inglês era odioso. Eis Ezelino a exclamar:**

**- Êh, loco, estás falando em burros, no entanto aqui és o único que tem as orelhas compridas.**

**O bobo riu sarcasticamente: -**

**- Perfeito, nobre senhor. Quando foram distribuídas as partes do burro, cheguei no fim e recebi as orelhas. Conheço uma família de alta linhagem que tem as mãos muito compridas quando se trata de distribuição: a esta provavelmente coube o cérebro. Como diz o sábio Platão . . .**

**- Ao diabo Platão e todos os filósofos! - imprecou Ezelino aborrecido. - Não quero pensar nem filosofar. Quero é comer.**

**- Que homem feliz! - suspirou loco. - Conhece os seus limites.**

**- loco, agora chega - ordenou o imperador. O bobo encolheu-se como se tivesse levado uma pancada, caiu de joelhos e desapareceu sob a mesa.**

**- Primo Cornualha, nunca se deve tomar a sério os bobos. No entanto eles têm uma finalidade. Em que consiste, de fato, a bobagem senão na união das coisas que não concordam entre si? Mas justamente assim, por eliminação, vejamos quais as coisas que concordam.**

**- Vós sois muito lógico, meu imperador, - atalhou o conde com um leve sorriso. - Pois eliminaste o próprio bobo.**

**Junto dele Silvana aplaudiu:**

**- Vês, papai, nunca se sabe como tratá-los, esses ilhéus. Cornualha possui o senso de humor.**

**- E o da beleza, graças a Deus - retrucou o conde com uma breve reverência.**

**- O nosso bobo nomeou-me senhor de todos os animais -**

**prosseguiu o imperador. - A propósito podem ser feitas diversas observações. Poucos homens alcançam a graciosa e robusta beleza do falcão, e nenhum homem sabe voar ... exceto Dédalo e seu filho. Amanhã, primo Cornualha, mostrar-te-ei o meu elefante: um animal verdadeiramente majestoso, que me foi dado pelo sultão Al-Kamir, certo de que eu não estaria em condições de retribuir o presente. Pois lhe mostrei o contrário enviando-lhe um urso branco. Talvez tenhas ouvido falar dele: é um animal que vive no extremo setentrião, onde o sol brilha apenas poucos meses no ano ...**

**- Julgava que o país da neblina fosse a Britânia - disse friamente o conde.**

**- Não se trata de neblina, primo. Lá em cima o sol não brilha por outro motivo, como asseveram os sábios. Mas, voltando à minha história, os amigos sarracenos não pareciam muito entusiasmados com o meu urso branco. Não entendia por que, e só dei conta do motivo, quando soube que, quando velhos, os ursos do Curdistão têm o pelo branco sujo. Porém, vendo que o meu urso branco só comia peixes, ficaram estupefatos. Masc Allah, Masc Allah ... não conseguiam compreender. O próprio sultão levantou' as mãos ao céu, e com elas um diamante como nunca vira. Exato: Al-Kamir, o meu velho e bom amigo ...**

**- Amigo? - disse o conde. - Um pobre pagão ignorante, amigo do imperador? Estais brincando?**

**- Caro primo, o sultão Al-Kamir não é nem pobre, nem ignorante, nem pagão. )v mais rico que todos os monarcas cristãos juntos, e muito erudito. Demais, para o Corão, que quer dizer pagão? Para mim pagão, e por cima ignorante, é todo aquele que não quer saber de ciência e progresso; quem quer que viva contra a natureza abstendo-se de mulher; todo o que crê em conjuros mágicos pronunciados sobre um pedacinho de pão e um trago de vinho ou uma gota de óleo, e que, a cada pergunta indagadora do homem pensante, só sabe responder com a fórmula paralizante "eu creio".**

**- Creio - disse tranqüilamente o conde de Absburgo com a aprovação do conde Cornualha.**

**Frederico sorriu contrafeito.**

**- É difícil, meus primos e amigos, evitar dissensões em torno dessas coisas. Mas se, como eu, tivésseis observado neste belo país a avareza, o egoísmo e a teimosia dos padres tendo à frente o meu dileto amigo Gregório IX, pensaríeis como eu. Dizeis que não? Claro, esquecia que sois ainda as suas caras ovelhas ... enquanto eu sou a ovelha negra. Vós ainda não fostes excluídos da comunidade dos santos. Mas eu não sei o que fazer das ovelhas, sejam brancas ou pretas. Prefiro a parte do leão. - Bebeu um trago, e olhando com olhos de entendido O belo cálice de ouro cinzelado prosseguiu: - Porém, nem mesmo nestas circunstâncias consegui compreender que tenha contra mim o supremo pastor do Deus cristão. Lembrei-lhe que houve tempo em que o leão e o cordeiro viviam em paz entre si; parece, aliás, que era um tempo feliz. Mas o papa Gregório não quis saber de mim. Ovelhas queria, nada mais. Perdi quase a esperança de que venha a converter-se à minha opinião ... Quase, não toda.**

**O conde de Absburgo levantou os olhos, com um raio de esperança no rosto rude e inteligente. Nada o incomodava tanto como a situação dos príncipes e reinantes num mundo em que o papa e o imperador discordavam. Seria possível que Frederico não acabasse por cair em si? Mas logo notou no rosto do soberano uma expressão que bem conhecia, e, para esconder a desilusão, pôs-se a beber. Verdade que às vezes o santo padre se obstinava, mas não era isto a verdadeira razão do conflito. Na realidade, o papado constituía o pano vermelho para o touro Frederico, qualquer coisa que o papa fizesse.**

**- Penso que acabará cedendo - prosseguiu Frederico. - Um dia deverá perceber que um imperador excomungado não representa para ele bom negócio. Além disso creio que receberá em breve más notícias.**

**- Não cederá - afirmou Ezelino. - A única coisa que lhe importa é Roma e ...**

**- Roma, entretanto, não será assim tão papal como ele pensa interrompeu o imperador. - De lá temos notícias muito interessantes.**

**- Não pensareis em atacar já a própria Roma? - deixou escapar o conde de Absburgo aterrorizado.**

**- Talvez não seja necessário, meu caro crome.**

**Silvana disse baixinho:**

**- Tudo isso parecer-te-á estranho.**

**Piers Rudde olhou para ela. Seria possível que a filha do imperador dirigisse a palavra justamente a ele, o menos categorizado da mesa? Os olhos amendoados tiveram um estranho brilho, enquanto um sorrisinho irônico passava pelos lábios túmidos e vermelhos. Há muito tempo mil pensamentos tumultuavam em seu cérebro. Que terra estranha, onde o papa e o imperador guerreavam-se! E o imperador não era apenas rei da Sicília, mas também supremo senhor de todo o Sacro Romano Império da nação tedesca, do qual a Itália era apenas uma parte: irmão, cunhado, tio e sobrinho de quase todos os monarcas viventes na cristandade, era... e se vangloriava de não ser cristão, do nome cristão nem se importava, usava roupas semi-orientais, invocava o Corão... ele, o supremo rei da cristandade, com o qual, dizia-se, meia dúzia de pessoas no máximo podiam medir-se em erudição e inteligência. Piers estava pensando na festa da Assunção do ano passado, quando, por ordem do rei Henrique, fora em peregrinação a Wallsingham, na comitiva do conde. Três mil velas bentas iluminavam a imagem da Mãe de Deus.**

**Nisso era preciso pensar. quando as dúvidas surgiam, quando Deus permitia coisas que o último cavaleiro cristão não teria permitido, estando em condições de as impedir. Não era Deus onipotente? Em tais momentos pensar em Wallsingham reconfortava. Tanta beleza tinha de pressupor o verdade. Agora, no entanto ...**

**Nesses pensamentos insinuou-se a voz tênue e irônica da filha do imperador, fazendo com que desaparecessem. E ele ouviu a si próprio responder:**

**- Certamente, gentilíssima. Não sei se estou acordado ou se sonhando.**

**- Estás na terra dos milagres - disse Silvana lentamente. Aqui tudo é possível... especialmente o impossível.**

**Pequenos espíritos dançavam nos olhos e nos lábios da moça. Piers sentiu que enrubescia e irritou-se consigo mesmo. Ela devia**

**considerá-lo um tolo incapaz de estar na corte. Criou coragem e disse:**

**- Neste caso só há uma solução: estar preparado para o impossível.**

**- Estou começando a gostar de ti - confessou Silvara observando-o como a um animal raro da coleção de seu pai. - Talvez peça ao teu senhor que te ceda a mim por algum tempo. Já tenho a minha guarda pessoal que se veste garbosamente: em ti aquele uniforme ficaria bem, loiro como és. Todos os outros são morenos. Prova estes pêssegos em vinho... - As últimas palavras foram pronunciadas em voz alta.**

**- Come! - sussurrou alguém. - Não levantes os olhos e come.**

**Ele obedeceu maquinalmente. Sabia que aquelas palavras eram-lhe sussurradas pelo jovem amigo italiano, mas . .**

**- Que está acontecendo? - murmurou por sua vez. - Que fiz eu?**

**- Vênus santa! - resmungou o italiano. - Não sabia que querias morrer tão cedo. Perguntas-me que fez! Não te disse que se casará com Ezelino de Romano? Não viste seus olhos quando a princesa falava contigo, mas a coisa não escapou ao teu patrão. Uva azeda para ti, amigo, não pêssegos em vinho. Se ...**

**Interrompeu-se porque o imperador havia recomeçado a falar. Não era, porém, apenas a cortesia que o induzira a ouvir. Aquele imperador, aquele monstro, Lúcifer, Augusto e Justiniano numa só pessoa, era o homem mais fascinados que o jovem poeta já tivesse encontrado: e essa impressão nem era comprometida pelo fato que Frederico queria precisamente suscitá-la entre seus cortesãos.**

**- Não, não, Palavicini - dizia Frederico. - Deixei meus guardas na vila, onde poderão divertir-se com as raparigas. Aqui não me servem, pois penso que vós não querereis assassinar-me. Certamente o velho Gregório ficaria contente, mas vós sabeis, creio, ter em mim um patrão melhor que ele. Fora de brincadeira, amigos, onde poderia estar mais a salvo do que entre vós? Por outro lado, tenho aqui Mousca e Marzuque, as duas estatuetas de ébano que dormem diante de minha porta. Eles sabem lidar com elefantes e tigres ... imaginemos um homem que quisesse entrar!**

**- Papai, é verdade que levam consigo punhais envenenados?**

**Frederico sorriu para a filha:**

**- Não deves ser tão curiosa, Silvava. Como dizem os tonsurados? "A primeira curiosidade da primeira mulher arruinou o mundo todo: e quando concebeu péla primeira vez, deu à luz um assassino". Mas, com veneno ou sem, esta noite não morrerei, é certo.**

**- Foi vosso astrólogo que vo-lo predisse? - perguntou Ezelino com interesse.**

**- Bonatti? Não: o seu predecessor, Miguel Escoto. Vinha do teu país, primo Cornualha.**

**- Sinto ter de contradizer - disse o conde, arrogantemente. Ele era escocês, não inglês.**

**- Em todo caso, vinha da tua ilha. E não era apenas astrólogo. Em Toledo aprendera algo mais que astrologia.**

**- Toledo, a fortaleza da necromancia ...**

**- A fortaleza da erudição, queres dizer, Absburgo. O oculto só é oculto para os ignorantes, para os jovens ainda não maduros aos mistérios do universo. Amigo, peço-te não bancar o padreco. Nasceste para reinar. Todos devemos aprender, mesmo daqueles que professam uma fé diversa da nossa. Pensa o que quiseres do Corão, mas a matemática, a álgebra, a astronomia e a arte oculta dos números simbólicos representam um enorme enriquecimento da ciência. O meu fiei Leonardo Fibonacci de Pisa introduziu, por minha ordem, os algarismos árabes que agora se ensinam em muitas das minhas escolas... Entre esses algarismos há uma coisinha maravilhosa, muito insignificante, e entretanto poderosa...**

**- Referes-te a mim, irmão imperador? - perguntou loco aparecendo de baixo da mesa.**

**- Em certo sentido, não deixas de ter razão, querido bobo. Refiro-me ao zero, uma coisinha de valor incalculável para os meus tesoureiros. Em si não vale nada, mas posto atrás de outro**

**algarismo decuplica-lhe o valor. Coloca-se duas dessas nonadas atrás de um algarismo e o seu valor fica centuplicado. Todas as contas e cálculos tornam-se mais claros e mais simples. No entanto o zero não tem nenhum valor, é um nada. Um valor meramente metafísico.**

**- Achei! - exclamou loco radiante. - Esta é a tua imortalidade, irmão imperador. Isso será lembrado por todas as gerações futuras, quando o teu nome já houver desaparecido. Eis a tua glória, as tuas gestas, o maior dos teus merecimentos. Zero, zero, zero. Viva o imperador Zero!**

**- Sinto muito, - observou o conde de Cornualha - mas se meus funcionários põem-se a registrar valores metafísicos, certamente serei enganado.**

**- Que homem insuportável! - riu Frederico. - Crê em mim, daqui há vinte anos ninguém seguirá mais o antigo sistema. O arábico funda-se no dez, não no doze. O sistema decimal é conatural ao homem. Dez dedos, primo Cornualha, nas mãos e nos pés.**

**- No meu país nunca será aceito - garantiu o conde. - E um sistema ... um sistema estrangeiro.**

**- Também o cristianismo o é - observou o imperador rindo. Um sistema judaico, judaico autêntico. No entanto na Inglaterra o aceitaste e fazes questão. dele.**

**- E verdade, graças a Deus - replicou o conde. - Não entendo muito o grego, mas, pelo que sei, o vocábulo "católico" significa universal, e não estrangeiro.**

**- Mas o cristianismo não é universal - replicou Frederico dando de ombros com desprezo. - Vai à África, ao Egito, à Índia, e pergunta se por lá já ouviram falar dele. No Egito talvez, mas os que o conhecem, cospem quando ouvem essa palavra. Na Índia nem cospem. O pequeno Francisco de Assis foi um dos poucos que pelo menos tentou difundir-lo. Tentou até converter o grande Saladino. Por isso quase simpatizo com ele, e simpatizaria completamente se não nos tivesse legado aqueles insuportáveis sequazes que vivem mendigando e são uma verdadeira praga ... exatamente como os filhos de São Domingos. Mas até o "grande pequeno Francisco" não**

foi muito longe. Fez uma bela pregação e acabou propondo ao sultão um ultimato: "Converte-te ou manda atirar-me à fogueira!" Que astúcia! Ou o sultão se tornava cristão e frei Francisco triunfava, ou o sultão mandava queimá-lo e frei Francisco iria direto para o paraíso exaltado como mártir. Cabeça ou cruz: a Igreja vencia em qualquer caso ... e assim é que faz sempre. Mas o sultão não era bobo. Percebeu o engodo, cumprimentou o fradezinho pelo seu lindo discurso e o remeteu para casa, são e salvo. De Saladino pode-se aprender muita coisa.

- Concordo convosco, senhor, - disse Absburgo com firmeza. Era um homem nobre e reconhecia a grandeza dos outros, mesmo se estavam em campo adverso. Não é fato que determinou fosse confiada para sempre aos franciscanos a guarda de honra ao Sacro Sepulcro?

Frederico encolheu os ombros.

- Fala-se demais da Terra Santa, podes crer, Absburgo. Eu lá estive. Entrei a cavalo em Jerusalém e me coroei na igreja do Santo Sepulcro.

- Um ato arrojadíssimo! - exclamou Ezelino. - Aposto que quando o papa o soube teve calafrios.

Absburgo sorriu pensando no grande Godofredo de Bulhão, o primeiro conquistador cristão de Jerusalém, que recusara trazer até mesmo um pequeno anel de ouro nas proximidades do túmulo do Redentor.

- A chamada Terra Santa - prosseguiu Frederico - não merece, na verdade, tantos esforços. Jeová nunca viu a minha Púglia, e litoral de Nápoles ou a minha Sicília, do contrário não teria feito da Palestina o seu centro de atividade. Dá-se-lhe uma importância enormemente exagerada.

Ezelino e Palavicini riam-se às gargalhadas, e muitos nobres seguiam-lhes o exemplo. Absburgo e o conde de Cornualha trocaram um olhar embaraçado. "Pelo menos não tivesse morrido Hermano de Salza!", pensava Absburgo, "o anjo da guarda do imperador, o único que era por este ouvido quando falava em favor da paz". A morte do grande homem, no Domingo de Ramos, há dois

anos atrás, ocorrera no mesmo momento em que chegava a tremenda notícia da excomunhão do imperador. Os motivos alegados pelo papa eram convincentes, aliás, era de admirar que o raio não o tivesse fulminado muito antes. O imperador, tendo fundado uma colônia muçulmana no coração da Itália, perto de Lucera, tinha-lhe instalado catorze mil sarracenos, e, enquanto nunca erigira uma igreja, mandava construir para eles algumas mesquitas. Opressão da Igreja e do clero, sacerdotes justicados, afogados, enforcados ... a lista era extensa, muito extensa. A resposta do imperador fora feroz: mandou simplesmente enforcar todos os parentes do papa que lhe caíram em mãos. "Odeio toda essa linhagem: não se pretenderá que seja feita a vontade daquele que disse: os filhos pagarão pelos pecados dos pais?" Destruía Benevento que ficara fiel ao papa. E em qualquer parte os Ezelinos, os Palavicinis e muitos da alta nobreza o imitavam. Abria-se uma nova era de ferocidade desencadeada. Nos países do Oriente surgira um novo Atila, um Kan dos mongóis que não era menos terrível que Gengis. Chamava-se Batu. Seus cavaleiros esganavam os Homens às dezenas de milhares. Mas era um pagão, um bárbaro, como o hino seu predecessor. Certamente nem o próprio Frederico se considerava cristão, embora fosse batizado, e não era apenas cavaleiro, mas chefe supremo de toda a cavalaria cristã, imperador dos Estados cristãos da Europa. Onde iria acabar a Europa sob tal soberano?

Agora o imperador falava em voz baixa com o conde de Caserta. Via-se novamente o seu pavoroso e pálido sorriso. Absburgo pensava com saudade na sua Áustria, bem longe daquela corte de víboras e vespas. e suspirava pelo ar límpido das montanhas e da fé.

Caserta saiu.

- Escoto... - disse Frederico. - Afastamo-nos completamente de Miguel Escoto. Após uma visão ou uma experiência secreta, ele sabia como haveria de morrer: por uma pedra que deveria cair-lhe na cabeça. De então em diante trazia sempre um capacete de ferro. Mas indo à Germânia, fomos colhidos de surpresa por uma avalanche de pedras e um pedaço de rocha caiu-lhe na cabeça, enterrando o capacete de ferro nos miolos cheios de erudição. A Ananke, caros amigos, a deusa que preside aos próprios deuses! A Necessidade, primo Cornualha, se o teu grego não chega até lá. Como vês, tenho motivos para crer que também o meu destino cumprir-se-á quando chegar o momento. Este, porém, ainda não chegou. - Assim falando,

**pôs-se de pé: - Boa noite, amigos.**

**Todos se levantaram e se inclinaram profundamente enquanto ele saía, loco subiu com um pulo sobre a cadeira imperial, exclamando:**

**- Continuai a beber, ótimos súditos. E esperemos que nenhuma pedra nos caia no crânio. A minha touca de guizos me é mais cara, quero dizer, do que o capacete de ferro do eruditíssimo Escoto.**

**Alas também a maior parte dos nobres se retirou. Assim fez Piers, deseioso de ficar só. Muitas coisas o tinham perturbado. Não obstante as conversas sacrílegas, o imperador era uma personalidade quase única. Por ele. dizia-se. todos se atirariam ao fogo; por um seu sorriso de estímulo teriam arriscado a vida. E devia ser verdade. Tinha olhos estranhos. que não só não participavam do sorriso, mas nem piscavam: um olhar fixo e agudo como o da águia ou o do falcão. Estar a sós. Mas antes precisava ver se Cornualha estava bem instalado ... Ei-lo em conversa com o conde de Caserta.**

**- És um bom observador - estava dizendo este último. enquanto Piers se aproximava. -Efetivamente. o imperador deu-me unia ordem importante, ordem que nada pode impedir que se cumpra; inútil fazer mistério, mesmo que entre nós houvesse um traidor. Parto esta noite mesma com cem homens a cavalo e dois mil a pé para destruir tuna penha que o imperador quer ver eliminada. "Caserta", disse-me, "arrasa aqueles muros até os alicerces, de modo que não se levantem nunca mais!". Trata-se, naturalmente, de um mosteiro.**

**- Ainda um mosteiro! - murmurou Cornualha.**

**- Precisamente. Dizem que ali sejam todos espiões papais. O prior está do lado do papa, e o imperador pensa que os frades expulsos daqui estejam indo para lá. Divertir-se-á, creio, fazendo-os correr para mais longe.**

**- Como se chama o lugar ... o convento que não deverá mais ressurgir?**

**- Montecassino, senhor.**

**- Ah! estás aí, Piers, - disse o conde de Cornualha. - Conde de Caserta, este é sir Piers Rudde, um dos meus jovens cavaleiros.**

**Promete bastante, mas ainda tem de ser experimentado em combate. Quereis levá-lo contigo nessa expedição?**

**Ao apresentá-lo, tinha tomado Piers por um braço. E a pressão dos dedos tornou-se tão violenta que Piers compreendeu a ordem de calar. Mesmo sem aquela pressão não teria dito nada, tanto estava assombrado.**

**Caserta deu-lhe uma olhadela perscrutadora.**

**- Com prazer, senhor, se é do teu desejo. Mas provavelmente ficaremos ausentes muito tempo.**

**- Não importa. Meu cortejo, ainda assim, é suficiente, e sir Piers tem consigo só uma pessoa, o seu escudeiro.**

**- Para os tonsurados de Cassino somos bastante numerosos disse Caserta rindo. Depois, dirigindo-se a Piers: - Estejas pronto dentro de meia hora na entrada principal. Espero-te lá.**

**- As tuas ordens, senhor, - disse Piers enquanto Caserta olhava-o com simpatia, e, inclinando-se, afastou-se.**

**- Quietos, Piers, - murmurou o conde. - Nem uma palavra enquanto ele não estiver bem afastado. Precisamos ser prudentes, porque aqui há espões por todos os lados. Fiz essa proposta para teu bem, meu caro jovem. A princesa foi bem ... imprudente, temo que isso não lhe tenha agradado.**

**- A quem? A Ezelino?**

**- Pouco me importa que agrade ou não a Ezelino. Referia-me ao imperador. A moça não terá nenhum aborrecimento: Frederico precisa dela para garantir-se a lealdade de Ezelino. De ti, porém, não precisa, e poderia acontecer-te alguma coisa ... um infortúnio, por exemplo. Então todos viriam exprimir-me suas profundas condolências, que no entanto não te ressuscitariam. É melhor, portanto, que tu desapareças por algum tempo. Não estou zangado contigo, filho, sei que não tens culpa, mas aquela pequena esteve de fato excessivamente... entusiasmada. Vai, pois, e não te apresses. Não te esperarei nem mesmo quando a tal expedição estiver terminada. És jovem, viaja, pois, para conhecer um pouco este país,**

**onde poderás ter diversas experiências... talvez dolorosas. O que importa é que estejas longe do imperador. Tens dinheiro?**

**- Não muito, senhor.**

**- Toma este: assim poderás sobrenadar alguns meses. No entretanto eu voltarei à Inglaterra, e tu podes vir quando quiseres. Não há pressa. Este negócio me desagrada também porque não é uma expedição em que um cavaleiro inglês possa fazer grandes experiências bélicas. Mas não temos escolha. Deus te abençoe, meu caro jovem.**

**- Sou-te grato por tanta bondade.**

**O conde estendeu-lhe a mão e Piers beijou-a. Depois separaram-se e Piers dirigiu-se para as estrebarias em busca dos cavalos e do seu escudeiro.**

**De repente uma sombra esguia apareceu-lhe em frente, fazendo-o recuar um passo e levar a mão ao punhal.**

**- Calma, não é o caso de me matares, caro amigo, - disse o jovem poeta italiano. -Nenhum perigo te ameaça de minha parte. Tens um momento para me conceder? Sei que estás apressado, mas trata-se mesmo de um minuto apenas. Vais deixar-nos, não é? Vais tomar parte na expedição contra Montecassino, não?**

**- Parece que aqui as notícias se propagam rápido - disse Piers cautelosamente.**

**O italiano riu:**

**- O conde de Caserta tem uma voz que parece um sino: a estas horas até os cavalos nas estrebarias já devem estar ao par. Tu poderás fazer-me um grande favor. Meu irmão menor vive em Montecassino: tem apenas quinze anos, mas há já dez que está com os beneditinos. Se destruírem o convento ... poderias dar um jeito para que não lhe aconteça uma desgraça?**

**- Com prazer, se me for possível - respondeu Piers com sinceridade.**

**- Mas como posso reconhecê-lo?**

## O jovem poeta riu novamente:

- Não há possibilidade de te enganares: é o jovem mais gordo de todo o convento. Mas ... é mesmo, não sabes como se chama, ainda não me apresentei. Sou o conde Rinaldo de Aquino, e o meu irmãozinho chama-se Tomás.

---

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO II**

**- Abaixo aquela torre - berrava o conde de Caserta. - Deixai em par os bois, bandidos, deixai-os queimar! Cuidarei eu, depois, de encher-vos a barriga. Todos os homens contra a torre! Derrubai-a ou mando cortar-vos as orelhas. Ai de quem não obedecer! Força com aquele aríete! Assim, ótimo. Força, força!**

**Mas a torre resistia. Todas as partes de madeira ardiam alegremente: dois arcos de pedra ruíram, uma fumaça negra e densa invadia os vãos das escadas, mas a torre e o edifício central resistiam ainda.**

**- Construíram bem, esses diabólicos carecas. Falarei ao imperador que, para o futuro, faça construir as fortalezas por eles. Assim poderão ser úteis, em vez de choramingarem rezas o dia inteiro.**

**Firme no cavalo, ao lado do conde, Piers não disse palavra. Não era a primeira vez que via um incêndio, e para ele o combate, fosse na guerra ou num pacífico torneio, era coisa de cavaleiro.**

**Montecassino, porém. não era a fortaleza de um duque ou de um barão rebelde. A guarnição não se defendia. Ninguém atirava saraivadas de flechas ou de pedras, ninguém derramava breu e óleo fervente sôbre os assaltantes. Era uma guerra unilateral, e uma guerra assim não é guerra. Algum monge havia fugido, alguns tinham sido atingidos pelas vigas ao ruir, outros sufocavam ou assavam-se no meio das chamas: ninguém opunha resistência. O conde tinha razão: aquela não era uma expedição em que um cavaleiro inglês pudesse ter grandes experiências bélicas.**

**Caserta atirou-lhe uma olhadela e pôs-se a rir:**

**- No começo não achava graça nem eu. Mas não se pode estar a serviço de dois senhores, só é possível vender-se uma vez. E o imperador diz bem: não podemos tolerar que os espias papais encontrem refugio neste convento. Verás que tu também te acostumarás.**

**- Com a tua licença, senhor, - disse Piers - gostaria de apreciar o espetáculo de mais perto.**

**Desceu do cavalo fazendo tinir a armadura. enquanto Caserta**

**aconselhava-o a esperar:**

- Lá dentro faz um calor infernal, e se não te apetece um pedaço de frade assado ...
- Dás-me a licença?

**O outro deu de ombros:**

- Como quiseres. mas depois não queixes se te apanhem as bexigas.

**Piers atirou as rédeas ao escudeiro e se aproximou do edifício em clamas. enquanto Robin. o escudeiro, perguntava inquieto:**

- Senhor, posso ir contigo?
- Não, fica aqui - foi a breve resposta.

**Robin resmungou contrariado. Sempre à frente, o seu jovem patrão, com risco de dar com a cabeça na parede! Terra malsã, esta, e ação pouco agradável. Também, que se podia esperar desses estrangeiros? Belo país, sim, mas que proveito se tirava quando só havia gente que não falava inglês nem normando, nem gálico? Queimar conventos era uma diversão funesta, e teria sido melhor não o fazer. Ainda bem que lady Elfleda já não era deste mundo: de certo não lhe teria agradado que seu filho participasse de tais ações. A responsabilidade tinha-a recebido ele, Robin, dando-lhe a entender muito bem quando tinha chegado a notícia de que o jovem sir Piers ia para um país estranho no cortejo do conde de Cornualha.**

**- Robin -dissera a dama - acompanha meu filho. e lembra-te que és responsável. Estás a meu serviço há tanto tempo e já deves saber o que podes e não podes fazer. Cuida dele que é o teu patrão, embora seja muito jovem. É ainda muito jovem, mas é o teu patrão. Sabes o que tens á fazer. Tu és responsável por ele. Assim dissera a senhora, nem uma palavra a mais. E ele respondera: - Sim, senhora, - e nem uma palavra a mais. Talvez por isso a partida do jovem senhor lhe tivesse partido o coração: três semanas depois morria. E Deus lhe dê a paz. Mas Robin Cherrywoode era responsável e até àquele momento a velha senhora não tivera de se queixar dele lá no céu, onde certamente tinha subido depois de ter exercido sempre a justiça e a bondade, e ter dado de comer a tantos pobres. Robin estava ligado pelo coração ao jovem patrão, pois que havia modo de**

**evitar-lhe inúteis desgraças sem chocar suas susceptibilidades. Nem era preciso mentir, ou bastava mentir raramente. - Fica aqui - tinha dito. Portanto era preciso ficar até que tivesse desaparecido da vista, e, como já tinha desaparecido. Robin desceu do cavalo.**

**- Hei, tu, toma conta um instante dos cavalos, entendeste?**

**O mercenário interpelado levantou os olhos para o gigante inglês que tinha uns ombros fortes como um urso, engoliu uma imprecação que já estava na ponta da língua, e segurou as rédeas. Robin sorriu-lhe:**

**- Trata-os bem, estes cavalos; valem muito mais que tu. - E a passos largos seguiu o seu patrão.**

**Entretanto este tinha alcançado o edifício central, depois de ter-se abrigado algumas vezes para evitar as pedras que caíam: de \_ fato, o aríete ainda não tinha desistido de atirar-se contra a torre.**

**Onde estaria o jovem? Achar alguém naquele enorme edifício era tarefa desesperadora, tanto mais que ele deveria fazer tudo para tornar-se invisível. Talvez nem mais estivesse aqui, pois que vários monges haviam fugido antes que começasse o ataque, e Caserta tencionava mandá-los perseguir como cães. - Quem foge à chegada dos soldados do imperador tem a consciência pouco limpa e é provavelmente um espião. - Como se quem quer que tivesse um pingo de bom senso não tivesse que passar ao largo evitando os homens do conde de Caserta! Diacho! Onde se teria metido o jovem?**

**Impossível prosseguir o refeitório era um forno ardente e a escada que levava ao andar de cima estava em chamas. Que é isso? Um monge, um velho, morto asfixiado. Deus o tenha em sua santa glória! Piers fez o sinal da cruz. Grandíssima honra ser imperador, mas ele preferia ser Piers Rudde, o mais jovem, o mais pobre dos cavaleiros da Inglaterra. O imperador era homem de consciência? Podia dormir sossegado à noite? Eis outro: morto também. Ou sair rápido para o ar fresco ou ficar aí de vez. Vês, Piers, são coisas que acontecem quando se faz uma promessa a um forasteiro.**

**O cavaleiro achou-se num ponto do qual partiam nada menos de quatro corredores. Era um labirinto, e os corredores pareciam todos**

iguais. Piers decidiu-se por aquele que estava menos cheio de fumaça, mas, Santa Mãe de Deus, que calor! Aquela danada armadura estava para se tornar em brasa e assá-lo como a São Lourenço. Ajuda-me a sair daqui, São Lourenço, dado que tu já o experimentaste. Ah! eis uma escada da qual descia uma corrente de ar mais fresco. Obrigado, São Lourenço, foste tu que me fizeste achá-la. E daqui se desce. Descer ou subir pouco importa, desde que se possa respirar ...

Subiu alguns degraus e encontrou de fato algum alívio. Demais não faltava ao seu dever, pois que, se o jovem estava escondido num ponto qualquer, este devia ser longe do fogo.

Um som de vozes. Sim, vozes que vinham de baixo. A escada parecia sem fim, e eis que de repente atrás dele alguém chamava pelo seu nome:

- Sir Piers ... Sir Piers ... onde estás?

Robin! Era de prever que teria seguido o seu patrão como a galinha ao seu pintainho.

- Estou aqui, Robin.

Eis o escudeiro chegar como um diabo, preto de fumaça, com as calças chamuscadas.

- Não havia ordenado ficasses com os cavalos? - perguntou Piers aborrecido.

- Certamente, senhor... mas os cavalos estão ao abrigo, enquanto tu não o estás, então pensei ...

- Silêncio, agora! Lá embaixo ouvem-se vozes.

Puseram-se à escuta, mas já não se ouvia nada.

- No entanto, não me havia enganado - insistiu Piers. - E aquele jovem deve ser encontrado, pois prometi; nem que caia o edifício ...

- Coisa muito provável - atalhou Robin coçando a cabeça.

**- Ninguém te pediu para vir. Olá! há alguém aí?**

**Nenhuma resposta.**

**- Pensam que somos da ralé - explicou Robin. - Não é de admirar se não respondem.**

**Piers sorriu. Grande insolência chamar de ralé os mercenários do imperador, embora uma insolência correspondente à verdade. Aliás, não era fácil persuadir Robin que "estrangeiro" e "imprestável" não era necessariamente a mesma coisa. Mas os homens de Caserta não eram tais de mudar a opinião do escudeiro.**

**- Temos que descer mais. Esta escada deverá acabar. - E continuaram a descida. Estava escuro, já que nem o clarão do incêndio chegava até ali. Por cúmulo os degraus eram escorregadiços.**

**- Cuidado...**

**- Senhor, parece-me que dá para se ver melhor.**

**- Sim? E, tens razão. Pisa sem fazer ruído com esses pés enormes.**

**Prosseguiram na descida.**

**- A luz vem lá de baixo - murmurou Robin. - Deve haver uma porta. A luz aparece por baixo. Apronta a espada, senhor, pois poderemos encontrar resistência ...**

**- Silêncio!**

**Robin sacudiu a cabeça. Naturalmente aqueles que estavam escondidos deviam estar com medo, e quem está com medo, vendo-se descoberto, freqüentemente combate com a coragem do desespero. Podia também acontecer que ali estivessem acumulados, sob vigilância, os tesouros do convento. Robin tinha trazido o escudo do patrão e segurava um longo punhal.**

**Piers aproximou-se cautelosamente da porta, sob a qual filtrava um fio de luz. Atirou-se contra ela e a porta cedeu sem resistência,**

**fazendo-o cambalear: ele, porém, equilibrou-se logo, enquanto Robin o cobria com o escudo.**

**A sala era pequena e nua. Um velho estava sentado com as costas à parede, em volta da testa um pano ensangüentado. Uma dúzia de monges de todas as idades estava à esquerda e à direita. Todos pálidos e espantados. Uma velha lanterna iluminava a cena. Ninguém falava, já que também Piers não sabia o que dizer. Afinal ouviu-se a voz trêmula do velho ferido:**

**- Senhor cavaleiro, se tendes ordens de matar-me, sou eu quem procurais. Deixai livres estes.**

**Piers estremeceu. Estava certo de já ter ouvido aquelas palavras, mas onde? De repente lembrou-se: no Evangelho, o Evangelho de Sexta-feira Santa. Lia-o padre Thorney, o velho capelão, no castelo de sua mãe. Eram as palavras que Cristo pronunciou quando os esbirros o foram prender no Getsêmani. E ouvindo-as pela primeira vez Piers indignara-se porque os apóstolos não souberam defender melhor ao seu Senhor. Um único golpe de espada, e esse só cortara uma orelha. Que miséria! Se lá estivesse seu pai, ou ele mesmo, ou melhor ainda os dois, aquela horda não teria conseguido capturar o Senhor. E no almoço dissera-o também ao velho capelão recebendo dele uma gentil carícia. Não sabes então que Nosso Senhor devia ser crucificado para que tu e eu e todos nós, quando chegar a nossa hora, possamos achar aberta a porta do Paraíso? - Piers refletira muito, abaixando a cabeça. Parecia não houvesse outra solução. Todavia deveriam tê-lo defendido um pouco melhor. E agora estes tomavam-no por um miserável esbirro e pensavam que tivesse vindo com ordem de matar quem representava cada dia o Redentor diante do altar. Aquelas horríveis palavras eram dirigidas a ele. Disse:**

**- Não tenho nenhuma ordem, aliás ... aliás sou contra esta ação. Eu ... eu sou inglês:**

**- Percebo-o - replicou o velho monge com um leve sorriso. Há muito tempo ... talvez meio século, visitei o vosso belo país. Justamente então tinham começado a construir a linda catedral de Cantuária.**

**- A construção continua - explicou Piers.**

**- Para construir leva-se muito tempo, - observou com tristeza o**

**monge - muito pouco para destruir. São Bento fundou esta casa, São Bernardo e Santo Anselmo nela moraram... e agora temos de assistir a tanta destruição! - Reprimiu um gemido mordendo os lábios e via-se que sofria.**

**- Não deveríeis falar, reverendíssimo abade. - murmurou preocupado um dos monges.**

**Era o abade! Realmente, trazia a cruz peitoral. O abade de Montecassino, do convento mais antigo e mais sagrado em toda a cristandade. "Sou eu aquele que procurais. Deixai ir estes ...".**

**O esquelético corpo do velho foi sacudido por um arrepio.**

**- Não tenhas medo... caro irmão... o Senhor... ao que parece... não me quer ainda. - E dirigindo-se a Piers: - Que fazeis aqui, meu filho? Se, como dizeis, desaprovais esta ação ...**

**- Procuo um rapaz, reverendíssimo abade. Seu irmão, o conde Rinaldo de Aquino, pediu-me cuidasse para que não lhe aconteça uma desgraça.**

**Os monges trocaram um olhar entre si.**

**- Se o confiar ao vosso cuidado, - disse o abade lentamente levá-lo-eis à sua casa são e salvo? O castelo da família dele não é longe daqui.**

**- Prometo-o.**

**-Ei-lo - disse o monge. - Vem, Tomás.**

**O forte jovem, que até então tinha ficado no fundo da sala. vestia o hábito branco e preto e estava pálido como os outros: aproximou-se do abade e ajoelhou-se a seu lado.**

**- Tomás, meu filho, terminam teus estudos neste convento, mas nada, além da morte, pode pôr fim às nossas orações para ti. Desejo que voltes para casa e fiques algum tempo com tua boa mãe.**

**O jovem abaixou a fronte em silêncio. O abade sorriu-lhe:**

- Não sei se e quando nos tornaremos a ver neste mundo. Lembra-te da tua primeira pergunta, quando vieste aqui com a idade de cinco anos? "Quem é Deus"? e continuavas a repeti-la; nosso Pai que está nos céus quer talvez que tu encontres a resposta de modo a que seja compreendida por muita, muita gente. Adeus, querido filho. divi auxilium maneat semper tecum. Amen.

Enquanto o abade fazia o sinal da cruz sôbre o jovem, um ruído terrível rompeu o solene silêncio, e uma lufada de ar quente invadiu a sala.

Os monges ficaram aterrados, enquanto Piers, virando-se. recebia de Robin a notícia:

- Vamos mal, senhor. Uma parte do edifício ruiu. Ouves? Ainda estão caindo as ruínas.

- Que temos de fazer?

- Não sei como poderemos sair. Certamente que não por onde viemos.

- Vai ver, Robin. Talvez não seja tão grave como pensas.

O escudeiro obedeceu, mas logo que saiu da porta teve que recuar. Um estrondo cavo, outro estalido.

- Pára, Robin. Parece que tens razão.

Nisso o abade disse:

- Senhor cavaleiro, indicar-vos-ei um caminho.

Levantando o olhar Piers viu uma portinhola abrir-se lentamente na parede oposta: decerto uma passagem secreta.

- Nós também sairemos daqui logo que eu possa caminhar - disse o ancião. - Chegarei além do baluarte meridional. O terreno está coberto de moitas e provavelmente não sereis vistos.

Piers não pôde conter a pergunta:

- Não tendes medo que eu revele o vosso esconderijo aos de fora?
- O medo, meu filho, é mau conselheiro. Agireis como vos manda a vossa vontade e a vossa consciência. Agora ide: rogaremos por vós.

Tendo beijado a mão do prior, o jovem Tomás levantou-se e saiu resolutamente pela porta secreta, enquanto Piers o seguiu, inclinando-se diante do abade. O corredor, pavimentado de pedras, era em subida e, num certo ponto, tornava-se íngreme.

- Estás aí, Robin?
- Sim, senhor. Estás vendo o jovem que te precede?
- Não.

Robin murmurou algumas palavras incompreensíveis. O prior parecia honesto, mas, em terra estranha, nunca se sabe, podia dar-se que fosse uma armadilha, que o jovem sumisse e eles dois caíssem num fosso ou numa masmorra.

A passagem continuava a subir. Para quem usava armadura, aquela subida no escuro não era fácil, e de vez em quando Piers devia parar para descansar alguns minutos. Afinal a obscuridade foi diminuindo e, de repente, o corredor dobrou à direita. Com um suspiro de alívio Piers percebeu a folhagem de uma árvore, ou melhor, um tufo de oleandros e loureiros, e daí o ar fresco entrava às lufadas, embora ainda com cheiro de queimado.

E lá adiante, o jovem que parecia ao abrigo ... estava, porém, ali de joelhos, e rezava, pobre rapaz: uma aventura para a qual a vida tranqüila do convento não o havia certamente preparado.

Piers aproximou-se dele e ao longe viu uma grande nuvem de fumaça elevando-se sobre o edifício; percebeu também uma seção de arqueiros sobre o muro externo, e outra que se dirigia à vila, da qual se viam apenas os telhados achatados, lá em baixo, no vale. A expedição não era dirigida apenas contra o mosteiro. Montecassino era um pequeno reino do qual o convento era a fortaleza.

Entretido na oração, o fradezinho não notava a presença de Piers.

**Seu irmão, o poeta, tinha-o descrito bem: era um jovem bem gordo, ou pelo menos arredondado, de rosto belo e pálido, uma cabeça raspada rodeada por uma coroa de brilhantes cabelos castanhos. Um fradezinho, embora ainda não em idade de ter feito os votos. Nestes casos, no momento em que os pais o acompanhavam ao mosteiro, faziam uma espécie de voto no lugar do filho, mas sem que isso constituísse um compromisso para toda a vida. Os votos verdadeiros eram feitos quando o jovem alcançava a maturidade. Mas por que tinham agido assim? Era uma crueldade sacrificar um menino inerme a uma vida ascética que só conhecia os ideais da pobreza, da castidade e da obediência. E verdade que, querendo, o jovem podia sair... mas como poderia conhecer a própria vontade, se desde que estava no mundo só conhecera a existência claustral? Aquele involuntário retorno ao seio da família e à vida em liberdade poderia ser um grande bem para ele. Quantos anos tinha? Uns quinze, dezesseis no máximo. Provavelmente nunca tinha visto o rosto de uma mocinha. Que podia saber das alegrias da caça com falcão nas límpidas manhãs, das companhias alegres, da viva consciência das próprias forças, características do homem que, de viseira abaixada e lança em riste, cavalga contra o inimigo? Não sabia outra coisa senão rezar, jejuar e ler velhos livros. A nova aventura, embora perigosa, poderia abrir-lhe uma alegre vida cavalheiresca.**

**Piers tocou-lhe o ombro:**

**- Rezaste bastante, jovem. Agora vamos.**

**Tomás pareceu não sentir nem ouvir. Estava de olhos fechados como se dormisse, tanto que Piers teve de sacudi-lo:**

**- Êh, onde estamos?**

**O jovem abriu os olhos e fez com solenidade o sinal da cruz. Depois olhou para Piers, e levantando-se exclamou com surpreendente gentileza:**

**- As vossas ordens, senhor cavaleiro.**

**- Vamos, então. Temos de nos afastar daqui.**

**Foi preciso quase um quarto de hora para alcançar o lugar onde**

**Robin tinha deixado os cavalos. Enrugando ligeiramente a fronte, Piers viu que Caserta ainda estava ali gritando ordens. A torre tinha ruído e o edifício estava em chamas.**

**Vendo-o o conde exclamou:**

**- Santo Maomé, ainda estás vivo? Já estava pensando no modo de comunicar ao senhor de Cornualha a perda do seu mais jovem cavaleiro. Onde te enfiaste? Já estou cheio desse maldito convento. Os carecas não põem resistência, mas na queda da torre perdi pelo menos uma dúzia dos meus melhores homens, e trinta outros estão com graves queimaduras. O cirurgião está cheio de trabalho. Que trazes aí? um prisioneiro?**

**- Conforme. Este é o irmão do conde Rinaldo de Aquino, o qual me pediu para o proteger. L uma criança, como estás vendo, e agora o levo para a casa de sua mãe.**

**- Não sei se será um divertimento. Espera um pouco: aqui vamos acabar já, e lá embaixo há um par de vilas onde cresce uma espécie de mocinhas saborosas e há um vinho ótimo. Provaremos as duas coisas.**

**Piers sacudiu a cabeça:**

**- Antes o dever, senhor. Queres dar-me uma mula para o rapaz? Caserta pôs-se a rir:**

**- Está bem, se ao invés de divertir-te com as raparigas preferes ser ama-seca, não te impedirei. Éh! traga uma mula para o cabecinha rapada! Gostaria que tivesses capturado o abade. Viste-o nalguma parte?**

**- Procurei apenas o jovem - respondeu Piers friamente, enquanto Robin, atrás dele, mordida a ponta dos bigodes loiros: o patrão era jovem, mas aprendia rapidamente: bravo!**

**- E tu, fradeco, - perguntou o conde - onde está o teu superior? Vamos, fala a verdade, não tenhas medo. Onde está?**

**- Está nas mãos de Deus - respondeu o jovem.**

**- Morto? Ou entendes diversamente? Es um ingênuo ou uma pequena raposa?**

**- Sou um oblato de São Bento - respondeu o jovem com simplicidade.**

**Caserta riu:**

**- Cavaleiro, podes levar para casa este lactante. Eu ainda tenho o que fazer.**

**Robin tinha ido buscar os cavalos, enquanto um soldado trazia a mula pedida pelo conde.**

**- Robin, ajuda o jovem a montar.**

**O escudeiro, entretanto, ajudou primeiro o patrão, e, quando se virou para o jovem, achou-o já montado na mula. Montou ele também no seu cavalo, um belo e forte animal, que não só devia carregar aquele homem pesado, mas também a bagagem. Piers não tinha levado consigo muita coisa, mas ainda assim era sempre um peso considerável para um cavalo que tinha de levar Robin Cherrywoode.**

**- Conheces o caminho, jovem? - perguntou Piers.**

**- Sim, cavaleiro. Agora minha mãe está em Roca-sêca, não em Aquino.**

**- Aquela também pertence à tua família?**

**- Sim, senhor.**

**- E no inverno tua mãe prefere Roca-sêca?**

**- Sim, Roca-sêca ou o castelo de São João.**

**Três castelos! Os de Aquino deviam ser urna dinastia rica. As respostas do jovem eram prontas e corteses, mas pareciam pronunciadas maquinalmente: decerto o seu pensamento estava ainda em Montecassino; realmente, os olhos e a boca estavam**

**cercados de sombra.**

**- Deste uma bela resposta ao conde de Caserta, quando te perguntou onde estava o abade.**

**- Respondi a verdade - disse o jovem com seriedade. - Tu também fizeste a mesma coisa. - Dizendo isso sorriu para Piers; era um sorriso quente e luminoso como o sol. Nele havia a alegria do bem e um reflexo de inteligência. Com estupor Piers percebeu que enrubescia como se uma linda mulher ou um homem a ele superior o tivesse elogiado; no entanto Tomás não tinha nada de feminil, nem tomava poses estudadas: era simplesmente um jovem gordo e educado.**

**Agora cavalgavam na mais bela região que Piers já vira: tudo eram laranjeiras e limoeiros, oleandros e loureiros e flores de cores tão vivas a ofuscarem a vista. Compreendia-se então a jatância do imperador. O próprio paraíso não deveria ser muito mais belo. Pena ter de cavalgar em tal região carregados de couraça e de armas!**

**- O mundo é belo - disse Piers. - Deverias estar feliz de o tornar a ver.**

**- De fato o estou - replicou o jovem. - Deus quer assim.**

**Pigarreando, Piers tornou a pensar nas palavras do abade e disse:**

**- Pensas que acharás a resposta à pergunta "quem é Deus?". E enquanto falava pensou que provavelmente o jovem iria dizer: -Sim, se Deus o quiser".**

**Tomás sorriu-lhe outra vez: parecia tivesse adivinhado o pensamento de Piers, que, levantando o rosto, exclamou com impaciência:**

**- Às vezes, não achas?, é difícil compreender que haja um Deus sumamente bom... e que se tenha de assistir àquilo que vimos hoje!**

**O jovem enrugou a testa e, depois de um instante de hesitação, disse:**

**- Se o mestre escreve uma fórmula matemática e tu não a entendes,**

## **a fórmula será insensata?**

**- Não entendo de fórmulas matemáticas, - confessou Piers honestamente - mas no caso pediria ao mestre que a explicasse.**

**- E por que não o fazes? - perguntou o jovem surpreso. - Pode ser que a explique, como é possível também que não compreendas a explicação.**

**- A Deus não se podem dirigir perguntas - respondeu Piers levantando os ombros.**

**- Claro que se pode! - replicou o estranho jovem. - Basta orar. Naturalmente, precisa-se fazer perguntas justas, enquanto nós geralmente as fazemos erradas. A primeira pergunta que dirigimos a Deus foi esta: "Serei eu guardião de meu irmão?", ou pelo menos foi a primeira pergunta da qual temos notícias. Também Jó fez perguntas, bem como os profetas e os apóstolos, e mesmo Nossa Senhora. Certamente não se devem fazer perguntas como aquelas dos fariseus - concluiu em tom convicto, enquanto Piers se divertia perguntando ainda:**

**- E tu? Também fizeste perguntas?**

**- Claro. Muitas vezes.**

**- E Deus te respondeu?**

**- Sempre.**

**Piers riu satisfeito:**

**- Quer dizer que sempre lhe dirigiste a pergunta justa.**

**- Oh! não, nem sempre.**

**- No entanto disseste que só responde às perguntas justas!**

**- Disse que se devem fazer perguntas justas. A resposta vem sempre, porém a rima pergunta errada ele pode responder não respondendo. Então se compreende que a pergunta estava errada.**

**- Como podes saber o que Deus faça ou não faça?**

**O jovem coçou o queixo:**

**Todo o bem vem de Deus, não é?**

**- Penso que sim - respondeu Piers após breve reflexão.**

**- Portanto, - disse Tomás - se formulamos humildemente e a serviço de Deus uma pergunta razoável, é um bem, não?**

**- Será certamente um bem.**

**- Então a pergunta deve vir de Deus, que é a fonte de todo bem: portanto ele próprio fez em nós a pergunta. Como não poderia responder a rima pergunta feita por nós por sua inspiração?**

**Piers fixou o jovem, abriu a boca e tornou a fechá-la, enquanto atrás dele ressoava um assobio prolongado e baixo. Virando-se, deparei cor o rosto astuto e inocente de Robin.**

**- Parece que no convento ensina-se a dialética - disse o escudeiro roo voz um pouco rouca.**

**- A dialética faz parte do estudo - explicou alegremente Tomás enquanto Piers esforçava-se com o cérebro tão intensamente que come a amar. Era preciso não entregar os pontos a esse rapazinho. De tanto refletir adiou o que procurava e ficou tão satisfeito que :e pôs a rir.**

**- A tua teoria é muito bela, mas tem um ponto fraco. O teu superior disse que tu perguntavas sempre "quem é Deus", e depois exprimiui a esperança de que um dia possas encontrar a resposta. Em outros termos, até agora ainda não a encontraste. No entanto era uma pergunta boa que, estou convencido, fizeste com humildade e ... como dizias? ... a serviço de Deus. E este não te respondeu. Que achas?**

**Respirou fundo, pois aquele exercício de pensamento era tão fatigante quanto o de esgrima: desta vez, porém, tinha apanhado na rede aquele diabrete. . Mas o diabrete tinha ouvido atenta e**

**cortesmente, e respondeu:**

**- Fiz pela primeira vez aquela pergunta quando era ainda criança, e desde então Deus continua a responder-me ininterruptamente. Uma parte da resposta deu-na na escola, onde aprendi que ele é aquele que é, e é três pessoas e todavia um só Deus, e tudo que disse de si mesmo quando veio a esta terra. A resposta está também nas árvores, nas flores, nas nuvens e em muitas outras coisas, porque são belas. A melhor resposta, porém, foi-me dada quando pude pela primeira vez aproximar-me da mesa da Comunhão.**

**Piers calava, e desta vez atrás dele ninguém assobiou. Entretanto o jovem continuava:**

**- Ele responde também enquanto abre a minha inteligência. O reverendo abade não pretendia dizer que eu ainda não tive resposta. Queria exprimir a esperança que, para o futuro, me torne menos tolo e aprenda a compreender melhor.**

**- Compreendo - disse Piers, e pôs-se a esfregar a malha de ferro que lhe cobria o braço esquerdo e que tinha perdido o lustre, (lado que a fumaça não tinha valido à armadura. - Es de fato um fradezinho disse o mais friamente que lhe foi possível. - Há muitos outros da tua espécie em Montecassino?**

**- Dezessete - foi a ingênua resposta, acompanhada daquele indizível sorriso quente e luminoso como o sol. - És muito bom para comigo, senhor, tu que me deixas tagarelar tanto.**

**- Ora, ora - disse Piers embaraçado, mas satisfeito. Em vez de ser um dialético miseravelmente derrotado, tornava-se de repente um adulto que se tinha benignamente dignado fazer falar um jovenzinho para que esquecesse o que se havia passado. A mudança lhe fez bem, tanto mais que, afinal das contas, tinha realmente feito falar o jovem. Outro não se teria, talvez, ocupado dele ou ter-lhe-ia contado coisas inconvenientes. Ele, porém, lhe dera ocasião de conversar em torno de um argumento que, evidentemente, o interessava a fundo.**

**Acomodando-se na sela pensou que o mundo não era lá tão ruim. Sentia-se contente sem bem compreender por que. Aquele jovem era muito cortês.**

**- Escuta, Robin, - perguntou sorrindo - que achas deste nosso pequeno teólogo?**

**O escudeiro levantou as sobrancelhas loiras e espessas:**

**- Se ele não tiver cuidado, acabará tornando-se arcebispo.**

**O jovem enrubesceu como uma brasa.**

**- Falo sério, senhorzinho - frisou Robin bondosamente. - Não estou brincando.**

**Tomás sacudiu energicamente a cabeça.**

**- Como? - perguntou Piers com um sorriso. - Não queres vir a ser arcebispo?**

**- Não, não, nunca.**

**- Por que não? - Certamente aquele rapaz era ainda um menino, e Piers estava contente de sentir-se adulto.**

**- Os arcebispos têm sempre muitas outras coisas para fazer. Não lhes sobra tempo para pensar.**

**- Pois bem, tempo para refletir ainda tens bastante - asseverou Piers, enquanto, para sua admiração, Robin corria a estender-lhe o escudo, que ele tomou maquinalmente, perscrutando o horizonte. Das colinas cobertas de loureiros descia algo brilhante: cavaleiros que avançavam a galope, fechados em suas couraças. Eram cinco, dez, vinte ou mais. Preparou a lança, pensando que não podiam ser os homens do conde de Caserta, pois que vinham de direção oposta. Socorros para Montecassino? Não, não eram bastante numerosos. Já se ouvia o tropel dos cavalos.**

**- Atenção jovem: coloca-te atrás de mim. .**

**Tomás obedeceu, embora dizendo:**

**- Esses, cavaleiros, são de Aquino. Vejo-lhes o estandarte. Comanda-os meu irmão Landolfo.**

**Piers virou a lança e a espetou no chão. .No mesmo instante ouviu o comandante do grupo gritar uma ordem, e num momento estava rodeado. .**

**- Ah! eis-te aqui, irmão monge! - exclamou com alegria o conde Landolfo; um jovem com cerca de vinte e cinco anos, forte e enérgico. - O imperador defumou-te? Bem feito, bobo. Vimos a fumaça, e, como mamãe estava aflita, resolvemos ver as coisas de perto, vindo eu deste lado e mamãe do outro. Eh! Tonio, alcança a condessa e diz-lhe que já o encontramos são e salvo. Não é preciso chorar mais. Corre! com quem tenho a honra de falar?**

**- Sou Piers Rudde, da escolta de sua alteza o conde de Cornualha. Quando soube que me tinha agregado à expedição do conde de Caserta contra Montecassino, teu irmão, o conde Rinaldo, pediu-me procurasse ocupar-me deste jovem.**

**Landolfo explodiu numa gargalhada.**

**- Rinaldo! Preocupou-se ele também? Meu irmãozinho, toda a família procurou salvar a tua preciosa vida. Achas que o mereces? Teu servo, cavaleiro. Porém, gostaria de saber por que te agregaste à expedição de Caserta. Preferiria bater-me sozinho contra meia dúzia de vilões armados de foice a guerrear sob as ordens daquele antipático ... desculpa-me no caso de ser teu amigo. Foste muito gentil ocupando-te deste rapaz. Queres dar-nos a honra de vir conosco a Roca-sêca? Minha mãe nunca me perdoaria se te deixasse ir embora. Tem paciência, pois, e vem. R uma cavalgada de meia hora.**

**Piers aceitou cortesmente o convite e o grupo pôs-se em marcha. Desde a chegada do conde Landolfo o pequeno Tomás não tinha pronun- ciado palavra. Nem mesmo tivera ocasião. Como eram diferentes aqueles três irmãos, o poeta, o frade e o guerreiro! Agora Landolfo cavalgava a seu lado e conversava com naturalidade:**

**- Se Caserta comandou o ataque, não ficará muito de Montecassino. Eu não o aturo, mas é preciso admitir que quando faz alguma coisa, fá-la até o fim.**

**- Penso que é obrigado a cumprir as ordens do imperador murmurou**

**Piers.**

- Certamente, certamente, todos o somos. Espero que não me tenhas compreendido mal. Se o imperador quer destruir a abadia de Montecassino, deve ser destruída. Eu sou um simples soldado e não me passaria nunca pela cabeça discutir as ordens emanadas da maior cabeça do nosso tempo. Se o tivesse ordenado a mim, tê-la-ia destruído, como o fez Caserta. E não seria a primeira vez. Onze anos atrás o imperador ordenou a meu pai destruísse Montecassino, e meu pai obedeceu, mas tinha algum escrúpulo, o pobre papai... - Landolfo levantou os largos ombros e sorriu. - Depois dormia muito mal, e justamente por isso confiou o pequeno Tomás aos beneditinos tão logo foi reconstruída a abadia. As vezes os velhos têm idéias estranhas, mas Tomás parecia satisfeito. Suponho que durante o caminho não terá aberto a boca.

- Pelo contrário, conversamos animadamente.

**Landolfo fitou-o estupefato:**

- Sangue de Deus! falas sério? Geralmente nunca conversa. Que lhe terá dado? Mamãe diz freqüentemente que não é necessário que se faça frade, porque já o é. E um frade de nascimento, e temo que mamãe tenha razão. Geralmente ela tem sempre razão. Não importa. Aqueles "saias pretas" reconstruirão o velho monte de pedras, estejas seguro, e daqui há dez anos mamãe rogará ao papa nomeie Tomás prior do mosteiro. Não seria uma posição desprezível, é claro; papai pensava nisso desde o primeiro momento.

- Prior - repetiu Piers, e perguntou sorrindo: - Os priores têm tempo para pensar?

- Para pensar? - disse Landolfo arregalando os olhos. - Como assim? Como posso sabê-lo? Ah! eis que chegamos.

Piers observou o castelo como bom entendedor. Duplo baluarte, torres sólidas e modernas, uma só vereda na rocha até a entrada, fácil de defender contra forças cinco ou mesmo dez vezes maiores. Capaz de conter uma guarnição de trezentos homens ou ainda mais, Roca-sêca era o castelo de um soberano, e não de um simples cavaleiro. Foregay, o castelo de Piers, era um montículo de toupeiras, em comparação com esse.

Enquanto se aproximavam, a ponte elevadiça começou a abaixar-se. Cerca de cinqüenta homens armados de lança e besta prestaram as honras ao jovem senhor que voltava. Outros cinqüenta estavam alinhados sôbre o segundo baluarte. Roca-sêca dava a impressão de um castelo pronto para a defesa.

- Benvindo à nossa casa, sir Piers, - disse gentilmente o conde Landolfo. - Nicolau, conduz o hóspede para o quarto verde, prepara-lhe o banho e dá-lhe roupas adequadas à sua posição. Cavaleiro, se é da tua vontade, encontrar-nos-erros dentro de meia hora na sala grande. Com licença, sir Piers ...

A banheira era de cobre polido: o próprio imperador não poderia ter uma melhor; e as duas fortes criadas encarregadas da massagem punham alternadamente no rosto do hóspede compressas quentes e frias. Eram hábeis e diligentes como convém a boas banhistas. Como era bom aquecer-se, deixando todas as tarefas a Nicolau, um siciliano de cabelos grisalhos e de graciosos movimentos felinos! Certamente também Robin e os cavalos eram bem tratados. Nicolau trouxe um magnífico hábito de chamalote francês, um tecido misto de seda e lã, e um sobretudo sem mangas, de lã azul. Depois penteou o hóspede, perfumou-lhe os cabelos e afinal trouxe um cálice de vinho vermelho, vinho siciliano, que teria ressuscitado um defunto. Livre da pesada armadura, refrescado pelo banho e vestido com elegância, Piers desceu e entrou na grande sala.

Ali viu uma mocinha que lhe dava as costas e trajava uma longa veste cor de mel. Aproximando-se, Piers notou que ela olhava para baixo, para o pátio, por uma pequena janela, e dizia rindo:

- Então, Landolfo, onde está o teu hóspede? Marta e Adelásia estão com o pequeno Tomás: elas bastam, mesmo porque estou muito curiosa de ver o cavaleiro que nos trouxeste. Escuta, Landolfo, como é ele, é velho e feio?

Se Piers tivesse tido cinco anos a mais, teria gostado daquela cena: porém, não sabia como portar-se.

Mas a mocinha virou-se e ele viu o rosto que devia marcar o seu destino, um rosto oval, cor de marfim, coroadado de brilhantes caracóis castanhos. Naquele rosto oval não percebeu logo todos os tesouros, não observou que aqueles olhos negros despediam uma

**luz solar, nem viu o orgulho do narizinho de narinas sensuais, nem o perfeito entalhe da boca, a curva voluntariosa do queixo pequenino, a delicadeza da cútis. que não precisava nem de pós nem de cremes. Se o mais severo dos juizes, ameaçando-o de morte, ordenasse-lhe dissesse o que via, ele só poderia ter respondido: o rosto da beleza. E com isso teria pronunciado a própria sentença, pois o que ele vira superava a própria beleza. Era o assunto do canto dos poetas, os menestréis de Deus, aquele assunto que torna incrivelmente tolos e imensamente aborrecidos ao próximo os simples mortais.. .**

**Ficou parado a olhá-la, ouvia-a falar, mas sem compreender uma palavra. Nunca soube, enquanto viveu, quais tinham sido as primeiras palavras dela. Só quando apanhou o vocábulo "surdo-mudo" conseguiu romper o encanto. Inclinou-se com o rosto em brasa, e disse com voz estranhamente rouca:**

**- Peço-te perdão, nobre dama. Se eu fosse melhor cristão do que sou, lamentaria todos aqueles que não têm a sorte que me coube ... de poder olhar-te.**

**Era uma homenagem lícita naquele tempo, em que se apreciava a beleza; ela respondeu com uma graciosa reverência:**

**- Não falas nada mal... para um surdo-mudo. - Depois sorriu. - És inglês, não, senhor cavaleiro? E dizem que no teu país reina apenas a seriedade e a gravidade! Na Inglaterra deveria eu também tornar-me séria e grave?**

**- Sim, nobre dama; exceto se quisesse ter todo o país aos teus pés, sorrindo como estás fazendo agora.**

**Outra graciosa reverência. Mas a expressão mudou enquanto dizia:**

**- Sei que foste muito bom para com meu irmãozinho. Cabe a minha mãe apresentar-te os nossos agradecimentos, mas agora digo-te que conquistaste também a gratidão da irmã.**

**Uma espécie de barreira invisível surgiu de repente entre eles, uma barreira que apenas a surpresa do primeiro instante podia ter feito ignorar: a barreira do grau social. Pelo menos oitenta cavaleiros do grau de Piers Rudde estavam a serviço do soberano de Aquino.**

**- Grande prêmio por tão pequeno serviço - sentenciou Piers com uma cortês inclinação.**

**Poucos minutos depois teve ocasião de repetir as mesmas palavras. A condessa tinha voltado ao castelo com cerca de cem homens armados a cavalo. Era uma senhora alta e elegante, de uns quarenta e cinco anos, ainda bela, apesar do tom imperioso. Tinha movimentos enérgicos e rápidos, e, em certos momentos, sua voz elevava-se demasiadamente. Compreendia-se que estava acostumada a fazer-se obedecer.**

**- Agradeço-te, senhor cavaleiro, - disse - e agradeço também ao imperador, meu, benigno soberano, por ter-te mandado proteger meu filho. Agrada saber que não esquece os amigos e os filhos dos amigos nem mesmo quando deve demolir o domicílio dos mesmos.**

**- Peço-te perdão, nobre dama, - objetou Piers. - Não foi o imperador que me enviou para proteger o conde Tomás. O imperador não sabe disso. Foi o conde Rinaldo que conheci no ... quartel-general do imperador.**

**A condessa mordeu os lábios:**

**- Ah! então, foi assim. Rinaldo é um bom filho e um bom irmão. Espero que a companhia de meu filho menor te não tenha aborrecido em demasia. Nicolau, vê se tudo está pronto para o jantar. Tenho fome.**

**"Ainda há meia hora atrás soube que Tomás estava salvo". Pensou Piers. "Diga-lhe: Não é preciso que chore mais", tinha ordenado Landolfo ao mensageiro. Somente agora Piers compreendia que aquelas palavras eram irônicas: a condessa não parecia ter chorado, aliás era difícil imaginar que tivesse chorado algum dia.**

**Landolfo chegou com Tomás e duas meninas, ambas com vestes cor de mel, como a aparição da qual Piers ainda não se havia refeito. Deviam ser as irmãs. Landolfo fez as apresentações à sua moda:**

**- Sir Piers Rudde, um cavaleiro inglês que tirou da panela o irmãozinho monge; minhas irmãs Marta e Adelásia. A outra, Teodora, já a conheces, é a mais jovem e a mais insolente. Vamos, vamos, mana, não é preciso que me comas com os olhos. E tu,**

**Piers, ainda não nos contaste como conseguiste tirar de Montecassino frei Tomás.**

**- Não há muito que contar - disse o jovem inglês. - Entrei e o trouxe para fora.**

**- Sim, mas esqueceste de dizer que o edifício estava em chamas - observou Tomás, e pela terceira vez, Piers viu o seu sorriso incrivelmente quente, que lembrava estranhamente a irmã menor ... mas não ... oh! sim ... era e não era igual. Era como ... como a mesma roupa vestida às avessas ... que comparação boba! Mas ele sabia o que queria dizer.**

**- Cavaleiro, - começou a condessa com inesperado ardor - não quero sentar à mesa antes de ter-te recompensado. Escolhe o prêmio e não sejas modesto.**

**- Mas, nobre dama ...**

**- Arriscaste a vida por um estranho. Este, porém, era um de Aquino. Pela Santa Mãe de Deus! nunca se dirá que não sabemos pagar nossas dívidas.**

**Piers sentiu um nó na garganta. Era loucura, uma loucura desesperada que lhe prometia os tormentos do inferno. Todavia falou:**

**- Nobre dama, se realmente insistes, o meu senhor, o conde de Cornualha, deu-me uma licença ilimitada. Queres permitir-me entrar como cavaleiro ao teu serviço?**

**A condessa surpreendeu-se e não conseguiu responder logo. Landolfo pôs-se a rir:**

**- Boa idéia, mamãe. Tem aparência de ser útil quando apareça algum conflito.**

**Embora lhe fosse quase impossível, Piers esforçava-se para não olhar para Teodora, e esta era a primeira das numerosas dificuldades que lhe deviam aparecer. "Enlouqueci mesmo!", pensou.**

Entretanto a condessa já havia decidido. Recusou, como indigna, a idéia de que o jovem quisesse fugir de alguém ou de alguma coisa procurando abrigo sob o estandarte dos de Aquino: não parecia, embora naqueles tempos fosse coisa comum.

- A minha casa sente-se honrada e feliz - disse gentilmente. - Tens contigo comitiva?

- Apenas um escudeiro, Robin Cherrywoode, homem fiel e de confiança.

- Terás mais dois como todos os nossos cavaleiros. Para o resto há tempo. Amanhã prestarás o juramento.

- Estou satisfeito - comentou Tomás cordialmente, enquanto Piers lhe sorria.

- Modesta compensação para tão grande mérito - exclamou Landolfo rindo. - O meu irmãozinho nasceu quando morriam o papa Honório... São Francisco e Gengis-Kan. Quem sabe se não nasceu para substituir algum deles. Qual será, irmãozinho monge?

- A tua brincadeira é de mau gosto, Landolfo, - observou a condessa severamente. - Um de Aquino não pode ser nem pagão, nem mendigo ... nem mesmo um santo mendigo.

Nicolau apareceu para anunciar que o jantar já estava pronto.

---

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



## **CAPÍTULO III**

**Todas as árvores estavam floridas e a própria terra parecia respirasse com volúpia. Do baluarte de Roca-sêca dominava-se um paraíso branco e rosado, flamejante de vermelho entre todos os matizes do verde. As camponesinhas, que levavam ânforas no ombro e subiam o estreito atalho cortado na rocha, pareciam estátuas gregas. Fazia calor, mas um calor agradável, e o vento misturava o fresco do ar marinho com o perfume de inúmeras flores. Os lagartos verdes passavam velozes sob as sebes e as borboletas ostentavam todas as cores do arco-íris.**

**- Dois anos - disse Piers.**

**- Dois anos, um mês e onze dias, senhor, - retificou Robin Cherrywoode - desde a nossa chegada a este danado castelo: há quase três anos deixamos a Inglaterra.**

**- De que te queixas tu? - perguntou Piers enrugando a testa.**

**- De nada, senhor. Já me acostumei àquela coisa que aqui chamam de comida, e se um dia voltar para casa parecerei quase um estrangeiro.**

**- Não, meu bom Robin, - disse Piers rindo. - Tu permanecerias inglês como as rochas da nossa costa ainda que ficasses aqui a vida toda.**

**- Deus nos guarde!**

**- Robin, és um ingrato. Deves reconhecer que nunca estiveste melhor do que aqui. Estamos a serviço de um grande nome, temos torneios cavaleirescos e boa sociedade, alegres cantores e trovadores espirituosos, não nos falta comida e bebida: que pretendes mais? - E suspirou profundamente.**

**- Sim, senhor, tudo belo e bom.**

**Seguiu-se uma pausa. "Não haverá belas raparigas na Inglaterra?" Pensava Robin. "Deve ser justamente essa pequena bruxa, que ele não cativará nem se esperar vinte anos? E por que não pensa logo**

**na filha do imperador ou do sultão? Ei-la; quando se fala no diabo.. ”.**

**As três condessinhas chegavam do salão e puseram-se a jogar bola no pátio. Piers ainda não dera por isso. Estava de guarda no baluarte setentrional.**

**Dois anos, mais de dois anos desde o dia em que se havia ajoelhado diante da condessa e colocado o punho couraçado sôbre o azul estandarte dos de Aquino. Então jurara por uru ano, depois renovara por duas vezes o juramento. Durante esse tempo tinham acontecido muitas coisas . . . ou nenhuma. Quatro vezes Teodora fora pedida em casamento por pessoas que teriam honrado mesmo uma dama como ela, mas corriam vozes que ela tivesse dito à mãe que não queria casar-se jamais.**

**A notícia tinha causado a Piers alegria e dor ao mesmo tempo. Teodora tinha rejeitado até o jovem Tiépolo, filho do doge de Veneza. A condessa nunca tentara intervir: dizia-se que não fazia questão do matrimônio precoce da filha, tanto mais que era a menor das três. Mas para que pensar nisso? Que importava a ele se Teodora recusava ou aceitava uma proposta? Ele não poderia fazer a sua, nem mesmo se fizesse uma ação que o elevasse de grau. Por outro lado ela não lhe dava maior consideração: era simplesmente um dos tantos cavaleiros de Aquino. Quando conversava com ele era boa e gentil, mas não passava disso, nem ele poderia esperar mais. Ela tinha aceito benignamente o**

**pedido de considerá-la "sua dama" quando, um ano e meio antes, se disputara o grande torneio que ele vencera. Assim era-lhe concedido dedicar a ela "o seu coração e a glória da sua gesta". O mais humilde cavaleiro tinha direito de escolher para "sua dama" a mulher mais importante do lugar, como na Crisma alguém escolhe por patrono qualquer santo ou mesmo a Rainha de todos os santos.**

**E Teodora de Aquino estava próxima. benigna. bela, mas inatingível exatamente como os santos.**

**Mais de uma vez tinha ele pensado em voltar à Inglaterra. O conde de Cornualha já havia voltado há muito e Piers poderia ter ido**

**sem que ninguém pudesse dizer que o tinham mandado de volta ao**

**seu país por causa de uma transgressão ou mesmo de um crime. No entanto, não conseguia decidir-se. Desde o início sabia que iria sofrer: olhar Teodora era um delicioso martírio. mas não a ver era coisa impossível.**

**- Um cavaleiro com o cortejo! - anunciou Robin.**

**Piers abaixou os olhos e ordenou:**

**- Toca a trompa!**

**O homem que estava de guarda na pequena torre obedeceu, enquanto os milicianos subiam para o baluarte fazendo retinir as armas.**

**As três mocinhas interromperam o jogo, e Adelásia perguntou:**

**- Que há, cavaleiro?**

**- Uma visita, nobre dama, mas ainda não vejo o distintivo.**

**As três jovens subiram correndo, num frufu de sedas: era uma cena que compensava qualquer esforço. "Como se Deus tivesse tentado criar a beleza perfeita" pensou Piers, "e pela terceira vez o conseguiu"**

**- Onde está? Onde está? - perguntaram as três irmãs rindo e procurando adivinhar, até que Marta gritou: - E Rinaldo. Mãe Santa! é Rinaldo!**

**Do fundo do vale, o cavaleiro fazia grandes acenos.**

**- Precisamos avisar Landolfo ... - E mamãe ...**

**Desceram correndo.**

**Até Piers estava feliz, embora a sua clama. tão perto dele, não lhe tivesse dirigido um olhar. Melhor Rinaldo do que um dos inevitáveis adoradores de Teodora. Além disso, Rinaldo lhe era simpático. Quando ele estava ali, todos no castelo tornavam-se mais desvoltos: depois trazia notícias do que acontecia no mundo. Só**

quando bebia demais é que Rinaldo tornava-se irascível, mas isso acontecia raramente. Era um companheiro melhor que Landolfo, que se arvorava em patrão de Aquino quando sua mãe estava ausente, mas saracoteava-lhe em torno logo que aparecia. Nada é mais insuportável do que a consideração dos homens rudes.

O único que nada percebia era o jovem Tomás. Landolfo não deixava escapar ocasião para caçoar dos padres e frades e conventos em geral, e de modo particular do irmão monge. Tomás nunca rebatia. Ficava quieto e silencioso, e até às vezes parecia adormecido. Seria mesmo indolente? Ou ainda estaria sofrendo pela perda de Montecassino? Em todo caso, a condessa tinha acertado ao enviá-lo para Nápoles, onde estudava tudo que se ensinava na universidade de lá. Dessa forma convivia com jovens de sua idade e conhecer um pouco o mundo fazia-lhe bem.

Da velha Madalena, que fora ama do jovem, Robin ouviu uma história estranha. A condessa tivera sete filhos, e um dia Tomás brincava no aposento onde Madalena estava com Maria, recém-nascida, no colo. Desabava um temporal e, de repente, um raio atravessou a sala. Quando Madalena voltou a si não podia mover o braço esquerdo, que estava paralisado. Tinha ainda ao colo a pequena Maria ... morta, porém, alcançada pelo raio, enquanto Tomás escapara ileso. Passaram anos antes que Madalena recobrasse o uso do braço. Teria aquele fato influído no caráter do jovem? Na vila de Foregay havia uma menina que perdera a fala por ter visto o pai bêbado bater na mãe. Talvez em consequência daquele fato Tomás se tornara tão diverso dos irmãos. Um conhecimento tão precoce da morte poderia ter influenciado na sua inclinação religiosa, favorecendo-a, e talvez por isso fosse ele tão tímido, lacônico e desajeitado entre tanta gente alegre e ruidosa. A universidade era certamente um lugar apropriado para ele.

Acabava, pois, de chegar Rinaldo com o cortejo, rodeado pelas três mocinhas, por Landolfo e até mesmo pela condessa.

Meia hora depois estavam todos reunidos no salão, bebendo, inclusive Piers e meia dúzia de outros cavaleiros com suas damas. Quisera-o Rinaldo.

- Mamãe, todos desejam saber o que acontece no mundo. - Ele não podia passar sem o auditório. - Empresta-me a inspiração, Homero, -

começou - para que Ulisses, o vagabundo, possa relatar o que viu e sofreu. Mas vejo que falta alguém ... o nosso fradezinho. No entanto da outra vez aqui estava... Não é? Está na universidade? Ela o arrumará bem. Quando tiver terminado de freqüentá-la não será mais nem frade nem cavaleiro. Os juristas ensinar-lhe-ão como se absolvem os grandes ladrões e se enforcam os ladrõezinhos; os médicos proporcionar-lhe-ão aquela ciência cujo resultado final é sempre a morte. e seus mestres de retórica perecerão de esgotamento geral. Imaginai Tomás orador! Durante a minha última visita disse vinte e três palavras em dois dias e meio: contei-as. Se ...

- Deixa em paz Tomás - interrompeu a condessa impaciente Não é assunto importante. É melhor dar logo as novidades.

O jovem poeta olhou em volta e disse:

- E contrário às regras da arte dramática, porém revelarei logo o grande segredo: habemus papam.

Pelo menos meia dúzia de vozes exclamaram uníssonas:

- Finalmente! Deus seja louvado! Nossa Senhora! ... - enquanto a condessa perguntava: - Quem é?

- O cardeal Sinibaldo Fiesque.

- Ótima família - comentou a condessa. - E, pelo que sei, combina com o imperador.

Rinaldo riu:

- Mamãe, eu não o asseguraria. Sabes o que disse o imperador quando chegou a notícia? Eu estava presente: "No cardeal perdi um amigo, no papa adquiri um inimigo". Demais, Fiesque escolheu o nome de Inocêncio IV. Não parece bom presságio: o imperador foi excomungado por Inocêncio III.

A condessa apertou os lábios e depois disse:

- Frederico gosta muito de brincar como tu, Rinaldo. De minha parte creio que tudo irá bem, pois Sinibaldo Fiesque sempre foi muito

razoável. De resto já era hora: o trono papal esteve vacante por muito tempo. Quando se pensa nos abusos desse período! Em toda parte fervilham os frades mendicantes, e todos pregam como se o dia do juízo estivesse iminente. Quando me dá vontade de ouvir um sermão, vou à missa. E odioso ouvir berrar em todas as praças esses frades vulgares e malcheirosos. Esperemos que o papa dê um jeito.

- Pior do que no reinado de Gregório não será certamente observou Rinaldo. - Creio que o imperador nunca tenha odiado alguém quanto aquele papa. Lembras quando queríamos atacar Roma? Ou melhor, quando queríamos ocupá-la, porque não teria sido preciso chegar ao ataque: o imperador distribuía tais somas que quase todos os cidadãos estavam corruptos. Sabíamos pelos nossos agentes que milhares de pessoas ostentavam publicamente pelas ruas e em todos os lugares o emblema imperial. Que faz o velho Gregório? Organiza uma procissão através da Urbe com as relíquias dos santos Pedro e Paulo, e na praça declara que a elas confiava a defesa de Roma, visto que os cidadãos tinham abandonado a causa santa. Deve ter sido um espetáculo maravilhoso, digno de um grande poeta. Os emblemas imperiais desapareceram como por encanto, os cidadãos ocuparam os bastiões; nós tivemos notícia da mudança ... e não atacamos. Da segunda vez, o imperador preparou-se mais acuradamente, desenvolvendo a propaganda contra a pessoa do papa que surgia como responsável de tudo: início das hostilidades, guerra, miséria na Itália. Tudo prometia bem, a preparação fora ótima. E que fez o velho Gregório? Põe-se na cama e morre. Eis-nos, então, com toda a nossa propaganda ... sem alvo. Não tínhamos mais nenhum pretexto para assenhorear-nos de Roma. O imperador estava furo. "Vivo nos enganara, agora nos engana morrendo" gritava. Eis, pois - acrescentou rindo Rinaldo - outra peripécia do drama. Tivesse eu tempo rara escrevê-la! O velho papa que sozinho defende

Roma contra o imperador ... como Leão I contra Atila.

- Rinaldo! - exclamou a condessa seriamente indignada. - Proíbo-te de comparar, nesta casa, o imperador com Atila.

- Desculpe, mamãe, - e Rinaldo inclinou-se. - Bem sabes que os poetas tem o cérebro em tumulto. Porém, creio que o imperador gostaria dessa comparação. Para vantagem do drama ...

**Neste ponto todos riram. Rinaldo era impossível.**

**- Trazei-me o alaúde: prefiro cantar minhas últimas poesias a contar as notícias da corte. Certamente a minha música é melhor ...**

**Obrigado Marta. - E começou a tocar e cantar com a sua bela voz de tenor.**

**- Deixemos estas bobagens - interveio a condessa. - Para elas tens toda a noite. Agora quero saber as novidades.**

**Rinaldo tocou um último acorde suspirando, e balançou a cabeça:**

**- Tu não sabes, mamãe, onde esteja o bem. Pois seja, és tu que o queres. O jovem Tiépolo morreu.**

**- Pedro Tiépolo? - perguntou a condessa espantada. - Há dois meses estava tão bem! Era tão jovem e forte ...**

**- É! - disse Rinaldo lançando um olhar para Teodora; ela tinha, sim, recusado aquele jovem, mas com as moças nunca se sabe'... Porém Teodora não parecia mais agitada que as irmãs, de modo que Rinaldo passou um dedo pelas cordas do alaúde, e acrescentou friamente: O imperador mandou enforcá-lo.**

**- Enforcar? O filho de um doge? Um Tiépolo?. - Depois, esforçando-se por parecer calma, perguntou com voz quase indiferente: Por quê?**

**- Dizem que Della Vigna interceptou algumas cartas. O doge estava em negociações com o papa, com Gregório, e foi uma espécie de represália.**

**- É! Della Vigna ... podia imaginar-se. É o espírito maléfico do imperador.**

**- Não foi Della Vigna a ordenar o enforcamento de Tiépolo disse Rinaldo encolhendo os ombros.**

**"Poderia ter sido o marido de Teodora",. pensava a condessa, que fora muito favorável ao pequeno Tiépolo e defendera-lhe a causa, enquanto que a moça não quis saber dele. Pobre Pedro!**

- Ainda bem, menina, que não casaste com ele. - As palavras eram de Landolfo, que, naturalmente, não teve resposta.

- Meu caro Landolfo, - disse Rinaldo com um sorriso irônico tenho para ti uma boa notícia: amanhã pela manhã nós dois devemos partir. Como vês, mamãe, não me sobra muito tempo para as novas composições. Aliás, não sei por que, nunca me sobra muito tempo. O imperador precisa de nós. Deve estar preparando alguma coisa da qual não tenho idéia. Penso que tenhamos de ir a Gênova.

A condessa tinha ficado um instante com a respiração suspensa, mas depois sorriu do próprio susto. O imperador era duro, terrivelmente duro com os inimigos, mas os de Aquino tinham-lhe sido fiéis durante todo o seu governo: portanto não havia perigo.

- Quantos homens levamos conosco? - perguntou Landolfo, a quem a viagem agradava, já que em Roca-sêca se aborrecia a valer.

- Cinqüenta cada um. Não tenho ordens expressas.

- Então - disse Landolfo - levo comigo De Braceio e tu, sir Piers.

- Deixa em casa o nosso amigo inglês - aconselhou Rinaldo. O episódio de Santa Justina, talvez ele ainda não o tenha esquecido.

- Que episódio? - perguntou a condessa.

- Ainda não contei? - perguntou Rinaldo rindo. - Foi no dia em que o conheci. A princesa Silvana não lhe tirava os olhos de cima, e chegou a declarar que desejava -incluí-lo na sua guarda pessoal. Ezelino tornou-se verde, e o imperador, que precisa de Ezelino não gostou. Por São Maomé! passaram-se mais de dois anos e tacto já deveria estar esquecido, porém, quem o pode garantir? ... o imperador tem uma memória extraordinária.

- Não houve episódio algum - asseverou Piers com firmeza.

Rinaldo sorriu:

- Caro amigo, sei que não tiveste culpa. Que podemos fazer se a princesa Silvam nos come com os olhos? Poderia ter acontecido

**comigo, mas felizmente não foi assim. Nunca o disseste, mas aposto que te agregaste à expedição de Montecassino justamente por isso. O conde de Cornualha não é apenas um grande senhor, mas também um homem que sabe ficar de olhos abertos. Foi, portanto, uma ótima ocasião para evitar todo perigo; e depois, eu tive o prazer de encontrar-te. Brindemos, pois!**

**- Não houve episódio algum - repetiu Piers.**

**- Em todo caso, será melhor que fiques - concluiu Landolfo.**

**Rinaldo voltou a tocar o alaúde e a cantar os doces lábios ela dama. Depois interrompeu:**

**- Que tens, Teodora?**

**- Oh! nada.**

**- É! nada, e no entanto parece que de um momento para outro vais explodir como o Vesúvio. Escuta a minha canção. Já é cantada por todo o mundo, em Parma, Sena, Florença. Não creio que seja a melhor das minhas canções, mas está muito difundida.**

**Teodora levantou-se de repente e saiu.**

**- Que fiz eu? - perguntou Rinaldo surpreso.**

**- Ao que parece, tua canção pouco lhe importa - respondeu Landolfo.**

**- Tolos ambos! - exclamou a condessa. Prefiro talar-vos a sós.**

**- Depois cantarás para mim a tua canção - disse Marta gentilmente, enquanto Adelásia, rindo, a conduzia para fora.**

**- Ninguém é profeta nem poeta em sua própria casa - sentenciou Rinaldo ofendido. - Ainda não percebi o que fiz.**

**A condessa esperou que todos os cavaleiros e clamas saíssem. Pies estava palidíssimo, e saiu com passo firme.**

**Logo que a porta se fechou, a condessa disse:**

**- Outra vez, se vierem notícias importantes, quero ouvi-las antes eu. Nestes tempos não nos podemos fiar nem nos familiares.**

**- Está bem, mamãe, - confirmou Rinaldo. - Mas, e daí? que tem a ver isso com Teodora?**

**- Nossa Senhora! - explodiu a condessa. - Que te importam os caprichos de uma menina? Sir Piers escolheu-a como sua dama, e ela julgou bom manifestar a sua desaprovação pelo episódio da princesa Silvana. Eis tudo.**

**Rinaldo explodiu numa gargalhada:**

**- Como sou idiota! Mas não deixa de ser um belo homem, e quem sabe se ela não está tomando a coisa a sério.**

**Sua mãe levantou-se lançando faíscas pelos olhos:**

**- Parece que a vida no meio da corrupção da corte tenha influído em ti. Espero que haja uma diferença entre os costumes de lá e os de Aquino. Aqui não estamos dispostos a esquecer nós mesmos. Se a princesa Silvana quer pôr os olhos em cima de um simples cavaleiro sem nome e sem grau, é assunto dela. Teodora é uma menina caprichosa, mas nunca esquecerá o que deve ao seu nome ... Nem tampouco sir Piers, espero. Ele tem direito de escolhe-la sua dama, e ela aceitou-o como seu cavaleiro. Eis tudo. Não quero que haja outros mexericos.**

**Pôs-se a passear para cima e para baixo na sala, agitada, enquanto os irmãos trocavam um olhar embaraçado.**

**- Ambos não tendes juízo - voltou a falar a condessa. - Tenho realmente muita sorte com meus filhos: um soldado simplório, um poetastro mulherengo e um monge mudo. Mas daqui há alguns anos Tomás tornar-se-á abade de Montecassino, eu cuidarei disso. Vós, porém ... não posso tratar com os Della Vigna nem com os Ezelinos: tendes que fazer sozinhos vossa carreira. O imperador está rodeado de servos e de escorpiões, e estão-se vendo coisas de dar vergonha em ser-lhe fiel.**

**- Mamãe, és maravilhosa - exclamou Rinaldo com entusiasmo - Por todas as huris e todos os santos, és a mais bela de todas as damas da corte.**

**Ela parou.**

**- Tens a cabeça cheia de fumaça - repreendeu, mas sem deixar de sorrir: o cumprimento do filho era justo e ela o sabia. - Sou uma velha rabugenta, mas vós não conheceis o imperador como eu o conheço. Afinal das contas é meu primo, e o vi fazer carreira desde os tempos de Palermo, quando ainda precisava mendigar, dos estranhos o pão para o almoço. Ninguém ligava para os suevos, a sua herança estava perdida . . . até que Inocêncio III começou a protegê-lo. Participou da sua ascensão até a coroação em Jerusalém. Eu mesma ouvi o papa Gregório chamá-lo de "amado aluno da Igreja". Ele era o mais belo, mais elegante, mais sábio homem do seu tempo. Era amigo devotado de Isabel de Hungria, mulher santa como outra nunca houve. A sua vontade tendia para construir, não para destruir. No seu governo, o reino de Sicília prosperou. Nenhum outro teria sabido unir os soberanos alemães, e ainda hoje é ele o coração pulsante da Europa e do mundo. E o que foram César, Augusto e Justiniano: o soberano do mundo. E é o que nenhum outro foi: o chefe da nobreza contemporânea. Tem, portanto, direito à nossa fidelidade, e o nobre que se rebela contra ele atira lama no próprio escudo. E nisso que devemos pensar quando nos chegam notícias dos seus atos espantosos: são atos que não nascem do seu espírito, não o posso crer, mas vêm dos Della Vigna, dos Ezelinos e dos outros recém-chegados. E triste, muito triste, que esteja sempre em luta com o santo padre. Esperemos que agora com o papa Fiesque melhore a situação. O nosso lugar, porém, é ao lado do nosso primo imperial. Não, temos outra escolha: um de Aquino não pode escolher diversamente. Dito isso, sentou-se, esgotada.**

**- Um pouco de vinho, Landolfo. Obrigada. Estas eram as novidades, novidades de uma velha grisalha como os próprios cabelos. Onde está o teu alaúde, Rinaldo?**

**- Não, mamãe, - suspirou Rinaldo. - Depois da tua epopéia heróica, a minha pobre lírica soaria mal. Tu és de fibra mais dura que a nossa. Eu não vejo as coisas como tu, mas como o homem que lê um livro ou ouve uma canção. Se o protagonista comete um crime, não é culpa do leitor, nem este pode impedi-lo, mas continua lendo**

**tranqüilamente. Porém, eu nunca pensei em trair o imperador: não te aflijas, não me enforarão como o pobre Pedro Tiépolo, nem enforarão Landolfo ...**

**- Cala-te, Rinaldo.**

**E, com grande surpresa dos filhos, a condessa explodiu em lágrimas.**

**- Que será que tem sir Piers? - perguntou Adelásia, cheia de curiosidade. - Não disse uma palavra em todo o dia.**

**Teodora sorriu:**

**- Não conversei com ele.**

**- Por que não? Que te fez ele?**

**- Ele? nada. Se quer olhar para Silvana, pode fazê-lo.**

**- Mas não o fez de modo algum. Foi ela que ...**

**- Quem tenha sido o primeiro não importa. Para mim é indiferente. Mas se apresenta sempre... tão cortês e tão ... tão inglês ... Aborreço-me.**

**- E um belo homem, porém - observou Adelásia.**

**- Achas? - disse Teodora, bocejando como uma gatinha.**

**Na mesma noite Piers decidiu voltar para a Inglaterra tão logo terminasse o ano.**

**A universidade imperial de Nápoles era um símbolo da época em mais de um sentido: uma espécie de microcosmo europeu. O jovem estudante podia lá aprender medicina com mestres que tinham sido o orgulho de Toledo e de Salamanca; podia aprender as mil chicanas e parágrafos da jurisprudência, embora os mestres custassem a manter-se a par com o sem-número de novas leis que o imperador promulgava a todo instante. Podia dominar a arte da retórica com Gualtério de Ascoli, que preparava uma enciclopédia etimológica,**

**enquanto Gofredo de Benevento ensinava direito civil, Bartolomeu Pignateli direito canônico, mestre Temísio de Atina dava lições de arte, e Pedro de Irlanda lições de ciências naturais. Em Nápoles, enfim, ensinava-se de tudo.**

**Era a resposta do imperador a Roma, que se atinha apenas à teologia, e a Bolonha, que tinha fama de exercer o "livre pensamento".**

**Em Nápoles podia estudar quem quisesse, fosse ou não crente. E como não se fazia a mínima questão da síntese, os estudantes acabavam tendo na cabeça meia dúzia de opiniões bastante diversas e contrastantes, que dançavam alegremente.**

**- Não faz mal - dizia Frederico a Della Vigna, que falava a respeito. - Quem tem na cabeça muitas coisas não se agarra facilmente a uma única opinião.**

**E Della Vigna sorria com admiração. Até então todas as universidades tinham sido fundadas pela Igreja, e todos os corpos docentes eram constituídos de sacerdotes. O imperador dava prova de suma sabedoria competindo com a Igreja, competição necessária se quisesse criar um tipo de homens verdadeiramente úteis ao império. Para que ensinar direito canônico? Que fazer com mestres como Pignateli ou Pedro de Irlanda? Por que não fundar uma cidadela de livres pensadores, talvez com menos compromissos que a própria Bolonha?**

**Frederico ostentava um sorriso enigmático, e Della Vigna se ilumi**

**- Como sou ingênuo, meu grande imperador! Como todos somos ingênuos diante de vós! Claro, para que Nápoles se torne o centro das melhores forças intelectuais, deveis eliminar todos os espantalhos. Compreendo, vós não quereis convencer os convencidos. Sangue fresco, cérebros incorruptos! E ninguém deve poder dizer a um pai religioso ou a uma mãe beata que Nápoles seria ímpia.**

**- Esta é uma parte do meu pensamento - replicou o imperador. - Por outro lado é preciso não precipitar. Pensas que não gostaria de pedir aos meus amigos da Síria, de Túnis e do Egito, algumas de suas melhores cabeças para que aqui ensinassem a sabedoria**

**oriental?**

**verdade que lá também há fanáticos, beatos e pessoas de horizonte limitado que provavelmente se poriam a fazer tábua rasa daquela fantástica confusão que aqui chamamos de teologia. Em primeiro lugar fariam compreender que o cristianismo é uma religião politeísta. Por enquanto é preciso adiar esse divertimento, mas esperemos que não seja por muito tempo. Nápoles é o primeiro passo. Um pouco de confusão não faz mal, até é bom que haja. Ninguém é obrigado a se empenhar, e, até nova ordem, a Trindade pode dormir tranqüila.**

**E Nápoles atingiu o apogeu. Ninguém era rejeitado, como nas outras universidades, por causa da nacionalidade, da raça ou do nascimento. Filhos de famílias ricas e célebres conviviam com jovens macilentos, donos apenas da sua avidez de saber. Depois de cada aula os estudantes discutiam e deviam analisar o que tinham ouvido acrescentando os seus comentários.**

**Pignateli tinha exposto o pensamento de Santo Agostinho. a vasta sala estava cheia de vozes juvenis. Pignateli sabia apresentar magistralmente de forma nova as coisas velhas, e agora os alunos trocavam opiniões até que o docente chamava um deles para comentar suas palavras.**

- Tudo isso nada tinha a ver com o direito canônico.**
- Claro que não, mas freqüentemente o direito canônico se baseia no pensamento do velho Agostinho. Os padres da Igreja...**
- Podes dizer o que queres, mas esta é a maneira astuta com que Pignateli procura impingir a teologia.**
- Espero que não chame a mim, porque realmente não saberia o que dizer.**
- Não estás sozinho nessa situação. Olha um pouco aquele ali.**
- Quem? Ah! sim, aquele? Nunca vi um tipo assim. Venho-o observando há meses. Nunca abre a boca e fica sempre de olhos arregalados. E um de Aquino, não?**

- Sim, o filho menor, do qual com certeza não se podia fazer um bom soldado. Imagina só a cavalo, de armadura completa, lançado contra os infiéis. Arma virumque cano.

- Deve ser também um pouco fraco de inteligência, e moroso: leva meia hora para sentar-se e outro tanto para levantar-se.

- Por que o terão enviado para cá? E um oblato beneditino e usa o hábito de São Bento. Por que não o deixaram no seu convento?

- Como, não sabes? Estava em Montecassino, que agora estão reconstruindo. Poderá voltar para lá e ser santo.

- Sancta simplicitas! Não é ele um de Aquino? Não precisa tornar-se santo. Antes que tu e eu recolhamos o primeiro níquel no tribunal, podes estar certo que aquele ali será o reverendíssimo abade. Olha ... agora escreve. Nunca o vira escrever, duvidava até que soubesse fazê-lo. Agora Ptolomeu sentou-se junto dele.

- E verdade. Está-lhe explicando alguma coisa. Pobrezinho! Antes que consiga fazer-lhe entrar algo na cachola! ... demais ...

- Bom Ptolomeu? Só quer fazer alarde da sua sabedoria, nada mais.

- Não é tão difícil como parece - dizia Ptolomeu de Andréa. Vi que tomavas apontamentos e concluí que gostarias de compreender. Logo te explico.

Tomás abriu a boca, mas o jovem Ptolomeu já se embebia na explicação:

- Assim, trata-se do seguinte: o bom velho Agostinho considerava a filosofia platônica, na nova interpretação plotiniana, como tipo perfeito de pensamento racional. Procurou dar uma interpretação nova, ou melhor explicar a revelação cristã com o pensamento platônico. Compreendes? Basta que faças um gesto, pois sei que não és loquaz. Portanto, o princípio mais importante era este: o melhor caminho para perscrutar a verdade não parte da razão nem conduz à fé através da certeza intelectual dá-se exatamente o contrário: começa-se pela fé, passa-se à revelação e desta à razão. Ou seja, como disse o próprio Agostinho: a compreensão ... sim ... a compreensão é ...

**- A compreensão é o prêmio da fé - concluiu Tomás gentilmente. - Não procura, então, compreender para crer, mas crê para compreender. Muito bem. Eu, porém, gosto especialmente da demonstração:**

**Quando se é bom**

**"Se crer e compreender não fossem duas coisas diversas, e se não devêssemos primeiro crer aquela coisa grande e divina que queremos compreender, seria inútil a frase do profeta: Se não crerdes, não compreendereis".**

**- Meu Deus! - deixou escapar Ptolomeu de Andréa estupefato.**

**Tomás não ouvira, e enrubescendo levemente continuou a citar com lentidão e com aquele tom com que se recita uma poesia particularmente cara:**

**- "Também Nosso Senhor convidou aqueles que queria salvar com a palavra e com a ação a começar por crer. Depois, quando falou do prêmio que daria aos que cressem, não disse: esta é a vida eterna a fim de que creiais, porém: esta é a vida eterna... para que conheçam a ti, único e verdadeiro Deus, e a Jesus Cristo que tu enviaste".**

**- Deus do Céu! - exclamou Ptolomeu assombrado.**

**Mas Tomás parecia ter esquecido tudo que o rodeava, pois as estupendas frases do antigo mestre brotavam:**

**- "Além disso, disse aos que já criam: procurai e achareis. De fato, o que se considera desconhecido não se pode achar ... e ninguém é capaz de achar a Deus se antes não crê que acabará por achá-lo. Aquilo que a seu convite procuramos, achá-lo-emos enquanto ele no-lo indica, sempre que, assim como somos, nos seja possível achá-lo nesta vida. E certamente devemos crer que, depois desta vida, o veremos com maior clareza e perfeição". Isso se chama afastar-se do âmbito platônico, - acrescentou Tomás, feliz - da mesma forma que a palavra de São João se afasta do logos de Platão. - Só nesse momento dirigiu-se a Ptolomeu, que o olhava como se tratasse de um espetro. Nos grandes olhos escuros apagou-se a chama.**

**- Peço-te perdão - disse Tomás docemente. - Temo ter-te interrompido.**

**Ptolomeu olhou-o fixamente: não, no companheiro não havia sombra de ironia. Disse, portanto: - Ora, por favor! - mas olhando de um lado e de outro para ver se alguém tinha ouvido. Confortou-se verificando que ninguém ria.**

**De repente, uma alegre agitação tomou conta da sala.**

**Que havia acontecido? Tomás nada tinha notado, e só quando Pignateli repetiu o seu nome compreendeu que tinha sido chamado para analisar e comentar a lição.**

**Levantou-se obediente, enquanto alguém ria sem que ele desse por isso.**

**- Oh! Ptolomeu, - murmurou alguém - fizeste com que compreendesse?**

**Ptolomeu riu, mas com um riso amarelo, e citou São Paulo ao contrário:**

**- Dando a crer que sou tolo, torno-me sábio.**

**- Que disse? Que disse?**

**- Não compreendi bem. Mas parece tenha dito que Tomás é um tolo.**

**- Que mais poderia ser? Porém verás que se torna abade.**

**- Psiu! ... Deixa-me ouvir esta comédia.**

**Todos queriam ouvir, mas a primeira surpresa foi o tom límpido, metálico e quente da voz que parecia não combinar com a figura arredondada e deselegante do orador. Depois de poucas frases, todos se calaram: na sala poder-se-ia ouvir uma mosca voar.**

**Em menos de um quarto de hora Tomás fez um resumo da lição de Pignateli, que havia durado um hora, de modo tão claro e perfeito que o professor perguntou a si mesmo como tinha empregado ele**

tanto tempo. De Platão a Plotino, deste a Agostinho e depois e Anselmo de Cantuária, o qual havia reduzido o princípio agostiniano à simples fórmula *credo ut intelligam*. E de Anselmo e sua demonstração ontológica até os contemporâneos com a cisão entre fé e razão, equivalentes às paralelas da matemática. Um filósofo cristão que quisesse evitar a ruptura com a teologia, devia recorrer, exclusivamente, à constatação que os silogismos - filosóficos - da mesma eram realmente necessários, mas não necessariamente verdadeiros. E claro, desta forma o conceito de verdade torna-se insensato. Era, pois, preciso esperar que um dia a razão e a revelação se desprendessem da sua unilateralidade e que a síntese desses dois grandes dons de Deus fosse encontrada noutra ordem das coisas.

Cabia, porém, a Santo Agostinho a glória imortal de ter pela primeira vez introduzido Platão na teologia ortodoxa. Os filósofos eram os seres mais perfeitos da antigüidade. E esse fato contribuíra para a esperança de que a cisão entre fé e razão não duraria. Com Cristo, de fato, surgira um mundo mais elevado, e o que é mais alto encerra sempre em si a perfeição do que é mais baixo.

Tomás inclinou-se respeitosamente e tornou a assentar-se, enquanto o rosto sutil de Pignateli estava tenso e comovido:

- Assim não se apresenta um discípulo - disse com convicção. Assim fala um mestre.

Tomás levantou-se, embaraçado.

- Sinto muito, senhor, - disse humilhado - mas não conheço outra maneira de tratar o problema.

Pignateli lançou-lhe um olhar penetrante, depois sorriu. Uma única vez, ele que nunca elogiava, tinha feito um elogio ... e este havia sido tomado como uma repreensão. Continuando a sorrir e a menear a cabeça saiu da classe.

Não lhe era desconhecido o tipo dos que estavam ali calados, absorvendo tudo como esponjas. Mas não bastava. Quantos anos teria aquele jovem? Dezessete? No máximo dezoito. Era de pasmar. Naturalmente, a possível síntese entre fé e razão era um contra-senso. Tenta, e antes que dê pela coisa caís na heresia. Averróis

havia tentado, e até muçulmanos o consideraram herético. Maimônides também tentara, mas se havia atolado. A solução era impossível. Entretanto era divertido ouvir aquele gordo querubim que tendia para uma solução em tom sério e categórico. O melhor que a antigüidade tinha produzido eram os filósofos: de acordo. Agora vivemos num mundo superior, no mundo cristão. Logo, o nosso mundo deveria incluir a filosofia, isto é a coisa mais perfeita do mundo inferior. "O que é mais alto encerra sempre em si a perfeição do que é mais baixo". De quem o teria ouvido aquele jovem?

Nisso Pignateli encontrou magister Pedro, Pedro de Hibérnia.

"Mestre Pedro! Eis o homem de que preciso". e apresentou-lhe aquela tese para ouvir a sua opinião. Seria justa do ponto de vista da ciência natural? Pedro refletiu.

- Algo de certo há. As plantas estão acima dos minerais e contêm minerais. Os animais estão acima destes e daquelas e contêm partes de ambos. O homem? Nossos ossos são minerais, os cabelos são vegetais, e é supérfluo dizer o quanto temos dos animais. Vejamos a matemática: o cubo é uma coisa tridimensional e contém em si as retas da primeira dimensão e os quadrados da segunda. Porém, não saberia se isso é justo também em metafísica. Vejamos: os anjos estão acima dos homens: mas encerra a natureza deles a perfeição da natureza humana?

- Puro intelecto e pura vontade ...

- Não sei se é possível dizer isso de nós.

- E a perfeição do que há de melhor no homem. Creio que o jovem tem razão.

- Que jovem?

Pignateli contou e magister Pedro arregalou os olhos.

- Aquele bonecão? o de Aquino? Não é possível.

- Por que bonecão?

**- Fica ali quieto, com os olhos fixos, nunca pergunta nada, não toma nunca apontamentos.**

**- Eu também caí nessa. Mas experimenta e faze-o falar: verás o que acontece.**

**Enquanto isso o bonecão tinha deixado a aula e a universidade, e, aprofundado em seus pensamentos, não muito diversos dos de magister Pedro, não notou os muitos olhares que o acompanhavam, primeiro nos corredores, e depois na praça. Como sempre, entrou na igreja dos dominicanos, contígua ao convento da mesma Ordem, para rezar. Terminava sempre com uma breve invocação que, escrita em Montecassino e tornada parte integrante das suas orações cotidianas, assim ficou até o fim de sua vida. "Deus misericordioso, concede, imploro-te, que eu deseje ardentemente, estude sabiamente, compreenda retamente e execute de modo perfeito o que te agrada, para honra e glória do teu nome!"**

**Quando se levantou, viu junto de si frei João que sorria. Fez-lhe uma reverência e, tendo saído da igreja, acompanhou-o à sua cela, que era relativamente espaçosa e continha uma pesada secretária, duas fortes cadeiras, uma enxerga, e, como único ornamento, um crucifixo na parede em frente da secretária. Sentaram-se e ficaram alguns segundos em silêncio, como se fossem estranhos ou amigos íntimos. Eram ambas as coisas. De repente frei João sorriu:**

**- Lembra-me a primeira vez que nos encontramos ...**

**Tomás também sorriu. Ia em lombo de mula de Roca-sêca a Nápoles, seguido por três cavaleiros (fora sua mãe que impusera a escolta), quando viu um monge com o hábito dos dominicanos, rodeado por um grupo de moleques que lhe dançavam em volta, gritando a plenos pulmões: "Olhem a pega! A pega! Agarrem a pega!" O monge prosseguiu em seu caminho, os moleques começaram a atirar-lhe barro da estrada, de modo que Tomás, irado, esporeou a mula. O animal, não acostumado àquele tratamento, foi apanhado de surpresa e deu um salto, espantando os moleques, que fugiram correndo, e Tomás, perdendo os estribos e as rédeas teve de se agarrar ao pescoço do animal para não cair. Dessa incômoda situação livrou-o o monge que ele próprio quisera livrar, e ambos acharam graça. O monge observou:**

**- Não é bom sinal, para um país cristão, que as crianças não tolerem padres e mendicantes. Mas quando é assim, é lógico que não podem tolerar um padre mendicante.**

**Tomás ofereceu a própria mula ao monge cansado e já idoso, mas este recusou cortesmente. Então Tomás apeou-se e começou a andar ao lado do frade, que também ia para Nápoles. Era o primeiro dominicano que encontrava e não queria deixar escapar a ocasião de conversar com ele. Aquela primeira conversa durou quatro horas, durante as quais os homens da escolta seguiam a pé e mal-humorados.**

**Em seguida tinham-se visto diversas vezes. o convento dos dominicanos ficava bem perto da universidade, onde alguns deles ensinavam. Já duas vezes Tomás tinha visto na sala de aula a cabeça grisalha de frei João. Sob a coroa de cabelos, o seu rosto era rugoso, mas tão vivo e inteligente que não se podia ainda considerá-lo um velho, e muito menos um velhaças. Que idade poderia ter? Cinquenta e cinco? Sessenta e cinco? Impossível precisar. Suas feições, enérgicas e aquilinas, eram mais próprias a um oficial romano que a um frade, mas os olhos eram azuis como as águas de um lago.**

**- Êh! o nosso primeiro encontro... - disse frei João. - Fizemos muito caminho desde aquele dia.**

**- Só uma parte, padre.**

**- Certamente, sempre só se faz uma parte, meu filho. Receio que o nosso caminho nunca tenha fim.**

**- A morte, porém, põe fim a toda atividade ... pelo que dela sabemos.**

**- Sim, pelo que dela sabemos. Nesta vida não podemos nunca ser tão ativos como na próxima. Não há nada de mais ativo como a contemplação. Sim, nesta vida. E o mandamento solene da nossa Ordem diz: contemplata aliis tradere. Não devemos guardar para nós o resultado do nosso trabalho, mas comunica-lo aos outros. Em demasia mantivemo-nos escondidos nos mosteiros. Era necessário, eu sei, como foi necessário para João Batista, e até mesmo para Nosso Senhor, retirar-se por algum tempo no deserto. Mas depois eles saíram para transmitir a sua sabedoria ao homem da estrada.**

**Os tempos estão maduros, mais que maduros, porque os inimigos de Deus adquiriram o saber ... e dele se serviram em conformidade com a sua natureza: falsificaram-no e reviraram-no até que se tornou apto a seus fins. Nós devemos responder com a verdade. - E o rosto rugoso tornou-se quase jovial com o sorriso. - Não é de estranhar se nos consideram incômodos: com a ajuda de Deus nos tornaremos mais incômodos ainda.**

**Tomás deu um profundo suspiro.**

**- Padre, achas que poderia ser útil à tua Ordem?**

**Ficou algum tempo pensativo, de olhos fechados, e depois frei João disse secamente:**

**- Certamente. Por que não? - e acrescentou: - Gostarias de resolver o problema da síntese entre fé e filosofia?**

**O jovem enrubesceu:**

**- Quem te disse, padre?**

**- Estava lá, na aula.**

**- Padre, disseste ... que eu poderia tornar-me útil à Ordem ...**

**Frei João levantou os grossos supercílios:**

**- E uma vida dura, Tomás, mais dura que a dos beneditinos. O nosso jejum vai do dia da Exaltação da Cruz, em setembro, até o Sábado Santo. Durante todo esse tempo só se come uma vez por dia. Viaja-se sempre a pé, e vive-se de esmola. Não é para todos a vida de mendicante.**

**- Podes fazer o favor de propor-me ao padre prior? - perguntou Tomás com simplicidade.**

**Frei João fingiu não ter ouvido e prosseguiu como se estivesse falando consigo mesmo:**

**- A Igreja é universal. Todos nela encontram lugar, cardeais,**

arcebispos, abades, rochedos da oração, castelos é fortalezas do estudo, missas solenes e silenciosas rezas de ermitões. Cada coisa tem seu lugar, e tudo é bom. Mas São Domingos e São Francisco ... ressuscitaram o cristianismo primitivo. Não é uma reforma, mas é como emendar o fio partido, um fio precioso; é como que acelerar a circulação do sangue na Igreja, que é o Corpo Místico de Cristo; é como acelerar o seu pulso, mover mais rapidamente para Deus. Creasti nos, Domine, ad te ... para ti (ad te) nos criaste, Senhor. Não per te. \$ a escora ao tronco vertical da cruz o que vale ... pois que o horizontal apoia-se neste.

Levantou-se e pôs-se a passear pela cela.

- As nossas melhores cabeças estudam o problema por ti mencionado. Têm fome e sede de conhecimento e de sabedoria, mas não como os diletantes da corte imperial que distilam uma mistura moderna de ceticismo e de mística oriental. Nós sabemos que a ciência tem a tarefa de ler na natureza a vontade de Deus.

Também Tomás levantou-se.

- Padre, estou pronto - disse. - Dizei-me apenas a quem devo dirigir-me para obter o hábito da Ordem.

Frei João parou, de rosto grave.

- Tu és jovem, Tomás; ainda és quase um rapaz. Agora o teu entusiasmo é fervoroso, mas com alguns anos de nossas fadigas podes perdê-lo. Não sabes, não podes saber ainda o que pedes. Depois, trazes um grande nome, o nome de uma casa soberana. Ao entrares na Ordem, talvez tua família te repudie. Aliás, estou quase certo de que chegaria a isto. Para tua mãe seria um golpe rude e uma grande dor. Ela não te criou para que te tornes um mendicante de Deus. Não é segredo para ninguém que em Montecassino te espera uma tarefa altíssima, e, eu mesmo o reconheço, verdadeiramente sagrada. Lá terás muitas almas sob teu cuidado, exercitarás um grande poder. E um lugar em que poderás fazer uma infinidade de bem. Por que, pergunto, deverias romper irrevogavelmente e para sempre com todo o teu passado? Se o fizesses, deverias provavelmente fugir, pois que os de Roca-sêca não se conformarão com facilidade; e o braço do poder civil é comprido e forte. Meu filho, não creio que o hábito da nossa Ordem

**tenha sido feito para ti.**

**Tomás empalidecera e suas mãos tremiam: sem mais inclinou-se e foi saindo.**

**Mas frei João chamou-o de volta:**

**- Tomás, meu filho, reconheces que as minhas razões são plausíveis e que te convenceste?**

**O jovem voltou-se e respondeu humildemente:**

**- Não, padre.**

**O dominicano aproximou-se um passo.**

**- Admites, pelo menos, que são muito importantes para que não se deva refletir algum tempo, por exemplo... uma semana? não? um dia pelo menos?**

**- Não, padre, - respondeu Tomás humildemente como antes.**

**Frei João fechou os olhos.**

**- Em que, permite-me perguntar-te, baseias a tua opinião?**

**- Nas palavras de Nosso Senhor - disse Tomás sem titubear. "Eu vim trazer a discórdia. O pai estará em discórdia com o filho e o filho com o pai, a mãe com a filha e a filha com a mãe"; e "quem ama o pai e a mãe mais do que a mim não é digno de mim".**

**- E por que - trovejou frei João - não o disseste quando te perguntei se minhas objeções te haviam convencido?**

**- Porque, padre, não me perguntaste as minhas razões.**

**Os olhos de frei João cintilavam.**

**- Frei Tomás, hoje mesmo receberás o hábito da Ordem.**

**- Tu... tu me recomendarás ao padre prior? - perguntou Tomás**

radiante.

- Não é preciso - disse frei João gentilmente. - Eu sou o geral da Ordem.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO IV**

**- Nicolau, vinte homens estejam prontos, dois cavalos para mim e sir Piers. Partiremos já.**

**- Sim, senhora condessa.**

**- Corre! Tinha de acontecer justamente na ausência de Landolfo e Rinaldo. Quando se precisa deles nunca estão. Não fiques aí parado como uma estátua, sir Piers: apressa-te. Vamos sem provisões. Encontraremos pelo caminho o que for preciso.**

**O jovem inglês desapareceu sem dizer palavra, mas no limiar teve de afastar-se porque as três irmãs chegavam esbaforidas.**

**- Que está acontecendo, mamãe?**

**- Não tenho tempo para explicar. Onde está Nina? Onde Eugênia? Quando se precisa, nunca há ninguém. Preciso vestir-me. Devo partir.**

**- Nós te ajudamos, mamãe.**

**- Faremos melhor do que as camareiras ...**

**- ... enquanto isso diz-nos o que aconteceu.**

**- O vestido está no baú preto ... Não, não esse, aquele azul de montaria ... sim, esse ... Adelásia, ajuda-me a tirar esse trapo de seda.**

**- Que há, mamãe? Más notícias de Rinaldo?**

**- Qual Rinaldo, qual nada! Tomás, aquele tonto ...**

**- O imperador terá mandado queimar a universidade? - Teodora seguia sempre uma lógica sua: se o imperador tinha começado queimando o teto sôbre a cabeça de Tomás ...**

**- Antes fosse isso! Mas não: Pouco me importam os incêndios do**

**imperador. Aqui ele não tem nada que ver. É Tomás, compreendes; Tomás, aquele estúpido! Eu sabia que um dia cometeria uma asneira. Esta, porém, eu não esperava. Ainda bem que o seu pai não teve tempo de vê-la.**

**- Mas, afinal, mamãe, que fez ele? - Finalmente tinham conseguido tirar-lhe o pesado vestido. Seminua, com os olhos em brasa, a condessa parecia uma deusa pagã, belíssima e encolerizada.**

**- Que fez ele? Desonrou-nos! Ouvindo o nome dos de Aquino, todos hão de rir, de um lado ao outro do reino. Fez-se frade mendicante!**

**- Não é possível!**

**- Não fiqueis aí olhando. Ajudai-me a pôr esta veste. Segura aqui. Marta, e não fica puxando de todos os lados. Frade mendicante, sim! Entrou nos dominicanos. É louco, inexperiente, atrasado e tudo mais. mas é um de Aquino, e os de Aquino não são mendicantes nem mesmo sob a batina. Tudo tem limite. Ora essa! Um de Aquino que vai pedir esmola pela rua! Que faz discursos e prédicas diante da escória das cidades! Meu Deus, que fiz eu para merecer tanto? Mas não estás vendo, Marta, que o botão está mais em cima? Mais em cima, não mais embaixo. Esta bendita moça nem sabe distinguir entre alto e baixo. Frade mendicante! Em túnica de camponês, preta e branca. É. impossível. Mas eu vou-lhe mostrar ...**

**- Mamãe, como é que fez isso? Não é beneditino?**

**- Somente oblato, era; agora, entretanto, pronunciou os votos. Assira pelo menos parece. Carlos, que voltou de Nápoles onde tinha ido fazer compras, viu tudo com seus próprios olhos. Queria ter estado eu em Nápoles com ele! Fizeram uma grande festa os seus frades mendicantes. Compreende-se: não é todo dia que se pesca um de Aquino. Num instante espalhou-se a nova por toda a Nápoles. Levaram-no à sua mísera igrejola, mendicantes de um lado e de outro, e deram-lhe ... como se chamam? ... as insígnias da penitência e da submissão, e aquele danado hábito da Ordem. Engraçado, não? para um jovem que tem nas veias sangue imperial! Penitência e submissão, saia de mendigo. É claro que Carlos viu tudo, mas não podia impedir: estava só e não recebera instruções, mas foi bastante inteligente para ficar observando e verificar que querem transferir Tomás para Roma.**

- Para Roma? Por que para Roma?

- Juízo de galinha! Perguntas por quê? Porque sabem muito bem que eu não posso concordar, e em Nápoles não se sentem bastante seguros. Porém eu saberei achá-lo, mesmo em Roma. E como! E então hão de ouvir-me. Eu ...

- Os homens estão prontos, senhora condessa.

- Está bem. Dá-me o rebenque. Dentro de três dias estarei de volta.

E saiu apressada, enquanto as três mocinhas olhavam-se espantadas.

- Nunca pensei que Tomás fosse tão estúpido - observou Adelásia.

- Os homens são estranhas criaturas - comentou Teodora. Nunca se sabe o que pensar deles.

Percorreram as sessenta milhas até Roma em pouco mais de quatro horas. Em Terracina, enquanto passavam a galope, uma procissão se desfez numa confusão geral. Em Anágua atropelaram dois cachorros, e quase um velho.

Quando chegaram às portas da Urbe, os guardas papais desarmaram-nos antes de lhes permitir o ingresso na cidade. Apenas Piers sendo cavaleiro, pôde conservar sua espada. Isso não contribuiu em nada para melhorar o humor da condessa que esqueceu o projeto, preparado durante a viagem, de pôr-se em contato com o primo Paulo Orsini e, através disse homem influentíssimo, alcançar as autoridades dominicana. Ordenou, ao contrário:

- Ao convento de Santa Sabina.

Era o primeiro convento dominicano da Urbe. perto da igreja de Sixto II: a fortaleza da Ordem. Tomás só poderia estar ali: ela estava segura. À porta do comento desceu da montaria e tocou a campainha.

O porteiro abriu a portinhola, e quando viu a condessa com um

**cavaleiro armado e um grupo de homens com armadura, embora desarmados, fechou logo.**

**- Abre imediatamente! - ordenou a condessa indignada. Nenhuma resposta. Ela bateu diversas vezes à porta com o cabo do rebenque e puxou a campainha violentamente. - Abre! - gritava exasperada. Abre ou mando derrubar a porta.**

**A portinhola abriu-se de novo e ela pôde ver o rosto de um frade; não era o mesmo de antes: uma cabeça encanecida com rosto de água e olhos azuis.**

**- Que há?**

**- Abre a porta.**

**- Este é um convento de dominicanos: não posso abrir a uma mulher.**

**- Abre logo, estou dizendo!**

**- Impossível.**

**- Se não abrires meus homens derrubarão a porta, caro irmão.**

**- Quem o fizer - rebateu o frade sem alterar-se - fica excomungado ipso facto. Este chão é sagrado.**

**- Talvez ignores com quem estejas falando: eu sou a condessa de Aquino.**

**- Aqui não és mais que qualquer outra criatura humana.**

**A condessa conseguiu dominar-se.**

**- Não deves falar assim porque eu sou a mãe do conde Tomás de Aquino que, quase menino, foi trazido para cá sem que eu soubesse e contra a minha vontade. Devolve-o, só peço isso.**

**- Aqui não há nenhum conde Tomás de Aquino, e frei Tomás tomou espontaneamente a sua decisão.**

**- Então confessas que está aqui! - exclamou ela; mas ainda conseguiu dominar-se. - Não é mais a condessa de Aquino que te fala, mas apenas uma mãe que quer o seu filho de volta. Dá-me a minha criatura e haverá paz entre nós.**

**- Repito que o teu filho tomou sua decisão diante de Deus e da Ordem. O seu voto é irrevogável, e tu não tens nenhum motivo para estar triste. Para uma mãe não há maior honra do que deixar um filho a serviço de Deus. Por outro lado, tornarás a vê-lo, mas não logo.**

**A condessa perdeu a paciência e gritou:**

**- Vê-lo-ei à custa de pôr em movimento toda Roma; aliás, fá-lo-ei voltar para casa. Ninguém tem o direito de se interpor entre mãe e filho, e muito menos uma horda de religiosos incitadores do povo. Hás de te arrepender por teres atraído meu filho para a tua odiosa confraria.**

**- Deus te perdoe, minha filha, como eu te perdôo - disse o frade friamente; e fechou a portinhola.**

**Ela ficou petrificada um instante, depois voltou-se e disse:**

**- Quero montar.**

**Piers ajudou-a e estendeu-lhe as rédeas.**

**- Ao palácio de Latrão!**

**Sinibaldo Fiesque, conde de Lavanha, papa há poucos meses com o nome de Inocêncio IV, era um homem de estatura média, ágil e elegante. Pouco de comum tinha com seus dois últimos predecessores: nem a estatura gigantesca e a energia quase sobre-humana de Inocêncio III, nem a obstinada tenacidade de Gregório IX. Suas extraordinárias noções de direito não o tinham ancilosado, mas tornado mais elástico ainda. Sabia muito bera que Frederico II era um grande homem e bastante inteligente para ignorar que era outro tanto grande. Subira de má vontade ao trono papal: percebia que Inocêncio IV não podia desculpar aquilo que o Cardeal Fiesque tinha, senão desculpado, ao menos tolerado, porque sabia muito**

**bem que, assumindo outra atitude, não conseguiria nada. Agora, porém, era preciso decidir-se ou pôr um acordo ou pela ruptura; e todo o seu ser desejava um acordo. Pensava que Frederico tinha também boas qualidades e que, tratando-o com justa medida, podia-se chegar a ótimos resultados. Naturalmente não podia revogar a excomunhão do imperador até que este não mostrasse arrependimento. Quanto à penitência e à reparação, era de se considerar que todo o resto da vida de Frederico não seria suficiente. Muitas cidades, muitas vilas, castelos, conventos tinham sido queimados; muitos homens mortos, alguns de modo horroroso. Todavia não era para se desesperar.**

**O papa pensava na doutrina do inferno. Os cristãos deviam crer na sua existência. Cristo tinha-o citado não menos de seis vezes no sermão da montanha, como o sabe quem quer que tenha continuado a leitura além das bem-aventuranças. Muitos preferiam não o fazer, mas de ninguém se podia dizer com absoluta certeza que estava no inferno: nem mesmo de Judas Iscariotes, apesar do seu terrível apelido de "filho da perdição". O inferno existia ... mas talvez estivesse vazio ...**

**Portanto, também Frederico podia ter esperança; e se podia esperar até diante do último e supremo tribunal, que não admite possibilidade de apelação, para ele devia haver uma esperança também na terra.**

**Certamente, o céu sabia que a situação não era fácil para o sucessor de S. Pedro. O ponto pior era o espectro da "dupla fidelidade" que pairava sobre o império como uma nuvem prenhe de tempestade: fidelidade ao papa e fidelidade ao imperador; condição intolerável para qualquer consciência humana. Era preciso esconjurar o espectro: isto é, o imperador devia voltar ao seio da Igreja. Não havia outra possibilidade.**

**Todos, todos iam ao papa com suas justificadíssimas queixas e acusações: o abade de Santa Justina que Frederico tinha expulso do mosteiro; o abade de Montecassino cuja casa o imperador havia incendiado, e na qual haviam perecido onze monges; as cidades da Lombardia às quais o imperador movia guerra todos os anos; as cidades em torno de Lucera, Foggia, Térmoli, onde mocinhas e mulheres desapareciam sem deixar vestígio, até que apareciam em algum harém dos sarracenos da colônia muçulmana de Lucera. Todos, todos iam ao papa ... porque não ousavam ir ao imperador. E**

**o papa não podia fazer nada: o patrimônio em torno de Roma era pequeno, o exército fraco, exíguas as rendas. Como soberano temporal, o pontífice não podia agir contra o imperador, contra o stupor mundi, como era chamado; e como soberano espiritual... Frederico estava repudiado, e portanto "livre", e parecia que se achasse bem naquela tremenda "liberdade". De certo, a sua alegria não poderia durar muito, mas o que o papa podia oferecer às vítimas do imperador reduzia-se à compaixão e à oração.**

**Não se vislumbrava o fim daquela pavorosa situação. Frederico era relativamente jovem, pouco mais de cinqüenta anos, e seus filhos, com exclusão talvez de Enzo, já se mostravam piores que o pai. Mais uma vez, como aos tempos de Nero, de Diocleciano e de Atila, o povo sentia o domínio do Anticristo.**

**Tivesse, pelo menos, Frederico feito um gesto de paz! O papa tinha providenciado que lhe fosse sugerida a idéia. A continuação daquele estado de coisas não era vantajosa nem mesmo para o imperador. Qualquer coisa acontecesse em seu coração, não havia dúvida de que a excomunhão tinha-lhe dado muita dor e amargos sofrimentos.**

**Essa a realidade, esses os pensamentos de Inocêncio IV, quando já em tarda flora, foi-lhe anunciada a visita da condessa de Aquino.**

**Aquino ... Aquino: família absolutamente fiel ao imperador. Pelo menos dois filhos serviam no exército imperial. Muitos anos antes o papa encontrara o velho conde Landolfo. Mas não conhecia a condessa, aliás nunca tinha ouvido o seu nome em nenhum relatório político. Que poderia querer assim tão de improviso e em hora tão insólita? Que o imperador a tivesse mandado justamente porque não se havia nunca comprometido politicamente? Improvável, mas não impossível. Tudo podia acontecer quando se tratava do "esturpor do mundo"...**

**Ordenou que a introduzissem.**

**Apresentou-se calma e solene, ajoelhando-se para beijar. o anel, desculpou-se por ter vindo em hora tão inconveniente. Depois contou o ocorrido de acordo com a verdade e pediu que a ajudasse.**

**O papa compreendeu logo que aquela visita nada tinha a ver com o imperador; tratava-se simplesmente de uma grande dama**

acostumada a ser obedecida e incapaz de tolerar que lhe não satisfizessem os desejos. Compreendeu também que ela não devia ter em grande consideração o caráter e a inteligência de seu filho Tomás; de qualquer modo, com razão ou sem, em relação àquele juízo, ele não podia tornar responsável a Ordem dominicana pelo fato do jovem Tomás ter querido entrar para ela. Quantos anos tinha? Quase dezoito. Portanto uma idade em que os jovens italianos eram capazes de pensar livremente ... se é que eram capazes de pensar.

A condessa fez-lhe observar que o imperador ter-lhe-ia certamente deferido a abadia de Montecassino para o filho, e essa era a razão principal que a tinha levado a se opor com todas as forças ao desejo de Tomás de tornar-se frade mendicante. Até então o papa só uma vez a havia interrompido para perguntar a idade de Tomás, mas agora disse com delicada firmeza:

- O imperador não tem direito de decidir quem deve ser o abade de Montecassino. Por outro lado, até agora não demonstrou certamente preocupar-se pelo bem-estar daquela abadia ...

Ela perdeu o fôlego, pois agora compreendia que a sua visita ao papa poderia ser mal interpretada pela corte imperial. Tinha-se colocado numa situação perigosa, no meio das duas partes contendoras. Decidiu, pois, cortar a audiência.

- Vejo que Vossa Santidade não pode ajudar-me...

- Pelo contrário - replicou o papa com um sorriso cortês. Estou bem disposto, minha filha, a socorrer-vos com todas as forças.

Pelo menos no momento, não havia nenhum motivo para opor-se ao imperador, se realmente este queria entregar a abadia a Tomás. Pelo contrário, havia toda vantagem em atendê-lo, desde que ficasse esclarecido que a nomeação partia do Latrão, e não do quartel-general do imperador. Contudo, era preciso examinar bem o jovem, e o papa tinha necessidade de ser um prior muito capaz. Mas não havia pressa.

Teodora levantou-se:

- Vossa Santidade quer ajudar-me? Agradeço-vos. Uma só palavra

**vossa e aquela terrível Ordem devolver-me-á o filho, que poderá exercer um cargo digno do seu título.**

**O pontífice levantou suas belas mãos delicadas para protestar docemente:**

**- Assim tão fácil não é, minha filha. Mandarei examinar o caso, e afinal será preciso também ouvir o desejo dele. Eu não posso obrigá-lo a abandonar a Ordem, a menos que não haja motivos que, felizmente, não subsistem. Quanto a Montecassino, poderemos fazer alguma coisa logo que seja oportuno. Dezoito anos não bastam para ser abade ... tenho certeza que compreenderás.**

**Ela ajoelhou-se em silêncio para receber a bênção e, poucos minutos depois, deixava o palácio. Na porta esperava-a a escolta.**

**- Sir Piers, sinto ter de ordená-lo, porque deves estar cansado de tanto cavalgar, mas é preciso. A audiência fracassou. Toma metade dos homens e vai o mais depressa possível a Ceprano, onde encontrarás meus filhos, pelo menos espero que ainda estejam lá. Conta-lhes o acontecido e dize-lhes que conto com eles para que me tragam de volta o meu Tomás. Não a Roca-sêca, mas à fortaleza de Monte São João. E nenhum dos dois me apareça sem Tomás. Os mendicantes, se bem os conheço, devem já tê-lo levado para fora de Roma. Landolfo e Rinaldo tratem de interceptá-lo e trazê-lo de volta, não me importa como!**

**Estavam atocaiados sôbre uma pequena elevação perto de Água pendente: localidade bem escolhida, não só porque dali podiam-se dominar as numerosas curvas da antiga estrada romana, ladeada de ciprestes a intervalos regulares como dentes na boca de um antigo gigante, mas também porque estavam bem abrigados atrás das espessas moitas de oleandros.**

**- Que vês, Landolfo?**

**- Nada.**

**- Continua olhando, tu que tens vista melhor que a minha.**

**- Não terá já passado?**

- Não é possível - respondeu Rinaldo impaciente.
- Sei lá. R cimo Procurar agulha em palheiro.
- Tomás parece-me uma agulha bem grossa, caro Landolfo. De mais a mais, não deve estar sozinho, e nós viemos passo a passo até quase os muros de Roma, explorando todas as estradas em busca daquelas malditas túnicas brancas e negras.
- Eh! - disse Landolfo. - E como uma batida de caça.
- Caça, agulha no palheiro: hoje estás com o capricho das comparações, - disse Rinaldo rindo. - Que achas sir Piers?
- Ainda não passou - respondeu o jovem inglês.
- Porque tens tanta certeza? - perguntou Landolfo.
- Não apenas por causa da rede que estendemos. O peixe pode escapar de qualquer rede, se as malhas são bastante largas.
- Outra comparação! - suspirou Rinaldo.
- Creio, porém, que deve ser excluída a hipótese - prosseguiu Piers - de que o tenham deixado sair de Roma enquanto a condessa lá estava. Num só lugar podia considerar-se ao abrigo: no convento romano. Eu galopei rápido para vir falar-vos. Logo, não pode ter deixado Roma há muito, e portanto o capturareis.
- "Ao diabo esses ingleses", pensou Rinaldo. A explicação era lógica e razoável, e apresentada em tom cortês e correto; não obstante, compreendia-se que sir Piers desaprovava aquela ação. Ou seria uma suspeita injustificada?
- Parece-me ver alguma coisa - disse Landolfo.
- Onde? Sim, caramba, são frades. Vejamos: preto ... e branco. Dominicanos. São cinco, dois gordos e três magros; aquele grande à esquerda é ele, o irmão monge. A cavalo, cruzados! Pagãos à vista! Combatei com valor cristão ...

**- Pára com isso - resmungou Landolfo.**

**- Agora podemos voltar às panelas da mamãe - cantou o imperturbável poeta. - Em sela, em sela ...**

**Enrugando a testa, Landolfo montou, e Piers e Rinaldo seguiram o exemplo. Tinham consigo trinta homens, e mais de sessenta vigiavam outras estradas; mas esta era para setentrião, portanto amais provável.**

**- Comanda, general, - exclamou Rinaldo. - Acometeremos como Aquiles, Aníbal e César.**

**- Avante todos! - ordenou Landolfo zangado sem saber por que. Incitou o cavalo e desceu a galope seguido por Piers, Rinaldo e os outros. Num minuto os cinco dominicanos estavam cercados.**

**- Eis - disse Landolfo mal-humorado. - Fala tu, Rinaldo.**

**O poeta inclinou-se com um sorriso irônico:**

**- ótimos irmãos, rogo-vos crer que nada temos contra vós. Desejamos apenas reaver o nosso irmãozinho Tomás que anexastes a vós, diria. Queremos levá-lo para casa da mamãe e das irmãs.**

**Frei João ficou calado. Os frades Da Guidi, Sanjuliano e Lucca não disseram nada de modo que Tomás decidiu falar, e indicando os outros disse solenemente:**

**- Estes são minha mãe, meus irmãos e minhas irmãs.**

**Piers suspirou porque sabia de onde haviam sido tomadas aquelas palavras. A defesa, a única defesa contra a violência, era novamente uma frase de Cristo. E ele sentiu de novo o que sentira quando o abade de Montecassino usara da mesma arma. Dir-se-ia que para cada circunstância da vida há uma palavra de Cristo que tira a razão do adversário.**

**Rinaldo abaixou-se sobre a sela.**

**- Eh! Tomás, - disse com aspereza - não sei o que tu pensaste quando projetaste essa bela brincadeira, nem me importa sabê-lo.**

**Agora, porém, vens conosco; entendido?**

**Fez um sinal a dois homens que, desmontando, agarraram pelos braços frei Tomás. Este não opôs resistência; quando, porém, tentaram colocá-lo sobre um cavalo, seus poderosos ombros e braços puseram-se em movimento tão rapidamente que os dois homens, surpresos, recuaram, e um deles, perdendo o equilíbrio, caiu de costas, entre as risotas dos companheiros.**

**- Prendei-o! - gritou Rinaldo, pálido de cólera. - Agarraí-o, súcia de covardes.**

**Mas a decisão coube a Landolfo. Fora um erro confiar a Rinaldo a tarefa de discutir. Qualquer discussão era fora de propósito, além de inútil. Viu que o frade de cabelos cinzentos tirava um crucifixo de madeira e, por instinto, compreendeu que estava para ouvir uma maldição solene: era preciso agir sem demora.**

**- Quietos todos! - gritou, e enquanto os outros se retraíam, ele conduziu o cavalo junto de Tomás e agarrou-o pelo braço. - Rinaldo, agarra o outro braço, rápido! - Rinaldo obedeceu e, pondo o irmão entre eles, incitaram os cavalos. Nem um gigante poderia ter resistido, e Tomás em vão procurou libertar-se.**

**- Deixai em paz os frades e acompanhai-nos! - ordenou Landolfo aos seus homens. Afinal Tomás estava livre do cerco perigoso dos frades. Piers avançou um cavalo sobre o qual, ajudados por alguns dos seus homens, os irmãos puseram Tomás. Apanhadas as rédeas, Landolfo ordenou: - A galope! - e levantando uma densa nuvem de poeira tomaram o caminho de Roma.**

**Frei João de Wildhausen, mestre geral da Ordem dos pregadores, comumente chamados dominicanos, voltou-se de repente e marchou também em direção de Roma, engolindo algumas vezes em seco, antes de poder dizer: - Rezemos pelos nossos inimigos. - Os outros obedeceram, mas o velho frei Sanjuliano conhecia muito bem o seu geral para não saber que não se teria limitado à oração, mesmo sabendo o que significasse litigar com os de Aquino. Depois de uma hora chegaram ao convento 'e frei João começou a escrever uma carta ao papa.**

**Ao mesmo tempo, os vencedores tinham abandonado a estrada e**

cavalgavam em amplo círculo em torno de Roma, recolhendo as pequenas guarnições deixadas nas outras estradas. Depois de três horas alcançaram os subúrbios meridionais da Urbe e galoparam pela Via Ápia em direção ao sul para chegarem à fortaleza de Monte São João. Cavalgavam em grupo cerrado, mantendo no meio o prisioneiro. Imperiosos toques de trompa exigiam caminho livre. O estandarte azul dos de Aquino pairava sôbre o grupo.

- 
- *Anterior*
  - *Índice*
  - *Posterior*



## **CAPÍTULO V**

- **A coisa está se tornando tremendamente aborrecida - resmungou Landolfo.**
- **Por, quê? - perguntou Rinaldo esvaziando o cálice.**
- **Monte São João é um péssimo sucedâneo de Roca-sêca ou de Aquino. R muito pequeno. Apenas uma dúzia de servos para todos nós, e nada de música ... exceto a tua, é claro ...**
- **Obrigado.**
- **De nada. Não vem ao caso. Nada de trovadores, nada de festas, nossos amigos infinitamente longe ... dir-se-ia que estamos sitiados.**
- **De fato, o estamos, meu irmão, - confirmou Rinaldo alegremente. - Que queres? Temos numerosos inimigos: a inteira e poderosa Ordem dominicana, com não sei quantas centenas ou milhares de guerreiros de saia alvinegra, e talvez também o papa com o seu exército de indigentes, todos estão atrás de nós porque lhes roubamos o indigente de todos os indigentes, a jóia de todas as jóias, o seu máximo orgulho, o incomparável, o insubstituível irmão Tomás.**
- **Será que nunca falas a sério?**
- **Nem pensemos nisso. Chega a vossa seriedade. Sois tão sérios que excitais os nervos uns dos outros. Tu, então, irmãozinho, tens a consciência pouco limpa.**
- **Por quê?**
- **Porque roubaste o precioso irmão Tomás e o encarceraste mima garrafinha de cobre com o selo do rei Salomão. E agora suportas lima grave e espantosa maldição: és obrigado a vigiar a garrafinha de cobre para que o gim não possa escapar. E gostaria de saber o que há de mais chato que vigiar um gim engarrafado. Não me admira que resmungues.**

**- Poderíamos ter levado o jovem a Roca-sêca ...**

**- Não, Landolfo, não era possível. Não se pode considerar glorioso manter encarcerado um membro da família no castelo de seus antepassados.**

**- Cárcere? A sala da torre é bem espaçosa ... guarnecida muito melhor que a cela que lhe teriam reservado em seus malditos conventos.**

**- Juízo leviano, como sempre, meu caro. Ele quer justamente a cela e não a sala da torre. Na cela teria pouco conforto, mas o teria renunciado espontaneamente. Aqui, ao contrário, o obrigamos a viver como vive: esta pequena diferença chama-se liberdade. Mas, a propósito, mamãe deseja que se fale o menos possível disso, assim insistiu lógi- na escolha de Monte São João ... onde não recebemos hóspedes. Bebes outro copo?**

**- Sim, obrigado. Sabes que te quero dizer uma coisa?**

**- Não, porém di-la-ás se o pedires com bons modos.**

**Tomás. Di-la-ei, queiras ou não. Eis: aqui somos tão prisioneiros quanto**

**- Claro - riu Rinaldo, - Esta é a sorte dos algozes. Mas talvez se pudesse fazer alguma coisa.**

**- O diabo que o leve, aquele jovem idiota - explodiu, - Quisera dar-lhe uma surra por iodos os dissabores que nos tem causado. Quisera , , ,**

**Calou-se vendo entrar a condessa com uma de suas damas.**

**- Ah! estais aqui ambos! Vou ver Tomás, que teve uma semana inteira para pensar na vida. Deveria ser suficiente. Mas recusarei vê-lo até que vista aquela absurda roupa de mendicante. Eis aqui roupas decentes. Entrega-a ao conde Landolfo, Eugênia, e tu, Landolfo, leva-lhe e diz-lhe que se vista decentemente. Depois manda queimar aqueles trapos brancos e pretos. e, se resistir, obriga-o.**

**Landolfo atirou uma olhadela a Rinaldo.**

**- Pode ser que resista - disse ele animado de boas esperanças. - Obrigado, mamãe, estejas certa que os teus desejos serão satisfeitos. Depois saiu rindo.**

**- Sabes, mamãe, que es extraordinária? - disse Rinaldo. - Não creio que outra mãe tivesse sabido resistir uma semana inteira sem ir ver o seu pimpolho. Gostaria, porém, que em lugar de Landolfo e eu, fossem as meninas que levassem a comida a Tomás. É tão ridículo! . .**

**- Está bem, falarei com elas. Compreendo muito bem que desejas ter um pouco mais de tempo disponível .. . sair e poder estar fora uma ou duas noites ...**

**- Mamãe, és um gênio!**

**Nisso ouviu-se um ruído de madeira quebrada e a voz de Landolfo, estranhamente rouca e apgada, mas não tanto que não ouvisse o nome de Rinaldo.**

**- Rinaldo! ...**

**- Parece-me que alguma coisa está fora do lugar - disse o poeta. - Ou então excessivamente no lugar. Vou ver. - E saiu lentamente. O rumor aumentou e continuaram os ruídos de madeira quebrada. Afinal, voltou o silêncio; os dois irmãos entraram.**

**- Mãe Santíssima! - exclamou a condessa. - Que aconteceu?**

**Landolfo tinha o nariz vermelho e inchado, e com lima careta cie dor passava a mão na cabeça, onde estava nascendo um galho. Tinha os cabelos desgrenhados e as roupas rasgadas. Estava tão ridículo que Eugênia não pôde reprimir o riso. Rinaldo vinha com um olho roxo. Ambos suavam abundantemente e respiravam custosamente, mas traziam o troféu da vitória: os farrapos do que fora um hábito dominicano.**

**- General, - disse Rinaldo dirigindo-se à mãe - eis a vitória mas pagamo-la por alto preço.**

**- Não me digas que Tomás...**

**- Belo monge, aquele! - exclamou Landolfo sem fôlego.**

**Nunca ... vi ... coisa assim. Bateu-me na cabeça com um pedaço de cadeira.**

**- Landolfo passou um mau momento - explicou o poeta. Quando cheguei estava estendido no chão e Tomás, sentado em cima, imobilizava-o. Aproximei-me, mas o rapaz foi ligeiro e deu-me uma pancada no olho. Há um espelho por aí? Devo estar de meter medo! Enganamo-nos todos: tu, mamãe, papai, todos nós. Não se lhe devia permitir que se fizesse frade. Parece que nasceu para manejar a espada. Aposto que racharia um sarraceno da cabeça aos pés com um único golpe. Ai! como me dói este olho!**

**- E tudo isso - resmungou Landolfo - só porque, conforme o teu desejo, quis tirar-lhe estes trapos.**

**- Chega, Eugênia! - bradou a condessa, e a mulherzinha parou de rir.**

**- Vai-te. -Depois, dirigindo-se a Rinaldo: - Está ferido também Tomás?**

**- Não posso dizer - confessou Rinaldo. - Não tive tempo de verificar. Mas ele também deve ter apanhado.**

**- Espero - disse Landolfo com raiva.**

**O quarto em que Tomás estava preso ficava no fundo daquele corredor. A chave estava na fechadura.**

**- Boa esta! - exclamou Landolfo que, tendo sentado, enchia um copo de vinho. -Nunca tive uma surpresa assim. Um frade que distribui pancadas como um doido.**

**- Como foi que começou?**

**- Pedi-lhe os trapos da Ordem ...**

**- Com bons modos, é claro!**

- Mais ou menos.
- Compreendo.
- Raios, quisera dar-lhe uma surra em regra.
- Se o tivesse sabido, ter-te-ia deixado gritar à vontade, e agora enxergaria com ambos os olhos.
- Ele não a merecia, talvez?
- Pode ser - respondeu Rinaldo. - Mas quem apanhou foste tu ... e eu também. Não penses que ele tenha apanhado muito. Caramba, é forte como um touro. E o que é pior ...
- Que é?

Propus à mãe que as refeições sejam-lhe levadas pelas meninas em vez de nós, e ela concordou perfeitamente. Sabes, queria ir a Nápoles visitar a pequena Bárbara.

- E que diabo vem a ser a pequena Bárbara? Ai! a minha cabeça!

O olho bom de Rinaldo tomou uma expressão sonhadora.

- É a mais fascinante garota de Nápoles, uma pessoazinha extraordinária. Infelizmente não fui eu só a descobri-la. Ela cuidou disso ... a ponto que meia Nápoles atirou-se a seus pés, e receio muito que não se tenha contentado só com os pés. Bárbara tem diversas coisas para dar, irmãozinho meu, e as dá com toda generosidade.

Esperava ir vê-la amanhã à noite, na sua casinha cor-de-rosa, pouco longe de Santa Inês; e agora, não é mais possível.

- Por quê?
- Ora, basta olhar-me. Serão preciso três ou quatro dias antes que passe o inchaço e, ainda assim, ficarei com o olho marcado. Iria rir-se de mim.
- Não sei por quê. Se é uma meretriz, tomará o teu ouro mesmo que

**fosses corcunda como o bobo do imperador.**

**- Landolfo, Landolfo! - exclamou Rinaldo escandalizado. - Não fales assim da pequena Bárbara, que toma o meu dinheiro, sim, mas nem por isso renuncia ao senso estético. Não pretendo de modo algum mostrar-me a ela neste estado.**

**- Daí podem-se tirar duas deduções - observou Landolfo. - Em primeiro lugar, ela tem bastante dinheiro para permitir-se fazer preciosa quando lhe dá na veneta. Em segundo lugar, não se trata do seu senso estético, mas do teu, ou seja; tu és imensamente vaidoso. Onde disseste que fica a sua casinha?**

**- Pouco longe de ... não, não, irmãozinho, tu estás com um aspeto pior do que o meu. Já eras feio antes que Tomás te pusesse o nariz como um tomate, os olhos chorosos e aquele galo na cabeça. Oh! a minha pequena Bárbara! Fui um bobo. Era mesmo preciso que fosse salvar-te? Não podia deixar-te tranqüilamente sob o peso de Tomás? Se visses como é volúvel: as vezes parece uma lagartixa ao sol, indolente, quieta, e basta tocá-la para que desapareça como uma enguia; outras vezes é toda fogo e paixão, como a Astarte dos fenícios, e consume-te nas chamas do seu amor, e ficas com a impressão de que sejas o único que lhe importe, que para ela não haja outros homens no mundo, e que morreria de paixão se a abandonasses. Inspirou-me o Lamento, uma das minhas melhores canções:**

***Nunca  
me  
conforto  
Nem  
me vou  
alegrar.  
Os  
barcos  
estão  
no  
porto  
E  
querem  
zarpar:  
Vai***

**embora  
muita  
gente  
Em  
terras  
de  
além-  
mar;  
E eu,  
aflita,  
dolente,  
Por que  
hei de  
ficar?**

**- Bonita! - aprovou Landolfo generosamente.**

**- Raios do diabo! - explodiu Rinaldo - e agora não posso ir vê-la, não posso abraçá-la porque o irmão monge machucou-me um olho.**

**- Como monge, fez muito bem - disse Landolfo com ironia. Preservou-te, senhor poeta, de um pecado mortal.**

**Rinaldo olhou-o estupefato e acrescentou:**

**- Não são brincadeiras que se façam.**

**Levantaram os olhos e viram aparecer a condessa: pálida, zangada, mordendo os lábios, encaminhou-se ao corredor dos seus aposentos sem dizer palavra.**

**Rinaldo assobiou entre os dentes e disse:**

**- Nós apanhamos, caro irmão, mas creio ... creio que as coisas não tenham corrido melhor para mamãe.**

**As três irmãs discutiram longamente qual delas deveria levar as refeições ao prisioneiro, e tinham decidido alternar-se, enquanto Marta, a maior, insistira para ser a primeira e lutara quase meia hora para o conseguir; mas quando trouxeram os pratos da cozinha, foi acometida de uma repentina hesitação.**

- E se me bate também? Parece tão mudado desde que entrou para aquela Ordem ... Quem teria imaginado que ...

- Ora, vamos, Marta! Se tens medo, eu poderia ...

- Não, não, eu vou.

Mas quando entrou na prisão os pratos tremiam em suas mãos. O feroz frade estava sentado numa grande cadeira e lia Aristóteles. Com má vontade tinha posto as roupas escolhidas pela condessa: uma longa casaca verde com um cinto de couro bordado a ouro, meias verdes e sapatos de veludo também verde. Quando Marta entrou ele levantou os olhos:

- Oh! Marta! Que prazer!

Ela sorriu meio incerta:

- E tu ... não estás ferido?

- Ferido eu? Ah! sim, é verdade, cometi uma péssima ação. Tinha-me esquecido que não devia ... que não devo. E reagi às pancadas...

- Eu sei. E deste com vontade em ambos.

- Foi uma ação indigna, mas Landolfo queria arrancar-me o hábito da Ordem que recebera há poucos dias do meu prior,. Tomás Gani de Lencinho, um verdadeiro santo, ao qual, tenho certeza, quererias bem se o conhecesses. Fazia muita questão daquele hábito, e quando Landolfo caiu-me em cima para tirá-lo, eu me defendi... talvez em excesso; mas aprendi uma coisa.

- Qual, Tomás?

- Agora sei porque estou aqui, porque Deus permitiu que isso acontecesse.

- Agora come, Tomás. A comida está esfriando.

Obediente, ele começou a comer, mas a irmã compreendeu: não

sabia o que estava comendo. Pareceu-lhe que ele falasse de uma distância incomensurável, distância esta que lhe dava uma angústia desconhecida. Aproximou-se dele e, acariciando-lhe a fina coroa de cabelos escuros e brilhantes, pensou: "Tem uma cabeça que é duas vezes a minha" e disse:

- Não compreendi. Que queres dizer com as palavras "sei porque Deus permitiu que isso acontecesse"? Gostaria de saber.

Ele olhou-a com olhar grave. Era a maior e a melhor de suas irmãs, aquela pela qual sempre tivera especial carinho. Parecia-lhe que uma parte do seu caráter, a tímida bondade, tivesse tomado aquela graciosa forma feminina dos olhos profundos e pensativos e dos lábios finos e pálidos.

- Estávamos indo a Paris, eu e os outros frades, e nunca me sentira tão feliz. Ia em direção de minha meta, ao trabalho e estudo. Ia recolher tesouros para glória de Deus e da Ordem. E eles vieram, cercaram-nos e nos obrigaram a voltar atrás com eles. Orava "seja feita a tua vontade", mas continuava a pensar: por que Deus o permite?

- Caro Tomás acontece freqüentemente não compreendermos por que Deus permite isto e aquilo.

- Certamente. Mas agora compreendi. A culpa não foi nem o orgulho de mamãe, nem a violência de Landolfo e de Rinaldo, mas sim eu mesmo, a minha insuficiência: Deus não me quer ainda.

Ela tinha lágrimas nos olhos e disse com voz trêmula:

- Um de nós dois é muito tolo... eu, provavelmente ...

E fugiu.

- Bateu em ti também? - perguntou Adelásia curiosa.

Marta escapou sem responder, e como as lágrimas lhe ofuscavam a vista, acabou parando nos braços de Robin Cherrywoode, que se dirigia ao posto de guarda.

- Qual o desgosto, nobre donzela?

**- Não, nada - soluçava Marta.**

**- Estou vendo. Mas talvez não faça mal confiar num velho guerreiro que poderia dar-lhe um bom conselho.**

**Ela meneou a cabeça.**

**- É por causa de Tomás. Tomaram-lhe o hábito da Ordem e agora pensa que Deus não o queira. Caro Robin, nunca vi ninguém tão triste como ele quando me disse que Deus não o quer.**

**- Onde está agora aquele hábito?**

**- Está em pedaços. Tem-no Adelásia.**

**- Sim, sim... Olha, dá-me aqueles farrapos. Compreendo que não servem mais, mas fizeti-os chegar a mim assim mesmo, e... se acontecesse alguma coisa ... prometes-me calar, não? Espero aqueles trapos.**

**Uma hora depois, sôbre a muralha Piers viu sobressair da couraça do seu escudeiro algo de branco e preto.**

**- Robin, que tens aí? \_ - Uma saia, senhor.**

**- Pretendes tornar-te frade?**

**- Nada disso, senhor. E o burel dele, que lhe tiraram à força. Mas defendeu-se bem o jovem senhor - acrescentou com um sorriso. Ter-se-ia tornado um bom soldado.**

**- Que vergonha, Robin! Foi um golpe de muito mau gosto.**

**- Exato, senhor. Se alguém quer ser monge, por que não lhe dar essa satisfação? Só se faz bem o que se faz com prazer. Não deviam tirar-lhe o hábito. Seria como partir a espada a um cavaleiro.**

**- Dizes bem, Robin. Não vejo o momento em que vença o nosso compromisso.**

**- Na Inglaterra uma coisa assim não aconteceria, mas já que aconteceu pensei que ... que talvez ...**

**- Que pensaste, meu caro Robin?**

**O escudeiro hesitava. O hábito estava reduzido a um monte de trapos, mas quem o tinha dado devia ter outros, e lá em baixo, atrás daquelas árvores, via-se uma estranha mancha alvinegra ... E não era a primeira vez que Robin a via. Certamente podia-se vê-la e a não ver ... dependia da vontade da sentinela...**

**Piers olhou para o lado indicado por Robin e começou a compreender.**

**- Sim, sim. O turno de guarda é nosso. Irei perلustrar a parte oposta.  
- E se foi.**

**Robin sorriu satisfeito, e, por decência, esperou que o patrão tivesse desaparecido. Depois, tirando os panos alvinegros, pôs-se a agitá-los no ar. A mancha escondida atrás dos oleandros ` aumentou e tornou-se um dominicano, que olhava com curiosidade para a torre.**

**Robin continuou a agitar os trapos, mostrou-os ao monge e depois atirou-lhos. Aquele apressou-se em recolhê-los, enquanto Robin iniciava uma pantomima que qualquer ator teria invejado: era tão simples que um menino a teria entendido. Robin estendeu diversas vezes as grossas mãos como para retomar o hábito, mostrou os dez dedos e depois mais um, e repetiu o gesto. Para sua satisfação viu que o monge sorria e, feito um sinal de assentimento, afastava-se às pressas.**

**Pouco depois Piers voltou.**

**- Nenhuma novidade, senhor, - anunciou Robin radiante.**

**Piers reparou que os trapos alvinegros não apareciam mais debaixo da armadura e que também a mancha atrás das árvores tinha desaparecido.**

**- Está bem, Robin.**

**Foi por puro acaso que, nos dias seguintes, coube a Robin o turno**

**de guarda do ocaso à meia-noite. Na terceira noite, pelas onze horas, viu o que esperava. Fez um sinal com a tocha e poucos minutos depois dois dominicanos aproximaram-se cautelosamente com uma vara comprida e fina, em cuja ponta estava amarrado algo branco e preto; levantaram-na até que o estandarte de Deus alcançou a extremidade do muro.**

**Landolfo estava palidíssimo.**

**- Mamãe, que negócio é este?**

**- Fala.**

**- Agora mesmo estive no quarto de Tomás e encontrei-o novamente com o hábito da Ordem.**

**-. Como?**

**- Exatamente. Será ... feitiço?**

**- Pior - respondeu a condessa. - É uma traição. - E pegou na campainha. Teriam sido as meninas? Muito provavelmente. Em todo caso, levando-lhe as refeições deviam ter percebido, porque desde então ninguém tinha posto pé no quarto. Mas não tinham falado. Aliás, andavam muito em torno daquele quarto. Seria o caso de chamar sir Piers e enviá-lo com dois homens a arrancar o segundo hábito? Depois de três dias, a coisa se repetiria. Não, não valia a pena fazê-lo: e largou a campainha de prata.**

**- Se faz mesmo questão, deixa que aquele tolo se fantasie como quer - disse aborrecida.**

**- Muito bem - aprovou Rinaldo do seu canto. - Landolfo, o teu nariz ainda está inchado, não? A minha vista alcançou só agora o estágio amarelo escuro. Que pena! não adiantou nada o que fizemos! Mamãe, penso que cometemos um erro. Convinha deixá-lo agir.**

**- Nunca! - exclamou a condessa asperamente.**

**- Mamãe, não sei, mas sinto uma estranha sensação. A idéia de Landolfo não é de se desprezar: deve haver algum feitiço em todo esse negócio. Tiramo-lo da sua miserável Ordem, é verdade, mas**

**todos ficamos enfeitiçados. Em vez de estarmos em paz em Rocasêca, sepultamo-nos aqui, em Mpnte São João, como se fossemos nós os prisioneiros, e tudo gira em torno do quarto da torre. Antes ninguém prestava atenção a Tomás, enquanto agora tornou-se o centro de todos os nossos pensamentos e atos. Dir-te-ei, mamãe: quando o trouxemos para cá tive uma estranha sensação, que então me pareceu tão tola que nem tive coragem de falar. Agora, porém, vou te dizer: tive a impressão de que arrastássemos para dentro destes muros o cavalo de Tróia.**

**- Que bobagem! - exclamou a condessa. - Verás que ele cria juízo.**

**- Escuta, mamãe, até agora falaste com ele uma dúzia de vezes ... não? Digamos, meia dúzia. Cedeu ele uma polegada sequer? Não: fica ali quietinho e satisfeito, não diz uma palavra e não se move. As irmãs falaram-lhe até enrouquecerem. Em vão. Não pretendes, creio, mantê-lo trancado por toda a vida.**

**- Rinaldo, eu sou a chefe da família e nunca aprovarei essa loucura. A notícia que nos trouxe Landolfo dá-me até prazer: é um bom sinal e prova que Tomás ainda é uma criança. Quer o hábito dominicano, nada mais. Está bem, cederemos neste ponto, mas no ponto mais importante terá que ceder ele. Escreverei ao papa e suplicar-lhe-ei permita que Tomás, como abade de Montecassino, continue a vestir seus trapos dominicanos.**

**Uma semana depois, Sinibaldo Fiesque, conde de Lavanha, papa com o nome de Inocêncio IV, recebeu a carta da condessa de Aquino e a entregou ao secretário, dizendo com voz cansada e um tanto irritada:**

**- Concedo.**

**- Está bem, santidade.**

**O secretário retirou-se, enquanto o papa se engolfava em seus pensamentos, que a carta da condessa interrompera um instante.**

**A paz, então, apesar de tudo: finalmente a paz. Os preliminares e as conferências com os homens de Frederico - Della Vigna, Tadeu de Sessa e o arcebispo Berardo - tinham-se arrastado por semanas a fio. Tinham sido discussões antipáticas com homens hábeis e**

**irônicos, cujos modos corteses serviam para esconder uma irreduzível hostilidade. Tivesse sido apenas hostilidade! Escondia-se também a traição - pronta a explodir sob os suaves e zombeteiros sorrisos - que parecia quase uma coisa viva e palpável.**

**Acordos e pactos com tal gente que podiam valer? Era bem doloroso escutar Della Vigna que enumerava nos dedos as vantagens da paz na qual ele próprio não acreditava, aquele Della Vigna de barba preta e olhos oblíquos, que poderia inspirar um grande pintor para um retrato de Judas Iscariotes e, apesar disso, era o mais fiel dos partidários de Frederico, para os quais o imperador representava um santo e mais ainda. Ele falava de Frederico como os muçulmanos falavam de Maomé, com uma fé admirável, embora mal aplicada e com visível desprezo pelo infiel sentado no trono papal. Um homem que, sem escrúpulos, trairia qualquer juramento, desde que isso fosse útil à causa do imperador. Ser obrigado a ouvi-lo. era muito doloroso.**

**Pior ainda era aquela pesada e gorda massa de carne que representava o arcebispo Berardo de Palermo, e desde o princípio, se pusera ao lado de Frederico e com ele repartia a excomunhão. Pelo menos dele se podia esperar um arrependimento sincero: porém ele queria traficar com Deus e com São Pedro como um velho miserável que, no confessionário, discutisse com o sacerdote para chegar a um acordo sobre o seu vício predileto. O imperador tinha-o nomeado "chefe da Igreja da Sicília", como lhe assistisse o direito de distribuir cargos, o que só à Igreja compete. Temia rebaixar-se ... em vez de estar aflito pela sua alma. Os outros dignitários eclesiásticos, como ele, eram a melhor prova de quanto fossem necessárias as Ordens mendicantes ...**

**O grande predecessor de Fiesque, Inocêncio III, tinha sonhado, dizia-se, que São Francisco sustentasse com seu débil corpo, como um católico Atlante, a igreja de São João do Latrão e o palácio do papa, e Inocêncio pensava tratar-se de um sonho profético. Talvez o fosse mesmo ...**

**Feliz aquele que, sendo franciscano ou dominicano, podia louvar a Deus de manhã a noite, trabalhar e estudar para maior glória de Deus sem ter de enfrentar um emaranhado de víboras. Mas urgia trazer a paz ao século atormentado: sem renunciar a nenhum princípio, era preciso ceder em tudo mais até onde fosse possível, desde que se tivesse paz. O armistício já tinha sido combinado e,**

**graças a Deus, as negociações pareciam aproximar-se da conclusão. Havia finalmente algo que se podia esperar com fundamento ...**

**Silenciosamente, pôs-se a orar.**

**As três irmãs nunca se acostumaram totalmente ao seu "prisioneiro". Era um acontecimento quando uma delas, com algum pretexto, entrava no seu quarto, embora ele geralmente prosseguisse em suas leituras. Não que aquela fosse uma atitude estudada ou um comportamento para não ser incomodado. O que acontecia era que Tomás não dava pela sua presença.**

**Teodora não sossegava, mas continuava a falar até que ele levantasse o olhar e respondesse, ou então tirava-lhe o livro das mãos, intimando-o: - Conta-me alguma coisa - como se fosse uma menina e Tomás seu avô. Ele cedia sempre e falava daquilo que tinha lido, mas depois de alguns minutos Teodora renunciava: - Coisas excessivamente elevadas para mim, irmão monge.**

**Tomás não o admitia, e recomeçava do princípio,, dando explicações mais simples, até que ela tinha de reconhecer ter compreendido.**

**Adelásia também tinha que ouvir dissertações sôbre Aristóteles e Pedro Lombardo.**

**A situação de Marta, que ia lá mais freqüentemente que as outras, era bem diversa. Geralmente ela sentava junto dele, ou no chão ou a seu lado, e ficava lá meia hora ou mais sem dizer palavra. Adelásia, que tinha notado isso, perguntou-lhe por que, e recebeu esta resposta:**

**- Porque lá reina a paz.**

**As vezes, porém, Tomás falava também com ela, que ficava escutando de olhos muito abertos e com rosto sério, depois fazia perguntas tocando sempre o cerne da questão. Ele contava de São Domingos e de São Francisco. Quando falava de São Bento, parecia-lhe notar na sua voz uma ligeira tristeza.**

**- Tomás, não sentes tê-lo abandonado? Para mim é o mais querido de todos os santos de que me falastes.**

**Longa pausa.**

**- Não, Marta, não estou desgostoso, mas queria ... não escolhi eu a Ordem, a Ordem beneditina. Escolheu-a papai quando tinha eu cinco anos. Mas, uma vez conhecidos os fins da Ordem dominicana, compreendi que nela é que devo agir. E claro, havia outras razões que não posso dizer nem mesmo a ti, minha querida. Agora eu sou o que Deus quer que eu seja: um dominicano ainda não unido a seus confrades. Porém, nas fileiras dos discípulos de São Bento deixei um vazio ... e é isso que me penaliza.**

**Depois de uma pausa ela disse:**

**- Creio que seja muito difícil ser frade ou freira.**

**Ele sorriu e o rosto dela se iluminou.**

**- Crês? As moças fazem o possível para serem belas de aspeto ... mas descutam a beleza interior. As freiras, ao contrário, procuram ser belas interiormente, e essa beleza irradia-se também no exterior.**

**Marta sacudiu a cabeça:**

**- Ser frade ou freira significa aspirar à santidade, e para tornar-se santo deve-se ser enormemente virtuoso.**

**- Não, Marta, não é bem isso. A santidade é amor perfeito, e todas as virtudes não são mais do que o fruto deste amor.**

**Calaram-se ambos por algum tempo, depois Marta levantou-se exclamando: - Nunca poderei tornar-me freira - e saiu correndo. Suracompanhou-a com o olhar e retomou o livro. Um minuto depois tinha-a esquecido.**

**Na tarde desse mesmo dia a condessa entrou no aposento de Tomás, e, triunfante, mostrou a resposta do papa que lhe permitia usar o hábito dominicano mesmo como abade de Montecassino.**

**Tomás ficou imóvel, fixando o chão.**

**- Então, que dizes? Satisfeito? Ou ainda não?**

**- Mamãe, não visto este hábito por gosto, uso-o com todo o seu significado. Sou dominicano.**

**Ela bateu o pé:**

**- O famoso voto de obediência parece não representar muito para ti. Quererás opor-te também ao Pontífice?**

**Ele não notou quanto fossem injustas aquelas palavras; não sabia que ela tinha escrito ao papa, nem conhecia o texto da resposta papal que deferia muito friamente o pedido dela "quando o fato mencionado em sua carta estivesse maduro". Limitou-se a dizer lentamente:**

**- Se o santo padre tiver de me impor alguma coisa, fá-lo-á através dos superiores da Ordem.**

**- Tomás, Tomás!**

**- A regra quer assim, mamãe.**

**- És mesmo insuportável - gritou a condessa, e saiu tremendo de cólera.**

**Em seguida manteve uma longa conversa com Landolfo e Rinaldo, durante a qual os dois jovens pouco disseram:**

**- Vós estais aí de mãos abanando - concluiu. - Por que não ides dizer-lhe a vossa opinião? Eu cheguei ao extremos das forças e da paciência. Sei que não o tomo pelo lado certo, já que sempre o seu silêncio me enfurece. Não sei comportar-me de outro modo; agora deveis agir vós. Certamente não quero que o surreis de novo, mas tu, Rinaldo, que pretendes ser poeta, deverias saber exprimir o que pretendo e que todos pretendo-mos. Vai falar com ele!**

**Rinaldo suspirou:**

**- Um poeta contra um santo: verdadeiramente um belo torneio! Landolfo providenciará os ruídos de fundo. Quero dizer, fará o coro grego. Procura compreender, Landolfo: tu personificas as três Erínias, as Eumênides que ameaçam o culpado com a ira perpétua**

**dos deuses, e, se Tomás continua a não querer fazer a vontade de sua mãe, o exílio perpétuo dos abençoados Elísios.**

**- Como, como? Que é que terei de fazer? - A mitologia grega não era o seu forte.**

**- Deves representar as três anciãs com as serpentes na cabeça. Mas deixemos isso: ouve-me e aprove meus planos. Se tu, mamãe, concordas, adiemos para amanhã o assalto. Já é tarde e ele deita-se cedo; creio que ele siga o horário do mosteiro.**

**- Eu sei, - acrescentou a condessa, aborrecida - como sei que cometi um erro deixando-lhe o hábito da Ordem. Entre ele e a Ordem esse trapo representa uma espécie de liame, não é apenas um capricho. Mas agora que o papa deferiu o meu pedido não se pode voltar atrás. Então estamos de acordo: até amanhã.**

**Foram na tarde seguinte e Rinaldo fez um belo discurso. Começou evocando o desejo paterno de que Tomás estivesse em Montecassino como expiação do assalto que há mais de vinte anos o velho conde desferira contra o convento. Falou da profunda e sincera mágoa da mãe. Como? O nome de Aquino não representava nada para ele? Ninguém queria obrigá-lo a viver no mundo, e todos respeitavam a sua vocação para o sacerdócio: mas São Bento não era um santo igual a São Domingos?**

**A argumentação era convincente, mas Rinaldo era muito bom observador para não perceber que o dardo havia atingido o objetivo. Repetiu-o, pois, com algumas variações. Tomás não pensara na opinião que São Bento faria do seu modo de agir? Afinal das contas ele tinha prioridade: era justo, era nobre, era piedoso largá-lo por amor de outro? Não seria a oposição da família, e especialmente da mãe, um sinal de São Bento? E vice-versa, se realmente Tomás era chamado a seguir São Domingos, como se explicava que Rinaldo e Landolfo tivessem conseguido interromper a sua viagem? Não era de se pressupor que o santo teria de ajudá-lo e que agora deveria estar nalgum convento dominicano da Itália setentrional ou da França?**

**Landolfo ficara boquiaberto com a admirável dialética do irmão.**

**Tomás ouvira pacientemente; com aqueles grandes olhos redondos**

**parecia um pouco com uma coruja pensativa.**

**- Num ponto, Rinaldo, tens perfeitamente razão: São Bento perdeu um de seus filhos...**

**- Vês?**

**- ... que Deus, porém, encontrará modo de substituir como e quando quiser. Eu era apenas um oblato; agora sou um dominicano. Quer dizer que subordinei minha vontade à dos meus superiores, e são eles, não eu, que decidem a meu respeito.**

**- Em outras palavras, - rebateu Rinaldo - posso pôr-me em contato com teus superiores e dizer-lhes que, se concordam, estás pronto a abandonar a Ordem.**

**- Não - respondeu Tomás com firmeza. - Sou e serei sempre dominicano, a menos que me expulsem.**

**- Escuta, irmão, - explodiu Rinaldo - és a mula mais teimosa que já encontrei. Pois bem, se devemos mesmo ter na família um frade mendicante, cuidaremos pelo menos que a nossa vergonha não esteja à vista. Fica aqui nem que seja por vinte anos. Não me incomodas.**

**- Tomás, tu nos colocas numa situação desagradável - interveio Landolfo. - O imperador odeia as Ordens mendicantes, e nós dependemos dele.**

**- Porém o imperador depende de Deus - replicou Tomás tranquilamente.**

**- Mas o imperador não crê em Deus - riu Rinaldo.**

**- Se isso é verdade, - disse Tomás - por que fazeis tanta questão de o servir? Se servis a um homem que não serve a Deus, como podeis, vós mesmos, servir a Deus? A menos que o façais como o pior dos pecadores: contra vontade. Não estais cansados da aliança com esse homem que persegue todos os sucessores de Pedro?**

**- Os papas vêm e vão - asseverou Landolfo dando de ombro - o imperador fica. E ainda não é velho.**

**- Como a verdade é exatamente o oposto, deves estar errado rebateu Tomás com indiferença.**

**Rinaldo riu de novo:**

**- Landolfo, não entres em litígio com este dialético. Tu, pois, Tomás, estás errado e vou demonstrá-lo. Tu não sabes como as coisas estão se desenrolando nestes tempos. Esta manhã chegou um correio com notícias importantes: papa e imperador fazem as pazes; a excomunhão será revogada a 6 de maio em Roma; o imperador já está de viagem: como vês, não apostamos errado. - E levantou-se. - Então, irmão monge, rogo-te refletir. Verifique se o teu liame com os mendicantes profissionais aparece-te mesmo mais importantes que o voto ele papai e a honra da família. Boa noite.**

**Fez sinal a Landolfo para não dizer mais nada e ambos saíram. Tomás pensou na grande e santa alegria que teria enchido o coração dos seus confrades com a notícia da paz. Tanto a haviam desejado, aquela paz, e agora chegava...**

**- Houve um momento - disse Rinaldo quando estavam fora - em que me pareceu tê-lo agarrado. Foi quando disse que abandonou São Bento. Chegou mesmo a admiti-lo ...**

**- E, mas Deus pensará em substituí-lo como e quando quiser citou Landolfo com ironia. - Não se sabe de que lado assaltá-lo, e eu (ligo que está doido.**

**- Que está havendo? - perguntou Rinaldo. - Ouço a voz de mamãe zangada. Com quem estará brigando?**

**- Com Marta, suponho, que não se apareceu durante todo o dia.**

**Os dois entraram nos aposentos da condessa.**

**- Temo que não ficarás muito satisfeita, mamãe, se te digo que não conseguimos nada. Landolfo pode confirmar que falei com eloqüência angélica.**

**A condessa estava muito pálida.**

**- Chegais num bom momento para congratular-vos com vossa irmã Marta. Escondida, atrás das minhas costas, foi a um convento de beneditinas e apresentou o pedido de admissão. Quer fazer-se freira beneditina!**

**Os irmãos olharam-se assombrados e Rinaldo explodiu numa gargalhada:**

**- Por todas as Fúrias, São Bento achou o substituto! Landolfo, não estavas citando há pouco as palavras de Tomás? Repete, repete! Repete-as mais uma vez, se tens coragem!**

**- Seja o que for que digais, não mudarei a minha resolução afirmou Marta.**

**- Trazei vinho - suspirou Rinaldo. - O seu rosto tem a mesma expressão do de Tomás. Já o vinho, rápido. Sinto-me mal.**

**Naquele dia a condessa retirou-se cedo. Marta tinha sido fechada em casa, mas todos sabiam que aquela ordem, sugerida pela raiva, não teria durado muito. Em outras circunstâncias a condessa teria provavelmente aprovado a decisão da filha maior: a desgraça era que tal decisão viria consolidar a posição de Tomás. Embora a condessa tivesse proibido às outras duas filhas falassem com Marta, elas, logo que a mãe deitou, foram a capucha para o quarto da irmã e ficaram muito tempo conversando excitadas.**

**Rinaldo tinha proposto a Landolfo e a sir Piers um pequeno simpósio no salão, mas depois de cerca de uma hora Piers pediu desculpas e se retirou: não gostava de beber por amor da bebida.**

**- O diabo que o carregue, aquele jovem - exclamou Rinaldo. Vê se não vais deitar também tu, Landolfo! Esta noite preciso de companhia. Não quero ficar só.**

**- Enfeitiçou a ti também, parece - observou Landolfo.**

**- Quem, o inglês? Na Inglaterra a magia não se usa: só há neblina.**

**- Qual inglês, qual nada! Refiro-me a Tomás:**

**- Não o nomeies! - implorou Rinaldo. - Não agüento mais. "Deus o**

**substituirá como e quando quiser", e eis Marta que quer fazer-se freira. Quem será o próximo, Landolfo? Tu, talvez, ou eu!**

**- Que estás fantasiando?**

**- Fantasiando? Meu caro Landolfo, é provável que tenhas razão. Enfeitiçou-nos a nós todos. Já vistes mamãe nesse estado? Marta vai fechar-se num convento. Adelásia há algum tempo fala demais em Deus: será difícil adivinhar o porquê.**

**- Mamãe não devia ter permitido às moças irem tem com ele: são muito influenciáveis.**

**- Dá-te por satisfeito de não ter tido que ir tu mesmo; de outra forma a estas horas estarias de saia.**

**- Não sejas idiota, Rinaldo.**

**- Não sou idiota, mas apenas um pouco elevado, exatamente ao ponto em que se vêem as coisas com maior lucidez. O cavalo de Tróia. Disse-o não faz muito à mamãe. Tiramo-lo daquele seu danado convento, e eis que transforma em convento o Monte São João. Não estamos vivendo há muito como frades e freiras? Dá-lhe ainda alguns meses de tempo e verás o que te arruma. E ele fica ali, redondo e gordinho, sem sujeição alguma. Mas, que digo, sujeição? Está vitorioso e triunfante. Tudo se desenrola como ele quer. - Assim falando levantou-se. demais, caro irmão, vou-me embora.**

**- Para onde?**

**- Para as cavaliças, buscar um cavalo, e depois para Nápoles, visitar a pequena Bárbara. Ainda bem que não está aqui, senão faz dela uma monja ... Por Vênus!**

**- Que te deu na veneta? - perguntou Landolfo admirado.**

**- Tive uma idéia - sussurrou Rinaldo. - Uma idéia extraordinária: a solução de todas as soluções. O fim do encantamento. Garanto-te. Landolfo, teu irmão é um homem genial.**

**- Que idéia seria esta?**

**- Não te digo - declarou Rinaldo com satisfação. - Pelos menos por enquanto. Ouve-me: estarei de volta ... vejamos ... sexta-feira a noite, finas tia não deves dizê-lo a ninguém. Entendido? Deves dizer que não tens idéia de quando voltarei. Bem, sexta-feira bem tarde, pouco antes da meia-noite. Providencia para que o turno de guarda seja teu. Não tenho nenhum desejo de que o inglês me interrogue.**

**- Não compreendo por que deveria fazê-lo.**

**Rinaldo riu:**

**- Poderia acontecer ... dada a situação. Tu estarás de guarda: faço questão e conto com isso. E verás que destruiremos os feitiços do frade. Na manhã seguinte seguir-nos-á como um cordeiro.**

**- Queres mesmo aplicar artes mágicas? - perguntou Landolfo entre o temor e a esperança.**

**- Certamente. Magia verdadeira e própria, e muito custosa. Deixa comigo. E lembra-te de não dizer palavra.**

**- Mas por que - perguntou a pequena Bárbara - por que queres que eu faça essa coisa? - e mirava-se atentamente no espelho veneziano, presente de um homem de aspeto muito nobre, que ela chamava Carlos, mas que tinha outro nome; e ela nunca lhe tinha perguntado o verdadeiro: não procurava ser curiosa, salvo em certas circunstâncias; mas ela tinha a sensação, justificada, de que neste caso a sua curiosidade teria sido perigosa.**

**- Por quê? - repetiu Rinaldo acariciando-lhe o ombro nívoo. Queres saber por que, minha doce pombinha, meu purgatório, meu ídolo adorado? Vês, porque meu pobre irmãozinho me dá pena: não achas uma vergonha o ter ele chegado aos dezoito anos sem ter provado aquela doçura que se chama mulher? Aquilo que há de melhor na vida?**

**- E virgem? - perguntou a pequena Bárbara com interesse. Coisa rara, hoje em dia. Mas por que justamente eu? ...**

**- A resposta não é difícil, minha pequena serpente, minha cheirosa flor do Paraíso. Porque Somente a melhor pode servir para meu irmão. Justamente por isso vim de Monte São João até aqui, para**

**isso estou pronto a certos sacrifícios financeiros ...**

**- És um hábil negociador - observou Bárbara. - Mas agora fala: aqui deve haver alguma coisa que não vai. Dizes-me que teu irmão é virgem aos dezoito anos, não quereria, porém, encontrar um velho nojento ou atacado de uma doença repugnante ou coisa semelhante.**

**- Não tens mesmo nenhuma confiança em mim? - perguntou Rinaldo em tom magoado.**

**- Nenhuma, nem um pingão.**

**- Está bem, dir-te-ei tudo. Há uma coisa que não vai: meu irmão é monge e crê que morreria no instante que ousasse fitar os olhos duma linda moça. Juro-te que não tem outros defeitos.**

**Bárbara divertia-se.**

**- Não o faremos morrer, pobre pequeno. Serei muito boazinha para com ele, tão boazinha que ele pensará já estar no Paraíso.**

**- Não tome a coisa com muita facilidade - admoestou Rinaldo. - E daqueles que se desvencilham deixando a capa entre os dedos rosados da mulher de Putifar. Bem, escapar verdadeiramente não poderá porque está fechado e preso: porém, nunca se sabe...**

**- Preso? - interrompeu Bárbara tornando-se desconfiada. - Por que o prendeste?**

**- Está bem, - suspirou Rinaldo - explicarei isso também. Mamãe mandou fechá-lo porque aquele bobó, no seu santo zelo, quer tornar-se frade mendicante. É idiota a tal ponto que dá vontade de chorar. Desconfio apenas que não queira nem olhar-te: mesmo tu poderás falhar.**

**Ela sorriu meio divertida, meio desdenhosa:**

**- Será de carne e osso, imagino ...**

**- Tem bastante de uma e outra coisa.**

**- Então não tenhas medo - garantiu a pequena Bárbara. - Se falhar, devolverei os teus dobrões de ouro, todos, até o último. Nunca me aconteceu desde os catorze anos. - Tocou uma campainha e depois de um, instante um velho de cabelo cinzento apareceu:**

**- Chamaste, patroa?**

**- Sim, Mateus. Atrela os cavalos. Vamos a Monte São João. São ... estou certa, Rinaldo? ... cerca de sessenta e cinco milhas. Prepara tudo que é preciso.**

**- Imediatamente, patroa. - O velho foi-se. Poucos sabiam que ele era o tio da rapariga, e que a empregada era, na realidade, irmã de Bárbara, muito menos bela que esta, é certo. Bárbara tinha o orgulho da família.**

**- Eh! Landolfo!**

**- Entra, Rinaldo. Achaste o necessário para ... para aquilo que queres fazer?**

**- Achei.**

**- Que é? Um filtro ou um esconjuro?**

**- E um súcubo.**

**- Um ... o quê?**

**- Tem dois seios brancos, fascinantes, lábios dulcíssimos, uma quantidade de cachos vermelhos e chama-se Bárbara. Está esperando lá fora, na carruagem.**

**Landolfo olhou-o fixamente.**

**- Enlouqueceste?**

**- Silêncio! - sibilou Rinaldo.**

**- Queres levar para dentro de casa de mamãe uma prostituta? ...**

**- Pára com isso! - incentivou Rinaldo em voz baixa.**

**Landolfo, porém, estava realmente zangado.**

**- Por mim podes ter as amantes que quiseres; nem eu sou santo: mas trazê-la aqui onde ...**

**- Queres calar a boca, simplório? Não compreendes que é o remédio para Tomás? Logo esteja entre seus braços ele esquecerá todos os santos mendicantes. Talvez não queira, mas terá de querer. Nestas coisas as Ordens não adiantam nada.**

**- Agora compreendo - disse Landolfo reprimindo uma gargalhada. - Es mesmo fenomenal. Por que não a fizeste entrar logo?**

**- Sim, para que tu a chamasses de prostituta e lhe disseses como fazes questão da pureza desta casa! Conheço-te muito bem. Depois, tinha de explorar o terreno e verificar se todos dormem. Todos na cama?**

**- Sim, menos eu. Vai buscá-la, estou curioso por vê-la.**

**- Quietos com as mãos, porém, faz-me o favor. Não desejes a pequena Bárbara de teu irmão!**

**Não houve dificuldade em fazê-la passar pela ponte levadiça, apesar das sentinelas: duas moedas de ouro para cada uma e tudo se arrumou. Depois de um minuto a jovem embuçada estava em casa.**

**- Landolfo, toma-lhe a capa e o véu. Não, querida, este não é Tomás, é meu irmão Landolfo. Fica para outra vez. Agora segue-me na ponta dos pés ... temos que subir para o quarto dele. Tu, Landolfo, fica aqui: mesmo quando caminhas na ponta dos pés ouve-se por todo o castelo.**

**- Que bocadinho, meu irmão ...**

**- Silêncio, agora!**

**Subiram e alcançaram o quarto da torre. Rinaldo abriu cuidadosamente a porta e murmurou:**

**- Está deitado. Dorme. Vamos. entra.**

**E a pequena Bárbara entrou.**

**No leito estava um jovem monge gorducho com o hábito da Ordem. O sobretudo preto servia-lhe de cobertura. Como toda noite, tinha jogado no chão a colcha e os travesseiros de seda. Dormia tranqüilo, sôbre o lado direito, com os punhos sôbre o rosto, como as crianças.**

**Que aspeto teria? Lentamente ela tomou com as mãos delicadas e sutis os punhos dele, que eram enormes, e os puxou para si.**

**Tomás acordou e ela viu um rosto jovem e enérgico, com sobrancelhas espessas sôbre os olhos pretos que olhavam para ela com serena benevolência. Mas logo a benevolência desapareceu e foi substituída primeiro por um imenso estupor, depois pela consternação.**

**- Quietos, menino querido! - murmurou ela com o seu mais doce sorriso. Mas ele levantou-se de um salto, repelindo suas mãos e continuando a olhá-la, mas já não com estupor ou consternação. Seu olhar não revelava nem cólera nem desprezo, e pareceu a ela que aquele jovem a reconhecesse, atravessando-a de lado a lado. Pela primeira vez deu-se conta de ser o que realmente era; ela compreendeu que seus triunfos não tinham sido de modo algum triunfos dela mesma, mas de um outro. Compreendeu ser carne pintada e vestida de seda, infestada de parasitas, e naqueles olhos negros pareceu-lhe vislumbrar um pouco de compaixão. Ele a via como era na realidade ...**

**Tomás levantou-se da cama e pareceu tomar uma estatura imensa. Ela não pôde resistir ao seu olhar, compreendeu que devia agir rapidamente, sorriu-lhe, aproximou-se mais rim passo e, com um movimento gracioso dos ombros, fez deslizar o vestido. Os maravilhosos contornos da sua beleza cintilavam avermelhados à luz das chamas da lareira.**

**Sem uma palavra ele alcançou com dois saltos o fogo, apanhou um grosso tição aceso e dirigiu-se a ela com a serena decisão de quem quer por fogo num monte de imundícias. A pequena Bárbara lançou um grito de angústia, voltou-se apanhando seu vestido e fugiu**

correndo. Houve um instante terrível em que a porta que ela, entrando, havia fechado atrás de si, resistiu, enquanto ele a perseguia com o tição incandescente: irias o batente cedeu e ela fugiu escada abaixo, gritando apavorada. Landolfo tentou retê-la e perguntar-lhe o que houvera, mas ela o repeliu com força inaudita e saiu para o pátio, enquanto lá em cima a porta se fechava com ruído atroante. Rinaldo blasfemava baixinho. Após o primeiro grito assustado da pequena Bárbara, Teodora abriu a porta do seu quarto e apareceu. Vendo fugir a rapariga, seu rosto assumiu uma expressão que demonstrava como ela tivesse compreendido claramente a situação. Rinaldo atirou-lhe um olhar furibundo:

- Se revelares algo à mamãe, digo que és histérica. Volta para a cama, amanhã explicarei.

Enquanto, porém, ela olhava-o com patente desprezo, do outro lado do corredor ouviu-se a voz da condessa:

- Que há? Que aconteceu?

Teodora respondeu:

- Não é nada, mamãe, não é nada. Tive um pesadelo.

Aguardaram com a respiração suspensa, mas a mãe pareceu ; satisfeita com a resposta.

- Obrigado, querida, - disse Rinaldo passando a mão pela testa.

- Não sei que fazer dos teus agradecimentos - rebateu Teodora. - És o homem mais vulgar e desprezível que já conheci. Lamento que sejas meu irmão e agradeço a Deus por ter como irmão Tomás: Só assim repara-se a vergonha. - E entrou no quarto.

Tomás tinha fechado a porta com um pontapé. Agora levanta o tição aceso, e com gesto quase solene traçou sôbre a porta uma grande cruz negra. Voltou à lareira, pôs a brasa onde a tinha apanhado, e deitou-se de novo.

Dois ou três minutos antes estava ferrado no sono: !avia acordado' Tinha, de fato, deixado a cama? E agora, estava acordado? A cruz negra na porta era realidade?

Pensava tranqüilamente nestas coisas, e concluiu que não tinha sonhado e que o fato, fosse real ou não, deixava-o indiferente. Só o que importava era que, acordado ou adormecido, tinha sido assaltado por tini dos piores inimigos da vida monástica, e que, com a ajuda de Deis, soubera rechaçar o assalto. Juntou as mãos e dirigiu a Deus uma fervorosa oração, pedindo-lhe o poupasse, para o futuro, de tais tentações, para que todas as suas energias estivessem a seu serviço.

As cinzentas e fofas nuvens cia consciência que se ia apagando envolveram-no enquanto orava, e daquelas nuvens irrompeu rima onda luminosa, que se mudava em todas as cores do arco-íris e depois concentrava-se num único raio branco. Aliás, não era tini raio, mas tini cone de luz de um candor ardente, que se aproximava com inexorável segurança. Ele suspirou torcendo-se de dor, rio abismo cio seu espírito,, bem sabendo de ter ele mesmo provocado aquela chama devoradora, para que lhe ardesse na alma rima enorme cruz negra ... 1 qual ;e oferecia com um ato resoluto e decidido de toda a sua vontade. f: eis a ponta do cone incandescente tocá-lo, e ele lançar rim grito pelo insuportável sofrimento que parecia traçar em torno dele rim círculo ardente, rima cintura de fogo.

Novamente no castelo todos acordaram, mas logo voltou o silêncio.

Na cama jazia um jovem monge gorducho, que dormia tranqüilo sôbre o lado direito, com os punhos diante do rosto, como uma criança.

Quando Teodora subiu nos muros, Piers compreendeu logo que ela queria falar com ele e sentiu o coração bater mais veloz.

- Sir Piers ...

-. Vosso servo, nobre dama.

- Honraste-me escolhendo-me como tua dama, mas até agora não te pedi algum favor.

- De há muito entristece-me isso.

- Agora, porém, venho pedir teus serviços.
- Tornais-me feliz - disse Piers esquecendo a mágoa.
- O que tenho a dizer-te deve ficar em segredo entre nós dois. - Será segredo enquanto vós o queirais.

Os olhos dela faiscaram:

- Sir Piers, meu irmão Tomás foi tratado de forma muito indigna e injusta. Permite-me não acrescentar mais porque teria de acusar alguns de meus parentes. Mas gostaria que estivesse livre entre os irmãos da sua Ordem.
- Quereis que ele fuja? - perguntou Piers decididamente. - E possível.

Cheia de alegria ela apertou-lhe as mãos:

- Ser-te-ei grata enquanto viver.

Ale ajoelhou-se e lhe beijou a mão.

- Eis, - disse levantando-se - já recebi o meu prêmio. Tendes algum projeto ou preferis que eu resolva sozinho?

Ela sorriu satisfeita.

- Estamos mais adiantados que imaginas. Fizemos uma conspiração com Adelásia e Marta, e estamos em contato com os dominicanos que nos garantem que, se conseguirmos levá-lo para fora de Monte São João, agirão de forma que não seja capturado novamente. Mas como é possível com todas essas sentinelas em volta?
- Pela ponte levadiça não se pode passar porque as guardas de lá não estão sob as minhas ordens. Mas lembro-me de um santo homem, que pôde fugir de uma cidade hostil, fazendo-se descer pelos muros dentro de um cesto.

Ela riu.

**- Quem era?**

**- São Paulo, se não me engano, que escapou assim de Damasco. Era um homenzinho franzino e três mocinhas poderiam cuidar da empresa. No caso presente, porém, a coisa será mais difícil.**

**Ela riu de novo:**

**- Já estou agitada e não me agüento, e tu continuas a fazer-me rir.**

**- Assim fazemos na Inglaterra quando se trata de coisas verdadeiramente sérias.**

**- E quando se trata de uma brincadeira?**

**- Tornamo-nos terrivelmente sérios.**

**- Então devo deduzir, como diria Tomás, que em Roca-sêca e em Monte São João nada tomaste a sério.**

**- Tomo a sério a vós, nobre dama, - disse Piers rindo.**

**- Em verdade não sei que seria de mim sem tu - confessou Teodora, desejosa de voltar ao assunto. - Tens razão, para descer Tomás pelos muros são necessários alguns homens bem fortes.**

**- Tenho o que é preciso: o meu escudeiro Robin. Quando esperais os dominicanos?**

**- Basta que eu os avise. Amanhã de noite, serve?**

**- Perfeito. Providenciarei para que deste lado não haja sentinelas. Robin cuidará da cesta e da corda. Vós cuidareis dos dominicanos e ... de vosso irmão. Eis tudo.**

**Parecia fácil e óbvio; Piers talvez nem considerava a eventualidade de ficar numa situação perigosa.**

**- Sou feliz - disse ela olhando-o radiante - que me tenhas escolhido por tua dama. - E como se tivesse dito demais, voltou-se apressada e desceu.**

**"Sou maluco", pensou Piers. "Vem aqui porque precisa dos meus serviços e por nenhum outro motivo, mas, meu Deus, dai-me ainda alguns desses instantes e aceitarei tudo sem me queixar".**

**- Rinaldo! acorda! Rinaldo!**

**- Que há ... Es tu, Landolfo?**

**- Toma da espada e vem. Querem fazer Tomás escapar.**

**- Quem? Quem são eles? Que dizes?**

**- Vamos, digo, Tomás foge. As moças fizeram-no sair e agora está sôbre os muros. Ouvi um ruído, olhei pela janela... vamos, apressa-te!**

**- Tomás escapa? - repetiu Rinaldo sentando-se na cama. - E a melhor notícia deste ano.**

**- Estás maluco?**

**- Vai dormir, irmãozinho meu. Aliás, tu dormes ainda, não acordaste. Acredita-me, estás adormecido.**

**- Paciência! Agirei sozinho. Vou chamar as sentinelas ...**

**Levantando-se com um salto, Rinaldo agarrou-o por um braço.**

**- Não, burro. Será possível que tu nunca saibas qual é a tua vantagem?**

**- Larga-me! Enlouqueceste ...**

**- Estava louco, e também tu o estavas, quando o trouxemos para cá. Se gritas te arrebento a cabeça com este jarro. Escuta: pretendes ser por toda a vida carcereiro de teu irmão? Queres que também Adelásia e Teodora façam-se freiras? Queres saber o que penso? Que te diga em rosto o quanto és desprezível? Deixa-o ir!**

**- Mamãe, porém, ordenar-nos-á de persegui-lo.**

- E nós o perseguiremos obedientes, mas não o alcançaremos ...  
pelo menos enquanto eu puder impedi-lo. Boa noite, Landolfo ... e se  
te encontrares no mesmo estado de ânimo que eu, esta será também  
para ti a primeira boa noite desde há muito ...

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## LIVRO II

### CAPÍTULO I

Tambores, pífaros e trompas. Um desfile de cavaleiros, um infinito cortejo de soldados de infantaria couraçados. Os animais do imperador, levados por guardiães sarracenos, atados com correntes ornamentadas de flores. As bailarinas vigiadas pelos eunucos. Outros soldados. Outros cavaleiros. Os juizes do tribunal imperial. Os funcionários do tesouro. Os nobres, cada um com a própria escolta, primeiro os de grau inferior, depois em exata hierarquia, os barões, os condes, os príncipes. A guarda pessoal tudesca, composta de nobres e gigantescos jovens, cobertos de ferro da cabeça aos pés e montados em cavalos completamente couraçados: cada qual era uma autônoma unidade de combate quase invulnerável. Os conselheiros do imperador. Quarenta mocinhas de extraordinária beleza com cestas de flores.

O próprio imperador, vestindo veludo purpúreo, sôbre o seu corcel "Dragão". O elmo e a couraça eram de ouro maciço, a empunhadura da espada, luzidia de rubins. Quando atravessavam alguma vila ou cidade, sorria continuamente e atrás dele doze pagens atiravam moedas de ouro e prata entre a turba.

O estandarte imperial, uma grande águia negra sôbre fundo dourado, era levado por um alferes de estatura gigantesca. Seguia o "conselho interno", constituído pelos mais íntimos amigos do imperador, entre os quais o arcebispo Berardo de Palermo, o chanceler Pedro Della Vigna, Tadeu de Sessa e o conde de Caserta. Nem faltava loco, o bobo. Vinha depois, a guarda pessoal tudesca, seguida por um mar de soldados e centenas de carros.

A sua passagem, o cortejo era saudado por aplausos e gritos de alegria ... não apenas por causa das moedas de ouro e prata: todos sabiam que o imperador ia a Roma para finalmente concluir a paz com o santo padre. Em todas as cidades, em todas as vilas os sinos tocavam festivamente. Todos se abraçavam com lágrimas nos olhos. Todos tinham sofrido, sofrido amargamente, no período tremendo que agora chegava ao fim. Ninguém estivera seguro da própria vida.

**Sôbre todos tinha pairado a opressão da incerteza. Fundada ou não, bastava uma denúncia de ter hospedado "espiões" pontifícios, e logo os soldados do imperador apareciam para incendiar, matar, saquear. E agora a paz ... agora todos podiam dormir sem temor, agora podia-se servir a majestade do imperador sem remorsos de consciência como nos anos passados: remorsos de servir um homem excluído da comunhão com Cristo, e, portanto, pior que qualquer pagão.**

**Todas as igrejas preparavam, para o dia 6 de maio, um solene tedéu. Devia ser um dia glorioso, tal de sobreviver na memória das futuras gerações, o dia em que o santo padre abraçava o imperador e tornava a recebê-lo no seio da Igreja, na comunhão de todos os cristãos, vivos. mortos e vindouros, na comunhão dos santos, dos apóstolos, do próprio Cristo. Arautos percorriam todos os países da cristandade, levando a notícia. De navio atravessavam o mar alcançando a Inglaterra. a Noruega, a Suécia. Sultões e emires do Oriente, de turbantes salpicados de jóias, reuniam-se agitados e preocupados, pois que a paz e a união da cristandade significava que a sua aspiração a ampliar o domínio do Islã teria encontrado maior resistência. Quem sabe não se chegasse a uma nova cruzada ...**

**Agora o cortejo alcançava a beira ocidental do lago de Bolsena. avançava lento em direção sueste. O imperador, olhando em turno. convidou com um gesto os amigos a se aproximarem.**

**- Um pequeno divertimento durante a viagem não nos fará mal disse rindo. - Tadeu, a teu ver, que pensa o papa neste momento?**

**O conselheiro esquelético e cuidadosamente barbeado tomou logo mija expressão de honrosa unção.**

**- "Agora receberei novamente sem dificuldades o óbolo de São Pedro" - respondeu.**

**Frederico sorriu:**

**- Não está mal. E tu, Della Vigna?**

**- Pensou-se nisso tantas vezes que já não é novidade. Agora, grande Augusto, rói as unhas e pergunta a si mesmo se não fez excessivas**

**concessões podendo obter o mesmo com menor despesa.**

**- Talvez tenha razão. Que diz o meu amigo Berardo?**

**O arcebispo levantou o gordo queixo.**

**- Não tenho prática neste jogo, caro senhor. Seria presunção pretender saber o que pensa o papa.**

**- Berardo, Berardo, parece que a nossa paz com o papa exerça má influência sobre ti. Estás tornando-te enjoado.. Dir-te-ei a minha opinião. O papa pensa: "Agora sou maior que Gregório e até que Inocêncio III. Consegui obter aquilo que eles não souberam obter, tornar mansa aquela águia".**

**O arcebispo sorriu sem entusiasmo.**

**- Assim pensaria se tivesse o caráter do imperador. Inocêncio IV não é tão ambicioso.**

**Frederico riu novamente, mas sem alegria, e disse:**

**- Teremos de suportar uma infinidade de cerimônias eclesiásticas, e que não quererá anular nenhuma: procissões, missas, tedéu e Deus sabe o que mais. Ora, vede ali uma pequena procissão, composta de um homem e um menino ...**

**Olharam e viram, precedido por um coroinha. um padre de sobrepeliz e estola atravessar o campo.**

**- Levará a extrema-unção a algum moribundo numa daquelas casinhas lá em baixo - declarou o arcebispo persignando-se.**

**Frederico apertou os lábios.**

**Gostaria de saber até quando durará essa desordem.**

**- Caro senhor... - exclamou Berardo. Não era um protesto, mas como que a bondosa tentativa de unia mãe que quisesse acalmar o filho furibundo.**

**- Sei que o povo não pode ser iluminado rapidamente - suspirou o imperador, - Há mais de mil anos lhe dizem essas coisas. No entanto é extraordinário como se agarra a elas... e nem sempre, admito. por covardia. Isso vem demonstrar apenas a grandeza dos grandes trapaceiros.**

**Os amigos olhavam-no sem entender.**

**- Sim, dos três maiores trapaceiros que o mundo já tenha visto - prosseguiu Frederico. - Moisés, Cristo e Maomé.**

**Que palavras! - exclamou Della Vigna encantado. - Passarão para a imortalidade como uma das mais ousadas frases já pronunciadas.**

**Tadeu de Sessa ria a bandeiras despregadas.**

**O arcebispo estava calado. Certamente era deplorável que o imperador se comprizesse em tais assuntos, mas quando se lhe respondia ( e muita vezes argumentos para responder-lhe não faltavam) era pior. Agora então era preciso mantê-lo de bom humor, não só em vista do 9 de maio que seria dois dias depois, mas porque estavam aproximando-se de tini lugar muito perigoso, cujo nome bastava para despertar o seu ódio mortal. Lá em baixo, atrás daquelas colinas docemente onduladas, erguiam-se ao sol os muros de Viterbo.**

**- Não há nada para rir, Tadeu, - observou o imperador. Estou falando sério. Aqueles três grandes impostores conceberam todos os mesmo projeto: formar milhões e milhões de homens à sua imagem e semelhança: milhões de pequenos Moisés, Cristos e Maomé. Compreendo-os muito bem: talvez seja a única maneira com que um grande homem possa conquistar a imortalidade. O homem pequeno Somente a alcança gerando: vai para a cama com á sua mulher para pôr no mundo um outro eu. O homem grande, porém, obriga uma geração após outra a modelar-se na sua própria personalidade. É preciso que fale nisso a Bonatti, já que pode ser esta uma das chaves para os grandes arcanos.**

**- Quem deveria encontrá-la senão vós, senhor? - exclamou Della Vigna. e seus olhos relampejaram. - Para o diabo esta paz! Que necessidade temos do papa se está entre nós o maior espírito, a alma mais sublime do século, o coadjutor de Deus, o compartilhante**

**da Providência divina, iluminado sem descanso pelo olhar de Deus? ...**

**"E dizer-se que acredita mesmo nisso" pensou o arcebispo. Certamente, quem recordava como Frederico de insignificante príncipe tivesse se tornado o soberano de todo o mundo civil, dificilmente podia negar que Della Vigna tivesse alguma razão ... com reservas, entenda-se. Mas era conveniente que ele e todos os outros exaltassem o imperador e o mantivessem de bom humor. Demais, Frederico era muito grande político para que um par de palavras lisonjeiras pusessem em perigo aquela paz teto cuidadosamente elaborada. Viterbo ... era outra coisa Tomara que ninguém pronunciasse esse nome ...**

**- Há muito de verdade - disse tranqüilamente o imperador. A tainha vida, creio, é a melhor prova. Mas podemos esperar que Inocêncio IV seja bastante sábio para o compreender. Talvez o seu desejo de paz seja o início desta compreensão. Todos conheceis a doutrina indiana da metempsicose, segundo a qual um homem deve nascer e renascer até que a sua alma tenha alcançado o estado ideal. Quase eu também o creio ... mas não completamente. De fato, não consigo compreender como um dia a alma de Frederico deva unificar-se com a alma universal, semelhante a gota de orvalho que cai no oceano. Queria dizer que eu cessaria de ser eu, enquanto isso não pode ser. Prefiro, pois, não crer na existência da alma.**

**- Mas segundo as normas da lógica... - disse o arcebispo.**

**- O imperador está acima da lógica. Como a divindade! - interrompeu Della Vigna.**

**- As vezes, amigos, vós me compreendeis - disse Frederico - e vos agradeço. O ponto em que me encontro é muito isolado e a minha humanidade sofre por isso. Quando era mais jovem pensei muitas vezes que as almas de mil homens tivessem sido misturadas no almofariz de Deus para formar a minha. O meu amor e o meu ódio, os meus pensamentos e sentimentos ultrapassam toda limitação humana, aliás, em certos momentos, dou-me conta que para mim não existem absolutamente limitações, barreiras.**

**Falava com a veemência ardente do poeta revelando em toda a sua personalidade algo de arrebatador, uma estranha e assombrosa**

beleza, uma herança que fizera os suevos vencer muitas batalhas. Era poeta à sua maneira, um poeta da ação, criador e destruidor conforme o capricho. Acontecia raramente que falasse assim; geralmente escondia seus pensamentos sob o irônico sorriso no qual os olhos frios não tomavam parte.

- Agora - prosseguiu - não duvido que exista de algum modo uma alma ... e para dar-se conta do abismo que existe entre mim e o pobre Inocência, basta recordar que, segundo ele, eu faço a paz para salvar uma alma em cuja existência não creio. O gênio, como tal, porém, é imortal.

Neste ponto aconteceu que um montículo de ferro chegasse tinindo pela estrada e, superados os nobres e as mocinhas com as flores, viesse parar diante do grupo que rodeava o imperador. Era Willmar von Zangenburg, comandante de seção da guarda imperial, jovem de vinte e três anos, louro, olhos azuis, ídolo das moças.

Frederico olhou-o com benevolência:

- Que há, meu filho?

O jovem cavaleiro disse que pouco adiante a estrada se bifurcava: um ramo levava diretamente a Roma, o outro a Viterbo, e como se estava avançando diretamente pela estrada de Roma e Viterbo não veria a sagrada pessoa do imperador, tomava a liberdade de vir pedir ordens.

O arcebispo empalideceu:

- Jovem, - disse severamente - para hoje já tendes ordens precisas. Não passaremos através daquela cidade.

Willmar von Zangenburg atirou uma olhadela para aquele gordo e agitado eclesiástico e depois olhou para o imperador com um sorriso nos lábios. Sabia que tinha consigo a guarda pessoal. Todos já estavam cansados daquela marcha de lesmas dos últimos dias. Viterbo, sabia-se, tinha recusado receber entre seus muros o imperador antes que a paz estivesse definitivamente concluída ... Nem faltavam as boas razões. Uma pequena excursão a Viterbo podia ser uma variante agradável.

**- Viterbo? - disse o imperador adivinhando improvisamente a significação dos pensamentos desagradáveis e ainda não concretos daqueles últimos dias. Compreendeu a causa do próprio mal humor, enquanto em torno dele todos falavam da nova idade de ouro que estava surgindo. Viterbo tinha abandonado a causa do imperador quando ele era fraco. E Frederico não se havia vingado. A cidade podia alardear (e sem dúvida alardearia) que diante dela o imperador demonstrara-se impotente. Podiam trocar sorrisos de mofa, os cidadãos de Viterbo, se entre dois dias ele assinava a paz que o obrigava a perdoar àqueles que nunca tinham pedido perdão. Viterbo era uma mancha no seu escudo e no seu nome.**

**Parou o cavalo enquanto o arcebispo aterrorizado via-o fixar os muros da cidade. Era o olhar da águia ou do seu arquétipo. Berardo tinha vivido muito ao lado do imperador para desconhecer aquele olhar. Por isso pôs-se a falar com a coragem do desespero. O senhor do mundo não se teria rebaixado a pensar naquela mesquinha cidade: não agora, sim? Não no momento em que a cristandade inteira esperava a paz. Não teria seguramente mudado seus projetos porque um jovem de cabeça quente sentia arder as mãos ...**

**- Ouço-te, Berardo, - disse Frederico com os olhos ainda fixos nos muros da cidade. - Pobre almazinha, tremes pela tua mísera paz? Que te prometeu em segredo o papa para que tu faças tanta questão? Zangenburg pediu ordens minhas... e tu é que respondeste. Terei eu necessidade de um tutor?**

**O arcebispo pôs-se a balbuciar alguma coisa que foi logo interrompida.**

**- Meu pobre Berardo, Zangenburg não é mais do que um dos meus pensamentos, como tu és outro. Ninguém toma decisões por mim. Tentaste tirar Viterbo dos meus pensamentos, não é verdade, Berardo? Porque sabias que devíamos passar por ela. Diz-me: o ódio é bastante forte para fazer voltar à terra a alma depois da morte ... desde que a alma exista ...?**

**Os olhos do arcebispo estavam para encher-se de lágrimas.**

**- Meu caro imperador, imploro-vos, esconjuro-vos ... Estais encaminhado para o Paraíso. Não mandeis destruir essa mísera**

**cidade! Muito mais importante, insubstituível é ...**

**Interrompeu-se ficando de boca aberta, porque Frederico, pálido como um papel, olhava para ele com os olhos em brasa.**

**- Berardo, se eu já estivesse com um pé no Paraíso... retirá-lo-ia para me vingar de Viterbo!**

**E, voltando-se para Zangenburg, atirou-lhe uma porção de ordens na linguagem rude da guerra. O jovem cumprimentou levantando o braço armado de espada e afastou-se radiante.**

**- Caserta, - chamou o imperador - manda parar todo o cortejo. É preciso achar um teto para os animais e para as meninas. Que venham cá os coronéis e os capitães! Seis cavaleiros sem armadura sejam enviados a Orvieto e retirem os dois mil homens que lá deixamos. A meia-noite estejam aqui.**

**Caserta saiu a cumprir as ordens.**

**- Então atacaremos amanhã ao nascer do sol - disse Della Vigna.**

**- Não, Pedro.**

**- Quereis antes convidá-los a abrir as portas a sua majestade imperial, não? - observou Tadeu de Sessa.**

**- Nem penso nisso. Ataco já. Por que esperar até que desconfiem? Onde está o conde Brandenstein. Aqui os carros com as bestas e o fogo grego! Ainda bem que pensei em trazê-los comigo para o caso de uma traição. Tirai da estrada as meninas! Berardo, velho amigo, não me olhes assim tão triste. Podes crer, o teu papa nos receberá depois de amanhã como se nada tivesse acontecido. Isto será apenas aquilo que a história chama de um pequeno e deplorável incidente. O papa nos receberá apesar de tudo... porque deve e não tem outra saída. O sorriso com que nos receberá será apenas um pouco mais acre: só. Mas a hora de Viterbo soou. Brandenstein, eis-te finalmente. Examinei os muros e achei que o ponto mais fraco é entre a terceira e a quarta torre à direita. É preciso eliminar aqueles defensores: cuidará disso o fogo grego. Depois assaltarás a porta com os meus tudescos, que precisam ser acalmados. Tu, Pirelli, toma a ala esquerda e aguarda até que os homens de Brandenstein**

**abram uma brecha. Almarone, para ti a ala direita. Teus archeiros devem manter ocupados os defensores dos muros. Cuidarei eu para que não tentem uma saída contra ti, mas tu não atacarás, recomendo-o. Deves brincar com eles, só ...**

**Quando chegou o mensageiro de Viterbo, no palácio de Latrão estavam-se enfeitando as colunas com guirlandas e preparava-se a recepção ao imperador.**

**O papa leu a carta na presença de poucas pessoas: o arquiteto que dirigia os preparativos, os maiores floristas de Roma, o bispo de Perúsia e alguns prelados. Estes viram o pontífice empalidecer e levar a mão ao coração.**

**- Meus caros, - disse o bispo de Perúsia - agora é preciso deixar a sós, por algum tempo, o santo padre. Voltareis mais tarde.**

**Todos se retiraram.**

**Inocêncio, cujas mãos tremiam, tentou falar, mas as palavras não lhe saíam. O bispo de Perúsia, grisalho, de queixo enérgico e olhos escuros e vivos sob espessa sobrancelhas, fechou a porta atrás dos visitantes.**

**- A etiqueta foi mal observada o dia inteiro, santo padre. Aliás, é natural, se devem fazer tantos preparativos. Posso infringir mais uma vez a etiqueta e perguntar o que aconteceu:'**

**O pontífice levantou o rosto. que parecia repentinamente envelhecido.**

**- O fim -respondeu. - O imperador assaltou Viterbo.**

**- Impossível! - deixou escapar o bispo.**

**- Sem prévio aviso, durante o armistício solenemente concordado.**

**- Se bem conheço o cardeal Ranieri de Viterbo, - exclamou o bispo com os olhos faiscantes -o imperador encontrará um osso duro.**

**- De fato, o ataque foi rechaçado. O vento mudou improvisamente e repeliu contra os assaltantes o fogo grego. Quando esta carta foi**

**despachada a batalha continuava. Frederico atacou também a nossa cidade de Orte porque não quis atender a seu pedido de reforços.**

**- Enlouqueceu - murmurou o bispo. - E se o não está, Deus lhe perdoe.**

**- Não, não é maluco - sussurrou o papa. - É apenas insensato. Não é louco porque sabe muito bem o que quer. É insensato porque mostrou as cartas muito cedo. Agrediu Viterbo, mas pretende desferir o golpe contra Roma.**

**O bispo empalideceu.**

**- Assim então todas as conversações de paz eram um fingimento: Meditava a traição desde o início?**

**- Não - replicou o papa olhando ao longe. - Não quero dizer isso. Digo que está sujeito às inspirações do momento. Ocorre-lhe a idéia de desferir o ataque a Viterbo, e depois de um instante não pensa noutra coisa e age imediatamente. Ademais, considera-se inspirado e não pensa absolutamente que seja traição. Crê estar acima da moral, como o pensou Lúcifer. Oh! conheço-o bem! Em tantas noites insones e amargas lutei contra ele. Não que alimentasse esse projeto, mas agora... agora o alimenta. Talvez nem pensasse nisso quando deu a ordem de marchar contra Viterbo. Agora, porém, provou sangue e as emanções deste sobem-lhe à cabeça. Por que contentar-se com Viterbo se pode ter Roma? As condições de paz melhorariam muito rapidamente se ele conseguisse pôr as mãos no sucessor de Pedro.**

**Tocou uma campainha.**

**- E agora, que fazer? - perguntou o bispo desconcertado. - Estávamos contando com a paz. Em todo o patrimônio só temos um punhado de soldados, e antes que cheguem socorros ...**

**- Aqui está o nó da questão - disse o papa. - Serei seu prisioneiro e ele poderá ditar leis à vontade ... em meu nome.**

**Um prelado entrou.**

**- Dentro de duas horas devem estar prontos todos os carros**

**disponíveis - ordenou o papa. -Toma esta lista, e esta outra. As pessoas indicadas na primeira e as coisas arroladas na segunda acompanhar-nos-ão na viagem; é preciso recolher o maior número possível de cavalos e mulas. Avisa as pessoas que virão conosco para nada comunicar a outrem. Rápido, por favor.**

**O prelado desapareceu em silêncio, mas notava-se a sua agitação.**

**- Em nome de Nosso Senhor, - murmurou o bispo - quereis de fato abandonar Roma? Santo padre, que será da Igreja?**

**- A Igreja está onde está Pedro - respondeu Inocêncio**

**- Aonde ireis, santo padre... aonde?**

**- Primeiro a Gênova ... - respondeu o pontífice após um instante de hesitação. - Depois a Lião.**

**O bispo abaixou a cabeça.**

**- Meu caro Bruno, - disse Inocêncio com doçura - meu caro, velho amigo, pensas que este passo me seja fácil? Gregório era mais duro que eu, e no entanto o imperador escorraçou-o até fazê-lo morrer. Eu devo estar livre para poder pensar e agir. Perdoa-me, Bruno, se vou embora.**

**Levantando o olhar, o bispo viu lágrimas nos olhos do papa, e, dobrando um joelho, beijou-lhe o anel.**

**Poucas horas depois, uma longa fila de veículos deixava a cidade eterna rumo ao noroeste.**

**A tardinha passaram por um pequeno grupo de dominicanos, os quais, por muito tempo tiveram de caminhar nas nuvens de poeira levantadas pelos carros.**

**Logo que soube da fuga do papa, o imperador abandonou o cerco de Viterbo e alcançou Parma em marcha forçada. O gesto do papa devia logicamente criar uma situação política totalmente nova. Corria a voz de que ele pretendia convocar um Concílio ecumênico. Se a notícia fosse verdadeira, apresentavam-se graves perigos. R verdade que se podia impedir à maior parte dos bispos italianos de**

**participar dele (não faltavam caminhos e meios já experimentados); podia-se também fazer pressão sobre os bispos húngaros e sobre muitos germânicos, de modo que o Concílio dificilmente estaria completo. Mas os ingleses e os espanhóis tomariam parte, e Luís de França, embora rogado com insistência, certamente não reteria seus bispos.**

**Os boatos tornaram-se fatos quando chegou a notícia que o papa tinha deixado Gênova, sua cidade natal, e se dirigia a Lião. Em Gênova fora recebido de braços abertos. Tropas genovesas tinham ido ao encontro do cortejo papal para protegê-lo de um eventual ataque do imperador. Este, aborrecido, escreveu à fiel cidade de Pisa:**

**"Joguei xadrez com o papa e estava para tomar-lhe uma torre, quando os genoveses intervieram e viraram o tabuleiro".**

**Lião ... era muito pior: se o papa se retirava até lá, extrema fronteira do império, queria dizer que pretendia rebater com muita dureza. Lá em cima podia permitir-se isso impunemente. A sua fora, sem dúvida, uma cartada de mestre. A situação era prenunciadora de tempestade. Era preciso agir rapidamente, e disso o imperador entendia bem. Convocou, pois, um parlamento em Verona, mas muitos príncipes tudescos preferiram escusar-se cortesmente com toda sorte de pretextos. Decidiu casar-se com a jovem princesa Gertrudes da Áustria e, nesse sentido, escreveu ao pai dela. A Áustria era um pilar da Europa. A jogada era importante, mas também na Itália ele precisava reforçar a sua posição. A fidelidade de diversas famílias poderosas não era bastante provada. O melhor meio seria exterminá-las, mas o momento não era propício. Escreveu, portanto, ao chefe da mais poderosa, o conde San Severino de Marsico; dizia que, tendo sempre sido seu desejo estreitar mais fortes laços com os San Severino, havia resolvido fazer uma proposta que traria honra e felicidade a ambas as partes: o casamento entre o jovem conde Rogério, filho do conde San Severino de Marsico, e a condessa Teodora, filha menor do defunto conde Landolfo de Aquino e da condessa de Chieti. Frisou que os nobres de Aquino eram-lhe particularmente próximos não só pelo parentesco, mas também porque, nos mais graves perigos passados, sempre lhe foram inteiramente fiéis. Convidava os San Severino a irem a Parma, onde se celebraria o casamento, "desde que o seu caro e venerando amigo aceitasse a proposta".**

**Escreveu também no mesmo sentido à condessa de Aquino, convidando-a e a toda a família a Parma.**

**Pouco tempo depois, quando todos os bispos foram convocados para o Concílio de Lião, Frederico deliberou enviar como embaixadores extraordinários o chanceler Pedro Della Vigna e Tadeu de Sessa.**

**- Sois ambos inteligentes - disse-lhes. - Não preciso, pois, dar-vos muitas instruções. Gostaria que em Lião não fossem tomadas decisões dramáticas. Deveis convencer o papa de que nunca tencionei marchar sobre Roma. Jurai-lho por tudo que o possa impressionar. Queria apenas saldar uma velha dívida com Viterbo. O ataque a Orte não vem ao caso: efeito do excessivo zelo de um comandante subalterno. Um incidente deplorável e nada mais. A santa Igreja exige o que é seu na terra, nós esperamos e rogamos.. . não esqueçais, nós rogamos que sua santidade volte quanto antes. E preciso que volte, entendeis? Até que não o tenho em mãos, ele representa para mim um perigo contínuo. Não poupeis nem ouro nem promessas, fazei todas as concessões necessárias. Se lhe prometeis bastante, talvez acabe livrando-me dessa incômoda excomunhão. E ridículo que ele tome tão a sério o incidente de Viterbo. Afinal de contas, que representa Viterbo? Não é mais importante que o império e a Igreja (bem entendido, vós deveis dizer a Igreja e o império) vivam em paz entre si? Apelai para o seu bom senso, mas não esqueçais as promessas. E verdade que estas últimas ocupam menos lugar na vossa bagagem, mas o ouro provavelmente fará maior efeito ... pelo menos sobre alguns bispos mais influentes. Alguns devem ser acessíveis a esse argumento, ainda que continuem a orar para não caírem em tentação. Recomendo-vos também não descuidar do outro lado do quadro: a excessiva teimosia daqueles reverendos poderia ter deploráveis conseqüências. Aos espanhóis importará pouco, mas ainda que a Espanha esteja longe, o meu braço poderia chegar até lá, e, por outro lado, somos aparentados com o rei da França e com o da Inglaterra. Dos sábios esperamos provas de sabedoria...**

**- Ouvir significa obedecer - disse Della Vigna usando a fórmula dos súditos dos sultões orientais.**

**- Os reverendos precisam ainda aprender esta fórmula - disse o imperador sorrindo, mas logo seu sorriso desapareceu, enquanto os olhos se fixavam ao longe. - Devem aprendê-la. E se não cederem ...**

então, por Deus e por Lúcifer, formarei um exército tal como o mundo nunca viu, e tomarei todos os países cujos soberanos derem asilo a esses reverendos. Ide, amigos, ide!

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO II**

**- Ainda poucos passos - disse frei João enquanto o grupo de dominicanos se aproximavam do alto da colina.**

**E na névoa azul da manhã, eis a cidade, meta de sua longa viagem; cidade fabulosa com suas mil ruas estreitas e angulosas, com os dez mil telhados esguios, cortada pela fita prateada do Sena, coroada pelas altas torres de Notre-Dame.**

**- A cidade de Santa Genoveva - observou frei João. - E talvez um dia se acrescente: a cidade de São Luís. O soberano desta cidade é, de fato, um homem que vive como um santo, e não seria de admirar se Deus chamasse à santidade no mesmo século um mendigo e um rei: Francisco de Assis e Luís de França. Não quero dizer que esta cidade seja sem vícios e sem crimes: há até demais sob estes tetos. Mas é governada com clemência e justiça. O rei nunca come sem dar de comer ao mesmo tempo a quatrocentos mendigos. Ele próprio administra a justiça, e qualquer um pode apresentar-lhe o seu caso. Um de seus mais queridos amigos era o nosso confrade Vicente de Beauvais cujas obras constituem uma biblioteca inteira: um de seus livros intitula-se Como Tornar-se Juizes Justos. Deixamos a Itália, onde Frederico arranca avidamente tudo que Deus deu aos outros, e chegamos à França, onde Luís oferece aos outros o que Deus lhe deu. O senhor de Joinville disse desse monarca, com toda justiça: "Como um autor pinta com vermelho, azul e ouro o livro que acabou de escrever, assim o rei Luís enfeitou todo o seu reino".**

**Os frades Da Guidi, Sanjuliano e Lucas ouviram com devoção, enquanto o monge mais jovem parecia vagar ao longe com o pensamento**

**O geral da Ordem tocou-lhe o ombro:**

**- Linda cidade, não, frei Tomás?**

**- Muito linda - murmurou este.**

**- Que farias - prosseguiu frei João se fosse tua? Se o rei ta desse?**

**- Não saberia o que fazer dela - disse Tomás com sinceridade.**

**Frei João sorriu argutamente:**

**- Poderias revendê-la ao rei e com o lucro construir uma série de conventos dominicanos, não achas?**

**Tomás ficou um instante pensativo:**

**- Preferiria um exemplar do tratado de São João Crisóstomo sobre o Evangelho de Mateus.**

**Os monges riram enquanto o geral pensava: "Este é o homem que queriam fazer abade de Montecassino, o homem que por toda a vida teria de ser administrador!".**

**E tomou a resolução de não comunicar o seu pensamento aos futuros mestres do jovem frade, nem mesmo a Alberto de Ratisbona, que muitos já chamavam Magno. Descobrissem por si mesmos o que haviam alquirido: se soubessem que o geral da Ordem, por amor de um noviço, tinha adiado por dez. longos meses sua viagem à Franca, ele certo ficariam assombrados.**

**Enquanto desciam o morro e se aproximavam da cidade, Ale, em seu tom lento e pacato, começou a falar do mosteiro de Saint-Jacques na colina de Santa Genoveva, a primeira casa dominicana aberta em Paris.**

**- Apenas há trinta anos São Domingos fundara a Ordem ... cum dezesseis frades: oito franceses, seis espanhóis, um português e um inglês. Após cinco anos os conventos já eram sessenta; agora são centenas. Mas em nenhum outro encontrarias um mestre com a sabedoria de Alberto de Ratisbona. Os arquitetos da catedral de Notre-Dame eram grandes homens, mas construíam com a pedra; Alberto está construindo uma catedral do espírito, e é o homem que escolhi para teu mestre.**

**O jovem frade tinha os olhos brilhantes e, sem querer, acelerou o passo.**

**.A carta do imperador encontrou a condessa em Roca-sêca. Tomás já tinha escapado e não havia mais motivo para isolar-se em Monte São João. Ela não decidira mandar perseguir o fugitivo. Recebida a**

**notícia de Marta já pela manhã avançada, retirara-se em silêncio para seu quarto. Quando reapareceu estava tranqüila e resignada, e não mencionou mais o nome de Tomás. No mesmo dia Marta entrou para o mosteiro das beneditinas. No dia seguinte voltava para Roca-sêca.**

**Nem os irmãos, nem as irmãs tiveram coragem de perguntar a Marta como mãe recebera a notícia e por que não fizera perseguir Tomás. - Não se deve tocar no que queima - disse Rinaldo a Landolfo. Teodora e Adelásia, por sua vez, compreenderam que não convinha fazer perguntas a Marta, e muito menos pensaram em interrogar a condessa. Muito mais tarde, Adelásia tentou e recebeu essa resposta estonteante:**

**- Enganei-me a respeito de Tomás. E não é de hoje.**

**Desde então a vida em Roca-sêca havia se desenrolado calma e tranqüila, até que a carta do imperador chegou como uma bomba que fez estremecer o castelo.**

**Foram preciso algumas horas para que a condessa ousasse chamar `l podara. Dez, vinte vezes lera a missiva, a qual não podia ser mais cortês e amigável, mas que, é claro, continha uma ordem. Ela devia entregar a sua criatura mais jovem e mais bela ao novo favorito do imperador, a um Ezelino, a um Caserta. Isto é, não ela, mas o próprio imperador entregava Teodora àquele San Severino como se fosse um título ou uma data de terra.**

**“O meu consentimento não conta” pensava enquanto o seu ator doamento ia mudando em amargura e orgulho ferido. “Ele manda e eu tenho de sacrificar minha filha”. No entanto, esta era Itália, não Cartago ou Tiro, onde se sacrificavam mocinhas a Baal. Ora, vamos! não exagerava? A coisa não era, pois, tão grave. Ninguém queria fazer mal à sua filha, e muito menos sacrificá-la: o imperador, seu primo, tinha proposto um casamento entre Teodora e o filho de uma das famílias mais antigas e influentes da Sicília, e ela queria convencer-se que se tratava de um crime ...**

**Percebeu, porém, que tais pensamentos eram ditados pela fraqueza, pelo desejo de evitar dificuldades. Sabia que Frederico, agora já obcecado pelo poder, não era mais o mesmo de antes. Sabedor dos crimes que se cometiam em seu nome, ele próprio cometera diversos. E ela bem sabia quanto fosse corrompido aquele ambiente,**

sabia que homens de alta posição temiam pela própria vida, já que uma denúncia podia significar a morte imediata. Eis a atmosfera em que se queria lançar Teodora ...

Não conhecia o jovem San Severino ... como se chamava? Ah! sim, Rogério, como seu pai do qual ela se recordava vagamente: um grande senhor, sem dúvida, tenebroso, flexível e um tanto misterioso, que provavelmente havia prestado algum grande serviço ao imperador e, em compensação, recebia Teodora e seu dote. Além do mais, devia ter muita pressa, posto que o convite a Parma significava que o próprio imperador desejava estar presente aos esposais e fazer deles uma cerimônia oficial. San Severino certamente vivia na corte ... e isso era ruim. Ela admitia que sua fidelidade a Frederico já não tinha as raízes profundas de antes, da mesma forma que ele não era mais o mesmo ... e justamente por este motivo.

Sim, em Roca-sêca podia-se ser fiel ao imperador: na corte, porém, era outra coisa. Os de Aquino não eram cortesãos, e ela não constituía uma exceção. Se via uma injustiça, não sabia calar e isso podia, ou melhor, devia ter más conseqüências. Na sua casa não tolerava que se falasse contra o imperador: na corte teria sempre tentado dizer-lhe a sua opinião. "Sou uma nobre senhora do campo", pensava. Assim era também Teodora e as outras filhas. Só Rinaldo sabia ser cortesão, e este era o traço que ela mais desaprovava nele, embora compreendesse que dependia provavelmente da sua natureza de poeta. Ao que parece, os poetas podem adaptar-se a qualquer ambiente e situação. São ágeis como lagartos e, em certo sentido, sem sangue. Rinaldo parecia não participar da vida: ficava de camarote observando a vida alheia como se assistisse a um espetáculo de prestidigitação. Até quando as circunstâncias o obrigavam a agir, brincava; não tomava a sério nem as próprias ações. Este negócio, porém, dizia respeito, antes de tudo, a ela mesma e a Teodora: devia, pois, informá-la, embora já imaginasse a reação.

Esses eram os seus pensamentos quando mandou Eugênia chamar Teodora.

Foi pior do que esperava. Entregou a Teodora a carta sem um comentário. A jovem leu e deixou cair a folha como se fosse uma imundícia, exclamando:

- Agora creio o que se diz do imperador ... fez-se pagão ou muçulmano.
- Que queres dizer, filha?
- Os árabes afirmam que a mulher não tem alma, não? Que, portanto, não é um ser humano. Quem conta é o homem. Essa deve ser também a opinião dele, pois de outro modo não me pediria espose um homem que nunca vi.
- Minha filha, não poucas vezes tem acontecido que os pais, sem interrogar seus filhos...
- Maometanos, pagãos, infiéis! Eu sou uma mercadoria que se vende... Quem pensa perguntar a uma mercadoria se quer ser vendida?
- Os San Severino são uma família nobre e antiga ...
- Que me importa. Não quero ser vendida. Ou caso com o homem que amo ou não caso. Podes escrever-lhe, basta uma linha.
- Tu sabes muito bem que não posso. E o teu juízo não é justo. Nunca viste Rogério de San Severino, é verdade, mas nem ele nunca te viu.
- Aí está - rebateu Teodora agitadíssima. - Justamente por isso sei que não o poderei amar. Um homem que se presta a casar com uma moça só porque outro ... porque o imperador o quer, não é um homem. É um escravo, um bruto, e eu não o poderia amar, portanto nem casar com ele.
- Querida, tu bem sabes que, nesses assuntos, sempre considereei o teu coração. Nunca tentei obrigar-te ...
- E verdade, mamãe, nunca tentaste porque bem sabias que não me deixaria obrigar. Tentaste impor tua vontade a Tomás e fracassaste. Eu sei, eu sei que devemos obediência e fidelidade ao imperador, já o disseste até demais. Os de Aquino estão com ele, mas enquanto homens e como homens devem ser tratados. Esta carta é inumana e, para mim, a questão não existe.

**- Muito obrigada - disse friamente a condessa. - Solução muito simples. Para ti a questão não existe. Desgraçadamente eu devo responder, e creio que o imperador não se contentará com ler que nos sentimos muito honrados, mas que para minha filha Teodora a questão não existe.**

**- Então, somos escravos - concluiu Teodora amargamente. Pensei que fossemos nobres.**

**- De qualquer maneira, teremos de ir a Parma - disse a condessa dando de ombros. - Não podemos recusar o convite.**

**- Os únicos homens de nossa família são Tomás e Marta! exclamou Teodora chorando e, antes que a mãe pudesse retrucar, fugiu como uma gazela.**

**Para ir ao seu quarto tinha de passar pelo salão, onde Landolfo e Rinaldo, que lá estavam, fixaram-na admirados, pois nunca a tinham visto chorar. Ambos se levantaram e, indo onde estava a mãe, encontraram-na mergulhada numa poltrona; a cabeça, antes sempre tão orgulhosa., abaixada sobre o peito. Até Landolfo percebeu, com íntima dor, que ela havia envelhecido.**

**- Estás doente, mamãe? - perguntou timidamente.**

**Rinaldo apanhou a carta imperial e, compreendendo num relance de que se tratava, entregou-a a Landolfo, dizendo:**

**- Não é coisa fácil.**

**- Por quê? Pode ser que San Severino seja um jovem às direitas - disse Landolfo; mas suas palavras não revelavam convicção alguma.**

**- Pouco importa - contestou a condessa. - Teodora nunca casará com ele. Fui uma tola: não devia ter-lhe mostrado a carta.**

**- Que se podia fazer?**

**- Dizer-lhe que fomos convidados a Parma e lá aguardar os acontecimentos. Na pior das hipóteses, podia pedir a Frederico que**

**mudasse de idéia.**

**Rinaldo suspirou.**

**- Tudo muito bonito, mamãe, mas me parece já muito tarde. Nós todos somos muito impulsivos para sermos bons diplomatas. Certamente o imperador não mudará de idéia. Não percebes? Esse casamento é lhe necessário para conseguir o apoio dos San Severino. Assim, pelo menos, me parece.**

**- Não me agrada - comentou Landolfo.**

**Rinaldo riu.**

**- Tampouco a mim, caro irmão. A nenhum de nós. Vês, mamãe: Frederico está em maus lençóis. Tomás tinha razão e eu estava errado. O papa está com vantagem: a sua fuga para Lião foi um golpe de mestre. E agora a pequena Teodora deve servir para tirar Frederico da entalada. Mamãe, tu não a criaste para isso, não?**

**A condessa estendeu os braços e puxou para si os filhos com gesto instintivo. Sentia-se fraca, muito fraca, pela primeira vez na vida. Mas logo que tocou os fortes membros dos filhos, uma corrente de energia percorreu-lhe o ser e a fez levantar a cabeça com uma confiança que a ela mesma pareceu surpreendente.**

**- Alguma coisa acontecerá - murmurou. - Deve acontecer. Estaremos unidos. Iremos juntos para Parma.**

**Talvez nenhum deles o tenha confessado, mas pela primeira vez conceberam pensamentos que, em outros tempos, apavorá-los-iam. Eram pensamentos ainda informes, primitivos, sem uma linha determinada. Todavia, as asas da conspiração já os havia tocado.**

**Decidiram partir para Parma dentro de dez dias. Teodora recebeu a notícia com frio silêncio e recusou falar no assunto. Prepararam-lhe seis vestidos novos, mas ela não se dignou olhar àquelas preciosas fazendas, e as modistas que vieram para as provas encontraram a porta fechada. Os irmãos discutiram com a condessa o problema da escolta e decidiram levar consigo apenas cem soldados. Maior número podia despertar suspeitas e, repetindo as palavras de Rinaldo:**

**- Três mil não os podemos levar, enquanto o imperador pode juntá-los a qualquer momento.**

**Sir Piers e um rijo siciliano, o jovem De Braccio, forais nomeados sub-chefes. Os grandes preparativos não conseguiram clarear as nuvens que pairavam sôbre Roca-sêca. Mas Robin Cherrywoode, encontrando-se sôbre os muros, junto de Piers, exclamou de repente:**

**- Nessa viagem há alguma coisa boa.**

**- Sim? - perguntou Piers.**

**- Desde que descemos pela cesta o gordo fradezinho, não se pode dizer que nos tenhamos divertido, aqui ...**

**- É verdade - confirmou Piers com um fraco sorriso.**

**- ... mas em Parma poderemos achar algum divertimento.**

**- Ora, maluco! - disse Piers.**

**Robin coçou o queixo e começou a mastigar uma ponta dos bigodes louros.**

**- Quando se trata de guerra, ou de política, ou coisa parecida, empresas viris, enfim, o homem pode prever os resultados eventuais. Mas em questões de matrimônio, a única coisa que se sabe com certeza é que não se pode saber nada certo. Imperadores e reis ... meu senhor, em questão de casamento qualquer mulher vê mais longe que eles. Ora, a nossa daminha é contra, é ...**

**- Cala-te e vá embora.**

**Robin calou-se e se foi satisfeito: tinha dito tudo que queria.**

**Na noite precedente à partida, Piers viu a sua dama sair para o pátio e subir aos muros. A dez passos dele ela parou e pôs-se a olhar em silêncio o vale. Sem fazer ruído, quanto o permitia a armadura de ferro, ele se aproximou e disse:**

- Minha senhora, rogo-vos perdoar se o vosso servo fala quando deveria estar calado, mas o meu coração deseja ver-vos tranqüila: matarei o conde de San Severino.

Ela virou-se, e fixando-lhe o fundo dos olhos, compreendeu que ele o faria.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO III**

O imperador estava só. Logo que chegara a carta da Áustria tinha-a aberto e, lidas as primeiras linhas, despedira os cortesãos e se atirara sôbre uma das grandes cadeiras maravilhosamente esculpidas, esforçando-se para ler frase por frase.

Fazia calor em Parma. O perfume de cem mil flores enchia a sala como uma nuvem pesada e invisível.

Uma recusa. Certamente muito cortês, quase cortês demais, e acompanhada de amabilíssimos cumprimentos: o velho duque de Babenberg sabia como se escreve uma carta. Parecia-lhe vê-lo com o seu focinho de raposa e o sorriso gracioso e indulgente: "Que posso fazer, primo imperador? decerto não posso obrigar a moça. E ela não quer casar. Tem medo. Somos gente simples aqui na Áustria. Não estamos acostumados à grandiosa atmosfera da corte imperial. Somos nobres camponeses. E Gertrudes compreende que seria desajeitada e pouco simpática, sente perfeitamente não ser a mulher adequada para o senhor do mundo".

Muito comovente, e talvez também verdadeiro, mas, na certa, caro Babenberg, não é toda a verdade. Medo? Claro, tem medo, porque as minhas mulheres geralmente não vivem muito, porque na Europa contam-se milhares de histórias sôbre o modo como morrem. Porém, antes de morrerem todas puseram no mundo filhos, caro Babenberg, e a todos tenho tratado como bom pai de família ... A Enzo, Manfredi, Frederico de Antioquia e Conrado e Arrigo ... e até os filhos naturais como Ricardo de Teate e... pois sim, a tantos outros. Ninguém poderia se queixar, todos tiveram a sua parte.

Como eram melhores as instituições do Islã, onde qualquer um podia ter ao mesmo tempo quatro mulheres! Infelizmente, porém, todas as princesas cristãs eram religiosas e pretendiam ser casadas uma de cada vez. Cada qual queria ser sempre a única. Que se podia fazer? Naturalmente, atrás das princesas havia a Igreja que, como sempre, te amargurava a vida. Também sob a tua carta, Babenberg, estava a Igreja; de fato, cheira a incenso. Terá sido um imbecil de um confessor, um maldito cura de aldeia, a pôr em guarda a pequena Gertrudes contra o Suevo semipagão e inimigo do santo padre. Sempre e em toda parte o santo padre. Basta estender a mão para as

**riquezas da vida, e eis o papa vociferando ser pecado e crime.**

**O Babenberg era bastante sabido para não falar nessas coisas: nem mesmo exortava o imperador, como era costume em todas as outras cartas, a fazer as pazes com a Igreja. No entanto ... a carta cheirava a incenso. Talvez estivesse aí também o abelhudo do Absburgo. Os Babenberg estavam para se extinguir, e Absburgo era ambicioso ... tão ambicioso quanto religioso. Oh! ter as mãos livres! Nesse caso o Babenberg, aquela velha raposa, não teria ousado uma recusa.**

**Frederico sorriu sarcasticamente. Recusado! Repelido por uma ... como dizia? ... por uma nobre camponesa. Espera, velhinho, deixa-me resolver o caso de Lião e depois veremos.**

**Rasgou em pedacinhos a carta, levantou-se e passou para a sala contígua, onde os servos estavam terminando a montagem do trono e do dossel para a audiência da manhã. Atirou-lhe um olhar atento e repentinamente se tornou pálido.**

**- Quem deu essa ordem? - gritou indicando uma linda guirlanda de rosas, presa ao dossel sôbre o trono.**

**Todos pararam inibidos.**

**- As flores! - gritou o imperador. - Quem pôs lá aquelas flores?**

**O mordomo, paralisado de susto, balbuciou que se tratava de "rosas de beleza excepcional".**

**- Os guardas! - berrou Frederico. - Aqui os guardas!**

**Estes entraram com barulho de metais.**

**- Prendei esse homem! - ordenou o soberano.**

**No meio de dois guardas o mordomo parecia um embrulho de seda, carne e terror.**

**- Fala! - disse Frederico. - Quem te encarregou de pendurar lá em cima aquelas flores?**

**- Ninguém, majestade... ninguém ... Pensava ...**

**- Levai-o. Marzuque, aplique-lhe tantas vergastadas nas plantas dos pés até que diga a verdade. E tirai aquelas malditas rosas.**

**Os homens obedeceram e ele ficou olhando até que a última flor foi levada.**

**- Jogai-as fora! - ordenou Frederico. - E nunca mais, compreendeis? nunca mais quero flores sôbre a minha cabeça. Fora, fora todos! Mandai entrar a corte. Onde está a lista das audiências?**

**Todos saíram correndo, e por alguns instantes o imperador ficou sozinho. Enxugou a testa bem sabendo que aqueles que haviam saído já estavam difundindo a sua caprichosa tirania. Convinha deixá-los dizer, já que não estavam informados, não podiam estar. Há muitos anos Miguel Escoto lhe havia predito que morreria sub flore, sob a flor. Miguel não o tinha lido nas estrêlas: a sua ciência provinha de uma fonte mais segura, mais misteriosa: a necromancia. Só os mortos sabiam tudo quanto à morte. Ele tinha feito Escoto jurar de manter o segredo; o necromante não trairia o juramento. Não se traem juramentos feitos por todos os poderes ocultos, por Hermes Trismegisto, Astarte, Asmodeu, pelo próprio tetragrama. Agora Escoto havia morrido e ele só havia falado da predição a um único homem, o astrólogo Bonatti (um conhecedor da cabala tão profundo como o anterior) ainda quando vivia em Toledo. Bonatti tinha confirmado a sentença, e justamente por isso o imperador nunca tinha posto o pé em Florença. Sub flore podia significar Florença, mas também podia ser tomado ao pé da letra.**

**Algum demônio teria levado aquele estúpido mordomo a pôr as flores no dossel? Ou teria sido mesmo uma idéia do seu cérebro idiota? Era preciso descobrir a verdade. Doravante, porém, era necessária maior cautela. Devia ordenar que, para o futuro, quando entrava numa cidade, ou num palácio, ou num castelo, não fosse usadas flores na ornamentação. Não tinha pensado nisso antes: ainda bem que agora lhe tinha ocorrido a idéia.**

**Sentou-se no trono. Destino, Fado, Ananke, de qualquer modo que te chamem nós te enganamos. Temos apenas cinqüenta anos e ainda nos restam vinte, trinta, talvez mais; e se continuarmos a evitar Florença e as flores mortais sôbre a nossa cabeça, e portanto a**

**maldição ... quem sabe, talvez cheguemos à eternidade.**

**João, o soberano oriental, tinha-lhe enviado, numa ampola de esmeralda, o líquido que deveria ser o elixir de vida eterna. O imperador tinha dado uma gota a uma pomba (podia também ser veneno), e a pomba continuou vivendo: depois tinha-lhe cortado o pescoço, e a pomba morrerá. Quem sabe se talvez o elixir agisse apenas sobre o homem, e infelizmente não havia motivo para crer que garantisse também a juventude perene. Viver como velho enrugado, calvo e sem dentes, isso não. Os dons ocultos devem ser tratados com prudência. Sub flore. Não ainda, Ananke, não foi ainda desta vez.**

**A corte entrou brilhante de ouro e pedras preciosas, e formou um semicírculo assinalado pelas alabardas dos guardas, como que numa rude e bélica cortesia.**

**Alguém estendeu-lhe a lista das audiências e o imperador a estava lendo quando um criado recém-chegado sussurrou-lhe que o mordomo, sob as pancadas, havia confessado ter sido subornado para colocar as rosas no dossel.**

**- Subornado por quem? - perguntou logo o imperador.**

**O criado ficou um pouco incerto.**

**Disse: "Por aquele que o augusto imperador julgar melhor". Depois desmaiou e ainda não voltou a si.**

**- Mandai-o para casa - disse Frederico com desprezo. - Não o quero ver mais. - Não era um dia favorável: primeiro a carta de Babenberg, agora isto! Que iria acontecer ainda?**

**O prefeito de Parma, Tebaldo Francisco, homem arredondado e insinuante, todo azougue, bailaricava-lhe em torno. Sim, sim, sabemos, fizeste tudo para receber-nos dignamente na vossa bela cidade. A condessa de Aquino com sua família ... Ficai, prefeito, desejamos preparar uma festa nupcial ... Cuidareis dos preparativos ... A condessa de Aquino, a nossa querida prima ... levantemo-nos, desçamos os degraus do trono e a beijemos na face ... ai, ai, como envelheceu! ... No entanto não é mais velha que nós ... mas é claro, as mulheres envelhecem rapidamente ... Conde**

**Landolfo ... Conde Rinaldo ... condessa Adelásia, tão engraçadinha ... condessa Teodora, deliciosa ... San Severino tem toda razão para estar feliz ... Que murmura a condessa? Uma audiência particular? Por quê? Por que não aqui? Pena que o noivo não esteja presente. É claro, vem de mais longe ... Definitivamente?**

**- Os esposais tinham sido anunciados há pouco ... Não tivera notícia? Ele desejava que se fizesse esse casamento. Tinha-o dito claramente. Havia algum impedimento? A jovem Teodora não era solteira e livre?**

**- Livre, salvo o desejo do imperador - respondeu a condessa. Completamente livre se a graça do imperador renunciasse a esse desejo. Ela não queria casar-se.**

**Frederico enrugou a testa, mas apenas um instante.**

**- Vossa filha deverá aprender que para a mulher as doçuras da vida resumem-se na obediência. Não renuncio ao meu desejo. Nada de objeções, cara amiga. Silêncio! Não quero nem ouvir falar nisso. Permitti-me, porém, de vos assegurar ...**

**Interrompeu-se: um arauto assomara à porta e atrás dele viam-se dois homens em roupas de viagem.**

**- Entrai, entrai, amigos! - exclamou Frederico em voz alta. Retira-te arauto! Esses dois não precisam ser anunciados.**

**Seus olhos brilhavam, ávidos de notícias. Della Vigna e Tadeu de Sessa, finalmente!**

**- Aproximai-vos.**

**A condessa de Aquino apertou os lábios, inclinou-se e se retirou. Landolfo, Rinaldo, Adelásia e Teodora seguiram-lhe o exemplo.**

**Todos conheciam os dois que agora se aproximavam do imperador: Della Vigna, barba negra, olhos escuros e profundos, e Tadeu de Sessa, magro, elegante, com um rosto de mulherzinha inteligente. Todos sabiam que traziam notícias de muita importância, tanto que nem haviam mudado de roupa antes de aparecer perante o soberano. Mas o semblante, rígido como uma máscara, nada**

**revelava.**

**Só Frederico viu além da máscara, e antes que dissessem uma palavra, antes mesmo que alcançassem o trono, compreendeu que a carta de Babenberg e as flores no dossel eram apenas os pródromos de uma verdadeira desgraça. Seu cérebro já estudava as possíveis soluções e a sua vontade estava preparando-se para receber o golpe.**

**- Sejais bemvidos, - disse em voz alta - e narraí.**

**Pela hesitação dos dois compreendeu que as coisas deviam ir muito mal; mas não teve medo, não teve nem sombra daquele tormentoso e misterioso desejo que leva os homens de menor valor a se abandonarem quando sabem que soou a sua hora. Um golpe de vontade, e o seu cérebro extraordinário retomou o trabalho. Com ostentado descanso subiu de novo os degraus e sentou-se no trono.**

**- Senhor do mundo, - começou solenemente Della Vigna pedimos poder falar-vos a sós.**

**- Não, não, falai aqui mesmo - respondeu Frederico. - E logo. Não temos segredos para os nossos fiéis súditos e amigos. - As situações dramáticas sempre foram de seu gosto, mas desta vez não eram o motivo principal. Ele sabia o que diriam aqueles dois, os cortesãos não o sabiam: que ouvissem, pois, em sua presença. Assim ele podia não só estudar o efeito, mas ainda exercer o seu fascínio sobre eles, ao invés de os abandonar aos próprios pensamentos. - Nada escondi, acrescentou. - Della Vigna, começa.**

**E Della Vigna começou, falando primeiro com cuidado, depois mais livremente.**

**- Tinha-nos sido ordenado encaminhar conversações de paz com sua santidade o pontífice e rogar-lhe voltar a Roma e ocupar novamente, livre e sem obstáculos, a cátedra de São Pedro. Tínhamos ordem de empregar todos os esforços possíveis para encontrar uma solução favorável ao nosso encargo. Mas logo que chegamos a Lião verificamos que era impossível pôr-nos em contato com o papa. Ele recusou receber-nos, aliás, não recebeu nem alguns dos nossos amigos que procuravam obter uma audiência para nós. A um desses foi dito por um jovem prelado que o papa já tinha**

**ouvido bastante falar do imperador e que agora, para mudar, o imperador iria ouvir falar dele.**

**"Provavelmente essa é inventada", pensou Frederico; "de outro modo teria dito o nome do prelado. Della Vigna quer criar-se um ambiente favorável".**

**- Assim tivemos de aguardar até a abertura do Concílio - prosseguiu Della Vigna. - Ouvimos muitos boatos, mas nenhuma notícia direta e segura. Tinham chegado os bispos espanhóis, franceses e britânicos, enquanto quase todos os italianos estavam ausentes, bem como os húngaros e a maior parte dos alemães. O pretense Concílio ecumênico contava, portanto, com só cento e cinquenta participantes, mas foi-nos dito que suas decisões são válidas apesar disso. No último dia, 17 de julho, fomos convidados a ouvi-las na catedral de Lião. Até então sabíamos apenas que tinha chegado uma carta do cardeal Ranieri de Viterbo, a que se dera muita importância durante as discussões. O cardeal acusava o imperador de rebelião contra Deus, afirmando que tinha envenenado as mulheres quando se cansara delas, que era culpado da morte do papa Gregório IX, a quem tinha encurtado a vida com as contínuas perseguições e ameaças, e que tinha cometido muitos outros crimes e atos de violência. A carta comparava-o a Herodes, Nero e Juliano, o Apóstata.**

**Todos os presentes deram um profundo suspiro, enquanto Frederico, com sua gélida calma, fixava os rostos aterrados.**

**- Antes do dia 17 conseguimos falar com alguns bispos - prosseguiu Della Vigna - mas todos recusaram responder às nossas perguntas, enquanto, por sua vez, dirigiam-nos muitas. Por exemplo, perguntaram-nos se fora o próprio imperador que atacara Viterbo dois dias antes que fosse revogada a excomunhão; se era verdade que ele mantinha continuamente em volta de si bailarinas maometanas de costumes levianos e se tinha o hábito de blasfemar contra Cristo e os Sacramentos. Muitas perguntas também nos foram feitas sobre a colônia muçulmana de Lucera. A todas respondemos conforme a consciência.**

**- É claro - observou o imperador.**

**- A 17 de julho, quando fomos levados à catedral, encontramos nela**

**todo o Concílio em magna pompa. Diante do papa e de cada bispo havia um candelabro de prata com uma vela acesa. Após intermináveis orações e o canto dos hinos, o próprio papa leu uma resolução que ouvimos com crescente cólera e preocupação. Dizia que, com o ataque a Viterbo, o imperador nosso augusto soberano tinha-se tornado culpado de perjuro e de ruptura da paz; que cometera sacrilégio ordenando à frota o afundamento de diversos navios que de Roma levavam bispos e prelados às suas dioceses na Itália, França e Espanha, com o fito de fazer afogar grande número de altos dignitários eclesiásticos, enquanto outros eram capturados e deportados para as prisões imperiais.**

**- E verdadeiramente deplorável que não se tenham afogados todos - observou pacatamente o imperador.**

**- De heresia também foi acusado o imperador. Asseverava-se ter ele assumido atitudes indignas de um soberano católico e conformes aos usos de países islâmicos: que, por exemplo, mandava custodiar suas mulheres por eunucos e permitia que, no coração da Itália, e até no templo de Cristo em Jerusalém, Maomé fosse proclamado profeta. Era acusado de ter mandado matar homens inocentes, destruído igrejas, participado dos sagrados mistérios não obstante a excomunhão. Verificava-se que, durante todo o seu reinado, o imperador nunca mandara construir uma igreja, uma capela, um mosteiro, enquanto em Lucera fundara mesquitas para os sarracenos; que mantinha um harém como os muçulmanos e que se descuidava dos costumes e usos de um soberano católico; que não tinha mandado erigir nenhum hospital ou edifício dedicado a fins beneficentes e piedosos.**

**Pedro Della Vigna fez uma breve pausa e levou as mãos à garganta, como se as palavras que estava para dizer não quisessem sair:**

**- O meu imperador ordenou lhe fosse contado tudo - concluiu. - O que disse até agora não foi fácil de dizer, mas o que direi agora será intolerável. Ao ouvi-lo o amigo Tadeu chorou batendo o peito e eu ... sim, eu blasfemei, mas os nossos sentimentos eram indubitavelmente os mesmos. O papa declarou que os crimes e atos de violência do meu generoso soberano estavam provados, e leu um decreto de destituição. Agora, disse, o trono imperial está vacante ...**

**Desta vez não se ouviu nem um suspiro nem um grito. A assembléia**

**estava muda, paralisada pelo terror.**

**Os olhos arregalados de Frederico estavam fosforescentes como à noite os olhos do lobo; suas mãos, longas e nervosas apertavam os braços do trono, como se quisesse verificar se ainda existia.**

**- Depois o papa apagou a vela que tinha diante de si, - prosseguiu Della Vigna - e todos os bispos seguiram o seu exemplo. Parecia uma cerimônia mágica, como se quisessem apagar a vida do meu augusto senhor. Então não resistimos mais, deixamos a catedral e a cidade de Lião para voltar aqui o mais depressa possível.**

**Nisso inclinou a cabeça enquanto muitos dos presentes choravam. Ninguém ousava olhar o vizinho; maldições e rezas se alternavam.**

**Frederico levantou a mão e com voz trêmula ordenou:**

**- O tesoureiro nos traga as nossas coroas!**

**A força de todo mortal tem limites: as palavras de Della Vigna haviam-na ultrapassado. Frederico já não observava o efeito sobre os outros, mas acompanhava um seu pensamento. De novo, como tantas outras vezes, via-se fraco e jovem, elevado ao trono pela mão gigantesca de Inocêncio III. Um papa tinha-o feito imperador e agora outro papa tentava destituí-lo. O motivo mais profundo da luta encarniçada contra o papado, contra Inocêncio III, contra Gregório IX e contra Inocêncio IV, era a sua aversão ao pensamento de ser devedor de alguma coisa a outrem e não apenas a si mesmo. Como se aqueles arrogantes padres não fossem instrumentos do destino, como se Inocêncio III não tivesse nascido senão para dar ao maior reinante do século, ao máximo soberano depois de Augusto e Justiniano, o trono que lhe cabia por direito! Não ele, mas Inocêncio IV era o herético, se pensava poder destituir o imperador.**

**E eis que chegam as coroas: dois pagens traziam a do reino da Sicília; dois a antiquíssima coroa de ferro dos reis longobardos; outros dois ainda a coroa imperial repleta de jóias e tão grande que não se adaptava a nenhuma cabeça humana, tanto assim que era preciso sustentá-la sobre a cabeça do imperador, como o diadema de Júpiter na Roma antiga. Frederico pegou as coroas da Sicília e da Lombardia, e mandou sustentassem sobre a sua cabeça a imperial.**

**- Como vedes, bons amigos, - disse com voz firme - seguro o que me pertence por direito, e desse direito ninguém me privará. Nossos inimigos golpearam-nos bem no meio do coração, não o esqueceremos. Nós temos em mãos a espada vingadora, e nosso ódio só se apagará com a destruição completa do inimigo. Por muito tempo fomos a bigorna, agora seremos o martelo, e a história nos registrará como martelo e flagelo de Deus, tal como Atila.**

**O ódio e a vingança sempre tinham sido para ele duas virtudes; suas palavras e gestos teatrais incutiam pavor pelo poder que nelas se escondia.**

**O imperador levantou-se e desceu os degraus do trono.**

**- Hoje mesmo deixaremos a nossa boa cidade de Parma. Todas as outras audiências estão suspensas. - O seu olhar encontrou a condessa de Aquino de rosto pálido e olhos rasos de lágrimas. - Sentimos não poder estar presentes aos esponsais, mas o prefeito de Parma representar-nos-á. O casamento realizar-se-á um dia após a chegada do noivo. Tu, Francisco, ficas responsável disso. Conde Brandenstein!**

**O gigante tudesco aproximou-se:**

**- Que deseja o meu imperador?**

**- Confiamo-vos o comando da guarnição de Parma e desejamos que vós também estejais presentes às núpcias. Nem uma palavra, minha cara prima de Aquino. A preciso que os nossos desejos sejam respeitados. Providenciaremos para que o sejam.**

**E passando rapidamente diante das cabeças inclinadas, desapareceu.**

**A impressão da última meia hora era tão deprimente que a assembléia dissolveu-se em completo silêncio. Todos se apressaram em ir para suas casas para não se envolverem numa discussão que quase inevitavelmente teria sido uma forma de alta traição ...**

**Landolfo e Rinaldo escoltaram a mãe e as irmãs até a ala do palácio em que os hóspedes do imperador tinham alojamentos**

correspondentes ao próprio grau. Teodora e Adelásia tinham que amparar a mãe, trôpega. Ela era incapaz de pensar, mas sentia que o primeiro grande amor da sua vida tinha-se tornado um demônio. O seu mundo tinha-se despedaçado, a cabeça rodava-lhe e, logo que entrou no quarto, deitou-se.

Eugênia assistia-a trazendo água, vinagre e sais, mas teve ele chamar um médico, que tomando o pulso e ascultando o coração, meneou a cabeça preocupado, murmurou intermináveis palavras latinas e ordenou uma receita que Eugênia foi correndo buscar na farmácia mais próxima.

Landolfo e Rinaldo mandaram buscar vinho e se puseram a bebericar em silêncio.

- Aquele Brandenstein - disse de repente Landolfo - é um grande animal malvado. Viste sua careta quando o imperador o nomeou comandante de Parma? Como se quisesse dizer: "Deixa comigo, eu cuidarei de os controlar" - e tomou um gole de vinho. - Porém eu gostaria de ver a sua cara se alguém lhe rachasse o crânio, - acrescentou pensativamente.

- Que importa Brandenstein - objetou Rinaldo dando de ombros - ou qualquer outro desses cortesãos? O imperador, o imperador!

Todos tinham percebido que estava obcecado. A condessa o tinha percebido claramente, e ele a vira estremecer e afastar o olhar do monarca. As irmãs pareciam espectros de si mesmas. O relato de Della Vigna era espantoso e significava expulsão do paraíso terrestre, a queda no abismo. Entretanto, sobre o imperador não tinha tido efeito terrificante, multiplicando, ao contrário, o seu orgulho como se fosse um triunfo. Que poema, que poesia apocalíptica poder-se-ia compor! Mas era preciso um cérebro de mestre. O vôo da águia e o sibilar da serpente, o chamado da coruja e o olhar flamejante do tigre, o grito da mãe cujo filho é condenado à morte, e as lágrimas silenciosas dos velhos que perdem seus haveres nas chamas da guerra, a rebelião de Adão e o fratricídio de Caim, a fuminante queda de Lúcifer do céu e a espada faiscante na mão do arcanjo: eis o poema do século, o símbolo de todos os poemas de todos os tempos. De fato, era esta a cisão que Deus tinha permitido desde o princípio do mundo, após a defeção de Lúcifer e de um terço das coortes celestes. Era o canto do purgatório, do

**paraíso e do inferno. Quem ousaria cantá-lo?**

**Podia, ele mesmo, tentar essa ousadia? O lamento da mocinha abandonada, as alegrias do amor, as gestas dos cavaleiros: esses eram os assuntos da sua poesia. Mas para cantar o paraíso e o inferno era preciso retirar-se na solidão como fizera Tomás. Ele sim, tinha consciência de sua meta, consciência impávida diante de tudo e de todos, até na prisão, onde defendia o seu ideal brandindo um tição aceso. Como tinham rido dele, dando de ombros; como o tinham desprezado porque não quisera ser cavaleiro! ... e no entanto tinha sempre sido cavaleiro sob a roupa de frade mendicante, combatendo até o fim pelo seu ideal. A tua saúde, Tomás, irmão monge e cavaleiro! Tu fizeste o que eu deveria ter feito desde há muito: escolheste o melhor caminho e soubeste defendê-lo.**

**Poderei eu readquirir o tempo perdido? Poderei retirar-me na solidão e escrever o poema do século? Meu Deus, não tenho a força necessária. Polir por meses e meses uma rima... No entanto, esse poema eu o tenho no sangue e sinto-o cantar. Muito tarde. Talvez outro o escreverá, outro que não tenha desperdiçado a vida como eu, um homem que saiba verdadeiramente amar, um dos grandes amantes da história...**

**- Teremos que nos haver com ele - disse lentamente Landolfo.**

**- Com quem?**

**- Com Brandenstein e seus tudescos.**

**Landolfo estava obcecado por aquele gigantesco tolo: que estaria imaginando? Ou teria razão? Tendo nascido soldado, ele só pensava militarmente na coisa. No entanto tinha-se mostrado mais clarividente que o sábio irmão. Para ele não havia nada de apocalíptico ou de místico no mundo. Ele sabia apenas que o imperador estava destituído e que agora era preciso combatê-lo; e como o imperador deixava Parma, era preciso combater com o seu lugar-tenente que, para Landolfo, não era o ótimo prefeito, mas o comandante militar; Landolfo havia ultrapassado num pulo essas considerações, chegando à conclusão simples que teria de se haver com Brandenstein. Muito bem, Landolfo, perdoa teu irmão: como fazem os poetas, ele tinha sonhado com o paraíso, o inferno e o amor, em vez de refletir razoavelmente no que deveria acontecer.**

**- Decidiste-te, então, - disse Rinaldo. - Não sei o que reze a jurisprudência, se o papa possa ou não destruir o imperador e ...**

**- Se o papa o coroou - observou, e o tom da sua voz parecia indicar que não podia compreender como seu irmão, geralmente tão sábio, pudesse ser tão pateta.**

**- Rinaldo riu.**

**- Muito bem, Landolfo, tens razão. O papa coroou-o, e isso basta, desde que não caiamos nas mãos do imperador, ambos ou um de nós. Não creio que tua lógica consiga convencê-lo como me convenceu.**

**- Sabes, a guerra é sempre perigosa - notou Landolfo. - E aquele foi um Concílio ecumênico e mais o papa. Não sou santo, mas não quero combater contra a Igreja. Certa vez disse que os papas vêm e vão enquanto o imperador fica ... Tomás afirmou que acontece o contrário. Creio que tivesse razão ele. Demais, não gostei do modo como tratou mamãe ... o imperador, digo, não Tomás. E não quero que a pequena Teodora seja infeliz. Ainda bem que temos de ficar aqui para as bodas, de outro modo teríamos de partir com o imperador e tudo tornar-se-ia mais difícil.**

**Rinaldo assentiu.**

**- Hoje és um verdadeiro fenómeno de sagacidade, Landolfo. Que fará, a teu ver, o imperador?**

**- Antes de tudo irá a Verona, onde está o grosso das tropas, para verificar se tudo está em ordem e se pode contar com elas. Por isso tem tanta pressa. Depois irá a Lião.**

**Rinaldo assobiava baixinho e seu olhar exprimia sincera admiração pelo irmão.**

**- A Verona para garantir-se o exército e reforçá-lo, a Lião . . para capturar o papa. E talvez não se contente com aprisioná-lo. Dele pode-se esperar bem mais. E conseguirá, se o santo padre não lhe escapar de novo no último momento ... ou se nesse entretempo não acontecerem outras coisas ...**

**- Quais?**

**- Ora, quando não está o gato, os ratos dançam. Na Itália há muitos ratos. Nós não somos os únicos, digamos assim, a ter queixas. Há muitos que não vêm com bons olhos a Herodes ... ou, se preferes, a Nero. Imaginas quanta gente conspira hoje em Parma como fazemos nós dois? A notícia da destituição se espalhará como o vento. Claro, ele tem uma guarnição em muitas cidades. Mas serão todas de confiança? E continuarão a sê-lo quando souberem o que nós sabemos? A coisa pode tomar proporções vastas, querido irmão, muito vastas para nós. Estamos, porém, no jogo. Quantas vezes, combatendo sob suas ordens, pensamos nesta possibilidade! E hoje eis-nos do lado oposto.**

**- A guarnição de Parma ... os tudescos ... digo os que estão aqui são uns duzentos homens - refletiu Landolfo. - Nós temos apenas cem, e aqueles malditos estão em forma. Vi-os combater, e tu também. Não só os tolero, mas são homens de valor. Que devemos fazer?**

**- Dir-te-ei o que não devemos fazer. Não devemos buscar aliados muito abertamente. Se o fizermos, o nosso caro primo Frederico o viria a saber antes de chegar a Verona. Por outro lado, não podemos fazer-lhe frente sozinhos. A casa de Aquino contra a casa de Suévia, pura loucura! Mas que faremos se chegar San Severino? ...**

**Ambos levantaram-se com um salto quando a sombra de um homem armado entrou na sala. Nenhum dos dois era covarde, mas Rinaldo custou a se refazer. Depois respirou fundo: não se tratava de um oficial da guarda tudescas: era Piers.**

**- Ainda não temos prática neste jogo, meu irmão: nem pensamos em fechar a porta. Entra, sir Piers, entra. Diabo, pareces perturbado. Que há que não vai?**

**- Posso falar livremente? - perguntou Piers em tom brusco.**

**- Certamente, sir Piers, - respondeu Landolfo.**

**- De Braccio informou-me sobre a audiência desta manhã.**

**- Se o conheço bem, De Braccio sabia mesmo antes da audiência - disse rindo Rinaldo. - Que disse ele? Geralmente mistura verdade e**

**fantasia como o taberneiro mistura água e vinho.**

**- Não creio, desta vez: estava muito agitado. A súplica da nobre condessa foi recusada pelo imperador...**

**- Sir Piers, - interrompeu Landolfo com orgulho - isso não diz respeito nem a De Braccio nem...**

**- Nem a mim - completou Piers friamente. - Eu sei, mas pedi para falar livremente.**

**- De fato - aprovou Rinaldo. - Landolfo não banque o bobo ... deixa-o falar, quero dizer.**

**- Seja - aprovou Landolfo.**

**- O imperador insistiu para que o casamento se realize logo que chegue o conde de San Severino e confiou o caso ao prefeito de Parma e ao comandante da guarda tudesca ... à qual, aliás, estão confiados todos os negócios importantes da cidade.**

**- A audiência foi interrompida pela chegada dos enviados imperiais que, vindos de Lião, relataram como o papa destituiu o imperador. Este decidiu deixar Parma ... provavelmente para encontrar-se com o exército.**

**- O mundo se desmancha e os pedaços voam em torno de nós declarou Rinaldo. - Os tempos chegam ao fim, a terra da Europa estremece, mas não é motivo suficiente para que um inglês se agite. O inglês relata tudo isso em poucas palavras. Quem sabe se os ingleses terão um poeta!!!**

**- Suponho que os nobres de Aquino continuarão a não aprovar a idéia desse casamento -prosseguiu Piers sem se alterar.**

**- Como? - exclamou Rinaldo fingindo indignação. - Não obstante a ordem expressa do imperador?**

**- Opor-se ao desejo do imperador é a mesma coisa que opor-se à sua ordem - foi a calma resposta. - Demais, muitos agora já põem em dúvida a validade dessa ordem.**

- **Pode ser - disse Rinaldo com cautela.**
- **Em todo caso, - fez notar Piers - seria útil que o conde de San Severino não chegasse a Parma.**
- **Seria utilíssimo - resmungou Rinaldo. - Seria grandioso, aliás, mais quem o impedirá?**
- **Eu - respondeu resolutamente Piers. - Para isso, porém, preciso deixar Parma e interceptá-lo antes que ponha o pé na cidade: por isso vim pedir licença.**
- **Pelo bíceps de Hércules! - exclamou Rinaldo. - Este achou a solução do problema. Uma idéia luminosa: sem noivo, nada de casamento. Nada mais simples. Não entendo como a idéia não tenha ocorrido a mim. Mas San Severino terá uma escolta numerou.**
- **Bastam-me cinqüenta homens - disse Piers.**
- **E se o conseguires? Aonde o levarás? A Roca-sêca?**
- **Não haverá esse problema - afirmou Piers.**
- **Pela barba do profeta! - deixou escapar Rinaldo. - Parece que queres fazer as coisas até o fim. Conheces o homem? Tens alguma velha conta a liquidar?**
- **Não senhor. Posso levar cinqüenta homens e ir?**
- **Gostaria de ir contigo - declarou Landolfo com um largo sorriso.**
- **Não podes, meu irmão. Não esqueças que o amigo Brandenstein nos vigia. Se tu desapareceres, ele desconfiará. O amigo Piers (leve arranjar-se sozinho. E nada de insígnia, sir Piers. Não podemos expor-nos ... pelo menos por enquanto.**
- **Compreendo, senhor... - respondeu Piers sorrindo.**
- **Muito bem - disse Rinaldo. - Há coisas sôbre as quais pode-se estar perfeitamente de acordo sem discuti-las. Especialmente**

**quando ainda não estão maduras. Leva teus cinqüenta homens e faz como bem entenderes.**

**- Não - atalhou Landolfo com grande surpresa para o irmão. Este é um homem fiel e de confiança. Precisa conhecer a situação. Sir Pieis, isso é o início de grandes coisas. Tu não estás só, mas nos tens atrás de ti ... ainda que os planos de um senhor muito importante sejam de tal modo obstados e levados à falência. O vento mudou de direção.**

**- Vós sois muito bom de falar-me assim, senhor, - replicou Piers, e o seu breve levantar de ombros significava: "Isso, porém, não muda nada; em todo caso farei o que devo fazer".**

**Inclinou-se e saiu fazendo tinir as armas. Atrás dele fechou-se a porta.**

**- Grande homem - comentou Landolfo Não queria estar. na pele de San Severino, se lhe cai nas mãos.**

**- Nem eu - confirmou Rinaldo esvaziando o copo. Entregou-se a profundos pensamentos enrugando a testa. - É isso mesmo. Pobre diabo.**

**- Quem? San Severino'**

**- Não, não, Piers.**

**- Piers? Por quê?**

**- Deixa pra lá. Dá-me outro copo de vinho.**

**Pobre diabo! ... Não podia alimentar esperanças, crias ... teria !lado uma bela poesia ...**

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **CAPÍTULO IV**

**Não foi por puro acaso que, na taberna dos Sete Santos, conheceu Piers a Tiago de Barolo. Ele tivera que armar o seu quartel-general num lugar que distasse a meio-dia de Parma, não muito longe, nem muito perto da cidade. A taberna estava situada num ponto apropriado a seus fins, cerca de seis milhas a sueste de Parma. Ali tinha sobejas ocasiões de observar o que acontecia na taberna; de fato, nada mais lhe restava a fazer senão ficar tranqüilo a espera de notícias. Uma dúzia de patrulhas por ele distribuídas vigiava as estradas que de Parma levavam para o sul, com ordens de ficar de olhos bem abertos, sem se empenharem em combate. Logo tivesse alguma delas descoberto sinais de San Severino, devia vir informá-lo; cada qual tinha recebido uma exata descrição das armas e do emblema do inimigo.**

**Inimigo ...**

**Piers achava tudo muito simples. San Severino era inimigo da sua dama e, portanto, inimigo dele. A dama, tinha prometido libertá-la desse inimigo, e agora ali estava para manter a promessa.**

**Tudo se havia tornado relativamente mais fácil, desde que a família parecia disposta a opor-se ao imperador, embora secretamente, se possível. Até agora Piers devia ter contado Somente consigo, com exceção de Robin, é claro, e isso significava que poderia ter êxito na empresa, mas não evitar as conseqüências. Absurdo desafiar para duelo um homem tão altamente colocado como San Severino. Podia apenas provocar uma briga, recorrer à espada e, com um pouco de sorte, matá-lo, mas, nesse caso, cairia inevitavelmente nas mãos da escolta. De tudo isso não tinha dito palavra a Robin, que sabia muito bem embora parecesse ignorar. Querido velho Robin! Era vergonhoso envolve-lo assim na desventura.**

**Agora, porém, as coisas se encaminhavam diversamente: Piers tinha consigo cinqüenta homens e seus patrões o apoiavam.**

**Em Parma, onde estouraram desordens, Brandenstein tivera que ordenar a seus homens de não aparecerem isolados pelas ruas, mas pelo menos em grupos de seis. Os tudescos eram muito mal vistos, não só por serem estrangeiros, mas porque arrogantes, orgulhosos**

de sua superioridade física e por olharem com desprezo a tudo que era italiano. Arvoravam-se em conquistadores e, quando queriam ser cortesões, ostentavam uma empáfia insuportável. No dia seguinte à partida do imperador foram encontrados três tudescos esganados e Brandenstein não conseguiu achar testemunhas. Todos pretendiam não ter visto nada. No outro dia foram cinco, e Brandenstein viu-se obrigado a ameaçar com represálias, despertando assim ódio ainda maior.

Mais interessantes, porém, que as desordens em Parma foram as observações daqueles últimos três dias na taverna Sete Santos, onde havia um contínuo ir e vir de pessoas que não pareciam freqüentadores comuns de tavernas: camponeses com unhas extraordinariamente cuidadas, pequenos grupos de homens de roupa modesta, que se reuniam no andar superior, enquanto dois 'fortes jovens montavam guarda à porta.

Em certo momento, na estrebaria do taverneiro, havia nada menos que trinta e seis ótimos cavalos, cuidados por uma dúzia de tratadores vestidos de trapos, sim, mas muito mais adequados a librés de bom alfaiate.

E Tiago de Barolo afirmava ser um comerciante (azeite e drogas), enquanto sua figura dava a pensar que seus antepassados deviam ter sido criados cavaleiros há muito. Ele fazia muitíssimas perguntas, e não se dava por vencido com respostas secas. Recebia muitos hóspedes, comerciantes, é evidente, com os quais mantinha longas e sérias conversas de negócios.

Piers estava na Itália há muito pouco tempo para poder distinguir os diversos dialetos, mas uma pessoa experimentada teria percebido que aí se falava o cremones, o florentino, o genoves e o veneto. Todavia, Piers sabia que se encontravam ali pessoas vindas de diversas partes do país.

Um dia o delicado Tiago apareceu estranhamente mudado: desconfiado, calado, de mau humor. E quando se encontraram a sós, perguntou bruscamente:

- Senhor, quanto tempo pretendeis ficar aqui?

- Até que tenha resolvido o que aqui me trouxe - respondeu Piers.

**Tiago riu maldosamente:**

**- Esperemos que não demore, então: para os de Aquino este ar não é muito higiênico.**

**- Sim? - perguntou Piers sem se perturbar. Evidentemente aquele homem tinha os seus informantes, e uma negativa teria aumentado as suspeitas.**

**- É uma família fidelíssima - observou Tiago. - Grande vantagem, sem dúvida ... em certos casos. - E acariciava a sua barba preta com já alguns fios encanecidos. Parecia-se menos do que nunca com um comerciante.**

**- De acordo - respondeu Piers secamente.**

**- Porém, vós, - prosseguiu o outro - sois estrangeiro: que vos importam nossas questões políticas? Por que não voltais ao vosso país? Se quiserdes, então, fazer uma obra meritória, levai convosco todos os cavaleiros tudescos. Não gosto de ser descortês, mas de estrangeiros já estamos até os cabelos - e continuava a acariciar a barba.**

**- Juramento é juramento, - replicou Piers - e a casa de Aquino não está nem excomungada nem destituída. Portanto, o meu juramento ainda é válido. Por outro lado eu não sou tudesco, mas inglês.**

**- Pena que vossos patrões não tenham a mesma sensibilidade para aquilo que torna válido tini juramento. Se a tivessem provavelmente salvariam a vida.**

**- A vida? - exclamou Piers olhando firmemente aquele estranho homem.**

**- Assim, porém, - prosseguiu Tiago - não creio que sobrevivam além da próxima semana. Bem, poderá consolá-los o pensamento de que morrerão em boa companhia ... ou pelo menos numa companhia que eles consideram boa. Parma será libertada de todos os amigos do grande blasfemador.**

**- Vejam, vejam! - disse Piers. - Encheis a boca de grandes palavras,**

**senhor comerciante, e deveis estar bem certo. A mim pouco me importa o que fareis com os cavaleiros tudescos; não entendo, porém, engolir as ameaças contra a casa de Aquino, qualquer que seja a vossa verdadeira condição.**

**- A minha verdadeira condição não vos diz respeito, senhor cavaleiro, mas depois de tudo que vistes e ouvistes aqui, mesmo um simplório como vós deve compreender que não posso permitir-vos voltar a Parma.**

**- Por enquanto não tenho intenção de voltar, - replicou Piers ainda tranqüilo - mas se assim pretendesse não sei quem deter-me-ia.**

**Tiago sorriu e disse:**

**- A taverna está cercada e setenta cavaleiros com suas escoltas são talvez demais para vós, mesmo que eu reconheça que saberíeis muito bem liquidar um ou dois. Os vossos cinquenta homens estão fracionados em pequenos grupos com os quais podemos medir-nos facilmente. Não quereis pensar que vos falaria tão francamente se não estivesse certo que não podeis prejudicar a nossa causa. Não sou assim tão tolo.**

**Piers levantou-se e aproximou-se da janela. Grupos de Homens couraçados estavam parados nos cavalos diante da porta da taverna, na beira do regato e nos dois lados da estrada. Lá deviam estar dois dos seus homens, mas agora tinham desaparecido. "Ontem não devia ter mandado Robin tia patrulha" pensou. "Como os animais, aquele bom filho tem um instinto infalível do perigo; que Deus o abençoe!"**

**Voltou para junto da mesa onde Tiago estava sentado com um sorriso irônico nos lábios. Piers começava a ficar amolado e, lembrando o início da conversa, compreendeu que o italiano tinha demorado a discussão para que seus homens tivessem tempo de cercar a taverna. Compreendeu também que tinham prendido o taverneiro e o pessoal de serviço.**

**- Muito bem, senhor comerciante, fizestes um belo serviço disse em tom escarninho. - Ao que parece, considerais-me vosso prisioneiro.**

**- De fato, o sois - respondeu o outro friamente.**

**- No entanto, ao iniciardes vossa conversa exprimistes o desejo de que eu pudesse voltar para a pátria quanto antes.**

**- Voltareis tão logo tenhais respondido às minhas perguntas. Quantos homens têm em Parma os senhores de Aquino ... além dos vossos cinqüenta?**

**- Pela Virgem Santíssima! - exclamou Piers - Pareceis-me muito mal informado sôbre os hábitos dos cavaleiros ingleses, os quais podem ser simplórios, mas nunca traidores.**

**Tiago esboçou um sorriso ameaçador.**

**- Como quer que se comportem, são homens de carne e osso, e nós sabemos que há muitos meios de os fazer falar. Bastaria que eu chamasse meia dúzia dos meus... Que poderíeis fazer?**

**Desde o instante em que olhara pela janela e descobrira a ratoeira em que havia caído, Piers começou a soltar as correias da armadura. Agora libertou-se cie todo, ficando apenas de camisa e calças.**

**- Aliviar-me-ia - explicou, e num salto estava em cima do italiano; agarrou-o com sua mão de ferro e tirou-lhe da cinta um punhal comprido dois palmos. - Nem um pio, senhor comerciante, ou vos faço provar o vosso punhal. Lindo, aliás, este objeto: uma verdadeira obra-prima, com tantas safiras em seu cabo. O comércio ... como dizíeis? ... ah! sim, o comércio de azeite e especiarias parece muito rendoso. Silêncio, sim!**

**- Estais louco? - murmurou Tiago. - Meus homens despedaçar-vos-ão ...**

**- Pode ser, mas antes estareis morto. Juro-o. Juramento é juramento.**

**- Que vos adianta este ataque inconsiderado? Não podereis absolutamente fugir ...**

**- Veremos. Para que pensais que me aliviei da armadura? Lá em baixo, a quinze braças da janela, está um ótimo cavalo vigiado por um único homem. Vós tivestes a bondade de reconhecer que de um**

**par de vossos homens saberei livrar-me. Bastar-me-á abater aquele ali, tomar-lhe o cavalo e galopar para Parma. Todos os vossos estão couraçados e não poderiam alcançar-me. Mas agora me ocorreu coisa melhor: levo-vos comigo a Parma; e o conde Landolfo de Aquino não terá necessidade de perguntar-vos quantos homens tendes às vossas ordens, porque já me informastes. Todavia poderia gostar da vossa visita. Faço-vos caminhar diante de mim, e se os vossos não nos derem passagem...**

**- Não tereis coragem - disse Tiago, que já tinha empalidecido.**

**- Não tenho nada a perder - atalhou Piers. - Levantai-vos e precedei-me. Vamos, rápido!**

**- Por minha fé, isso é sério? - perguntou Tiago sacudindo a cabeça. - Espero que na Inglaterra não haja muitos como vós ou, se os há, que fiquem por lá mesmo. Pena que nos encontramos em campos opostos. Matai-me, se não há outro meio, mas lembrai-vos de que isso não salvará Parma para o ex-imperador, nem o preservará da derrota final.**

**Só então Piers convenceu-se de que o homem estava verdadeiramente contra Frederico, e que não era um agente provocador. Libertou-o, pois, do aperto e afastou-se um passo.**

**- Como sabeis com tanta segurança que estamos em campos adversos? - perguntou calmamente.**

**Tiago fixou-o surpreso:**

**- Todos sabem que os senhores de Aquino são por Frederico. Sempre o foram.**

**- O imperador está destituído,- replicou Piers lacônico.**

**O outro continuava a olha-lo fixamente.**

**- Quereis dizer que ... Não, impossível. Não os de Aquino. Deles Frederico está tão seguro que quer conquistar os San' Severino fazendo casar o jovem conde com uma de Aquino.**

**Piers enrugou a testa:**

**- Esse casamento não se realizará.**

**Tiago apertou os olhos.**

**- Sim? E por que não?**

**- Porque a casa de Aquino recusa-se servir de comparsa política ao imperador.**

**O rosto do comerciante aclarou-se.**

**- Mas não vieram a Parma justamente para esse casamento?**

**- A condessa de Aquino - explicou Piers - comunicou ao imperador que sua filha não pretende casar-se.**

**- Senhor cavaleiro, vós me levais de espanto em espanto. E o imperador?**

**- Insiste no seu desejo, e deixou Parma no mesmo dia.**

**Tiago atirou-lhe um olhar perscrutador:**

**- Estais disposto a jurar que isso tudo é verdade?**

**- Em nome de Deus! - exclamou Piers. - Por que iria dizê-lo se não fosse verdade?**

**Tiago levantou-se:**

**- Cavaleiro, estais livre.**

**Piers explodiu numa risada:**

**- Sr. comerciante, esqueceis que aqui o prisioneiro não sou eu, mas vós mesmo.**

**O italiano também pôs-se a rir:**

**- Está bem. Nesse caso compro a minha liberdade com o punhal que**

**me tomastes: eis, tomai também a bainha.**

**Resgate principesco - comentou Piers hesitando.**

**- E se um dia tivésseis de abandonar o serviço dos condes de Aquino, conheço outra casa que aceitaria de bom grado um homem como vós.**

**- Sois muito cortês - respondeu Piers sorrindo satisfeito. - Estou contente que afinal acreditais em mim.**

**- Creio em vós. Quando se alcança a minha idade, deve-se saber ter confiança em quem a merece. F uma arte difícil, caro cavaleiro. O ex-imperador nunca chegou a aprendê-lo, nem a aprenderá. Seu cérebro está doente. Ele se considera divino, e julga os outros conforme a utilidade que possam ter para ele. Suga-lhes o espírito e a força como um vampiro. Quando pronuncia a palavra fidelidade entende "medo de Frederico". Com suas contínuas brigas, devastou a minha bela pátria, cidade após cidade, castelo após castelo. Sujou-a com suas odiosas blasfêmias contra tudo que nos é mais caro. Finalmente o vigário de Cristo declarou-se indigno do seu alto ofício: nós cuidaremos para que a sentença do santo padre seja cumprida.**

**- Com setenta cavaleiros? - perguntou Piers a quem o homem começava a agradar, pelo que tinha de nobre e de limpo. Mas o imperador já devia ter chegado a Verona, onde o esperavam vinte e cinco mil ou mais homens, entre os quais centenas de cavaleiros tudescos com suas escoltas, cada qual uma pequena fortaleza, um vivo montículo de ferro.**

**Tiago disse-lhe sorrindo:**

**- Morre-se uma só vez, mas estejais certo, cavaleiro, que os meus setenta estarão em boa companhia. O empenho é maior que a contenda entre a casa de Aquino e a casa ... a casa pela qual trabalho. Agora devo deixar-vos: antes, porém, permiti-me apresentar-vos a um dos meus ... amigos, o capitão Bruno de Amicis, comandante dos setenta, ao qual darei o sinal tão logo chegue a hora do ataque. Posso mandá-lo entrar?**

**- Certamente - respondeu Piers sem hesitar.**

**Tiago foi à janela e soltou um assovio especial. Um instante depois entrava um gigantesco cavaleiro, armado por completo.**

**- Bruno, - disse o estranho comerciante - este nobre cavaleiro está a serviço da família de Aquino, a cujo respeito nos enganamos. A situação é diferente da que imaginávamos.**

**- Está bem, senhor Tiago - resmungou o cavaleiro examinando Piers como fazem os homens de armas. - Não quereis, então, que o faça prender? Tenho aqui fora seis homens.**

**- Pelo contrário, - sorriu o comerciante - gostaria que fizésseis amizade. Recebi notícias preciosíssimas, Bruno, que eu mesmo levarei a Parma para aconselhar-me com os amigos. Receberás a notícia decisiva diretamente de mim.**

**- Ousais muito - exortou o cavaleiro.**

**- De modo algum, dada a situação. O risco começará no momento em que eu der o sinal. Verás que logo que se desencadeie a luta este cavaleiro inglês será muito útil: entretanto espero que vos façais bons amigos.**

**- Calma, senhor Tiago, devagar! - protestou Piers. - Só poderei concordar com os vossos projetos quando tiver recebido ordens dos meus senhores.**

**- Está entendido - concordou o comerciante. - Recebê-las-eis provavelmente bem depressa. Digamos dentro de três dias, já que mais não pode durar. Bruno, a palavra de ordem é a mesma. Outra coisa, cavaleiro: vós não deixareis este posto antes de receber notícias dos vossos senhores. De acordo? Bem. Deus vos ajude!**

**- Avós também, senhor Tiago - respondeu Bruno de Amicis.**

**"Tinha na ponta da língua a palavra patrão", pensou Piers. "É evidente que se trata de um grande senhor. Quem já viu um cavaleiro tão obsequioso diante de um comerciante de drogas?".**

**- Tomemos um copo juntos - disse em voz alta quando o comerciante se foi. Estava satisfeito: dentro de alguns dias dava-se**

**o assalto a Parma e os assaltantes tinham amigos na cidade. Era preciso mandar um mensageiro ao conde Landolfo para contar-lhe tudo ... em segredo. Aquele Bruno de Amicis parecia um touro desconfiado. Portanto não lhe serra fácil, mas era preciso fazê-lo. Uma coisa, porém, era certa: viesse ou não San Severino, o casamento não se realizaria.**

**Teodora saiu do quarto rio momento exato e, como Adelásia disse roais tarde, devia ser mesmo assim:**

**- Tem um instinto particular para aparecer no momento exato. Tu tens o menor nariz da família, mas é o que fareja melhor.**

**Viu Landolfo e Rinaldo correr, chamados pelo grito das sentinelas. e aproximarem-se dois visitantes; um, o mais velho, de barba preta, e um jovem, ambos vestidos com extraordinária elegância. Ouviu Rinaldo perguntar:**

**- Vosso nome, nobre senhor?**

**E a resposta do mais idoso:**

**- San Severino de Marsico, para vos servir.**

**Rinaldo ficou inibido e demorou bastante para apresentar o irmão e a si próprio. Ou não o tinha visto, ou, na confusão, havia-o esquecido. Depois o homem de barba preta apresentou o mais jovem:**

**- Meu filho Rogério - e acrescentou: - Gostaria que me levásseis à condessa de Aquino, a quem quero obsequiar.**

**Mais tarde, quando pensava nisso, Teodora sentia-se muito satisfeita consigo mesma. Pensara: "Quem sabe como mamãe se perturbará! Esperemos que não desmaie". Em primeiro lugar pensara na mãe, embora ela também estivesse muito perturbada. Afinal de contas era ela quem devia casar ... ou melhor, não casar com o jovem San Severino, e em suas confissões o egoísmo era sempre o pecado mais grave. Sabia que seus irmãos queriam manter San Severino longe de Parma ... sua mãe tinha feito alusão a isso certa vez, mas sem acrescentar de que modo.. . e agora compreendia que alguma coisa não devia ter funcionado. Tudo isso**

**ela já sabia, mas a agitação impedia-lhe o exato raciocinar.**

**Agora os irmãos resolveram acompanhar o conde aos aposentos da mãe. Dirigindo-se ao filho, que até então lhe havia dado as costas, San Severino disse-lhe alguma coisa, sorrindo de modo muito doce, apesar da barba preta que, aliás, estava entremeada de fios brancos. Depois encaminhou-se ao quarto com Landolfo e Rinaldo, e ela não veria mais o rosto do jovem com quem devia casar-se. Pelo menos se voltasse ... um pouco apenas ...**

**E eis que, como se tivesse adivinhado o seu desejo, o jovem voltou-se ... e a viu.**

**"Nossa mãe!", pensou ela. "Enrubesce ... como uma donzelinha". Ele tinha de fato algo de feminino. Longos cachos pretos emolduravam-lhe o rosto delicado de olhos escuros muito grandes e lábios finos: mas não eram lábios débeis, nem o queixo. A mão apoiada levemente sôbre o cabo de ouro da espada era muito branca, mas demonstrava caráter. O longo gibão de seda azul estava preso à cintura por um cinto de prata.**

**O segundo pensamento dela foi este: "Poderá ter, no máximo, dezoito anos ... como é tímido!" Não era capaz de formular dois pensamentos sucessivos sem exprimir pelo menos um. Disse, pois:**

**- De que tendes medo?**

**- Nobre dama, eu ... eu não tenho nenhum medo - respondeu o jovem cujos olhos marejaram-se de lágrimas.**

**Ela meneou a cabeça. Gostaria de ter-lhe perguntado que aspeto teria quando estivesse realmente com medo, mas percebeu instintivamente que naquele momento não merecia ele ser tratado com ironia, e perguntou com ternura quase maternal:**

**- Conde, que tendes?**

**Ele suspirou:**

**- Em minha vida nunca vi nada tão belo.**

**Ela inclinou-se. mas ao responder não pôde evitar uma ligeira ironia:**

**- De fato, sois ainda muito jovem.**

**- Só uma vez - acrescentou ele em voz baixa. - Uma vez só tive uma sensação semelhante ...**

**Ela olhou-o e não disse nada.**

**- Tinha então cinco anos - prosseguiu ele. - Foi quando minha mãe mostrou-me pela primeira vez a estátua da Virgem Santa na igreja de Marsico.**

**Ela enrugou a testa:**

**- Conde, isso não está certo. Não se compara a Rainha do Céu com uma jovem pecadora.**

**- Sei que deverei confessar este pecado, - admitiu ele francamente - mas é a verdade. Também os artistas escolhem às vezes uma dama conhecida para modelo da Madona que pintam ... quando vêem que a dama é muito linda e a estimam muito. Eu também pinto algumas vezes. mas não creio que ousaria ...**

**Nesse momento Teodora lembrou-se que aquele era o homem contra o qual queria defender a sua família, o homem ímpio e corrupto, o sanguinário favorito do imperador ...**

**- Vós estais caçoando de mim - disse o jovem num leve tom de queixa.**

**- Não, não absolutamente, - replicou Teodora coto ardor mas vos imaginava muito diverso ... não sei explicar, no entanto é isso.**

**- Sim? - disse Rogério que não tinha compreendido uma palavra, mas cujo pensamento galopava pela mesma estrada. - Teodora de Aquino, - disse lentamente - quantas vezes tentei imaginar o vosso aspeto. em todas estas semanas ...**

**Como sabeis que sou Teodora? - replicou ela rindo. - Somos três irmãs: uma é monja beneditina, as outras duas estão aqui: Adelásia e Teodora.**

**- E vós... vós sois vossa irmã? - perguntou Rogério cheio de confusão.**

**Ela explodiu numa gargalhada, enquanto ele enrubescia de novo.**

**- Sei que disse uma bobagem... e vós me julgais tolo. Gostaria que fosseis um pouco menos linda ... ou seja, não, não posso desejar-lo. Mas vós não sois Adelásia, verdade?**

**- Sou Teodora - disse ela tornando-se séria. - Mas é indiferente qual das duas eu seja. Todos são contrários a essa... idéia do imperador. Toda a família.**

**- Eu o sei. Papai disse-o ontem. Naturalmente vós também sois contrária.**

**- Certamente mas ... não vos considero tolo... considero-vos ... o contrário de tolo.**

**- Papai também é contrário - acrescentou Rogério, enquanto seus dedos brincavam com o cinto de prata.**

**- Por quê? - perguntou Teodora evidentemente mortificada.**

**Enquanto isso a condessa e seus filhos já se tinham refeito da primeira e segunda surpresas: a primeira, o fato de San Severino ter passado, não obstante Piers e seus homens; a segunda, o fato de também ele estar contra o projeto imperial. Houve um breve período de tergiversação porque nenhuma das duas partes queria revelar o próprio pensamento e cada qual procurava fazer falar a outra. Afinal San Severino pôs cabo àquela estéril situação.**

**- Nesses últimos tempos tive até demais desses estranhos duelos - disse sorrindo. - Por minha fé, compreendo muito bem que nas atuais condições devemos ter cautela, mas um de nós deve pronunciar-se, se quisermos concluir alguma coisa. Eis, pois, o nosso problema é duplo: político e pessoal: são dois fatores estritamente unidos. O Concílio de Lião inverteu a situação, estamos de acordo? Bem, o poder do tirano esvai-se. Amaldiçoado pela Igreja, Frederico não poderá agüentar muito, por isso deve agir, e agir rapidamente. Agora quer ir a Lião e já alcançou o exército em Verona. Tanto o amor pela pátria quanto o amor pela nossa fé**

**impõem-nos proteger o santo padre e libertar-nos do tirano. A Itália levantar-se-á, e a Parma cabe a honra de dar o primeiro golpe.**

**- Os parmesões são bons soldados, - confirmou Landolfo - mas o imperador deixou a cidade nas mãos de dois fidelíssimos: Tebaldo Francisco e o conde de Brandenstein.**

**San Severino sorriu:**

**- O prefeito Tebaldo Francisco já está ao nosso lado. Agora, em Parma, os únicos fiéis ao imperador são Brandenstein e seus tudescos. Até há pouco tínhamos a temer que estivessem a seu lado também os nobres de Aquino e o seu séquito.**

**- De fato! - asseverou a condessa. - Bastante fui fiel a meu primo Frederico. - Ainda estava pálida, mas o espírito dominava a fraqueza do corpo.**

**San Severino aprovou:**

**- Logo que soube que vos tínheis oposto ao seu desejo de casar vossa filha com meu filho, compreendi que a vossa paciência havia-se finalmente esgotado.**

**- Conde, espero que não compreendais mal a minha oposição disse a condessa. -Casamentos políticos entre casas reinantes fazem-se bastantes, nem eu os condeno por princípio. Neste caso, porém, trata-se de reforçar a posição de Frederico ... não as nossas. Por outro lado, minha filha ofendeu-se com o fato de o imperador querer dispor dela sem consulta-la. E a mim repugna a idéia de vê-la na Corte imperial.**

**San Severino riu-se abertamente.**

**- Portanto, pensáveis que eu estivesse com o ex-imperador ... e eu pensava a mesma coisa de vós. A atitude de vossa filha agrada-me: deve ser uma moça de caráter. Naturalmente Frederico aspirava a ligação de minha casa à vossa, de cuja fidelidade sentia-se tão seguro para poder contrariar sem mais a vossa oposição.**

**A condessa mordeu os lábios.**

**- Mudou muito - murmurou. - A princípio pensava que tudo se devesse aos seus conselheiros, mas agora vejo que não é bem assim.**

**- Cada soberano tem os conselheiros que merece - replicou San Severino. - Como cada país tem o soberano que merece. Nós não merecemos Frederico, logo devemos livrar-nos dele. Porém, a sua idéia de unir as nossas famílias parece ter tido bom êxito: de fato animo-nos contra ele. Pelo menos o espero.**

**- Sois corajoso, senhor, - asseverou Rinaldo antes que a condessa pudesse responder. - Se vos retivéssemos até a chegada do conde de Brandenstein? Não é preciso muito para ir busca-lo.**

**- Cale-se, Rinaldo! - ordenou a condessa. - São coisas que não se dizem nem por brincadeira. Conde San Severino, temo que o vosso zelo seja superior aos vossos meios. Nem mesmo aliados podemos esperar opor-nos ao imperador, que dispõe de milheiros de homens, quando nós apenas de centenas; e ninguém pode dizer que ele não seja um ótimo soldado. Parma pode cair, mas como saber se a Itália levantar-se-á?**

**- Esta lista - respondeu San Severino - mostrar-vos-á que não estamos sós. - E tirou um papel da cintura.**

**A condessa leu-o.**

**- Gênova e Veneza! - exclamou .- Mas são inimigas irreconciliáveis!**

**- Todavia concordam que o tirano deve ser eliminado. E Pandolfo de Fasanela, na Toscana; Tiago Mora, o governador das Marcas Orlando de Rossi ... para não falar no Cardeal Ranieri de Viterbo ...**

**- Desses estais seguros, suponho - disse a condessa.**

**- Pela minha palavra de cavaleiro cristão, estou seguro. Todos juramos sôbre a Sagrada Hóstia. Pois bem: somos ou não somos aliados?**

**- Somo-lo - respondeu a condessa com simplicidade. - Nunca pensei chegar a esse ponto. Houve um tempo... - e reprimiu um suspiro. - Deixemos em paz o passado. Qual é o vosso projeto? Como posso**

**ser de ajuda?**

**- Quantos homens tendes em Parma, condessa?**

**- Apenas cinqüenta, mas outros cinqüenta estão perto daqui ... às ordens de sir Piers Rudde.**

**- Eu sei - disse rindo San Severino. - Rudde quase me matou quando quis fazê-lo prisioneiro.**

**- Para ser sincero, - interveio Rinaldo - fiquei muito admirado de ver-vos aqui em Parma. Sir Pieis tinha ordens de prender-vos.**

**- Como?! - gritou San Severino quase às gargalhadas. - Agora começo a compreender. Não descurastes nada para evitar esse desgraçado casamento. Mas o vosso sir Pieis não me conhece: conhece apenas Tiago de Barolo, o comerciante ... embora suspeitasse que não era aquele por quem me fazia passar. Quase me matou, repito, e não sei o que teria feito se me tivesse reconhecido. Queria prendê-lo porque estava convencido que estáveis do lado de Frederico ... e ele inverteu os papéis. Se não tivesse conseguido convencê-lo, creio que me teria arrastado a Parma ... sozinho, apesar de estarem comigo setenta cavaleiros. Em Rudde tendes um precioso colaborador, condessa. Pois bem, ele e seus cinqüenta homens são um excelente reforço para os meus. Será oportuno que fique onde está ... até o momento decisivo.**

**Landolfo riu satisfeito.**

**- Estou contente que se haja portado bem. Vós também vereis como é útil. Mas quando chegará o momento decisivo?**

**- Chegará muito depressa - asseverou San Severino. - Vosso irmão mencionou o conde de Brandenstein. Não que ele seja pessoa habilidosa, mas daqui há pouco saberá que estou na cidade e quererá organizar a cerimônia nupcial. Procurai contornar a situação por alguns dias, alegando que o meu séquito ainda não chegou, mas é tudo que posso fazer. Dentro de três dias devemos atacar portanto, três mil pamesões.**

**- Tendes convosco setenta cavaleiros - verificou Landolfo. Corri soas escoltas deveriam ser cerca de quatrocentos homens.**

- Um pouco mais de quinhentos, aos quais se acrescentam os vossos cinquenta sob as ordens do jovem inglês e os cinquenta que aqui tendes. Agora posso revelar-vos que antes de vir para cá visitei Tebaldo Francisco, que, logo que for dado o sinal, chegará em nosso socorro com três mil parmesãos.

- E o quanto basta para Brandenstein! - observou Landolfo satisfeito.

San Severino levantou-se:

- Meus obséquios, condessa. Como aliada prefiro-vos a todos os parmesãos. A propósito ... deixei aqui fora meu filho Rogério: posso apresentá-lo? Tenho certeza que ficará inconsolável quando souber que, sem querer, deu tantas preocupações a vossa filha.

Todos foram com ele, enquanto Rinaldo abria a porta.

- É muito tímido e reservado - advertiu San Severino. - Pensei muitas vezes... - Interrompeu-se, estupefato como todos os outros: não podia crer aos próprios olhos.

O que estavam vendo era rim quadro delicioso. Um jovem e tinha mocinha abraçados: as mãos dele cingiam a cintura dela, não apaixonadamente, mas com alguma timidez, como se não cressem em tanta felicidade. Ela segurava o rosto do rapaz entre as mãos e levantava os olhos para vê-lo. Estavam completamente esquecidos de tudo. Eles também eram conspiradores, e aquele tipo de conspiração excluía todo e qualquer outro participante.

- Teodora! - exclamou a condessa assombrada.

Eles olharam-na estarecidos. San Severino acariciava a barba sorrindo.

- Cara condessa, - disse - creio que temos de modificar ligeiramente nossos planos.

O capitão Bruno de Amicis era urra companheiro bastante aborrecido. Suas únicas alegrias consistiam em beber, jogar dados e cantar, ou melhor, gritar canções vulgares. Ele evitava o mais possível a sua companhia: no entanto tinha enviado um correio a

**Parma para narrar a situação. O homem voltou no dia seguinte com uma carta muito breve do conde Landolfo: "Obrigado. Segue em tudo as ordens de Bruno de Amicis. Todo o resto não conta". Embora breve, a carta revelava muita coisa. Tiago devia ter conquistado a confiança dos condes de Aquino, os quais, após haver estipulado a aliança, consideravam perigoso escrever mais porque a carta podia ser interceptada. "Todo o resto não conta", naturalmente, estas palavras se referiam ao encargo inicial de capturar San Severino; além disso, significavam que, infelizmente, não lhe restava nenhum pretexto para evitar a companhia do capitão.**

**Na tarde do mesmo dia o bravo homem entrou na taverna radiante:**

**- Tendes prontos os vossos homens, sir Pieis? Sim? Bem. Esta noite vamos atacar. Porém, não poderemos beber. Que pena! Eu, pelo menos, não bebo um pingo quando se trata de trabalhar a sério.**

**trabalho sério os tudescos vão-nos dar certamente.**

**- Os tudescos? - perguntou Piers olhando-o nos olhos.**

**- Justamente. Esta noite atacaremos Parma. Não será coisa difícil porque as portas ser-nos-ão gentilmente abertas, já que quase toda a cidade está ao nosso lado. Só os tudescos nos darão o que fazer: são duzentos cavaleiros com as respectivas escoltas: tudo somado, cerca de oitocentos homens. É verdade que a maior parte estará bêbada.**

**- Como o sabeis?**

**- Celebram uma festa na cidade - respondeu de Amicis. - Creio que justamente por isso o ataque tenha sido fixado para esta noite. Agora escutai-me bem: o nosso projeto é simplicíssimo. mas não devemos cometer erros ...**

**O assalto foi desferido duas horas antes da meia-noite, ruas na primeira meia hora não houve derrame de sangue. As portas abriram-se uma após outra como por encanto, e os cavaleiros couraçados de Bruno, bem como Piers com seus homens, entraram na cidade como em tempo de paz.**

**Era lua nova e as ruas estavam escuras; apesar disso podiam-se notar grupos armados que erra silêncio ocupavam pontos estratégicos.**

**Traziam braçais de palha para não serem confundidos com os inimigos. Também Bruno e Piers com seus homens traziam braçais iguais.**

**O prefeito Tebaldo Francisco demonstrou boa dose de fantasia. Nas imediações da cidade e do castelo, os dois pontos mais perigosos, tinha colocado bandas militares com o encargo de tocar o mais alto possível para abafar o ruído que os invasores fariam. A medida foi tão eficaz que Bruno conseguiu entrar pelo portão principal da cidade antes que fosse dado o alarme. Centenas de dependentes de Brandenstein, em sua maioria escudeiros, servos e lacaios, mas também alguns cavaleiros, foram massacrados antes que tivessem tempo de afivelar a couraça. Muitos já dormiam, outros estavam bêbados após terem celebrado a sua festinha. Esta também fora idéia do prefeito, que tinha mandado alguns barris de vinho forte "para que todos os soldados pudessem tomar parte na alegria da data".**

**Piers, com seus cinqüenta homens e mais cem cedidos por Bruno, avançou direto para o castelo onde o aguardavam os outros cinqüenta mercenários de Aquino. Insistira para que essa tarefa lhe fosse confiada. A sua dama, além da mãe e irmã dela, estavam no castelo, e o combate podia constituir um perigo para elas. Ele sabia muito bem que Landolfo e Rinaldo teriam feito tudo para protegê-las, mas não suportava o pensamento de estar longe.**

**Todas as janelas estavam iluminadas, portanto a festa desenrolava-se de acordo com o programa. Porém era preciso enfrentar as sentinelas: no castelo estava também Brandenstein, e sua presença significava disciplina. Piers mandou seis homens a imobilizar as sentinelas: tão exíguo número não chamaria a atenção e não se daria o alarme geral, como se aparecessem cinqüenta. Deu àqueles seis um minuto de vantagem, depois, levantando a mão direita, coberta de aço, fez avançar o cavalo seguido dos seus soldados que mal chegaram a tempo para salvar os seis: de fato, uma dúzia de escudeiros inimigos tinham ocorrido em socorro das sentinelas apanhadas de surpresa.**

**- Finalmente há o que fazer - resmungou Robin Cherrywoode, atirando um golpe contra um tudesco que rolou ao chão.**

**Dez homens aqui na porta, mais dez junto dos cavalos! ordenou Piers. - Sois responsáveis para que ninguém saia do castelo.**

**Que era aquele clarão em direção da cidadela? Diabo! ela estava em chamas! Isso não combinava com o plano. Bruno devia ter encontrado maior resistência do que esperava, mas atrás dele os parmesãos acorriam aos milhares. Portanto não devia estar em perigo; de qualquer modo Piers não podia ajudá-lo porque tinha sua tarefa que o empenhava bastante.**

**A escaramuça à porta não podia ter passado inobservada. De fato, certo número de dependentes e servos chegou munido de tochas e soltou um grito uníssono à vista daquilo ... enquanto, mais para dentro brilhavam as couraças das guardas tudescas.**

**- Não vos preocupeis com os servos. Tu, Robin, toma conta desses!  
- gritou Piers.**

**Eis que chegam os tudescos e tornam séria a situação. O primeiro assalto dos invasores fê-los recuar alguns passos, mas depois eles enfrentaram firmes. As voltas dos corredores, no castelo, devolviam o eco dos golpes mortais. No meio do combate, Piers apurou o ouvido: no grande vestíbulo a música ainda tocava. "Flautas!" pensou. "Flautas como nos casamentos!"**

**O conde de Brandenstein levantou a cabeça, cheirando como um animal, enquanto seus olhos azuis exprimiam desconfiança. Como lugar-tenente do imperador, presidia ao banquete que estava durando cinco horas. Tinha bebido muito, mas não mais do que pudesse suportar. Servia o imperador há vinte e cinco anos, nenhum dos quais sem períodos de sangue. Isso tinha despertado nele uma espécie de sexto sentido com o qual cheirava o perigo como o galgo fareja a caça. Abanando a cabeça, fitava o rosto dos convidados.**

**O conde de San Severino, em pé, acariciava a barba. Landolfo de Aquino fixava em silêncio a sua frente; seu irmão sorria sem razão aparente, e o prefeito de Parma estava pálido e suado. Ao longe ecoou um longo grito seguido de um barulho estranho, como se um grupo de ajudantes de cozinha atirasse para o ar panelas e**

**frigideiras.**

**- Não é possível - disse Brandenstein incrédulo e, sem levantar-se estendeu os membros pronto para saltar. Depois começou a falar com aquela sua voz de baixo:**

**- Que há? Traição? Por isso, então, que as mulheres retiraram-se tão cedo!**

**- As mulheres - rebateu San Severino em tom frio - preferiram retirar-se porque vossas brincadeiras, conde de Brandenstein, não são exatamente o que se possa chamar de refinadas.**

**O tudesco riu.**

**- Quantos de vós viraram a casaca? - disse quase falando consigo mesmo. - Em primeiro lugar, vós, prefeito; lê-se nesse maldito focinho amarelo. O meu imperador, logo que vos apanhe, far-vos-á engolir as tripas; e apanhar-vos-á de certo, Francisco. Quem mais? Talvez os nobres de Aquino? Vós também, conde San Severino? Todos? Gaviões e falcões contra a águia, não? Pois a águia vos mostrará!**

**O rumor vindo de fora aumentava, e era em vão que Rinaldo tentava fazer com que os músicos continuassem a tocar: esses estavam amontoados a um canto, como um bando de macacos durante a tempestade. Agora quase todos olhavam para a porta da sala, donde vinha o rumor.**

**Brandenstein levantou-se com tal ímpeto que fez estremecer pratos e cristais da mesa.**

**- Empunhai as espadas! - bradou o tudesco. - Traição! As armas! Woelffingen, Rauterbach, Burckheim, Traunstein, aqui todos! Traição!**

**Mas nem todos os tudescos presentes no vestíbulo obedeceram, pois muitos estavam encharcados de bebida, outros não entendiam se o chefe estava falando sério. Nisso a porta abriu-se de par em par e os homens de Aquino invadiram a sala com Piers à frente. Logo San Severino, Landolfo e Rinaldo desembainharam as espadas e levantaram-se derrubando as cadeiras entre eles e Brandenstein.**

**Agora também este desembainhou a espada começou a volteá-la.**

**- Chegamos a isto, então! - gritou. - Já o esperava há tempo, mas como festejáveis o casamento pensei que me enganava. Armastest-me uma bela armadilha!**

**Ouvindo tais palavras, Piers afastou-se do tudesco com quem estava empenhando e, deixando-o entregue a Robin e a um Mercenário de Aquino, fixou Brandenstein.**

**- Casamento? Casamento?**

**Brandenstein virou-se para Francisco:**

**- Será que aquele tonsurado que celebrou Os esponsais não era nem sequer um padre?**

**- Certamente que o era - rebateu o prefeito. - Nós, em Parma, não cometemos sacrilégios como fazeis vós e o vosso infernal patrão!**

**- Essa ma pagareis - exclamou o tudesco, e apanhando um pesado castiçal atirou-o contra o prefeito que se desviou instintivamente. A peça voou contra uma coluna de mármore e, ricocheteando, bateu em San Severino com tal violência no ombro que lhe fez cair da mão a espada.**

**- Um ou outro, dá na mesma - riu Brandenstein. - gela brincadeira, San Severino. Onde está o jovem noivo? Eu lhe darei a noite nupcial que merece ... mas ele preferirá ficar com a esposa e combater cora ela no tálamo!**

**- Cão, tu mentes! - bradou Rogério aparecendo de repente. -Eis-te a resposta.**

**- Filho, deixa o javali enfurecido! - gritou San Severino aterrorizado; mas já as espadas se cruzavam e a do jovem voou através da sala, caindo de ponta no chão de madeira onde ficou espetada oscilando violentamente.**

**- Boa noite, meu belo noivo! - riu Brandenstein brandindo com força o espadarão ... mas não sôbre a cabeça do jovem: um escudo**

triangular desviou o golpe, e entre Rogério e o tudesco apareceu um homem couraçado e de elmo à cabeça. Tinha, porém, a viseira levantada e mostrava um rosto juvenil onde os olhos azuis luziam exageradamente claros. - Deixa o menino, - disse Piers - e combate com homens.

Brandenstein soltou um grunhido de desprezo:

- Admirável a tua coragem. Estás couraçado da cabeça aos pés. Ferro contra veludo ... mas não importa; ensinar-te-ei a não te intrometeres naquilo que não te diz respeito.

- Toma! - exclamou Piers atirando-lhe o escudo que foi agarrado com destreza; depois, sem falar, tirou o elmo e o deixou cair. - Está bem assim? - perguntou friamente.

O tudesco apertou o escudo, enquanto nos olhos passavam-lhe um fulgor de admiração e respeito, mas depois falou com ironia:

- Seria melhor que tivesses conservado este brinquedo e também o elmo. Certamente não te teriam salvo, mas... - e atacou de um salto.

Piers aparou diversos golpes. A sua espada era mais leve que a do tudesco, mas a energia com que era manejada convenceu rapidamente a Brandenstein que teria de recorrer a toda a sua habilidade para bater aquele adversário. Estava muito contrariado o conde: tinha cometido uma asneira aceitando aquele duelo ao invés de sair coar, eus homens daquele alçapão. Atirou um olhar rápido atrás de si para ver o combate que se desenrolava na sala e Somente o escudo o salvou,lo violento ataque do adversário.

- Não está mal - resmungou Robin abatendo um tudesco corri sua enorme espado.- por que não me deixas olhar em paz, idiota? Para trás! -Assim está bem. - E elogiou Piers que aparava um após outro três golpes formidáveis. Porém a espada de Brandenstein tinha tocado a testa de Piers. O sangue descia, e Robin começou a morder a ponta dos bigodes, enquanto seus longos dedos apertavam o espadarão.

O tudesco bufava. Cinco horas de banquete não são a melhor preparação para um duelo com um adversário daquele calibre. Piers enxugou o sangue da testa e atacou, espada alta sôbre a cabeça.

**Brandenstein. Ie- o escudo enquanto Piers passando rapidamente a espada da direita para a ruão esquerda, abaixou-a fulminantemente. Um grito de terror, de raiva, de alegria, de triunfo saiu ao mesmo tempo de mm bocas e abafou o ruído da queda de Brandenstein: o golpe havia-lhe rachado o crânio.**

**Então fez-se um pandemônio. Os tudescos sobreviventes atacaram com raiva. Robin golpeava a torto e a direito para proteger o patrão. A frente de trinta homens, Rinaldo e Landolfo atiraram-se à liça. Enquanto cem homens de Bruno de Amicis entravam completamente armados e prontos para a luta. O êxito não oferecia dúvida.**

**Após alguns minutos, Rinaldo apertou o braço de Piers.**

**- Diria que chega. O resto podemos deixar com Landolfo para que acabe com isso. Para ele nunca tem demais. Vamos, sir Piers.**

**A sala do banquete apresentava um aspeto dantesco. Alguns te-renderam-se outros teimavam em combater contra três, quatro e até seis: uma verdadeira carnificina.**

**Pieis acompanhou em silêncio Rinaldo no corredor, onde encontraram. uma fila de parmesões exultantes em torno de um mensageiro que gritava a plenos pulmões:**

**- Uma mensagem do capitão para o conde de San Severino! Trina mensagem para o conde de San Severino!**

**- Lá na sala - indicou Rinaldo. - Que notícias trazes?**

**- - Uma mensagem do capitão Bruno de Amicis - respondeu ele - A cidadela está em nossas mãos.**

**Rinaldo quis exprimir a sua satisfação, mas foi abafado pelo, gricios parmesões. Segurou, pois, novamente Piers pelo braço e o levou por um corredor lateral que dava para uma varanda. Daí, à pálida luz das estrêlas, viam-se copas de árvores e telhados. Da sala do banquete o ruído do combate ainda chegava, mas parecia longe couto se tratasse de um conflito de pigmeus sem importância.**

**- Sir Piers, - começou Rinaldo amigavelmente - tu te comportaste de**

**modo admirável. Pede qualquer coisa e, se for possível, ser-te-á dada.**

**- Brandenstein falou em casamento - disse Piers com voz apagada. - Referia-se ao casamento da condessa Teodora?**

**- Sim - respondeu Rinaldo calmamente. - Esta manhã ela casou-se com o jovem San Severino.**

**Piers apertou os dentes.**

**- Vós a sacrificastes a esse jogo político?**

**- Perdôo-te esse pensamento - disse Rinaldo com seriedade porque sei qual é o teu sentimento. Não foi um sacrifício. Enamoraram-se à primeira vista. Como num passe de magia.**

**- Ela o ama? - murmurou Piers, sem amargura, mas com respeito, como se Rinaldo tivesse dito: "Subiu ao céu".**

**- Sim, - respondeu Rinaldo - e a felicidade dela deve importar-nos mais do que outra qualquer coisa, a tu e a mim.**

**- O jovem é corajoso - observou Piers.**

**- Tu és um bravo, sir Piers, - rebateu Rinaldo com calor. Permite-me explicar-te aquilo que até agora resulta-te inexplicável. O homem que conhecestes como Tiago de Barolo era o conde de San Severino, pai de Rogério. A princípio, como nós, também ele era contra o casamento. L um dos chefes da rebelião. Outro dia veio aqui, no castelo, expôs abertamente seus planos e firmou aliança conosco. E não se falou em casamento. Mas nesse entretanto os jovens se conheceram, amaram-se e foram eles a pedir o casamento. Não havia mais razão para opor-se e o conde propôs que a festa nupcial fornecesse ocasião para o início da rebelião da Itália contra o domínio do tirano. Compreenderás que escrever-te essas coisas não era prudente, porque o mensageiro podia ser interceptado por espiões imperiais.**

**- Sim, compreendo - disse Piers.**

**Entretanto o ruído da batalha tinha cessado na sala e sucedeu-lhe**

**um silêncio quase intolerável.**

**Ela o ama. Ama-o. Viram-se uma única vez e ela o ama. Eu também amei-a quando a vi pela primeira vez. E agora ela ama-o. Ele estava para morrer quando agrediu Brandenstein. Intervindo eu pensava: "Se este é o jovem San Severino, cabe a mim matá-lo". No entanto, hesitei um instante, pensando que fosse melhor deixá-lo ao tudesco. Em vez ela o ama. A felicidade deles deve importar-nos mais que outra qualquer coisa. Se tivesse deixado que Brandenstein o matasse... se eu matasse aquele jovem ... mas agora já terá se voltado para ela... para ela...**

**Deu um profundo suspiro e disse:**

- Senhor, falastes em recompensa.**
- Sim - confirmou Rinaldo, que esperava pacientemente, evitando olhar para Piers. Agora chegou a última estrofe.**
- Então peço-vos desligar-me do juramento de fidelidade à casa de Aquino e permitir-me que eu parta esta mesma noite.**
- Temia isso - respondeu Rinaldo. - Sentirei muito tua falta, e não apenas eu ... mas é-te concedido. Eu sou o filho menor, como sabes, mas patrocinarei tua causa, sir Piers Rudde, em nome da condessa de Aquino, declaro-te livre e desligado do teu juramento. Não te esqueceremos. Nenhum de nós... e nenhuma, esquecer-te-á. Apertaram-se as mãos. - Deus vos abençoe, senhor, - disse Piers com voz rouca, e foi-se. Rinaldo ficou imóvel olhando o pálido revérbero das estrêlas. "Eis o fim do poema", pensou.**

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## **CAPÍTULO V**

**Em Colônia a cela era tão semelhante à de Paris como um ôvo é semelhante a outro: pequena, quadrada, caiada, com uma mesa, uma cadeira, um armário, alguns livros, um retrato de São Domingos, unia imagem de Nossa Senhora e o Crucifixo lio meio, de modo que apenas levantando os olhos podia-se vê-lo.**

**O jovem monge escrevia. Parecia que o seu corpanzil, vestido corri o hábito da Ordem, enchesse a cela e se apoiasse contra todas as parede; parecia que estas se deslocassem de um momento para outro e se abrissem sob a pressão daquela vida palpitante.**

**Frei Tomás, da Ordem dos Pregadores, estava escrevendo unia tese sôbre os Nomes Divinos de Dionísio Areopagita.**

**Desde os tempos de Roca-sêca tinha mudado muito. Apesar de ainda jovem já lhe rareavam os cabelos nas têmporas, de modo que a coroa que lhe restava do corte quinzenal ficava interrompida dos dois lado da testa, salvo um tufozinho no meio, o "topête de Pedro", como o chamavam em Colônia referindo-se às numerosas estátuas e imagens do santo que o apresentavam com aquela particularidade.**

**Sem dúvida frei Tomás havia engordado, um pouco por- cansa da hereditariedade -seu pai fora corpulento, - e um pouco pela vida sedentária e pela alimentação uniforme do refeitório. Durante o longo jejum da Ordem dominicana, da metade de setembro até a Páscoa, fazia-se uma só refeição por dia. Para poder resistir vinte e quatro horas em jejum, alguns frades eram obrigados a comer bastante na refeição, e por isso frei Tomás tinha adquirido um começo de papada e um pouco de barriga; por estranho que parecesse não lhe ficava mal, talvez por causada sua estatura elevada. Isso, que num homem mais baixo ficaria feio, dava à sua figura gigantesca uma nota alegre. Sem ela, a cabeçorra, as sobrelhas espêssas e negras, os olhos redondos de coruja e o nariz aquilino teriam despertado medo: pareceria agressivo e assustaria. Ao invés, frei Tomás era gordo e jovial quando conversava, calmo e pacífico quando estava calado. As duas impressões tinham um pouco de realidade que podia enganar, já que nem tudo estava ali.**

Tanto em Paris quanto em Colônia os noviços tentaram fazê-lo alvo de suas brincadeiras, dado que os noviços são noviços em qualquer lugar. Apelidaram-no de "boi mudo da Sicília" até que se repetira a experiência dos estudantes de Nápoles. Ele suportava calmamente todas as suas brincadeiras e continuava a confiar neles.

Só lima vez reagiu. Do pátio do claustro haviam gritado:

- Frei Tomás ... rápido, vem ver um boi voando! Obediente ele achegou-se à janela e pôs-se a olhar. entre as risadas

- Acreditou, acreditou! Bobão!

Tomás rebateu impassível:

- Prefiro crer que um boi voe a penar que um dominicano mima.

As risadas cessaram entre os jovens, chocados mais duramente do que tivesse pretendido Tomás, justamente porque o golpe fora inesperado. Aliás, é sabido que o homem pacífico é perigoso quando obrigado à lata.

Mas isso tudo já estava longe: terminado c. noviciado, Tomás emitira os votos e fora consagrado sacerdote.

Nunca, enquanto vivesse, esqueceria a noite anterior à ordenação. Os homens não sabem, não compreendem o que significa tornar-se sacerdote. E uma voz interior murmurava-lhe que até mesmo a Rainha do Paraíso, a Mãe de Deus, só concebera e dera Cristo à luz uma única vez, enquanto o padre; pronunciando a fórmula divina, chama-o a si todo dia. Talvez fosse a mesma voz que incutira em São Francisco tal receio de soberba que o levara a recusar obstinadamente a consagração sacerdotal e ficar por toda a vida um simples fradezinho. O poder de fazer descer Deus do alto dos céus, de acolher o próximo no corpo místico de Cristo, de perdoar os pecados... quem era ele para que lhe fosse conferido tal poder?

Pensava nisso toda vez que, durante a missa, chegava às palavras: Hoc est enim corpus meum, e, sob o pêso delas, prorrompia em lágrimas.

Quando, porém, chegado o dia, soou a sua hora, tudo mudara.

**Estava tranqüilo e sereno, seguro de si. Em seguida, nunca disse "como acontecera", nem mesmo a Reginaldo de Piperno, seu melhor amigo entre os frades, com cujo devotamento podia contar. Era um excesso de sensibilidade ou tratava-se de um segredo? Em todo caso o fato produziu nele uma quase mudança física. Um novo traço imprimiu-se em seu rosto, um novo calor, uma expressão quase materna. E como se sua missa fosse um acontecimento muito pessoal, como se aquele íntimo contato com Cristo requeresse um humilde retorno entre a massa dos fiéis, ele tornava à igreja e assistia à missa de um confrade.**

**A tese sôbre os Nomes Divinos era a primeira que escrevia, e tinha-lhe encomendado o seu superior, mestre Alberto: "Seria lícito", perguntava Dionísio Areopagita, "dizer que o conhecemos, mas não em sua natureza?"**

**"Quem é Deus" perguntara a si mesmo Tomás aos cinco anos. Por um instante o rosto venerável do abade de Montecassino emergiu do passado, um pano ensangüentado em torno dos cabelos brancos. Quem é Deus?**

**"A solução" escrevia frei Tomás "é que conhecemos silo a Deus, mas não conforme sua natureza, não na sua essência. De fato, essa essência é ignorada pelas criaturas, e supera não só a experiência dos sentidos, mas todo intelecto humano e angélico que opera com poder e energia naturais; ninguém pode conhecê-la senão através do dom da graça".**

**Parou um instante e, como vinda de longe, ouviu a própria voz: Hoc est enim corpus meum, e seu coração palpitou alegremente; dobrou os joelhos em adoração, mas logo saiu daquela beatitude. Era hora de 'trabalho, e a pena voltou a correr sôbre o papel, o lindo papel da nova fábrica de Herault em França.**

**"Portanto não podemos conhecer a Deus percebendo-lhe a essência, mas apenas em base do tecido do universo. Deus pôs-nos diante dos olhos o mundo das criaturas, para que o reconheçamos nelas: o universo, de fato, com sua ordem é quase um retrato seu, e tem uma pequena semelhança com a natureza divina, que é seu modelo e arquétipo..."**

**Na cela ao lado da de Tomás, Reginaldo de Piperno estava diante do**

mestre Alberto e, como sempre, tinha medo. Deste nunca conseguia libertar-se, por muito que dissesse a si mesmo que era ilógico e desnecessário. Certamente o mestre sabia ser muito severo ... quando, por exemplo, não se observava a regra, mas enquanto se ficava no que era licito, mostrava-se justo e até benigno. Medo dava a inteligência, dentro daquela poderosa cabeça. Era assustador pensar que um homem pudesse saber tanto de tantas coisas. Apenas ultrapassada a casa dos cinqüenta - certamente não teria mais de cinqüenta e cinco anos - contava em seu ativo com livros de mineralogia, botânica, física, alquimia, astrologia e astronomia. Sôbre muitos desses assuntos fazia conferência aos confrades, que às vezes ficavam boquiabertos. Que existissem pelo menos cinco espécies diversas de águias, quatro espécies de andorinhas, cinco de patos selvagens e dezesseis de falcões, que o som dos sinos exercesse determinados efeitos sôbre os peixes, e que certas raças de cadelas ensinassem a seus filhotes um treino sistemático para a caça ao lobo, e mil outras coisas deste gênero ... tudo isso causava admiração; mas quando ele começava a explicar que a terra devia ter forma esférica e que esse fato assombroso demonstrava-se mediante a sombra da própria terra, visível durante os eclipses da lua, e podia ser deduzido também por uma misteriosa força da terra, chamada gravitação, "porque todas as partes da terra tendem para o seu centro", era verdadeiramente espantoso.

O pior acontecera recentemente quando o mestre declarara que a linda e graciosa cortina branca que parece ocupar metade do céu noturno não era uma nuvem e sim uma massa de estrêlas tão enormemente numerosas e longínquas que parecem uma nuvem.

Aliás, não, ainda não era o pior, embora também isso provocasse vertigens. Voltando da nuvem láctea à terra, o mestre tinha dito aos confrades, pálidos de assombro, que muito provavelmente a metade meridional da esfera terrestre era habitada por homens. Como podiam viver ai sem cair? E se conseguiam, em virtude de alguma magia, que aconteceria aos frades que lá fossem - cedo ou tarde deveriam ir para pregar a palavra de Deus aos pagãos que viviam de cabeça para baixo? Não devia haver grande diferença entre precipitar-se no ar e ser flechado pelos sarracenos.

Portanto, nenhuma razão de espanto se não só em Colônia mas em toda a Germânia a gente simples considerava mestre Alberto como um adepto da arte mágica, um feiticeiro. Mas não... era um homem grande e santo, o mestre mais sábio e mais erudito que os frades

**pudessem ter. Porém ... porém ... ainda assim inspirava medo.**

**Frei Reginaldo não podia imaginar por que mestre Alberto o tinha mandado chamar, mas estava certo de ter a consciência limpa ... salvo algum pensamento pouco amistoso para com frei Paulo porque este asseverara ser frei Tomás tão distraído que um dia comeria o próprio polegar no almôço e só daria por isso quando fizesse o sinal da cruz.**

**Ora, ainda que mestre Alberto fosse feiticeiro não poderia ler tal pensamento que, afinal de contas, não era muito mau. O fato é que Reginaldo não tolerava que se falasse mal de frei Tomás, o qual não pensava em defender-se e provavelmente nem ouvia: alguém devia, pois, tomar sua defesa, e não apenas em pensamento.**

**- Frei Reginaldo, - disse a voz metálica que em aula todos ouviam com tanta atenção - creio que tu nutras amizade particular com frei Tomás de Aquino.**

**Eis, pois, a razão de o ter chamado. As amizades particulares não eram bem vistas na Ordem, em nenhuma Ordem; não só porque em certos casos podia levar a excessiva simpatia e, portanto, a tentações, ainda que apenas em pensamento, mas também e principalmente porque toda simpatia humana é em si mesma um afastamento do amor de Deus e, portanto, um recuo do espírito.**

**- Buscas a tua companhia logo que te é possível e tentas facilitá-lo em tudo que podes.**

**- Assim é, padre Alberto, - respondeu o frade com tristeza.**

**Como podia frei Tomás passar sem ele? Era, de fato, um tanto distraído, e nesse ponto frei Paulo tinha razão, mas o modo como falava nisso...**

**- Tu sabes que aqui não se apreciam as amizades pessoais ...**

**- Eu o sei, padre Alberto.**

**- Mas neste caso faço questão de que te ocupes dele o mais possível. Não se trata de uma modificação da regra, mas apenas de afastar dele os obstáculos inúteis e cuidar que tenha tudo que**

**precisa para o seu trabalho. Esta é tua tarefa, frei Reginaldo.**

**- Está bem, padre Alberto.**

**- É tudo - concluiu gentilmente Alberto acompanhando-o com um olhar benévolo enquanto o frade retirava-se radiante. O secretário nato: justamente aquilo de que Tomás precisava. Oficialmente não era possível, porque os dominicanos não podem ter secretários.**

**Reginaldo sorriu. Não se passara muito tempo desde quando aqueles burros de noviços zombavam dele julgando-o bobo: o boi mudo da Sicília! Sorriu de novo. Do seu lugar na classe berrara: "Vós o chamais de boi mudo, mas eu vos digo que um dia este boi mugirá tão alto que será ouvido pelo mundo inteiro". Havia sinceramente encolerizado naquele dia, porque não sabia ainda que Tomás não precisava de proteção. Defendia-se melhor do que qualquer um que quisesse fazê-lo por ele ... desde que o quisesse. Mas não fazia questão; antes, até gostara de ser considerado bobo: ótimo antídoto contra o contínuo perigo da soberba. E conseguira convencer não só os noviços. mas até mestre Alberto que certamente não era tolo nem inexperiente. Não. não precisava de proteção, mas alguém devia cuidar dele.**

**Apoiando-se ao espaldar da cadeira, olhava pela janela. Na horta dois frades leigos semeavam. Além do muro do convento, ouviam-se os, ruídos alegres vindos da rua: era dia de festa em Colônia. Naquela manhã iniciava-se a construção da nova catedral. Não chegaria a vê-la terminada. Que pena! Conhecia-lhe o projeto e a maquete: que ousadia e, ao mesmo tempo, quanta humildade! Torres que se elevavam até o trono de Deus para què se pudesse participar da sua divindade como ele participara da nossa humanidade ... E, ainda assim, o construtor daquelas torres tornava-se um pigmeu diante da própria obra. A missa construída em pedra.**

**Edifícios do mesmo porte erguiam-se agora em todos os países cristãos. Em toda parte cresciam as catedrais: Remos. Armiena, Ruão, Basiléia, Cantuária, Chichester, Lincólnia, Lichfield, Salisbúria, Durham, Southwark, Yorque e Londres, onde só três anos antes se começara a estupenda abadia de Westminster, menor mas não menos bela do que a gigantesca catedral de Cantuária; Sena e Santiago de Compostela..**

**Deus nos conduz além de nós mesmos, pensava. Cria invenções em nosso cérebro. E murmurava baixinho: "Amei a beleza de vossa casa, Senhor, e o lugar onde reside a vossa glória". O salmista fazia-o com o seu poema profético, o arquiteto com a oração de pedra. E nós ...**

**Havia outro reino onde se podiam construir catedrais: as catedrais da inteligência.**

**"Hoje lançaram a primeira pedra da catedral de Colônia. Eu também começarei hoje a minha catedral. Chegou a hora. Na horta espalham as sementes. Eu farei o mesmo".**

**Levantou-se e saiu da sua cela, miúdo como era, com movimentos rápidos. A sua entrada na cela contígua, um jovem gigante tentou levantar-se, mas foi obstado docemente pela mão do mestre. Seguiu-se um longo silêncio.**

**- A última página - exclamou de repente Alberto. - Deixa-me ver.**

**Tomás estendeu-lhe a fôlha onde o mestre leu:**

**"Depois há outro modo, um modo sublime de conhecer a Deus: através da negação. Nós conhecemos a Deus por ignorância unindo-nos a ele de um modo que transcende as nossas possibilidades de compreensão: isto é, quando o espírito se retira de todas as coisas e abandona até a si próprio e se une aos raios da divindade que vencem tudo com seu resplendor".**

**A tinta estava sêca: deviam ter passado alguns minutos desde que Tomás tinha escrito aquelas palavras. E agora estava pálido ...**

**"Cheguei muito cedo", pensou Alberto. "Se tivesse acontecido a mim, estaria aborrecido. Devia imaginar que isso o teria distraído". Mas a sua voz era calma quando disse:**

**- Podes abandonar um pouco o teu trabalho,, meu filho, e escutar-com toda atenção?**

**- Certamente, padre Alberto. - A voz de Tomás revelava certa surpresa que o mestre notou com satisfação. A volta de uma verdadeira experiência mística é sempre brusca: Tomás, porém, não**

**demonstrou sofrer com isso, pelo contrário, a coisa parecia-lhe óbvia. O sólito e o insólito eram ambos dons de Deus.**

- Eis: qual é a faculdade racional mais importante do homem?**
- A faculdade de conhecer o verdadeiro - foi a pronta resposta.**
- Alguns negam que o verdadeiro possa ser conhecido.**
- Estes são refutados pelo fato de que não podem fazer tal afirmação sem contradizerem a própria hipótese. Se o homem não pode conhecer a verdade, não pode também considerar verdadeira a tese que ele não pode conhecer o verdadeiro.**
- Além disso, nunca estaremos em condições de conhecer um erro como tal - acrescentou Alberto. - Certamente, muitas vezes é difícil. Que é que faz tão freqüentemente aceitável o erro?**
- A verdade que contém em proporção à não verdade.**

**A simplicidade quase pueril das perguntas não enganou Tomás: esse bem sabia que Alberto gostava de começar um assunto importante com uma porção de quesitos que qualquer estudante de filosofia resolveria após seis meses. Era como o atleta que se unge antes da luta. Não lhe passou pela mente que o mestre tinha descoberto aquilo que vivera nos últimos minutos e quisesse dar-lhe tempo para se refazer.**

**- Sim ... sim... - disse Alberto gravemente. - Verdade e não verdade misturadas: eis o perigo do nosso tempo. Perigo que ameaça conquistar o mundo e relegar mais uma vez a fé às catacumbas... a menos que se liberte o gigante.**

**- Libertar o gigante?**

**- Não é contemporâneo nosso - explicou Alberto. - Não é Frederico II, embora ele possa parecer poderoso àqueles que espezinha. Corre pela Itália como uma fera, mas tanto ele como suas mesquinhas guerras serão logo esquecidos ... se bem que não pelos descendentes de suas vítimas ... Espero que tu não estejas entre eles. A tua família, pelo que me consta, ainda está na Itália.**

**- Meus dois irmãos estão em perigo, - disse Tomás - mas pelo menos combatem no campo justo. Desde que deixei Roca-sêca rezo por eles.**

**- Tens, então, notícias?**

**- As últimas chegaram há alguns meses.**

**- A tua família opôs-se vivamente à tua entrada na Ordem. Ainda há tal oposição?**

**- Sim, mas muito mais fraca. Creio.. - acrescentou com um sorriso inesperado - creio que já se acostumaram.**

**- Bem, bem. - Alberto estava novamente pensando no assunto de antes. - Frederico será logo esquecido. Tampouco queria aludir a Luís de França, que manca será esquecido. O meu gigante não é de carne e osso, embora o tenha sido: nem os que o evocaram do limbo são de carne e osso, nem nunca o foram.**

**Tomás aguardava pacientemente.**

**- Vou-te contar uma fábula, meu filho, - redargüiu Alberto sorrindo. - Era uma vez nos países do Oriente um cameleiro que acreditava que Deus lhe falasse pela boca do arcanjo Gabriel. Retirou-se para uma gruta dos montes da Arábia, a fumar cânhamo índico e escrever um livro que, dizia ele, o arcanjo Gabriel lhe havia sugerido. Tanto ele como seus sequazes pregavam de modo tão atraente que centenas, e depois milhares de pessoas convenceram-se que o cameleiro era o maior profeta enviado por Deus à terra, e que era obrigação deles difundir pelo mundo todo, não com bondosa persuasão, mas a ferro e fogo, a nova religião codificada no seu livro... E a nova religião difundiu-se pela Arábia, Egito e Turquia e por toda a costa norte-africana. Daí passou para a Espanha e a França. Nesta última só os cavaleiros e os soldados cristãos conseguiram, com a ajuda de Deus, sustar e repelir o assalto. Mas a bandeira verde do profeta Maomé ainda domina grande parte da Espanha e, no Oriente o Islã está às portas da grande cidade de Constantino. O símbolo da nova religião é a meia-lua, e como uma enorme meia-lua os países maometanos apertam dentro de si a cristandade. A qualquer momento podem desferir novo ataque.**

**Tomás continuava esperando, sério, com o olhar fixo. "Agora chega ao ponto" pensava. Não ignorava a história do Islã, e já parecia-lhe adivinhar onde mestre Alberto quisesse ir parar. Compreendia, porém, que o mestre tinha suas razões para contar-lhe aquela "fábula".**

**- A fé primitiva dos mouros e sarracenos - prosseguiu Alberto não poderia tornar-se um perigo para o cristianismo, embora os próprios muçulmanos estivessem convencidos de possuir a ideologia superior. Mas depois apresentou-se um novo perigo. Al-Kindi, no século IX, Al-Farabi no X, e Avicena no XI, começaram a evocar a sombra de um gigante entre os mortos que viveram três séculos antes de Nosso Senhor. A princípio não tinham absolutamente intenção de apresentar Aristóteles como precursor do Islã. Estavam apenas ávidos de saber. Entretanto, ao mágico contato destes, o gigante começou a sofrer uma estranha transformação. Eles inflamaram a sua sombra com o ar pesado do deserto; o misticismo do Oriente insinuou-se neles, e os raciocínios singulares dos neoplatônicos e dos pré-platônicos obscureceram a clareza do intelecto titânico. Aristóteles começou a parecer-se cada vez mais com um oriental. Poderia ter nascido em Bagdá, em Khorassan ou em Marráquexe. E afinal, há um século, apareceu Averróis.**

**Tomás inclinou-se e apoiou os braços sobre os joelhos. Tudo que Alberto dissera até então era-lhe conhecido, e Alberto o sabia. Parecialhe mesmo estar escutando uma fábula ouvida muitas outras vezes.**

**- Averróis, - prosseguiu Alberto - obcecado por Aristóteles, compôs uma síntese do trabalho dos seus três predecessores, sem que isso lhe impedisse criticá-los a vontade. Na tripartição da inteligência humana (idéia sua, essa) parece ter desenvolvido mais o "intelecto adquirido". Em todo caso, isso serviu-lhe para apropriar-se de muitas coisas que outros tinham pensado antes dele. Com Averróis dava-se o nascimento da filosofia maometana, que não era uma filosofia nova, mas »ma filosofia aristotélica confusa e orientalizada. Porém... neste ponto o mestre tornou-se sério - era sempre uma filosofia e continha suficiente verdade aristotélica para inundar de erros orientais os cérebros cristãos. Finalmente ... o Islã tinha uma arma contra a fé cristã e essa arma era tão cortante que obrigava os nossos filósofos a uma confissão espantosa, isto é: admitir que há duas verdades, a verdade da fé e a verdade da filosofia às quais não é necessário o concordar entre si. Desse**

**modo, nas consciências cristãs surgiram graves dúvidas às quais a teologia só podia opor esta resposta: "Não te ocupes com filosofia, aтем-te à fé". Em outros tѐrmos: o cavalo de Tróia está dentro dos nossos muros e o seu nome é filosofia do Islã. Aquilo que não conseguiram os enormes exércitos do cameleiro pode ser conseguido pelo cavalo de Tróia, isto é, pelo espírito de Aristóteles tendo ao lombo o espírito de Averróis. Dizem que Frederico II macaqueia toda sorte de costumes orientais, que jura por Maomé e pela Caaba, que o Oriente está bastante em moda. Tudo isso é deplorável, mas nem de longe tão perigoso como a doutrina oriental que ofusca as nossas melhores cabeças. Como se explica isso? Pelo fato de que sob o êrro averroísta esconde-se uma verdade aristotélica. Verdade e êrro misturados: eis o perigo do nosso tempo ... a menos que consigamos libertar o gigante.**

**- Nós? - perguntou Tomás incrédulo. - Nós? ...**

**- Tu e eu. Há anos que estou procurando o homem que seja capaz disso. Toda a minha vida dediquei-a a esse objetivo, mas uma vida não basta. Um só homem não pode libertar Aristóteles dos grilhões. A tarefa é enorme, e não se trata apenas de traduzir Aristóteles para o latim.**

**- Claro que não - exclamou Tomás. - De fato, também Aristó- nem sempre tem razão.**

**- Filho, filho meu! - exultou Alberto. - Estas palavras bastam para demonstrar que tu és o homem que busco. - E no seu entusiasmo levantou-se de repente e pôs-se a caminhar pela pequena cela. - Aristóteles nem sempre tem razão - repetiu. - Sabes que talvez ninguém ousaria proclamá-lo piblicamente? Ninguém, quero dizer, que tenha lido seriamente Aristóteles. Realmente alguns, especialmente muitos teólogos que poderia citar, estão firmemente convencidos de que o verdadeiro autor das obras aristotélicas chama-se Satanás. Pensa só! Pessoas boas e honestas que se benzem quando se pronuncia o nome do Estagirita. Mas tu, meu filho, tu o leste ... e o compreendeste. - De repente parou. - De agora em diante nós dois tornamo-nos os personagens da minha fábula: tu e eu com o nosso plano de romper as cadeias do gigante e trazê-lo de novo à razão.**

**- Os grandes judeus ajudar-nos-ão, - asseverou Tomás com**

**entusiasmo - especialmente o rabi Moisés ben Maimon. O seu Guia dos Perplexos...**

**- Já leste isso também? - perguntou Alberto surpreso.**

**- Quando estava em Nápoles - confessou Tomás. - Havia um bom exemplar na universidade. O rabi Moisés foi um grande homem ... e bom.**

**- Ele também acha que Aristóteles não era infalível. Filho meu, sabes até onde se chega desse modo?**

**Tomás anuiu:**

**- Os cristãos poderão dizer: "Pela graça de Deus, eu creio. Muitas coisas da minha fé transcendem a razão, mas nada a contradiz".**

**- Muito bem! - exclamou Alberto, e contendo o seu entusiasmo acrescentou com voz já calma, mas firme: - Tomás, devo pôr-te em guarda: nossos próprios amigos nos dificultarão. O franciscano mais sábio que já conheci (não o melhor, mas o mais inteligente), frei Rogério Bacon, riu-se de mim quando lhe comuniquei a minha idéia. "Não podes conseguir", objetou-me. h absolutamente impossível".**

**- Ve-lo-emos - disse Tomás com simplicidade.**

**- A oposição mais violenta, porém, não nos virá de homens da sua espécie, virá de espíritos medrosos, limitados,**

**estéreis... entre os quais há indivíduos de grande poder e influência. Esses cercar-te-ão como os touros de Basã. Empenharão contra ti toda a sua autoridade, citarão os grandes santos, até mesmo os Padres da Igreja. Procurarão sufocar-te com São Gregório, São Bernardo, com o maior de todos, Santo Agostinho...**

**- Não importa quem seja o homem que sentenciou - rebateu Tomás - Importa aquilo que sentenciou.**

**Alberto fixou-o e disse com voz comovida:**

**- Pela glória de Deus, creio que tu falas seriamente.**

**Tomás, por sua vez, olhou para ele:**

**- Se não falasse seriamente não teria falado.**

**O homenzinho diante do qual todos tremiam disse com voz sufocada:**

**- Dize-me uma coisa, filho, já tiveste alguém sujeito a ti?**

**- Sim - respondeu Tomás.**

**- Não o creio. Quem?**

**- Nosso Senhor ... sôbre o altar.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO VI**

**A notícia de defecção de Parma alcançou Frederico II no meio do caminho entre Verona e Turim. Dada a sua brilhante inteligência, compreendeu logo que os parmesões não teriam ousado tanto se não tivessem a certeza de encontrar válido apoio. Poderia ser Mântua e Ferrara, mas poderia ser ainda pior. E se não sufocasse o incêndio desde o início, a rebelião se levantaria numa dúzia de outras cidades, ou mesmo numa centena delas.**

**Bonatti, o astrólogo, dissera-lhe mais de uma vez que sua verdadeira grandeza manifestar-se-ia na adversidade, porque nascera com o sol no signo de Capricórnio e com a ascendente no Escorpião. A profecia começava a se verificar.**

**No primeiro ímpeto de cólera pela resolução do Concílio de Lião, Frederico tinha aceito com alegria a parte de Anticristo. Chegara ao ponto de fazer-se chamar pelos familiares de "santo Lúcifer", e ordenara que todas as igrejas e conventos fossem "expropriados" de suas riquezas, isto é de todos os objetos de ouro, prata e pedrarias. Considerava toda a faina como um gigantesco duelo entre ele e o papa, e sua primeira idéia fora correr para Lião e aprisionar o seu inimigo. Considerava-se o "príncipe do mundo" dos Evangelhos e a "Bêsta" do Apocalipse, e tal pensamento inebriava-o.**

**A defecção de Parma trouxe-o à razão, obrigando-o a descer das nuvens metafísicas e mostrar-se o mais astuto e o mais enérgico soberano do seu tempo.**

**Deu ordem ao) exército de retroceder e marchou, não contra Parma, mas para Cremona onde Ezelino uniu-se a ele com mais de seiscentos cavaleiros borgonheses com respectivas escoltas. Concentrou todas as suas guarnições na zona de modo que não pudessem ser derrotadas singularmente, depois lançou seus cavaleiros contra a Itália. Em esquadrões, espalharam-se em todas as direções da península de modo a impedir com o seu comparecimento qualquer sublevação. Ele próprio, dois dias depois do encontro com Ezelino, estava diante dos muros de Parma, dando início a um dos mais estranhos sítios da história. A arte do assédio, tão avançada durante o império romano, estava em plena decadência. Altos muros e defensores enérgicos eram um obstáculo**

**quase intransponível para os cavaleiros pesados. Limitavam-se, portanto, a cortar a água às cidades sitiadas r', w isso não bastava, a obrigá-las a se renderem pela fome.**

**Como o aqueduto ele Parma ora abundante, só restava a fuma. A cavalaria de Frederico cortou todas as comunicações. Um forte contingente, comandado pelo margrave Lancia, ocupou a embocadura setentrional do passo dos Apeninos. Entretanto, o imperador não se iludia: sabia que só depois de muitos meses é que Parma render-se-ia.**

**A suspeita de que Mântua e Ferrara estivessem conspirando com os parmesões confirmou-se logo. Todos os mantuanos que os homens do imperador puderam apanhar, foram, sem mais, enforcados. Quando chegou a notícia de que também Régio havia-se unido aos rebeldes, Frederico enfureceu-se. Num acesso de cólera que durou três horas, disse aos amigos qu cantes de mais nada romperia todas as resistências e, depois, deixaria a Itália e o Ocidente para transferir-se ao Oriente. Somente lá os homens eram dignos de um grande soberano.**

**- O feliz Asia - exclamou amou - Somente tu sabes obedecer.**

**Suas tropas incendiaram metade de Régio e enforcaram cem dos mais conspícuos habitantes, os quais, antes disso, foram cegados para constituírem um terrível exemplo. Não obstante, cada dia chegavam notícias sinistras. Em dez, vinte, cinqüenta, cem cidades flutuava a bandeira com os lírios da velha fação guelfa. Seis cidades foram queimadas e outras vinte se rebelaram. Arécio foi arrasada. Então rebelou-se também Florença.**

**Mas Frederico não se abateu. Colunas quase infinitas de cavaleiros tudescos transpuseram os Alpes em seu socorro, e o solo italiano gemeu sob as patas dos cavalos couraçados.**

**O caráter religioso da rebelião tornava-se cada vez mais patente. Em numerosas cidades os frades mendicantes pregavam a guerra santa contra o imperador destituído, o ateu soberano de países cristãos, o livre-pensador que acreditava na própria divindade, o desprezador de sacerdotes que por sua vez dizia-se sacerdote, o flagelo de Deus que se proclamava novo Messias, o hipócrita que falava sempre de liberdade e era um tirano como o mundo nunca vira desde o império**

de Roma.

Mas o capitão Marino de Eboli derrotou os defensores de Viterbo e a fortaleza de Sala teve de se render a um outro chefe imperial. Frederico ficou com o exército que sitiava Parma. Em Parma tinha tido início a rebelião, Parma devia ser castigada por ele mesmo. Sem preocupar-se com a tempestade que sacudia toda a Itália, ficou onde estava. Os prisioneiros importantes eram-lhe trazidos ao quartel-general e ele presidia pessoalmente os processos. Os infelizes eram depois entregues aos "filhos de Vulcão", aos carrascos sarracenos para os quais a crueldade era um passatempo. O próprio imperador decretava o martírio. Muitos eram mutilados, cegados, ou pelo menos açoitados antes de serem levados à morte, outros eram afogados no rio Pó. Alguns prisioneiros, que por qualquer motivo tinham excitado de modo particular a cólera do soberano, eram costurados num saco com cobras venenosas, e os sacos, contendo o infeliz vivo, agonizante ou morto, atirados no rio: era um suplício que os soberanos do Oriente costumavam inflingir às mulheres infiéis do seu harém.

Mas o ócio a que era obrigado pelo sítio de Parma aborrecia a Frederico, e afinal pensou que não era digno de um grande soberano ficar tanto tempo num miserável acampamento. Dentro de alguns meses Parma seria arrasada: por que não começar logo a construção de uma nova cidade? Deu imediatamente ordem de convocar milhares de trabalhadores. Seus arquitetos prepararam os planos e, num instante, lançou-se a primeira pedra de uma cidade que ele chamou Vitória.

Sob os olhares dos parmesões, casas e palácios de Vitória começaram a surgir do chão. Depois todo aquele esplendor foi desaparecendo pouco a pouco atrás das fortificações que o imperador mandou erigir em torno da nova cidade. Junto do palácio imperial foram construídos um lindo pavilhão para as bailarinas sarracenas e seus eunucos, um magnífico edifício para o tesouro imperial e grandes telheiros para o material bélico. Nada de igrejas. O único sino da cidade, um enorme sino pendurado numa torre acima dos muros, tocava quando os parmesões faziam alguma saída em busca de víveres pelas vizinhanças, coisa que acontecia freqüentemente, porque depois de quase um ano de sítio começava-se a sentir a carestia.

Frederico tinha dado ordens severíssimas de rechaçar

**imediatamente toda saída ou, se os parmesões burlavam a vigilância, de persegui-los até fazê-los voltar à cidade.**

**- Quanto mais bocas tiverem, mais depressa ficarão sem o que comer.**

**De outras cidades chegavam constantemente transportes de víveres e quase sempre Frederico conseguia interceptá-los. Então fazia passar os carros carregados abaixo e acima diante dos muros, à vista dos defensores esfomeados, e depois mandava descarregá-los em seus próprios armazéns.**

**Por fim desinteressou-se também por Vitória que continuava crescendo sem que ele cuidasse disso. Passava grande parte do seu tempo nos pântanos, caçando pássaros e, quando voltava, dedicava-se a escrever o livro De Arte Venandi cum Avibus.**

**Em parma reinava completa calma e era preciso ser observador agudo para perceber a tensão nas ruas e praças quase desertas: aqui o Lampejo de um olhar, ali um tom de voz forçadamente calmo, um reflexo de lua sôbre as pontas de um feixe de lanças apoiadas a um muro e aparentemente abandonadas, e alguma figura embuçada que atravessava depressa uma rua e desaparecia num grande edifício.**

**Um tropel de cavalos a galope interrompeu o silêncio. Era um pequeno grupo de cavaleiros que, guiados por um homem couraçado, subia para a cidadela. A sentinela quis detê-los, mas o cavaleiro respondeu de mau humor:**

**- Tolo, deixa-nos passar. Pensas que seis homens queiram tomar a fortaleza?**

**Porém o grupo só pôde passar quando o chefe do pôsto reconheceu o cavaleiro.**

**Cinco minutos depois este estava diante de Landolfo.**

**- Graças a Deus te revejo são e salvo, Rinaldo. Fiquei preocupado. Como conseguistes passar?**

**Rinaldo riu:**

- **Dá-me vinho e dir-te-ei. Estou com a garganta sêca.**
  
- **Eis aí um pouco de vinho. Tenho apenas meio copo. Aqui situação não é mais a mesma. Na semana passada tivemos os primeiras mortos de fome, e cada dia seu número aumenta. Sou feliz em rever-te ..ainda que não o devesse ser. Talvez tivesse sido melhor que tu tivesses ficado longe. Prometo-te que se sair vivo desta cidade maldita, o que não é impossível mas nem muito provável, nunca mais porei os pés em Parma. Conheço dela todo canto, e nestes últimos tempos o ar começa a feder. Mamãe e as meninas estão ao seguro?**
  
- **Sim, mas não foi fácil chegar a Roca-sêca. Esta é a guerra mais estranha que já vi. Nunca se sabe se na próxima- cidade receber-te-ao com arcos triunfais e banquetes ou se te enforcarão ou te cortarão as mãos, os pés ou qualquer outra coisa de que não te quererias separar. Ainda bem que conseguimos mandar embora mamãe e as irmãs antes que o velho demônio apertasse o cêrco de ferro em torno da cidade. Todavia, antes de chegar em casa tivemos de nos bater quatro vezes. Sete dos nossos cinqüentas homens chegaram onde ficarão definitivamente.**
  
- **Ao paraíso - comentou Landolfo.**
  
- **Como o sabes com tanta segurança?**
  
- **Não pode haver dírvida. Caíram pela causa justa e, mais que isso ninguém pode fazer.**
  
- **Talvez tenhas razão, querido irmão, - disse Rinaldo rindo. Mas pelo menos três deles eram verdadeiros bandidos.**
  
- **Quando se morre por Deus, morre-se por Deus! - replicou Landolfo.**
- **Como se portou o jovem Rogério?**
  
- **Nada mal - respondeu Rinaldo generosamente. - Batia-se pela primeira vez em sua vida: que se pode pretender? Com a lança atravessou a garganta de um mercenário: terá sido sorte, mas foi um belo golpe. Chorou por isso e durante horas tive de confortá-lo explicando-lhe que não era pecado, que não tinha cometido assassínio, que tinha feito o que qualquer cavaleiro cristão faria em**

**defesa da sua clama, e assim por diante. Então sentiu-se melhor, mas não muito. R um jovem muito sensível.**

**- Excessivamente sensível.**

**- Mudará, se tiver vida ... Eu lhe quero bem. Não foi fácil convencê-lo a ficar em Roca-sêca com as mulheres. "Que dirão se eu não voltar?" Até quando lhe expliquei que seu pai desejava que ele ficasse longe não queria ceder. Tive de lhe dizer que as mulheres precisavam de sua proteção, e só então decidiu-se. No íntimo estava um pouco aliviado, e no seu lugar eu também o estaria se tivesse me casado apenas há dois meses.**

**- Pode ser - disse Landolfo sacudindo a cabeça. - Por mim estou satisfeito que fique onde está. É excessivamente jovem para essas coisas. Certamente, se perdermos, não estará seguro por muito tempo nem mesmo em Roca-sêca. E talvez mesmo antes. O velho Lúcifer é quase onipresente. (preciso reconhecer que entende de guerra. Como fizeste para passar?**

**- E história longa e aborrecida. Mas trago más notícias para Parma.**

**- Ah! sim? - disse Landolfo não muito impressionado. - De que se trata?**

**- Tu mandaste o prefeito Tebaldo Francisco a Altavila para buscar reforços.**

**- Não, víveres.**

**- Não o verás mais, pelo menos nesta vida.**

**- Como? Passou para o lado do imperador?**

**- Não. Penso que tu e San Severino o tendes enviado a Altavila porque lá estão parentes dele, gente influente para conquistar.**

**- De fato, lá vive seu irmão, e ele devia encontrar-se com alguns chefes da facção guelfa. Mas sua tarefa principal era organizar um transporte de víveres com uma escolta forte, já que os íntimos quatro foram interceptados.**

- De Altavila não receberemos um naco de pão: Frederico tomou-a de assalto e capturou o prefeito.

- Pobre diabo!

- Pois é! Cegaram-no, cortaram-lhe o nariz, u'a mão e um pé, e o arrastaram de uma cidade a outra como um espantalho: assim acaba quem se rebela contra o imperador!

- E este é o homem que servimos durante anos! - exclamou Landolfo. - Não compreendo: éramos cegos ou loucos ou o quê?

Rinaldo riu novamente.

- Provavelmente. Nós todos, menos o pequeno Tomás. E agora só o pequeno Tomás está em segurança. Dir-se-ia que acima de todas as injustiças humanas caminhe claudicando uma estranha espécie de justiça. Será talvez aquela que chamamos Providência?

- Se servis a um homem que não serve a Deus, como podeis servir ao próprio Deus? - citou Landolfo. - Lembro muito bem essas palavras. Mas esqueci a resposta que lhe dei ... ou que tu lhe deste? Tomás tinha uma maneira estranha de dizer as coisas de modo a que ficassem gravadas. Estou feliz por sabê-lo em segurança. Agora, Rinaldo, deverás depor ao conselho de guerra. Gostaria que omitisses a notícia sôbre a sorte de Francisco. ); muito querido e não quereria que a gente perdesse a confiança, pelo menos nos próximos dois dias. Está-se preparando algo em grande escala, o que poderia mudar a nossa situação de um momento para outro.

- E bem necessário, já que Frederico está em grandes progressos em toda a Itália. Que intenções tendes?

- No campo adverso temos um par de pessoas de confiança :que conseguiram transmitir-nos a notícia de que amanhã pela madrugada Frederico irá caçar giros.

-É uma notícia assim tão importante?

- Durante sua ausência o comando é confiado ao margrave Lancis.

- Quê mais?

- Lancis tem ordens precisas de perseguir-nos e fazer-nos reentrar se tentássemos uma saída e conseguíssemos passar.

- Começo a compreender - disse Rinaldo. - Amanhã haverá uma saída.

- Exatamente. Sob meu comando. Chegaste justamente a tempo para participar dela. Prepararemos uma bela caçada ao margrave. Precisamos emagrecer um pouco.

- Enquanto isso - acrescentou Rinaldo - poderá acontecer alguma coisa. Compreendi. De quem é a idéia?

- Do velho San Severino. E um grande homem e gostaria ...

-. Quê?

- Que a pequena Teodora tivesse casado com ele em vez de com o filho.

- Ê, ele ou sir Piers.

Landolfo arregalou os olhos.

- Que dizes? Por quê?

- Piers amava-a, meu irmão. Mas sei que não é de nobre linhagem, pelo menos a julgar pelo título.

- Por isso então sumiu tão repentinamente. Então não podia compreender, nem mamãe. Aonde terá ido parar?

- Terá voltado para a Inglaterra. Pena. Aqui nos serviria muito. Tu és uma boa espada, mas não sei se terias partido em dois tão elegantemente o velho Brandenstein ...

- Nem eu sei - admitiu Landolfo. - E agora vem, vamos falar a San Severino de seu filho. Depois recomendo-te deitar cedo porque amanhã teremos que fazer.

**- Algumas horas de sono não me farão mal.**

**San Severino recebeu-o com muita cordialidade, evidentemente aliviado por saber seu filho em segurança ... pelo menos como se podia estar em segurança naquele tempo na Itália.**

**- Certamente tereis visto coisas muito interessantes, mas delas falaremos amanhã à noite. Vosso irmão já vos comunicou o plano para amanhã? Sim? Bem! Vejo que nos trazeis más notícia. Se o nosso projeto tiver sucesso, as más notícias serão indiferentes. Se falhar, tudo se tornará indiferente. Penso que querereis participar da saída com vosso amável irmão. Deus e a Virgem Santíssima vos protejam. Boa noite.**

**A sua barba preta continha fios de prata em maior número que antes, e o rosto havia-se tornado descarnado e pálido.**

**- Temo que não viverá muito ainda - observou Rinaldo quando ficaram novamente a sós. -Gostaria de saber por que a prata me lembra sempre a morte. Como poeta poderia dar-te sete razões desse fato, mas nenhuma de valor.**

**- Quer dizer que és mau poeta.**

**- Não, meu irmão, a lástima é justamente que sou bom poeta, isto é, que tenho inclinação. Mas não aproveitei. Cedo demais diverti-me nesta vida. Para se ser bom poeta se deve ir para a solidão, transformar-se em eremita, tornar-se santo ...**

**- Histórias.**

**- E preciso fazer penitência, viver para uma idéia. Não se assaltam de barriga cheia as portas do Paraíso. Sempre pensei que eu podia erigir um templo à Beleza, desde que tivesse mármore e pedras preciosas em suficiência. Entretanto, a mais bela de todas as formas não é a das mulheres, mas a da mulher. Se tivesse achado o que procurava em tantas mulheres... quem sabe! Vês que ainda procuro descarregar a minha responsabilidade. De fato, que procurei eu? Bem Deus, não sabia nem que os poetas têm maior responsabilidade do que os comandantes na guerra ...**

**- Vai dormir, tens necessidade - disse Landolfo.**

**- Eu sei, eu sei. Agora vou. Pelo menos a energia que me dá este sono não será desperdiçada. Desperdício... meu irmão, eis uma palavra terrível. Certa vez sonhei com um velho que Ire dizia que depois da morte as almas dos que desperdiçaram a vida são fundidas e com elas moldadas novas almas: serão bobagens, e talvez heréticas, mas me incutiram muito medo.**

**- Mais um pouco e pensarei que seria melhor tivesses ficado em Roca-sêca - disse Landolfo bruscamente.**

**- Não te preocupes. Estou excessivamente cansado. Amanhã estarei mais alegre. Certas vezes queria ter o teu caráter: ser um bloco único e sem dúvidas. Boa noite.**

**- É mais honroso ter dúvidas e superá-las do que não as ter sentenciou Landolfo. - Boa noite e bons sonhos.**

**Apertaram-se as mãos e trocaram um sorriso antes de irem cada qual para o seu quarto.**

**Um servo ajudou Rinaldo a despir-se. Sôbre a mesa havia um prato com um naco de pão duro e um pedaço de carne de mau aspeto: carne de cavalo. Rinaldo levantou o ombro, estendeu a mão e notou o olhar do servo fixo àvidamente no prato.**

**- Leva essa coisa - disse sorrindo. - Não gosto.**

**O servo apanhou apressadamente a comida e saiu correndo, como se temesse que o senhor mudasse de idéia. Rinaldo atirou-se na cama.**

**Não sonhar. O bom Landolfo não acreditava na vitória, como nela não acreditava San Severino. R mais honroso ter dúvidas e superá-las do que não as ter. Bom Landolfo! Como sabiam ser sábios aqueles simples corações! Alguma coisa tinha feito na vida. Também Marta, e talvez também Teodora, a qual, junto com a pequena Adelásia, tinha ainda a vida diante de si.**

**E ele? Que teria dito Tomás dele? Provavelmente que tinha enterrado seu talento. Ou tê-lo-ia julgado como Landolfo? Se morres por Deus, morres por Deus ...**

**Estranho que a eventual sentença de Tomás devesse ter tanta importância. Todos sofriam de algum modo a sua influência ... até Landolfo. Antes tudo lhe tinha sido indiferente, agora importava-lhe muito estar do lado certo. Mas Rinaldo? Que teria dito Tomás a Rinaldo?**

**Pequenas canções sobre belas mulheres ... sim, eram sinceras, mas precisamente pequenas canções. Se tivesse achado a mulher... se é que existe! Não será apenas uma quimera, um sonho, nesse vale não de lágrimas mas de ilusões onde se persegue a beleza e a felicidade e com a varinha mágica da fantasia transforma-se toda canção num canto paradisíaco e cada mocinha em Nossa Senhora.. .**

**Alguns ousavam até cantar a própria Rainha do Céu, como Adão de São Vítor:**

**Salve, Mater pietatis et totius Trinitatis nobile triclinium, Verbi tamen incarnati speciale maiestati preparans hospitium.**

**Ah! sim, era preciso que se fosse santo para fazer dessas poesias, para achar a inspiração de palavras tão majestosas. Isso tinha escrito um monge na cripta da abadia de São Vítor, consagrada à Mãe de Deus. E a invocação a Nossa Senhora fora tão potente que a cripta ficou inundada de luz e a Virgem Santa apareceu acenando benignamente e agradecendo por aquelas palavras. Assim contava-se e era crível, se o não fosse pela comvente beleza da anedota. Entretanto, não obstante a beleza, aquele não era o cântico que era preciso elevar à Virgem e Mãe, à nova Eva, ao símbolo sagrado de toda poesia. O paraíso, o purgatório e o inferno ainda não tinham encontrado o seu poeta ... e nem ela, a Estrêla do Mar, a Porta do céu. A tarefa devia ser talvez ainda maior porque tinha de se elevar a tais alturas para superar até as palavras do arcanjo que a tinha saudado. Competir com um arcanjo para a conquista da palma poética era empresa digna, e para ela valia a pena viver redimindo uma vida inteira desperdiçada.**

**Mas na manhã seguinte teria lugar a saída.**

**Oride buscar as palavras que se alinhassem como pérolas de igual medida e forma e pureza até formar um colar para a Rainha de todas as rainhas? Teria sido preciso saquear o céu. Na terra as palavras faltavam ... e ela, ela própria, deveria trazê-las e presentear-mas.**

**Tudo que poderia fazer seria restituir a oferenda. Mas não é isso que acontece com todo sacrifício?**

**Filha e mãe da Criança divina, Estrêla matutina, Torre (te marfim ... Virgem que destes à luz a fonte de todo o amor ... se (-oiti a tua ajuda continuar em vida, cantarei o teu hino. E se caio, se o pêso de minhas más ações, maior que o das boas que não cumpri, me subtrair da tua vista, cantar-te-ei igualmente. Talvez um espírito benfazejo levará meu canto através do espaço até que encontrará um poeta capaz de o fazer florescer sôbre a terra.**

**Na manhã seguinte um forte grupo de cavaleiros às ordens de Landolfo e Rinaldo de Aquino fez uma saída em direção sul. O próprio margrave Lancia, à testa de cinco mil homens, comandou a perseguição, levando quase cinco horas para alcançar e barrar o inimigo. Seguiu-se um batalha ferrenha que durou até a noite. Afinal, a superioridade iitimérica dos imperiais impôs-se e, pouco antes do pôr do sol, um último e feroz ataque derrotou os parmesões.**

**Landolfo e Rinaldo foram aprisionados e, com eles, a maior parte dos sobreviventes. O restante dispersou-se em todas as direções. Muitos foram mortos no caminho de volta, enquanto pouquíssimos conseguiram entrar de novo em Parma.**

**Mas, uma hora após a partida do margrave Lancia, todas as portas de Parma abriram-se ao mesmo tempo e os parmesões saíram: primeiro os cavaleiros sob o comando do conde de San Severino, depois a infantaria e a guarda da cidade. Seguiu-se toda a população masculina da cidade., dos jovens de doze anos aos velhos de setenta e mais. Afinal, vinham as mulheres, em grupos de todo grau e idade. Todos atiraram-se para Vitória como torrentes de lava. Os defensores da nova cidade não criam em setes próprios olhos. Lancia não julgara necessário nomear um lugar-tenente para o tempo em que estivesse fora, e brigas ásperas nasceram entre os comandantes subalternos fazendo-lhes perder um tempo precioso. Entretanto o sino de alarme começou a soar.**

**San Severino abriu caminho de arma em punho e entrou pela porta setentrional, seguido pelos cavaleiros que, atravessando as ruas da nova cidade, abriam as portas pelo lado de dentro, semeando a confusão entre os defensores que não sabiam onde acudir. Através das portas assim abertas irromperam os civis espalhando terror.**

**Cavaleiros imperiais desapareciam no meio de grupos de mulheres que os arrancavam dos cavalos e os surravam a pau até a morte. Centenas de soldados imperiais rendiam-se à guarda civil para não serem despedaçados pelas mulheres que gritavam, esfomeadas e meio enlouquecidas. Sem o objeto da sua vingança, elas se atiraram aos mantimentos. Com incrível rapidez arrombaram as portas dos depósitos e lançaram-se aos montes de víveres, às provisões do imperador, constituídas de transportes capturados. As mais inteligentes procuravam cavalos e mulas e carregaram-nos com tudo que não podiam levar; a maior parte, porém, arrasta-a o que lhe chegava ao alcance das mãos.**

**Enquanto isso, na cidade de Vitória a luta continuava furibunda; embora tendesse a enfraquecer. Quem ainda opunha resistência era morto pelos soldados parmesões que assistiam aos saques dos companheiros e descarregavam sua bÍlis sÔbre os tolos que teimavam em impedir-lhes de participar do saque.**

**Entre os sons argentinos dos instrumentos de caça insinuou-se o soar grave do sino de Vitória. O imperador perdeu minutos preciosos esperando que o seu melhor falcão voltasse sÔbre a luva. Depois saiu a galope em direção da cidade acompanhado pelo filho Manfredo que; apesar de apenas ter dezesseis anos, já havia esposado a filha do conde Amadeu de Savóia, e por cerca de cinqüenta cavaleiros. É claro que eles não imaginavam que o margrave Lancia estava ausente. e. muito menos. que os parmesões tivessem tomado a cidade.**

**Em roupas de caça, sem couraça, entraram correndo, enquanto os parmesões olhavam para eles boquiabertos e eles tinham a sensação de cavalgar num mau sonho. Depois, alguém gritou:**

**- O imperador! O imperador!**

**E após um momento de hesitação, todos correram para o grupo.**

**- Vamos, saiamos daqui! - ordenou Frederico. - Segui-me! Tu, Manfredo, mantém-te a meu lado. - Mas não era fácil. Projéteis eram atirados de todos os lados, carros, soldados, mulheres gritando barravam -o caminho. Os homens da escolta pisavam e derrubavam todo obstáculo para cobrir o imperador. Logo nos primeiros minutos oito homens caíram, seguidos por muitos outros. Os sobreviventes**

**cavalgavam como demônios e, como seus cavalos eram os melhores do mundo, conseguiram escapar da cidade: eram o imperador com o falcão ainda sôbre a luva, o príncipe Manfredo e catorze cavaleiros. Desapareceram em direção de Burgo S. Donino.**

**O incidente parecia fantástico e, por algum tempo, os parmesões pareciam incertos da realidade do mesmo. Entre o aparecimento e a fuga do imperador não tinham passado dez minutos. Grande parte dos saqueadores nem o haviam visto: tinham, porém, encontrado as famosas bailarinas sarracenas, os eunucos e as jaulas dos animais. San Severino ordenou de pôr tudo sôbre os carros e encaminhá-los para Parma. A ordem teve de ser reforçada com algumas bordoadas. O capitão Bruno de Amicis ria-se às gargalhadas.**

**- Não creio se trate de salvar-lhes a virgindade - disse o conde rindo.  
- Mas dei ordem de incendiar a cidade e não quero retardatários. Por outro lado, essa chusma terá menos pecados para confessar.**

**Mandou, em seguida, um grupo de homens de confiança ao palácio do tesouro, onde o conselheiro imperial, Tadeu de Sessa, foi encontrado morto. Os homens saíram carregados de sacos cheios de ouro e de prata amoedada. Os soldados da guarda, que os seguiam como hienas ao leão, encontraram outra mercadoria para carregar.**

**- Nunca vi nada semelhante - murmurou um cavaleiro da primeira seção. - Vêde, seis sacos cheios de jóias.**

**Os saqueadores punham os hábitos de gala do imperador, um agitava o cetro, outro, tendo as mãos ocupadas, empurrava a golpes de pé o sêlo real de Sicília. Um coitado, que toda Parma conhecia pelo nome de "Passo-curto", por causa de suas pernas pequenas, tinha-se apoderado da coroa imperial, que pesava quase tanto quanto ele, e caminhava pelas ruas sorridente.**

**De uma casa junto ao-tesouro, um cortejo de soldados trazia cálices de ouro e outros vasos sagrados que o imperador tinha "desapropriado" de centenas de igrejas. San Severino fê-los carregar no côche de Cremona, o côche dourado do imperador. Foi preciso uma dúzia de burros para arrastar o veículo sobrecarregado.**

**Vitória estava em chamás. Dada a ordem de voltar, homens,**

**mulheres e rapazes encaminharam-se sob o pêso do saque. Somente alguns comandantes, posta a presa em carros, tinham os braços livres. Meia hora depois, com grande alívio de San Severino, todos reentravam em Parma. Se o margrave Lancia tivesse voltado antes que eles alcançassem os muros da cidade, o dia poderia acabar mal.**

**Entretanto, Lancia só voltou durante a noite ... uma noite iluminada pelas chamas de Vitória: tarde demais para qualquer tentativa de apagá-las.**

**Pela madrugada, a nova cidade de Frederico era um montão de ruínas fumegantes.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## LIVRO III

### **CAPÍTULO I**

**Na taverna de São Januário, em Nápoles, reinava grande agitação. Todos falavam alto, riam, conversavam., imprecavam, mas ninguém estava escutando. Quando, porém, a porta abriu-se para dar passagem a uma dúzia de homens de aspeto de mendigos, fez-se improvisamente grande silêncio. Depois os fregueses se levantaram, até mesmo os que estavam bem alegres, e fizeram o sinal da cruz. Os recém-chegados não precisavam fazê-lo porque traziam grandes cruces negras costuradas nas roupas em frangalhos: eram cruzados.**

**Todos sabiam de onde vinham: naquela tarde entrara no porto a nave "Santa Madalena", com a bordo para mais de cem deles. Com a rapidez do vento espalhou-se a notícia que a cristandade tinha tido um rude golpe: rei Luís de França e todo o seu exército tinham sido capturados pelos muçulmanos no Egito, pouco longe de uma cidade chamada Damietta. Após espantosas peripécias puderam resgatar-se pagando rios de ouro, e Damietta teve de ser entregue aos muçulmanos.**

**Agora, os restos do exército cruzado voltavam. A "Santa Madalena" era a primeira nave cruzada que chegava a Nápoles.**

**Esquecidas todas as controvérsias, os napolitanos rodearam aqueles homens, mais parecidos a mendigos que a soldados, pagaram-lhes vinho e comida e os bombardearam com uma torrente de perguntas, até que Lívio, o taverneiro, deu um murro no balcão gritando:**

**- Calma, caramba, um de cada vez. Do contrário não se entende nada.**

**Sita autoridade impôs-se: os cruzados dividiram-se em grupos de dois e três, cada grupo rodeado por uma turma de napolitanos: dois apenas recusaram gentilmente qualquer oferta e retiraram-se a um canto, pediram vinho e ficaram ouvindo os outros. Eram histórias de**

**marchas e cavalgadas sem fim através da areia ardente dos desertos, agressões com flechas envenenadas e fogo grego, de grupos de árabes tão velozes que cercavam um cavaleiro antes que pudesse virar-se, de doenças e queimaduras, de insetos e pagãos, e da fraqueza que tomara conta dos melhores soldados do exército cristão e os tinha reduzido ao ponto não se poderem levantar sem ajuda.**

**- Vi coisas que não acreditaria nem se fosse minha mãe a contá-las - dizia um homem de cabelos esbranquiçados e olheiras. - Eu sou de Soissons e estava sob às ordens do nosso bispo, monsenhor Guido de Château-Porcien, homem tão bondoso que não faria mal a uma mosca. Quando estavam empenhados num combate, ele não desembainhava a espada. mas limitava-se a cobrir-se com o escudo. Muitas vezes rimos de sua atitude. Para que partir para a cruzada se não se quer matar pagãos? Mas quando recebemos ordem de render-nos porque tudo tinha acabado e muitos dos nossos choravam e louvavam a Deus ou estavam de boca aberta sem compreender, o meu pequeno bispo tornou-se roxo e se pôs a gritar que não obedeceria, invocou o Senhor como testemunha da sua vontade de não abandonar a causa e, empunhando a espada, lançou-se no meio dos árabes sozinhos dando golpes à direita e à esquerda até que o arrancaram do cavalo e o fizeram em pedaços. Sei o que estais pensando, mas nós estávamos a pé e ele já estava morto antes que pudéssemos alcançá-lo ... além disso, tinham-nos ordenado que nos rendêssemos.**

**- Como vos trataram os pagãos?**

**- Alguns se comportaram muito mal, mas que se podia esperar? Não é à-toa que são míseros pagãos. Mataram todos aqueles que estavam muito mal e não podiam caminhar. Muitos outros, porém, para serem pagãos eram bastante bons. Alguns não poderiam ter sido melhores se fossem batizados. Havia, por exemplo, um velho sarraceno de barba desgrenhada e enorme cimitarra o qual, não sei por que, queria-me bem. Estava ferido nos joelhos, não podia caminhar e pensava que para mim tivesse soado a última hora e teria ido direto para o paraíso. "E se o paraíso não existisse?", pensei. E lembrei-me de certas coisas que talvez não se liquidadam nem mesmo cortando a garganta de um árabe. Enfim, para falar claro, tinha medo. Mas eis que o velho sarraceno traz-me comida e bebida e, parece incrível, três vezes por dia carregava-me às costas para aquele lugar a que até o imperador deve ir a pé...**

**Ecoou uma risada geral...**

**- Três vezes por dia não chegam, porém, - continuou o cruzado - porque todos tínhamos a disenteria.' Não há nada para rir; desejo-vos que não a conheçais. Parece que se tem de partir de meia em meia hora. Sim, dá-me outro copo, bom amigo. Pois é, o nosso pequeno bispo tinha morrido, e ninguém pôde rezar-lhe uma missa porque fomos dispersados.**

**- Também o rei Luís?**

**- Certamente. Vi-o com meus próprios olhos, pálido, calmo, sem uma queixa: mas lia-se o seu pensamento, e dava vontade de segurar pelo pescoço o primeiro sarraceno que se encontrasse e lhe arrancar as tripas. Estranho, porém: o sultão ao qual tivemos de nos render foi assassinado.**

**- Por quem?**

**- Pelos seus próprios emires, que quer dizer o mesmo que barões, os quais organizaram uma conspiração e o expulsaram de casa com o fogo grego. Enquanto fugia foi perseguido e sabeis onde o alcançaram?**

**- Como podemos sabê-lo?**

**- Atirou-se ao Nilo procurando salvar-se a nado, mas alcançaram-no e o mataram ali mesmo, na água. Um emir arrancou-lhe o coração e depois fez-se içar a bordo do navio mais próximo, um transporte de prisioneiros onde estávamos rei Luís e eu.**

**- Tu nos contas patranhas.**

**O cruzado tocou a cruz esfarrapada que tinha nas vestes.**

**- Digo a verdade - declarou tranqüilo. - Sei que parece in- mas lá habitua-se até mesmo ao incrível. O emir foi direto para o rei Luís e com as mãos ainda sangrando disse: "Que me dás por ter matado o teu inimigo que, se ainda vivesse ter-te-ia assassinado?". Sem responder, o rei olhou o emir que se virou para o outro lado. Ninguém resiste ao olhar do rei Luís. E como quando a mãe olha**

**para o menino que cometeu alguma traquinada. É um santo, digo-te. E se o papa não o canonizar depois de tudo que tem feito, quer dizer que não conhece o seu dever.**

**- E depois?**

**- Pensávamos tivesse chegado a nossa hora, e como a bordo não havia nenhum sacerdote nos confessávamos mutuamente. Eu, camponês de Soissons, ouvi a confissão do senhor de Montignard e dei-lhe a absolvição com os poderes que o Senhor confere aos cristãos diante da morte quando não se encontra um padre. Depois, por minha vez, ajoelhei-me, confessei-me e recebi a absolvição dele. Teria sido melhor se ele pudesse confessar-se com um senhor de sua linhagem, mas, ferido e sem poder ir até a proa onde estava o rei com seus nobres, disse-me que em tais casos um camponês vale tanto quanto um cavaleiro, e talvez mais. E sabeis o que me sucedeu? Quando me levantei tinha esquecido toda a sua confissão e não lembrava mais nenhum dos seus pecados.**

**Todos escutavam calados e o cruzado prosseguiu:**

**- Depois, como vedes, não nos mataram. Os emires cumpriram o tratado que tínhamos estipulado com o sultão. Pensai só: o sultão tinha exigido quinhentas mil libras de ouro e a cidade de Damietta, e rei Luís tinha concordado. Quando o soube, o sultão exclamou: "Por minha fé, este rei franco é generoso, já que não tenta nem discutir tamanha quantia. Ide dizer-lhe que me satisfaço com quatrocentas mil". O rei ordenou que todos os nobres pagassem, e ele mesmo pagou de seu bolso para quem não tinha meios suficientes.**

**- Queria ser francês - suspirou um napolitano. - Ou pelo menos que o imperador fosse como o vosso rei Luís.**

**- Ou então - acrescentou outro - que na Itália tivéssemos alguns emires capazes de tratar com um sultão ...**

**- Cala-te! Queres mandar-nos todos à prisão?**

**- Aqui estamos entre bons amigos.**

**- Nunca se sabe. Em Mesinha enforcaram recentemente cento e cinqüenta, e quem sabe se não estão preparando as listas também**

**para Nápoles.**

**- Então, não se acabará nunca de enforcar? A grande rebelião já passou.**

**- Parece que ele não é da mesma opinião.**

**- Como? Tivestes uma rebelião na Itália? - perguntou o cruzado. - Contai. Até agora falei eu.**

**- Nestes últimos anos atravessamos o inferno e o purgatório. Primeiro foi Parra a meia dúzia de cidades ao norte, depois Régio e Mesinha, e os cavaleiros do imperador limpavam o país como abutres. Para qualquer lugar que se olhasse era um só incêndio. Mas o pior foi quando os parmesões derrotaram o imperador, queimaram-lhe o campo e a cidade, sei lá, e levaram-lhe todas as jóias. Eles , pensavam ter vencido a guerra. E não o era. Quando algo lhe corre mal, o imperador torna-se maior e mais terrível, não há dúvida. Tinha escapado apenas salvando a vida, e eis que, uma semana depois, ao invés de um punhado de homens tinha um exército mais forte do que antes. Os grandes príncipes foram em seu socorro, Ezelino de Romano, o filho Enzo e o filho Conrado que ele fez coroar rei de Roma, e todos os demais filhos, tão numerosos que não se consegue contá-los. Reuniram-se em Cremona, o imperador fez-se emprestar de Pisa doze mil libras de prata a juros de oitenta por cento, o imperador grego enviou-lhe mais dinheiro e os tudescos mais soldados. Pedro della Vigna, à notícia da derrota, tinha-o abandonado, mas foi capturado e se matou na prisão arrebatando o crânio contra a parede: fora o chanceler do imperador e sabia muito bem o que o esperava.**

**- Um suicídio! - exclamou o cruzado.**

**- Em verdade não sei o que seja pior, se ir para o inferno ou ser preso pelo imperador após uma traição.**

**- O inferno dura muito mais - comentou o cruzado sacudindo a cabeça.**

**- Seja como for, o imperador reconquistou Ravena, derrotou um após outro cinco chefes guelfos, o margrave Palavicini desbaratou os parmesões e, tendo capturado o conde de San Severino, fê-lo**

**matar cruelmente. Refiro-me ao velho que minha cunhada viu diversas vezes e, pelo que ela diz, era um bom homem, muito educado: mas essa é a sorte de quem não pode medir-se com o imperador.**

**- E assim terminou?**

**- Mais ou menos. O imperador tinha retomado as Marcas, a România, Cíngulo e Espoleto e, dessa forma, voltou a ser o dono da Itália, e mandou redigir listas daqueles que o haviam combatido. Faz sempre assim. Ainda hoje pela manhã ouvi dizer que há uma concentração de tropas perto de Nápoles. A coisa está em segredo, naturalmente, mas parece que ele queira ir contra os condes de Aquino, ou melhor, contra aqueles que sobraram. No princípio eles eram a favor do imperador, depois desligaram-se; dizem que dois filhos capturados em Parra ou perto, não sei com certeza, estão presos em Verona.**

**Cale-se, Carlos: esses nomes nada dizem ao nosso amigo. Quem em França terá ouvido falar de Aquino?**

**- Aqui entre nós este é um grande nome. Eu sei, digo-te, que a expedição é contra Aquino e Roca-sêca. O marido de minha irmã faz parte dela. Não pode dizer como nem quando, mas esta noite ou amanhã pela manhã estarão em marcha, e será o fim de Aquino.**

**- Bem, bem, Carlos, mas agora deixa que o amigo nos conte como foi a coisa no Egito.**

**- Com prazer - concordou o cruzado. - Mas onde estão os nossos ingleses?**

**- Que ingleses?**

**- Aqueles dois que estavam conosco a bordo da "Santa Madalena", um cavaleiro e seu escudeiro: pouco se notava a diferença, pois ambos estavam vestidos com trapos. Entraram junto conosco e se tinham posto num canto sem falar. Os ingleses ou são malucos ou são mudos como os peixes; mas é preciso reconhecer que são bons soldados. E agora não os vejo mais. Paciência. Então, os emires fizeram voltar o rei e um grupo de nobres para Damietta, a fim de providenciar a entrega do resgate. Lá tiveram que pesar ouro por dias seguidos, e quando os tesoureiros contaram ao rei que**

**distribuíram o ouro tão habilmente de modo a parecer que os sacos estivessem cheios, embora tivessem "feito economia" de dez mil libras, ele se aborreceu e insistiu para que se acrescentasse a importância que faltava, e não subiu a bordo até que isso não fosse feito.**

**- Compreendeste, Lívio? - exclamou um napolitano. - Sirva-te de exemplo. Dê a medida justa aos fregueses.**

**- Não ouviste o que ele disse? - perguntou o taverneiro enrugando a testa. - Não disse que o rei Luís era um santo?**

**- Mais rápido, Robin, - incitou Piers. - Mais rápido!**

**- Não com estes cavalos - resmungou o escudeiro. - Podemos estar satisfeitos se lá chegarmos.**

**- Chegaremos. Precisamos chegar. Es tão cego que não percebes haver nisso o dedo da Providência? Chegamos justamente no momento em que a casa de Aquino está em perigo, e logo que pomos pé em terra chega-nos a notícia. Demais, temos dinheiro bastante para adquirir os cavalos...**

**- Cavalos encontram-se sempre de qualquer modo - murmurou Robin Cherrywoode. E queria acrescentar que era loucura, para dois homens extenuados pela febre e pelos sofrimentos de uma longa viagem por mar, correr desarmados em socorro de uma família da qual já não estavam mais a serviço, e que, evidentemente, o imperador tinha jurado exterminar. Não era sabedoria falar em Providência apenas porque alguém, sem ser interrogado, tinha mencionado os senhores de Aquino. Duas perguntas dirigidas a uma pessoa bem informada ter-lhes-ia dado a mesma notícia. Aqui não agia provavelmente a Providência, mas o Maligno, cujo reino na terra era representado pelas tavernas e pelos taverneiros.**

**Mas que adiantava? Desde o dia em que tinham chegado a Rocasêca o patrão estava enfeitiçado. E agora tinham saltado em Nápoles, portanto perto daquela cidadela! Valia a pena terem escapado dos árabes e turcos, de percevejos e piolhos, da febre e do fogo grego e (las outras delícias da cruzada, para irem acabar nas prisões imperiais!!! 'E verdade que, sem a pequena dama, em vez de partirem para a cruzada teriam ficado comodamente na alegre**

**Britânia e...**

**- Patrão!..**

**- Já os vi.**

**Mas era muito tarde para tentar fugir. Este não era o deserto onde se percebe o inimigo quando, ainda muito longe, levanta-se uma nuvem de areia no horizonte, até que o brilhar das lanças e o grito rouco de "Allah! Allah!" indicam que está chegando quem deseja merecer um bom lugar no paraíso, matando um infiel.**

**Aqui, porém, o inimigo aparecia de trás de um par de casas e era constituído por uma dúzia de homens comandados por um cavaleiro. Eles barravam o caminho e Piers notou que não traziam emblemas nas couraças, salvo o cavaleiro sôbre cujo escudo havia três leopardos de ouro.**

**- Alto! - intimou o cavaleiro. - Aonde ides? De onde vindes?**

**Antes que Piers pudesse responder, Robin adiantou-se e com voz humilde falou:**

**- Somos cruzados, nobre senhor, como veríeis pelas nossas vestes se não estivessem tão estragadas. Estamos vindo do Egito ...**

**- A cavalo? - perguntou ironicamente o cavaleiro.**

**- Não, nobre senhor. Os cavalos compramos em Nápoles com os últimos vinténs, para chegarmos em casa mais depressa. O caminho de França é longo, nobre senhor, e quiséramos nunca ter partido.**

**- França? - disse o cavaleiro franzindo o cenho. - Então súditos do bom rei Luís. Prossegui à vontade.**

**- Obrigado, nobre senhor, - disse Robin. - Possais obter vitórias e honrarias.**

**Os homens do cavaleiro deixaram-nos passar.**

**- Há outros, e mais numerosos, atrás das colinas - murmurou Robin.**

**- E também do outro lado. Soldados do imperador.**

**- Quem te permitiu falar com aquele cavaleiro e desenrolar-lhe tamanho rosário de mentiras? - perguntou Piers aborrecido.**

**- Ora, senhor. Reduzidos a este estado, ele não podia compreender que sois do mesmo grau, e talvez foi bom. De outro modo teríeis que falar-lhe vós, e lhe teríeis dito a verdade, e ele vos teria reconhecido como cavaleiro de Aquino e estaríamos fritos, ou então ... vós também teríeis mentido. Afinal, se deve mesmo mentir, é melhor que o faça o servo que o patrão.**

**Piers não pôde reprimir um sorriso.**

**- Mas por que lhe disseste que vamos à França? E por que desejar-lhe vitória e honra, àquele bandido?**

**- Porque de outro modo poderia convidar-nos a entrar para o serviço do imperador. Como súditos do rei Luís não corremos tal perigo. Quanto à honra e à vitória, acrescentei com meus botões: "Desde que tivésseis de partir um dia para a cruzada". Que vão conquistar honras combatendo contra os sarracenos. Não achais justo, senhor?**

**Piers não tinha, porém, vontade de brincar.**

**- São três ou quatro centenas no máximo. Para tomar de assalto Roca-sêca não bastam. Talvez essa seja a vanguarda. E acampam justamente agora, nas horas melhores para cavalgar. Esperarão alguma coisa: reforços ou ... Robin, quanto se leva daqui a Roca-sêca?**

**- Três horas com um bom cavalo, quatro e meia com estes.**

**- Deve ser isso. Eles esperam ou reforços ou ... a noite. Querem atacar à noite. Vamos, Robin, rápido!**

**Após pouco mais de quatro horas chegaram à vista de Roca-sêca. Piers não pôde deixar de admirar mais uma vez a solidez da fortaleza, com sua dupla cerca de baluartes e as torres esbeltas, como quando a tinha visto pela primeira vez.**

**Querer tomar Roca-sêca com trezentos ou quatrocentos homens era uma loucura. Mas onde estavam os defensores? Piers não via nem lanças, nem alabardas, nem bestas. Sôbre uma das torres parecia-lhe que havia alguém ... ou se enganava? A vereda conduzia para o portão principal. Mas não havia sentinelas ...**

**Estremeceu. Se a fortaleza já tivesse sido tomada? Teria chegado tarde demais? Os soldados que tinham encontrado estariam voltando da conquista, em vez de ir a ela?**

**Depois viu abrir-se a fresta do pesado portão e apareceu um velho de voz cansada perguntando que desejavam.**

**- Está aqui a nobilíssima condessa de Aquino?**

**- A nobilíssima condessa morreu há três meses. Quem sois para o não saberdes?**

**- Somos cruzados e estamos vindo do Egito - explicou Piers com voz trêmula. - Está aqui a jovem condessa de San Severino? e o conde?**

**- Que vos importa? - perguntou o velho desconfiado.**

**- Está viva? Está bem? - perguntou Piers.**

**Seu tom de voz devia ter convencido o velho.**

**- Vive e, graças a Deus, está bem.**

**Piers suspirou aliviado.**

**- Então dissei-lhe que chegou sir Piers Rudde que, se ela o deseja, está às suas ordens.**

**O velho esbugalhou os olhos.**

**- Agora vos reconheço, nobre senhor. Abro-vos já. Venho, venho logo.**

**Mas foi preciso bastante para que um batente do grande portão**

**começasse a abrir-se rangendo nos gonzos. Piers notou estupefato que o velho teve de abrir sozinho. Onde estavam os guardas, os soldados, os cavaleiros da casa?**

**O velho tinha lágrimas nos olhos.**

**- Que bem faz rever-vos, nobre senhor:**

**Antes de poder responder, Piers viu sair do edifício central, veloz como o vento, uma borboleta de veludo negro. Chegava antes que ele pudesse preparar-se e, apertando-lhe as mãos, sorria com o mesmo sorriso que em todos aqueles anos o havia seguido acordado ou dormindo. Falava-lhe com alegria agitada, e ele não compreendia uma palavra. Olhava-a, não já com a avidez do esfomeado, mas com uma espécie de incrédulo respeito. Então estás viva? Existes de fato, meu amor, meu doce e santo amor?**

**Pouco a pouco o murmúrio tornou-se palavra. Ela estava vestida de negro ... Piers nunca a vira assim. Mas claro, a condessa... que dizia? Compreendia que, por sua vez, precisava dizer alguma coisa. Mas que descortesia! Não lhe tinha feito nem uma reverência, e Robin continuava a tossir. Eis que chega um jovem ágil e elegante, o conde de San Severino, a quem ela dirigiu a palavra exclamando:**

**- Rogério, chegou sir Piers! Agora tudo irá bem. Graças sejam .  
dadas à Virgem Santíssima.**

**Enquanto Rogério se aproximava, Piers viu seu rosto agoniado distender-se. - Benvindo a Roca-sêca, sir Piers. Perdoai-me se não vos reconheci logo.**

**- Não admira - disse Piers. - Pareço um espantalho, bem como Robin. Mas esse é o aspeto de todo o exército do rei Luís ... ou melhor, daquilo que dele sobrou.**

**- Soubemos - confirmou Rogério.**

**- Cruzado! - exclamou Teodora. - Por isso, então, nos deixastes de improvisado quando... -Parou, e só então largou as mãos dele, enquanto um repentino rubor lhe inundava as faces. -Sim, é isso, eis a cruz na vossa veste. Não ... não a tinha visto logo.**

**- De fato, bem pouco resta - disse Piers. - Condessa, vossa pobre mãe...**

**Teodora evitou olhá-lo:**

**- Morreu em paz ... como uma santa. Estávamos aqui todas, Adelásia, eu e sóror Maria de Getsêmani ... agora Marta chama-se assim. Todas as filhas ... e nenhum dos filhos.**

**- Então é verdade que o conde Landolfo e o conde Rinaldo ...?**

**- Sim, são prisioneiros em Verona. É tudo que sabemos. E o pobre pai de Rogério .**

**- Deixa, amor, - disse o jovem San Severino com os olhos rasos d'água. - Estou contente que tenha acabado de sofrer ... embora só Deus saiba quanto deverá ter penado antes de morrer.**

**- Era um grande senhor - declarou Piers. - Deus lhe conceda a paz perpétua. - Quebrado o gelo, olhou em torno e perguntou: -Onde estão os vossos homens?**

**- É! não se consegue compreender - disse Rogério. - Ontem ainda eram mais de trinta e ...**

**- Sir Piers, - interrompeu Teodora - os nossos homens nos abandonaram. Há três semanas eram duzentos, com três cavaleiros, mas esses foram os primeiros a desaparecer, cada qual com um pretexto. Os últimos trinta fugiram ontem à noite. As mulheres fizeram o mesmo. Não se pode culpá-los depois de tudo que tem sucedido a tantos de nós.**

**- E vós os deixastes ir? - perguntou Piers tristemente.**

**San Severino murmurou, evitando o seu olhar:**

**- Que podia fazer? Falei-lhes e, mais de uma vez, prometi dinheiro, mas o medo era mais forte. Não podia obrigá-los a ficar, não?**

**- Penso que não - respondeu Piers que a custo mantinha a calma. - Más notícias, essas. Quem está ainda em Roca-sêca?**

- Nós dois, o velho Paulo e Júlia na cozinha - respondeu Teodora como uma menina que confessa uma travessura.

- Onde estão vossas irmãs?

- Adelásia está com soror Maria, no seu convento em Cápuia. Pensamos que era melhor não ficasse aqui. Temia que o imperador mandasse prender-nos, como receavam todos os homens.

- É claro! - exclamou Piers fungando. - Mas agora deveis ir embora logo. Tropas imperiais estão chegando. Devem ser de trezentos a quatrocentos homens. Vimo-los e admirei-me que fossem tão poucos, mas agora vejo que são até demais; parecem ignorar que os vossos vos abandonaram, mas em todo caso não esperam muita resistência. É hora de ir embora.

- Está bem... - disse Rogério com voz insegura. - Aonde?

- Veremos mais tarde - respondeu Piers. - Agora ide buscar os objetos de valor ... mas não mais do que possais levar no corpo. Deixai que os dois servos vão onde queiram e preparai-vos. Rápido!

- Não quereis mudar o hábito? - ofereceu Rogério timidamente.

Piers olhou com benevolência o jovem, a quem cedo demais a sorte impusera grandes responsabilidades.

- Creio que será melhor conservar estes andrajos. Os cruzados passam onde outros se atolam ... Armas, isso sim ... se tivésseis um par de elmos, espadas e escudos ...

- Temos muitos - disse Rogério. - Vinde escolher o que quiserdes.

- E cavalos - acrescentou Piers. - Espero que não os tenham roubados todos.

- A maior parte sim - confessou Rogério. - Mas restam alguns ... não os melhores, naturalmente ... seis ou sete. Poderemos levar um de reserva...

Piers olhou para o sol.

**- Ainda duas horas antes que desça o crepúsculo. Não temos muito tempo. Mãos à obra!**

**Apenas Roca-sêca desapareceu Piers respirou com alívio. Temera até o último momento que os soldados aparecessem improvisamente. O sol descia rapidamente. Robin ia à frente, segurando as rédeas do cavalo de reserva, carregadíssimo; seguiam Teodora e Rogério e, afinal, Piers, com um segundo cavalo de reserva. Teodora pedira para fazer unia última visita às irmãs no mosteiro beneditino de Cápua e, após breve reflexão, Piers concordou. Cápua não era longe, e nalgum lugar era preciso pernoitar. Pelo menos no convento estavam seguros, porque as freiras não os trairiam. Um albergue teria sido muito perigoso naquela região.**

**- Aonde iremos amanhã? - perguntou Rogério com voz queixosa. - Os castelos de meu pai na Sicília ...**

**- Impossível - afirmou Piers. - Prender-vos-iam antes que chegásseis e, mesmo que chegásseis, já encontraríeis os imperiais por lá: seria o mesmo que ficar em Roca-sêca ou em Aquino ou em Monte São João. Preciso encontrar uma maneira de levar-vos a Nápoles e embarcar-vos. - Conheço todas as embarcações que estão no porto e sei o horário da partida e o destino das mesmas.**

**- Deixar a Itália... - murmurou Teodora.**

**- Ele tem razão, querida, - disse Rogério com tristeza. - Somos exilados.**

**- Queria que o fosseis! - exclamou Piers. - Ainda não vos pus em segurança ... mas disso falaremos no mosteiro. Agora preciso ter os olhos bem abertos.**

**Continuaram cavalgando em silêncio.**

**De repente Robin levantou a mão e viram-no levar os cavalos para um tufo de loureiros à esquerda. - Segui-o logo! - sussurrou Piers e eles obedeceram. Ele também conduziu os cavalos para trás das árvores. Daí podia ver a encruzilhada a que chegavam cinco, dez, vinte ... talvez cinqüenta soldados. O revérbero do sol refletia-se nos elmos, fazendo-os brilhar como tochas. Soldados do inferno,**

**pensava zangado. Sessenta ... setenta ... cem. Depois, por um pouco, mais ninguém. Mas ouvia-se um bater de cascos. E eis aparecer o cavaleiro que os tinha parado antes: Piers viu no escudo os três leopardos. Seguiam-no outros cavaleiros ... cinquenta, sessenta, cem ... cada vez mais. Dois, três, quatro centenares. Depois silêncio. Mais nenhum ruído de cascos.**

**- Robin, vai ver. Entrega ao conde o outro cavalo.**

**Depois de alguns minutos Robin voltou rindo:**

**- Senhor, a estrada está livre, mas dentro de uma hora aqueles chegarão a Roca-sêca. Ainda bem que encontrarão a gaiola vazia.**

**- Quando chegarem, nós estaremos em Cápua há muito. Adiante!**

**Viu que Teodora olhava-o com olhos úmidos e com uma expressão de tal ternura e gratidão que seu coração deu um pulso. Com grande esforço conseguiu desviar o olhar de cima dela e exortá-la:**

**- Cuidado com a estrada, senhora. Tendes um péssimo cavalo.**

**E era bem verdade. Aqueles danados tinham deixado nas cocheiras apenas meia dúzia de sendeiros nada melhores do que os cavalos de carroça que tinham adquirido em Nápoles e com os quais o velho Paulo e a velha Júlia, após uma despedida cheia de lágrimas, tinham partido para suas vilas.**

**Apenas alcançada a estrada principal, Piers lançou os cavalos a galope; embora fossem míseros animais, até Cápua podiam chegar.**

**Alcançaram o mosteiro de São Bento duas horas antes da meia-noite. Com grande alívio para Piers, o mosteiro estava fora da cidade, de modo que não foi preciso passar pelas portas, onde Teodora poderia ser reconhecida. Aqui, ao invés, sua presença foi de grande ajuda. As boas irmãs não os deixaram entrar até que uma delas reconheceu Teodora e foi chamar soror Maria de Getsêmani, que apertou a irmã entre os braços.**

**- A dama está alojada - murmurou Robin. - Mas que irão fazer as freiras de três homens e seis cavalos? Nós não podemos cantar no coro, e os cavalos menos ainda.**

**Após um instante, porém, soror Maria mostrou-se dona da situação.**

**Havia um estábulo com algumas vacas, onde os cavalos foram abrigados, enquanto os homens, convidados ao refeitório, foram sentar-se à mesa, longa, simples e sem adornos. As irmãs andavam em torno como abelhas, trazendo vinho e alimentos e preparando três enxergas primitivas com cobertores e travesseiros.**

**- Creio que devereis dormir aqui no refeitório - disse soror Maria.**

**- Isto também é contra a regra, mas os tempos são excepcionais, e não é lícito mandar-vos dormir no estábulo ... embora outrora alguém muito mais nobre que todos nós teve que o fazer.**

**"Como parece com sua irmã quando sorri!" pensou Piers. Mas desde que a vira da última vez tinha mudado muito, e isso não apenas por causa do severo hábito negro das beneditinas. Tornara-se pálida e magra, e tinha as mãos céreas, quase diáfanas. Ele não entendia bem a fineza daquelas palavras: a regra beneditina exigia que todo visitante fosse recebido como se fosse o Cristo em pessoa.**

**Pouco depois Teodora voltou com Adelásia, e todos se alimentaram. Soror Maria vigiava e enchia os copos logo que se esvaziavam.**

**Para Robin o sentar à mesma mesa e comer como o patrão não era novidade: acontecera freqüentemente durante a guerra na Terra Santa; mas ver-se servido por uma monja, e ainda por cima condessa, era demais.**

**Terminada a refeição, soror Maria disse:**

**- Minha cara Teodora, tu agora deves ir para a cama. Não, não, nada de objeções. Eu sou a mais velha e aqui estás sob minha jurisdição. Deixa para amanhã o que tens a me dizer, quando tiveres repousado. Leva-a para a cela, Adelásia.**

**Aguardou até que o rumor dos passos desapareceu, depois, dirigindo-se aos três homens:**

**- Da nossa torre podem ver-se três incêndios ao norte: Roca-sêca, Aquino e Monte São João. O imperador caminha rápido.**

**Rogério arregalou os olhos, enquanto Piers franzia o cenho.**

**- Haverá alguma maneira de sairdes do país? - perguntou soror Maria. - Para a França ou para a Espanha? Rogério, tu tens um tio em Barcelona, creio.**

**- Sim, soror Maria.**

**- Em Nápoles há um navio que parte sexta-feira para Barcelona - asseverou Piers. - Sexta-feira à noite. Informe-me antes de deixar aquela cidade. Mas como levaremos estes dois para Nápoles?**

**- Se viajardes apenas à noite ...**

**- Chegaremos tarde demais. Precisamos partir amanhã pela manhã, o mais cedo possível.**

**- As estradas para Nápoles são muito freqüentadas ... e muitos conhecem tanto Teodora como Rogério.**

**- E os espiões do imperador estão em toda parte - completou Piers. - Eu sei. Desde que deixamos Roca-sêca estou quebrando a cabeça para achar um meio de levá-los a Nápoles sem serem descobertos.**

**Robin, que há muito vinha mastigando seus bigodes, pigarreou:**

**- Ninguém se importará com duas freiras - disse com ar inocente.**

**- Que queres dizer? - perguntou Piers.**

**- Este nobre jovem não, é muito alto e, vestido de mulher, poderia parecer urna mocinha ... visto às pressas - acrescentou. - Das monjas, então, não se vê mais que um pedacinho de rosto e as mãos, e essas nem sempre ...**

**- Muito bem, Robin! - exclamou Piers com uma gargalhada Boa idéia. Por todos os ... perdoai, soror Maria. A solução é ótima, Robin ...**

**- Não entendo bem.. . - sorriu Rogério um tanto embaraçado.**

**A freira, porém, interveio energicamente:**

**- Sir Piers, creio que o vosso homem tenha razão. Os hábitos os temos, e posso dar-vos também uma velha carruagem, de que vós dois podereis bancar os cocheiros. Ninguém suspeitará de duas pobres freiras em viagem para Nápoles. Por outro lado, Rogério, fará ótima figura.**

**O jovem enrubesceu.**

**- Está bem ... Se julgais assim ...**

**- Não há a menor dúvida - afirmou Piers com firmeza. Bem no fundo, sem dar conta disso, aquele disfarce dava-lhe certa satisfação.**

**- Então, estamos combinados - concluiu soror Maria. - Adelásia pode ficar comigo até que a situação mude. E mudará com certeza. Se tiverdes um pouco de bom senso, - acrescentou aproximando-se deitaredes vós também. Boa noite. Deus vos abençoe!**

**- Este também é um bom conselho - aprovou Piers deitando-se naquela cama improvisada que, apesar de tudo, ainda era bem melhor que o beliche do "Santa Madalena" onde tinha passado as últimas semanas. Rogério e Robin seguiram-lhe o exemplo. A agitação e os perigos daquelas últimas horas tinham cansado o conde, que adormeceu logo. E foi uma sorte, porque pouco depois Robin iniciou o seu concerto noturno, verdadeira orquestra que ia dos sons mais agudos do flautim ao mais baixo ronco do bombardino.**

**Piers estava acostumado a isso, mas apesar disso não conseguia dormir. Continuava a expulsar centenas de pensamentos imperiosos e malignos, indignos de um cavaleiro cristão. Ela era mais bela que manca. Quantas vezes procurara convencer-se que fora sua fantasia a levar a imagem dela para uma perfeição que não existia, pelo menos entre os mortais! Agora, porém, aquela imagem empalidecia perto dela própria e de sua beleza. O olhar que lhe dirigira quando tinham escapado dos soldados ... ora, tolo, era gratidão por ter salvo a ela e seu jovem marido. Teria sido o mesmo se tu fosses velho e corcunda. Nem um instante, nem com uma única palavra tinha ultrapassado os limites, mas era sempre a sua dama eleita. Era e continuava pura. Quererias que não fosse assim? Quererias vê-la**

**assaltada pelos mesmos demônios que te assaltam? Queres arrastá-la ao lodo e ao pó e continuar a rezar diante do seu altar?**

**Levantou-se e na ponta dos pés saiu do refeitório, enfiou-se pelo corredor escuro e saiu ao terreiro. O luar transformara as pedras em brilhante prata. Uma escadinha levava ao alto do muro e nele subiu para olhar em volta. O fogo ainda queimava: três ardentes artelhos da águia imperial.**

**"Ainda em tempo" pensou. "Meu Deus conseguimos apenas em tempo". Agora sabia que a levaria a Nápoles sã e salva. Não podia admitir ter chegado do Egito para salvá-la no momento do perigo e ter de perder a partida no último instante.**

**Um leve ruído fê-lo voltar-se. Era soror Maria que observava:**

**- Vejo que não tens bom senso.**

**- Não conseguia adormecer. Porém vós, por que estais aqui?**

**- Eu durmo pouco. Os incêndios ainda não estão apagados. Pobre Roca-sêca! Mamãe queria-lhe tanto bem, mais que a Aquino. Também Teodora. Mas é melhor não lhe dizer nada, sofreria demais ... e depois, terá uma vida difícil. Gostaria de mantê-la aqui como Adelásia, mas ela tem de ficar com o marido que não poderia hospedar ... nem mesmo como freira.**

**- Seria uma condição muito própria para ele - disse Piers ràpi**

**A freira não rebateu, mas seu olhar tranqüilo embaraçou-o. Após uma pausa, ela prosseguiu:**

**- Sinto, especialmente para Monte São João.**

**- Nascestes lá?**

**- Não, nascemos todos em Roca-sêca. mas lá nasci para esta nova vida.**

**- E sois feliz nesta nova vida?**

**- Sómente agora sei o que significa ser feliz: ou, pelo menos estou perto da felicidade como se pode estar neste mundo. Enquanto nos aproximamos de Deus, embora lentamente... -Interrompeu-se, embaraçada.**

**- Não vos falta nada?**

**Desta vez ela sorriu alegremente:**

**- Nem as vestes de Adelásia nem o marido de Teodora. - Depois tornando-se séria: - Meu irmão Tomás ensinou-me a contentar-me apenas com o máximo Bem.**

**- Soror Maria, onde está a vossa humildade?**

**- Justamente isto é humildade - replicou a monja com simplicidade.**

**Ele meneou a cabeça:**

**- Não entendo.**

**- Refleti: que significa contentar-se com o Bem supremo? Noutras palavras, querer a Deus, o próprio Deus? Significa, antes de tudo, reconhecer ter tanta necessidade dele, que nada mais importa. Em segundo lugar, que nesta miséria não sabeis como sair e tendes de vos apoiar em outrem, isto é, na ajuda de Deus. Significa, mais, que não tendes nenhum direito a essa ajuda ... pior ainda, que não sois digno. Esvaziais, pois, o vosso eu até não ficar mais nada, nem desejos, nem aspirações, nem esperanças, além dele. Para o mundo estais morto, nada de vós ficou, exceto aquela parte que pertence a ele. Sois um recipiente que ele tem de encher. Até mesmo Nosso Senhor, feito homem, esvaziou com obediência o seu eu neste mundo até a morte. Ele era humilde, e nós devemos imitá-lo. Mas a humildade não existe até que não se tende para o Bem supremo.**

**Após longa pausa, Piers comentou:**

**- Agora sei, finalmente, o que seja uma monja.**

**- Ou um monge. Ou qualquer bom servidor de Deus, pertença ou não a uma Ordem.**

**Ele sacudiu a cabeça.**

**- Como pode um leigo percorrer tal caminho? Nunca conseguiria.**

**- Não se trata de conseguir ... mas apenas de fazê-lo - disse ela sorrindo.**

**"Ou falhar" pensou Piers com amargura. Era essa a diferença entre uma freira e um cavaleiro? Ou era apenas a diferença entre soror Maria e Piers Rudde? Em todo caso devia-lhe uma reparação.**

**- Não devia ter dito que o conde de San Severino é talhado para freira - disse evitando o olhar da monja. - Seria demais para ele ... e para mim.**

**- E verdade, a observação não foi feliz - admitiu ela. - Mas nós fazemos comumente tais observações quando somos feridos.**

**- Por que feridos?**

**- Caro sir Piers ...**

**Seguiu-se uma pausa. "Ela sabe" pensou Piers quase em desespero. "Estará talvez escrito em minha frente?"**

**- Vós sois um homem honrado, e com certeza Deus vos ama. Talvez a vossa vida seja a melhor resposta à pergunta de como um leigo possa percorrer o caminho de Deus. A humildade requer abnegação e disposição de servir: creio que correspondestes a essas duas exigências.**

**Ele riu amargamente.**

**- Ainda bem que não podeis ver o que acontece dentro de mim. Não podia dormir porque sem descanso...**

**Interrompeu-se vendo que ela levantava a mão cérea, quase diáfana'.**

**- Sir Piers, vós servistes sob o rei Luís que já o mundo todo considera um santo. Imaginai que nós dois fossemos seus lugar-tenentes. A mim confia a fortaleza de Melun, pouco distante da**

**capital. Estamos em tempo de paz e eu comando e administro a praça com muito zelo. Envia-vos o rei, porém, a uma das fortalezas na Terra Santa, e sois obrigado a defendê-la todos os dias dos árabes e dos sarracenos. Estais ferido, os mantimentos escasseiam, a água mal chega para matar a sede, e no entanto agüentai firme. Ambos cumprimos o nosso dever: mas a quem cabe o maior merecimento?**

**Os olhos de Piers se iluminaram.**

**- Oh! Madre ... madre do Bom Conselho ... este é o nome a que tendes direito.**

**- Eu sou madre Maria de Getsêmani, - respondeu ela tornando-se séria - e embora tenha orado, o cálice não será afastado de mim.**

**- Mas não dissestes que sois feliz?**

**- Sim, na minha nova vida, especialmente porque não durará muito.**

**- Que quereis dizer?**

**- O médico pensa que não viverei muito.**

**Piers suspirou.**

**- Mas ... pode enganar-se.**

**Um sorriso cheio de bondade agradeceu-lhe o pequeno conforto.**

**- Prometei-me que não direis nada a Teodora. Gostaria que pelo menos ela fosse feliz nesta vida.**

**- Para isso daria a minha.**

**- Creio-vos. Prometeis, pois?**

**- Sim.**

**- Mais tarde virá a sabê-lo ... talvez quem sabe ... por Rinaldo e Landolfo. Eis, este é o cálice - murmurou. - Eu vou-me de boa-**

**vontade ... mas eles ... abandonados à fera, na prisão aguardando o martírio ... Deus, Deus, tende piedade de nós!**

**- Se não estão mortos, poder-se-ia tentar alguma coisa - exclamou Piers com tal ênfase que ela sacudiu a cabeça.**

**- Impossível. Estão nos cárceres de Verona.**

**- O lugar pouco importa - murmurou Piers.**

**- Temo que estejam além de todo socorro humano. E ver sofrer os que me são mais caros, este é o meu cálice ... mais ainda: o cálice de Tomás.**

**- Em Tomás pensei freqüentemente.**

**- Acontece isso a todos que o conheceram.**

**- Mas por que sofre mais que vós?**

**- Porque o seu amor é maior. O amor é a medida do verdadeiro sofrimento. Demais ... ele sabe da minha doença.**

**- Escrevestes-lhe?**

**- Não. Porém ele sabe.**

**No silêncio que se seguiu, Piers podia ouvir a batida do coração. A soror disse finalmente:**

**- E eu sei o que responderia a todas estas nossas perguntas.**

**- O quê?**

**- Medianeira entre Deus e a alma é a Cruz.**

**Na sexta-feira, à tarde, uma carruagem puxada por duas mulas passava pelas ruas de Nápoles em direção ao porto. Parou Sómente no cais onde a "Conchita", uma embarcação grande, bojuda e suja, aguardava a hora da partida.**

**O cocheiro e seu ajudante saltaram da boléia, mas quando as duas jovens monjas iam descer, ele levantou a mão:**

**- Aguardai ainda um pouco, irmã. Deixai que me entenda com o capitão. Facilmente ele vos enganaria, caso não seja um bom cristão.**

**Elas obedeceram.**

**- Mantém os olhos bem abertos, Robin, - murmurou o cocheiro encaminhando-se para o barco.**

**Antes que voltasse passou quase meia' hora.**

**- Tudo em ordem - disse entregando uma bolsinha de pele à maior das duas monjas. - Eis o troco, soror Beatriz, e agora escutai. A princípio o capitão recusava aceitar-vos porque não quer mulheres a bordo, e parece que não tem em muita estima as freiras. Disse-lhe que seria pago em ouro, e isso venceu seus escrúpulos, mas levou-o a perguntar como as pobres monjas dispusessem de tantos meios. Expliquei-lhe que sois de boa família, que vosso tio é um grande de Aragão ... e acrescentei que se não chegásseis sãs e salvas a Barcelona ele conheceria o peso da mão de D. Pedro de Alcântara. Boa idéia, soror Beatriz, dizer-me o nome de vosso tio: foi como uma palavra mágica.**

**- Sois o amigo maior e melhor que já tenho encontrado - disse a freira mais moça.**

**A outra balbuciou:**

**- Quer dizer que ... terei de ficar assim durante toda a viagem?**

**- Sim, até que ponhais o pé na casa de vosso tio. A bordo de um navio há sempre homens rudes e vulgares, e vós não tendes ninguém que vos proteja. A única proteção, para vós e para soror Lúcia, é o hábito monacal e o medo que o capitão tem de vosso tio.**

**A freira mais velha suspirou, enquanto a outra exclamava:**

**- E vós, sir Piers, nos deixais? Vinde conosco, Piers!**

**Sem qualquer sombra de ironia ele murmurou:**

**- Impossível, senhora; que Deus vos acompanhe. E agora, embarcai. Tomai vossa trouxa ... eis aqui a vossa, soror Beatriz.**

**Ajudou-as a descer murmurando os últimos conselhos:**

**- Não mostreis a ninguém o ouro e as jóias ... Pendurai um cobertor à porta da vossa cabina para terdes certeza de que ninguém vos espia por alguma fresta. A bordo há um marinheiro chamado Miguel, um rapagão moreno a quem dei uma moeda de ouro para que cuide de vós. Disse-lhe também que se vos acontecer alguma desgraça D. Pedro mandará enforca-lo. Pareceu-me de confiança. Em todo caso, sejais prudentes e não esqueçais que sois freiras...**

**- Piers, Piers ...**

**- Deus esteja convosco, senhora adorada.**

**Virou-se e dirigiu-se à carruagem. Robin já estava na boléia. Tomou lugar a seu lado e segurou as rédeas; fez uma curva tão brusca que alguns que estavam perto, imprecando saltaram de lado.**

**Piers parou num ponto donde se podia ver a "Conchita", e ficou olhando-a durante duas horas até que abriu as velas e, afastando-se no mar, tornou-se cada vez menor.**

**- Agora vamos - disse com voz embargada.**

**- Muito bem, mas aonde?**

**- A tua pergunta parece-se com a de "soror Rogério". A Verona, naturalmente.**

**- A Verona? Fazer o quê?**

**- Visitar as prisões.**

**Enquanto a carruagem percorria as ruas de Nápoles, Robin, preocupado, mastigava a ponta dos bigodes. Loucura, para loucura:**

única vantagem, Verona estava no caminho para a Inglaterra.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO II**

**O correio com a correspondência secreta alcançou o imperador enquanto cavalgava com a escolta para o sul.**

**- Podes ficar conosco - disse Frederico. - Manfredo, apanha a bolsa e lê-me as cartas. Dez ducados ao correio se as notícias são más, trinta se são boas. Lê, Manfredo, ou melhor, resume brevemente.**

**- Carta do conde de Caserta - começou Manfredo. - Pedro Capócio, o legado papal, tentou ocupar a Sicília. Foi rechaçado e perdeu dois mil homens. Dois sobrinhos seus foram feitos prisioneiros.**

**Frederico aprovou com um estranho brilho nos olhos.**

**- Uma esperança a menos, santo padre. Adiante, Manfredo ...**

**- Comado esta para chegar - anunciou o jovem enrugando a testa. Os filhos do imperador, todos de mães diversas, não se davam. Agora Manfredo tinha dezoito anos, Comado vinte e seis, além do título régio - rei Comado IV, - e mais do que nunca olhava o irmão com desprezo.**

**- Terminou a campanha renana - prosseguiu o jovem - estipulando um armistício com os arcebispos das cidades ao longo do Reno.**

**- Muito bem - aprovou Frederico. - Quando Comado estipula um armistício quer dizer que segura os bispos pelo pescoço. )J um espertalhão. Adiante!**

**- Avinhão e Arles homenagearam novamente o imperador. Vozes fidedignas afirmam que o papa pediu asilo ao rei da Inglaterra, em Bordéus.**

**- Dentre todas, é esta a mais bela notícia. Cinqüenta ducados ao correio! Meu filho, sabes o que significa isso? É quase o fim da minha luta contra o rei dos supersticiosos. Ora veja! Bordéus ... só lhe resta a Inglaterra e depois o Oceano. Aos peixes o sucessor do pescador! Nem mesmo o piedoso francês pode valer-lhe: ser-lhe-á preciso muito para refazer-se da surra que lhe deram meus amigos**

**muçulmanos. Eis o momento bom, Manfredo. Aqui queria chegar. O resto é brincadeira. Berardo ... onde está Berardo?**

**- Eis-me aqui, majestade. - O arcebispo de Palermo, que não via sua diocese há anos, isto é, desde quando fora excomungado junto com o seu imperial patrão, seguira Frederico com fidelidade canina, mas já era muito velho e tinha de se fazer levar quase sempre de liteira.**

**- Berardo, despacha ao duque Alberto de Saxônia a carta que preparamos ultimamente. Se os pintores saxões não são os maiores adutores do mundo, a filha dele deve ser muito bonita.**

**- Papai, pretenderás casar-te de novo? - perguntou Manfredo despeitosamente. - Este mês completas cinqüenta e seis anos. Não basta? Pretendes ter outros filhos?**

**Frederico parou o cavalo e gritou:**

**- Es o príncipe de Taranto e meu sucessor na Itália. De que te queixas? Tens dezoito anos. Eu ponho no mundo filhos quantos quiser e tu nada tens com isso. Não quero estragar o meu dia. Sai da minha frente!**

**Palidíssimo e cheio de cólera, o jovem Manfredo virou o cavalo e voltou atrás, para juntar-se ao esplêndido cortejo que seguia o imperador a cinqüenta passos de distância.**

**- Que impertinente! - murmurou Frederico com um sorriso azedo. - Sei o que ele quer ... e o que quer Conrado. Sei o que querem todos. Parecem-se, os meus filhos. - E vermelho respirava com dificuldade. De repente levou o cavalo para a beira da estrada e vomitou. As convulsões agitavam aquele corpo possante que se dobrava sôbre a sela.**

**Após um instante de espanto, alguém começou a gritar: - O médico, o médico! - e João de Prócida apareceu. Era ainda jovem apesar da grande fama que gozava. Os cabelos vermelhos saíam de baixo do gorro de veludo negro; seu rosto era o de um símio inteligente. Ajudou o imperador a desmontar (ninguém na confusão havia pensado nisso), e pelo modo com que teve de o amparar todos compreenderam que não se tratava de um banal mal-estar. O vômito não lhe trouxera nenhum alívio.**

**- Dois homens para ajudar o nosso senhor! - exclamou o médico, e todos acorreram. - Uma liteira! - ordenou.**

**- A única que temos serve ao arcebispo.**

**João de Prócida bateu o pé.**

**- Uma liteira, digo! Não pode mais ir a cavalo. Mandai descer aquele velho adulator.**

**Os cavaleiros olharam o cortesão. Na corte de Frederico podia-se imprecar contra os arcebispos, mas Berardo era amigo pessoal do imperador.**

**- Tirai-o daí! - gritou o médico. - Preciso da liteira para o meu senhor, e a terei! Deixai-o ir a pé, aquele velho mercador de superstições.**

**O imperador não possuía plena consciência, porém, Manfredo, aproximando-se preocupado, viu-o virar-se para o outro lado e voltou para trás.**

**O velho arcebispo tinha descido da liteira. Não ouvira as palavras do médico, mas ainda que as tivesse ouvido não o teriam impressionado. Conhecia João de Prócida e suas opiniões.**

**Aproximou-se, pois, para oferecer a liteira a Frederico, mas quando o fitou no rosto, assustou-se: estava amarelo e tinha os olhos encavados. Parecia sofrer muito e apoiava-se pesadamente em um dos cavaleiros, os quais tiveram de levá-lo quase até a liteira e, tendo-o deitado, cobriram-no com a manta do arcebispo.**

**- Quem assume o comando? - gritou o médico. - Seja quem for, a viagem está terminada. Onde encontraremos um teto conveniente para o nosso imperador?**

**A cidade mais próxima distava mais de duas horas de cavalgada, mas o médico sacudiu energicamente a cabeça:**

**- Nem se pense nisso. Que é aquilo lá em cima?**

**Lá em cima havia um pequeno castelo cujas ameias brancas sobressaíam do verde azulado de uma plantação de oliveiras.**

**Ninguém o conhecia nem sabia a quem pertencia.**

**- Pertença a quem quer que seja, nós vamos para lá - disse o enérgico doutor. - Levantai a liteira.**

**- Sois muito imperioso, senhor charlatão, - observou o conde Pedro Rufo, cavaliço-mor do imperador. - Minhas instruções ...**

**- Vosso criado, senhor conde, em qualquer outro momento interrompeu João de Prócida. -Desde que recebestes vossas instruções aconteceu um pequeno fato. Pela saúde do imperador eu é que sou responsável. Por isso ser-vos-ei grato, e também o nosso soberano o será, se nos providenciardes um teto naquele castelo.**

**Era claro que tinha razão, por isso Rufo ordenou que uma dúzia de cavaleiros fosse à fortaleza e providenciasse tudo para a chegada do paciente. Esses saíram a galope e o resto do cortejo seguiu lentamente. Era impossível encontrar alojamento para mil e duzentas pessoas e seiscentos cavalos num castelo tão pequeno. Rufo procurou saber quando o imperador estaria em condições de prosseguir a viagem. O médico respondeu com um levantar de ombros. Quando se poderia falar ao imperador e pedir-lhe novas ordens? Outro levantar de ombros. Talvez à noite, talvez amanhã. Rufo comunicou aos outros nobres aquela resposta lacônica e decidiu levantar acampamento onde estavam, a espera de ordens do imperador.**

**. Três dos cavaleiros enviados voltaram com a notícia de que o conde Torrani, dono da cidadela, estava em Roma com toda a família, e que a criadagem estava preparando os aposentos para o excelso doente.**

**.Uma hora depois, estava o imperador na cama, revirando-se inquieto:**

**- Prócida ...**

**- Majestade!**

**- Diz-me: envenenaram-me?**

**- Não, senhor. A menos que tenhais comido algo em minha**

**ausência, mas não o creio. Provei tudo que vos levaram para comer e beber.**

**- Que será então isso?**

**- Ainda não sei.**

**- Parece-me ter fogo no ventre e na cabeça.**

**- Tomai, majestade. Isso vos fará dormir.**

**Frederico engoliu com uma careta o sumo de papoula.**

**Não havia inchações nem zonas inflamadas. Mas Frederico fora de novo caçar nos paus durante diversos dias, e os charcos eram perigosos: zonas de toda sorte de febres. O pulso, era rápido e irregular, de modo que João de Prócida resolveu ficar no quarto do imperador e não deixar entrar ninguém.**

**Após cerca de meia hora o imperador adormeceu. Sentado perto da cama, o médico observava o doente. O melhor e mais extraordinário cérebro do mundo estava-lhe confiado. Desde rapaz admirara o imperador ouvindo como as pessoas dirigiam bênçãos e maldições para suas incríveis gestas. Mesmo os piores inimigos tiveram de admitir a sua aguda inteligência, e desde criança o médico admirava, acima de tudo, a inteligência. Muito cedo percebera que o seu ídolo odiava e desprezava os padres e não acreditava nos dogmas religiosos que padre Filipe ensinava na escola. Tanto este como os outros sacerdotes torciam o nariz quando se falava do imperador. Mas às insistentes perguntas do rapaz só sabiam responder:**

**- Tu deves crer se queres ser um bom cristão.**

**- Tu deves... Por quê?**

**Se todas essas histórias eram verdadeiras, por que não lhas explicavam? E se não eram verdadeiras, por que precisava crer nelas? Na escola aquele cabecinha vermelha tornou-se um verdadeiro rebelde e foi apresentado aos companheiros como exemplo a ser evitado. enquanto, justamente por isso, o adoravam. Na universidade de Nápoles. e depois na de Toledo, João perdeu os últimos resíduos da fé. Para ele a religião era uma superstição.**

**Razão e fé excluía-m-se reciprocamente, aliás a inteligência de um homem era proporcional à exigüidade da sua fé.**

**Nomeado médico particular do imperador, ficou radiante e feliz. A sua admiração pelo espírito mais brilhante do século nunca se afrouxara e, mesmo visto de perto, o seu ídolo não o desiludiu. O espírito pronto, as observações irônicas sôbre os loucos de sobrepeliz e estola, a astúcia com que os tratava, deliciavam o médico, juntamente com o seu imenso saber.**

**O imperador dormiu até horas avançadas do dia seguinte e acordou com o corpo dolorido. A febre estava ainda alta, os olhos vítreos, a pele seca e ardente.**

**João mandou prevenir o príncipe de Tarento e os outros nobres que o imperador estava gravemente enfermo e que não melhoraria antes de algumas semanas.**

**O vômito repetiu-se, mas o coração resistiu. O médico trabalhava como um mouro. Era preciso fazer compressas e renová-las cada dez minutos: entregue essa tarefa a duas jovens a serviço do conde Torrani, João instalou-se no aposento contíguo, transformado num verdadeiro laboratório de alquimista. Também na noite seguinte conseguiu fazer o imperador dormir e, ao amanhecer, verificou que a febre havia diminuído um pouco. Então permitiu-se duas horas de sono. Mal, porém, havia deitado quando ouviu um grito improvisado: levantou-se e correu. Sentado na cama, Frederico tinha os lábios exangues e os olhos fora das órbitas.**

**- Prócida, manda levar-me daqui!**

**- Acalmai-vos, majestade, rogo-vos! Que tendes?**

**- Embora ... vamos embora, já ...**

**- Não, senhor, ainda não. A febre está muito alta para que possais viajar. Mas por que quereis ir embora? Falta-vos alguma coisa? - Pobre coitado! Sim ... é verdade ... tu não sabes ... o destino é um trapaceiro... - E começou a rir com um riso desesperado que parecia não querer parar.**

**- Que acontece? - perguntou o médico em voz baixa. As duas jovens**

**estavam tão espantadas que ele teve de repetir a pergunta mais de uma vez antes que uma delas respondesse com voz chorosa:**

**- Não sei, senhor, não sei. O imperador perguntou-nos o nome da cidadela, eu o disse e logo ele começou a gritar ...**

**A horrível risada de Frederico durava ainda e terminou num longo gemido.**

**- Morro ... vou morrer ...**

**- Não, majestade - protestou João. - Já vi outras vezes essa espécie de febre e tenho-a curado. Não morreréis. Absolutamente!**

**- Sub flore - murmurou Frederico. - Miguel Escoto tinha razão: devo morrer sub flore Sabes, Prócida, como se chama este castelo? Tu o sabes? Castelo Florentino. Ah! ah! ah! ... Castelo Florentino! Vítima de convulsões - comprimia o estômago com ambas as mãos. Por toda a vida evitei Florença ... Nunca fui lá, nunca ... nunca terei flores sôbre a minha cabeça ... e eis que me trazem ao Castelo Florentino!**

**- Ora, vós não acreditais nisso - exclamou o médico aterrado. - Não podeis acreditar ... Não é possível que ...**

**- Morro - disse Frederico. - Chama, manda vir todos. tornou a vomitar com grande sofrimento, pois nas últimas trinta e seis horas não tinha comido nada. Logo que melhorou, repetiu a ordem e Prócida teve de obedecer. Alguns minutos depois todos entraram, assustados e profundamente comovidos à vista do homem que pouco antes fora o símbolo da energia e da segurança de si próprio.**

**Frederico pôs-se a ditar uma série de atos de governo. Para estupor do médico, sua mente estava lúcida, seu pensamento lógico e preciso. Mas como podia dar fé a uma profecia tão idiota? Prócida sabia que o imperador fazia-se rodear de astrólogos e de ocultistas; mas também de bailarinas sarracenas e bobos de corte, já que amava todas as formas de vida, sem dar muita importância a nenhuma.**

**Estava gravemente enfermo e podia ser que morresse. Mas aquele pensamento ilógico e tão pouco científico de ter de morrer porque o**

**nome daquele maldito castelo parecia confirmar a profecia do astrólogo, paralizava a sua vontade, isto é, o maior coeficiente da sua cura.**

**Ah! a superstição! Nem mesmo o espírito mais brilhante do século**

**estava livre dela. Ou seria realmente possível atirar um olhar ao futuro, seria possível que existisse uma espécie de memória antevidente em vez de retrospectiva? Em Toledo havia pessoas inteligentes que o admitiam e faziam experiências a respeito. Era mais fácil aceitar esta hipótese do que imaginar a mente do grande Frederico movendo-se na mesma esfera das mulherezinhas de ambos os sexos. Talvez isso dependesse da grande erudição do imperador, não da sua fé: mas ainda nesse caso a ciência seria prejudicial porque enfraquecia a resistência. Mas o saber podia ser prejudicial? Este era um argumento explorado pelos mercadores de superstições, que falavam de uma árvore do conhecimento cujo fruto era mortífero. Eles sabiam discutir sobre muitas coisas, e assim faziam-se admirar pelo povo, e o dominavam.**

**Diversos documentos foram ditados, escritos, assinados, selados, honrarias e títulos e cargos distribuídos.**

**Prócida não era muito entendido dessas coisas, mas compreendia que naquele pequeno aposento a Itália estava sendo dividida em esferas de influência sob os vários filhos do imperador. A Itália tornava-se propriedade privada dos Suevos. Outras cartas foram expedidas aos príncipes tudescos, rei de França, duque de Borgonha, Henrique III de Inglaterra, ao emir de Túnis. E assim prosseguiu-se por horas seguidas.**

**A voz de Frederico, fraca e rouca, às vezes reduzia-se a um sussurro: mas a mente estava límpida, e as mãos frescas como se a morte próxima tivesse expulso a febre.**

**Afinal durante a leitura de uma longa carta à Espanha, Frederico adormeceu. Alguns nobres começaram a chorar pensando tivesse morrido. O médico, porém, sacudiu a cabeça e instou-os a sair. Eles obedeceram em silêncio, mais moços assustados do que príncipes. Meia hora depois Frederico começou a murmurar palavras incoerentes, interrompidas por breves risadas e gemidos, já que a febre voltara violenta.**

**A certo momento sentou-se sozinho na cama e disse com voz clara e metálica:**

**- Eu vim para cumprir a lei.**

**Depois caiu deitado e recomeçou a murmurar.**

**Após quatro dias de luta ininterrupta, Prócida compreendeu que não havia mais esperanças. Os sintomas eram eloqüentes: pele úmida e pegajosa, rosto azulado, respiração difícil e coração a ponto de ceder.**

**Frederico, em plena consciência, olhou para o médico com um vislumbre de sorriso nos lábios:**

**- Diz-me a verdade, Prócida ... compreendes? a verdade ...  
Quantas ... quantas horas... ainda me restam?**

**O tempo da prudência tinha terminado, nem era possível, por outro lado, enganar àqueles olhos.**

**- Não muitas, senhor.**

**Frederico fez um aceno quase imperceptível e disse:**

**- Berardo ... chama-me Berardo.**

**De má vontade o médico mandou uma das mulheres chamar o velho prelado. Mas quando o arcebispo Berardo, acompanhado de dois acólitos que traziam uma mesinha com ampulhetas de óleo e de água e mais duas velas acesas, entrou trazendo um cálice coberto, Prócida levantou-se com um salto, protestando, embora com voz reprimida.**

**- Silêncio, Prócida, - impôs Frederico. - A tua tarefa ... terminou...  
'agora começa a dele.**

**João de Prócida olhou para ele assombrado:**

**- Meu senhor, não quereis ... não quereis permitir que este ... não podeis acreditar nessas coisas, depois que por toda á vida ...**

**Os olhos muito abertos fixaram-no e o obrigaram a calar-se.**

**- Jovem, - disse Frederico - não é a tua vez de morrer.**

**O médico atirou-se de joelhos:**

**- Oh! meu grande imperador, sempre vos amei e venerarei. Vós éreis o símbolo daquilo que há de mais alto no mundo, o símbolo e o ápice do espírito humano livre e sem grilhões. Vós tínheis descoberto os enganos dos supersticiosos, éreis o imperador do espírito, do espírito forte e corajoso. Não permiti que se diga que, estando na encruzilhada entre a vida e a morte, tendes cedido à superstição. Não se diga que o maior realista de todos nós tenha tido necessidade de confortar-se com a ilusão!.. . - E soluçava.**

**- Pobre tolo! - disse Frederico carinhosamente. - Aquilo que o homem conhece de mais alto ... nós o chamamos Deus. Eu era, pois, o teu deus ... E agora este deus está morrendo. Coisa triste e dolorosa... a morte de Deus. Dizes bem... estou na encruzilhada. Es médico -acrescentou num sopro - no entanto não sabes ... o que seja morrer. Não é ... medo ... é o início ... do ver. Ver... sem ilusões. Feliz daquele... que o suporta... se é que haja quem o suporte. Vai, agora... meu bom bobinho...**

**Prócida fugiu chorando do quarto onde o seu deus tinha ruído.**

**Os olhos arregalados fixaram-se no arcebispo.**

**- Berardo, velho amigo... a tua fidelidade... custou-te a excomunhão. Dize-me ... podes ouvir uma confissão... e dar uma absolvição válida?**

**- Sim, quando há urgência e não haja outro sacerdote - respondeu o velho com voz trêmula. -Esta hora recompensa todas as minhas dores. Posso confessar-vos e dar-vos o viático. Os votos de um sacerdote sempre têm valor, por muito que ele possa ter pecado.**

**- Está bem, manda embora esses rapazes.**

**Os acólitos saíram em silêncio.**

**- Há quanto tempo estou aqui, Berardo?**

**- Há cinco dias, majestade.**

**- Cinco anos ... cinqüenta anos... - replicou Frederico. - Podes ou não acreditar ... vivi toda a minha vida. Tudo que fiz ... pensei ... disse . . . dá-me um pressentimento de eternidade. Por outro lado, só cometi um pecado: queria ser Deus.**

**- Não há outro pecado, meu filho. E o pecado de Adão. Tomar a lei na própria mão, ser a lei. Ser como Deus. E o pecado dos nossos ancestrais, o nosso pecado. Tu és Adão ... eu sou Adão.**

**- Quis ... ser Deus - murmurou Frederico. - Desde pequeno, quando era pobre ... e pedia a esmola de um pedaço de pão a Palermo ... já então... queria ser poderoso... onipotente. E quando ele me ajudou. o terrível velho ...**

**- Inocêncio III ...**

**- ... em troca odiei-o. Não queria... ser devedor a ninguém... senão a mim mesmo. Desde o início ... odiei-o e a tudo que ele representava. A ele e a seus sucessores ... eram uma coisa só. Como podia... ser imperador .... se eu mesmo não era o poder? Sempre ... sempre havia em Roma um velho ... que me apresentava a lei ... e não era a minha lei. Um de nós dois devia ceder. Mas ele era tenaz ... e quando morreu... veio outro igualmente tenaz ... Cinco dias atrás pensava ... ; ter ganho a batalha. Agora, porém ... olhe-me.... estou aqui, na minha -sujeira... como aquele que a gente via em mim, .como Herodes ...**

**O arcebispo levantou o rosto lavado de lágrimas: diante dele Tuna montanha de orgulho humano ruía.**

**- Não como Herodes - disse docemente - porque tu te arrependes.**

**Dois dias depois, rei Conrado chegou ao Castelo Florentino. Dentro de uma armadura de ouro, era um jovem esguio, de cabelos negros, olhos azuis e penetrantes, lábios finos e queixo bem acentuado, um homem vigoroso e sadio.**

**Passada meia hora, tinha revogado quase todos os decretos do príncipe Manfredo. A única coisa que aprovou foi a transladação do**

**féretro imperial para Palermo, onde o aguardava um magnífico sarcófago de porfírio vermelho, escolhido pelo próprio Frederico. Em seguida começou a estudar os documentos que o pai tinha assinado nos últimos dias.**

**- Que é isto? - perguntou franzindo o cenho. - A Igreja deveria reaver todos os seus bens, desde que se declarasse disposta a dar a César o que é de César? E todos os prisioneiros deveriam ser libertados, exceto os traidores verdadeiramente culpados? Não devia estar em plena consciência, nosso glorioso pai, quando firmou estes papéis.**

**- Estava lúcido como nunca - confirmou o arcebispo Berardo.**

**O sorriso de rei Conrado era perigoso.**

**- Felizmente para o Estado cabe-me decidir se a Igreja deve dar a César o que é de César. E eu estabelecerei quais sejam os traidores verdadeiramente culpados. Quem combateu contra nosso pai deve morrer. E cuidaremos que os tesouros do Estado não se esvaziem logo no início do nosso reinado.**

**- O sol do mundo pôs-se - disse o príncipe Manfredo.**

**- Em nossos corações não há ocaso - rebateu o rei Conrado. Ordenaremos que nossos súditos orem ao grande espírito de nosso pai. Ele era divino, e o que é divino é imortal. Cala-te, arcebispo! Não pretendemos escutar tuas objeções dogmáticas. Um trono no céu para nosso pai ... e a morte na terra a todos aqueles que são culpados de traição! Estas são as nossas ordens.**

**Rei Conrado morreu um ano depois, em Púglia, do mesmo mal que abatera seu pai.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO III**

**Frei Tomás de Aquino celebrava a missa na capela do convento de São Tiago, no morro de Santa Genoveva, em Paris. Não tinha nem coroinha nem assistência. Era seis horas da manhã de um dia um tanto frio, em princípios de março. A capela estava gelada. As mãos do monge tornavam-se insensíveis quando, conforme o ritual, mantinha-as levantadas por muito tempo. Era-lhe quase impossível virar as páginas do missal. Ao contato, a prata da patena e do cálice parecia queimar.**

**Lá fora ainda estava escuro, de modo que as duas velas e a lâmpada do Santíssimo constituíam a única iluminação.**

**Frei Tomás lera a Epístola e o Evangelho do dia. Era urna missa sem Credo, e ele sentia-se como que só quando a missa não era dedicada a um santo, como naquele dia, 7 de março. Faltava-lhe ânimo, já que sozinho devia repetir o tremendo sacrifício do Calvário: mas agora confortou-se pensando que dividia a solidão justamente com a primeira Vítima.**

**Tomou com alegria o cálice, a patena e a hóstia, e rogou a Deus aceitasse o sacrifício oferecido pelos seus pecados e pelos de todos os fiéis cristãos vivos e mortos. Um leve tremor sacudiu-o quando pronunciou as palavras litúrgias: "Concedei-nos, ó Deus, pelo mistério desta água e deste vinho, sermos participantes da divindade daquele que se dignou revestir-se de nossa humanidade".**

**Tomás não viu abrir-se a porta nem entrar um fradezinho cuja cabeça enorme contrastava com o corpo pequeno, parecendo sustentada diretamente pelas pernas. Sem ruído, mestre Alberto colocou-se no último banco e começou a rezar.**

**Frei Tomás não o viu nem mesmo quando, voltando-se, convidou os invisíveis fiéis a rezar para que o seu sacrifício fosse recebido pelo Pai onipotente. Como das outras vezes, quando disse o Orate, fratres, na igreja vazia, pensou nos próprios irmãos. Nesses momentos orava por eles com grande fervor; agora, porém, para desapontamento seu, não sentiu maior fervor murmurando os nomes de Landolfo e de Rinaldo. Havia no ar, ou melhor, em seu coração, um estranho silêncio do qual surgiu o tenebroso**

**pensamento de que os irmãos não deviam ser nomeados nas orações para os vivos, e sim nas dos defuntos juntamente com os pais e Marta, cujo falecimento lhe havia sido anunciado há três meses pelas beneditinas de Cápua.**

**Afastou esse pensamento e rezou pela irmã Adelásia, por Teodora e seu marido, pelas populações de Aquino, Roca-sêca e São João, por frei João de Wildhausen, geral da Ordem, por frei Reginaldo de Piperno e por mestre Alberto, pelos franciscanos Boaventura na Itália e Rogério Bacon na Inglaterra, pelo prior e confrades do convento de São Tiago, pelo povo de Paris, especialmente por madame Fourchon, que tinha perdido os três filhos na cruzada e estava muito enferma, pelo estudante de teologia Etienne Fripet, para que sua memória e inteligência lhe permitissem superar os exames ... assim havia prometido à madame Fourchon e ao jovem Fripet.**

**No entanto, três outros frades tinham entrado na capela para celebrar a missa, e o murmúrio de suas vozes chegava até ele como o conforto dos amigos na hora da dor.**

**Depois aproximou-se o momento em que Deus desceria ao altar sob as espécies de pão e vinho, e quando Tomás pronunciou as antiquíssimas palavras sagradas, tudo em volta empalideceu e se apagou. E Deus desceu numa plácida doçura, enchendo o mundo com a sua bênção e presságio de delícias num mundo futuro.**

**Frei Tomás, em adoração, rogou que seu sacrifício fosse levado ao Altíssimo pelas mãos dos anjos, orou a Deus que se lembrasse dos que tinham morrido antes dele ... e murmurou os nomes de seu pai, de sua mãe, de Marta e do velho irmão Landolfo, morto quinze dias antes.**

**Nesse ponto todo som se suspendeu, e um movimento iniciou-se entre ele e o céu. Sem levantar os olhos, ele viu o teto da capela retrair-se em alturas nebulosas. A treva cindiu-se, a cortina vermelha do tabernáculo aumentou, a cor aos poucos mudou-se num branco leitoso, depois condensou-se em forma de um livro luminoso com tantas folhas quantas são as estrêlas, e todas as páginas estavam escritas em caracteres luminosos e vivos. E todas aquelas letras de ouro cintilante e de azul ondeante formavam nomes e, embora estes fossem em número infinito, só dois pôde ele ler: eram os nomes de**

**seus irmãos Landolfo e Rinaldo. O livro foi-se dissolvendo enquanto a rápida revelação voltou ao céu e a treva retornava sobre o altar, deixando reaparecer as duas velas que, com a pálida luz do Santíssimo, constituíam a única iluminação.**

**Batendo no peito, como estatui a liturgia, frei Tomás pediu a Deus lhe concedesse, e a todos os outros pecadores, um lugar entre os apóstolos e mártires. Depois comungou.**

**Pouco depois estava na sacristia onde outros frades se paramentavam para a missa. Mal tinha tirado os paramentos quando entrou mestre Alberto e, dirigindo-se diretamente a ele, sussurrou:**

**- Tenho notícias para ti, meu filho, notícias graves.**

**Tomás exclamou:**

**- Meus irmãos estão no céu.**

**Alberto olhou para ele espantado:**

**- Já o sabias?**

**- Sim.**

**- Desde quando?**

**- Há meia hora.**

**Ambos fizeram o sinal da cruz.**

**- Orei Conrado mandou justiça-los - comunicou Alberto.**

**- Landolfo era rude, mas tinha bom coração - disse Tomás. E Rinaldo era um homem genial: a certo momento esperei mesmo que escrevesse um grande poema, talvez em torno de coisas maiores. Muitas vezes orei para que assim fosse. Escrevê-lo-á no Paraíso, e nossa mãe e Marta terão muito prazer.**

**Alberto apertou-lhe a mão em silêncio, voltou-se e começou a preparar-se para a missa, enquanto Tomás voltava à capela, para**

**fazer a ação de graças, e Sómente depois trancar-se-ia em sua cela. Só então chorou.**

**- Eis, agora podeis vê-lo - disse mestre Alberto. - Sinto não tenha sido possível ontem à noite, quando chegastes. Era a hora do grande silêncio.**

**- Padre, já lho dissestes? - perguntou Piers.**

**- Sim. Se quiserdes, levai convosco o escudeiro: gostará de o ver também. A terceira porta à direita é a do horto; lá o encontrareis.**

**Piers inclinou-se instintivamente diante daquele estranho homenzinho de cabeça enorme: não o conhecia, mas ninguém podia deparar com Alberto de Ratisbona sem sofrer-lhe o fascínio, que já tinha feito dele uma figura legendária. Ainda bem que o prior tinha-lhe mostrado o caminho, dado que naquele embaraço de edifícios cinzentos e amarelos, era fácil perder-se. Um frade leigo, aberta a porta, havia-os conduzido através de um verdadeiro dédalo de corredores, jardins, plantações e passagens expostas às intempéries.**

**O horto não estava muito verde, pois a estação ainda ia no início, mas o sol estava morno e no ar vibrava um quê de primavera.**

**Piers viu alguns frades que iam e vinham nas pequenas alamedas, lendo o breviário e rodando o rosário entre os dedos. Nenhum deles falava e o único ruído era o dos passos no cascalho. Parecia entrar num país de sonho, sem qualquer contato com o mundo exterior.**

**O enorme frade que se aproximava, coroa de cabelos interrompida aos lados da testa e um pequeno topete no meio, permaneceu estranho até que Piers não viu seus olhos: eram os de Teodora, ou pelo menos muito parecidos. E eis o sorriso, aquele sorriso sempre igual.**

**"Não pareceria seu irmão", pensou Piers, "mas talvez seu pai ou algo mais". Outros pensamentos, porém, cada qual mais estranho, tumultuavam em seu cérebro. Surpreendeu-se em desejando que aquele homem, tão bondoso e forte, fosse seu pai: parecia-lhe estar em casa, ainda mais que dois braços estendidos davam-lhe as boas-vindas, como se o estivessem esperando há muito. Quisera atirar-se**

**de joelhos, como o filho pródigo, e, tremendo todo, debulhou-se em lágrimas.**

**- Benvindo, querido amigo, - disse Tomás. - Deus vos abençoe por tudo que fizeste em favor dos meus.**

**Cego pelas lágrimas e profundamente comovido, Piers suspirou:**

**- Padre ... padre Tomás, onde está Deus?**

**- Muito perto, neste momento.**

**- Fiz tudo para salvá-los, padre Tomás. Duas vezes estive a ponto de o conseguir. Tínhamos arranjado dinheiro para comprar as sentinelas, e estas levaram o dinheiro e nada fizeram. Depois, quando tínhamos arregimentado cinquenta homens dispostos a assaltar a prisão, chegou a notícia que no leito de morte o imperador tinha dado uma anistia geral. Decidimos aguardar ainda dois dias, mas no dia seguinte soube-se que rei Conrado revogara a anistia. Então tentamos o assalto, mas muito tarde: eles já tinham sido executados, e ,muitos outros com eles. Soubemo-lo durante o combate. Depois chegaram tropas em socorro dos guardas e nós tivemos que retirar-nos.**

**Calou-se. Depois de um longo silêncio, Tomás perguntou com voz tranqüila:**

**- Por que, meu bom amigo, tentastes salvá-los?**

**- Por quê? Eu fora dependente da vossa família, vira a dor de vossas irmãs e queria poupar-lhes mais. Tinham perdido quase tudo, vós estáveis no convento e o conde San Severino era muito jovem e além disso tinha de ocupar-se da condessa Teodora. Pelo menos esses dois estão em segurança. Em Verona soube que tinham chegado à Espanha.**

**- E o devem a vós.**

**- Mas em Verona não consegui nada. Desiludi-os, e a vós todos.**

**- De modo algum - retificou Tomás sério. - Quando alguém fez tudo que podia, o bom ou mau resultado não contam. Vós cumpristes a**

**vossa missão.**

**- Assim falava a vossa irmã, soror Maria de Getsêmani.**

**- E assim é. Não vos recrimineis quando não tendes culpas. Deplorai, porém, a vossa verdadeira culpa.**

**- Isto é?**

**- Perguntastes: "Onde está Deus?". Queríeis dizer: "Por que Deus permitiu que Landolfo e Rinaldo morressem?". E talvez mais: "Por que Deus não me ajudou a libertá-los?". Pretendestes que fosse feita a vossa vontade no céu e na terra porque o vosso propósito vos parecia bom. Mas os caminhos do Senhor não são os nossos. Ele queria Landolfo e Rinaldo no paraíso.**

**Piers baixou a cabeça:**

**- Frei Tomás, vós não vistes o que eu vi. A Itália está sob o domínio da loucura. A águia maior morreu, mas as águias são quase piores. Por toda parte há lágrimas, sangue, desespero. Minha própria vida pareceu-me insensata, e de fato o é. Eis, confessar-vos-ei, não consigo capacitar-me de que Deus exista.**

**- Não é necessário que eu exista, - respondeu Tomás calmamente - não é necessário que vós existais. Deus, porém, deve existir, porque doutro modo nada mais poderia existir. Dificilmente poderíeis duvidar da vossa existência: seria contrariar o princípio de contradição. Se realmente não existísseis, como poderíeis duvidar de alguma coisa? Vós, portanto, existis, mas vossa existência não é autônoma. Vós a recebestes dos pais e ancestrais, do ar que respirais, dos alimentos e das bebidas que tomais. Os rios, eles também receberam a existência, e assim os montes. a própria terra e todo o resto do universo. Ora, se o universo inteiro é um sistema de recebedores de existência deve haver também um doador. e se, por sua vez, esse doador tivesse recebido a existência, não seria o doador, mas um outro seria o doador de todos que recebem. Logo, o primeiro doador deve possuir uma existência autônoma. Deve ser a existência. Esse doador nós o chamamos Deus. Podeis contradizer?**

**- Não posso contradizer, - respondeu Piers - mas não me satisfaz. E não pode satisfazer a nenhum daqueles que sofrem.**

- Vós, então, não perguntais se Deus existe, mas por que existe o sofrimento. Que significa sofrer? Qual é a causa do sofrimento, qual a sua conseqüência? Quando as partes que deveriam estar unidas estão separadas e impedidas na sua tendência de reunir-se, temos o sofrimento do qual deriva a dor. Um golpe de espada separa tecidos, músculos e tendões que deveriam estar unidos, e isso causa o sofrimento e a dor. Ou então, duas pessoas se amam, estão separadas e não podem unir-se: deriva disso sofrimento e dor.

"E se as partes que deveriam estar unidas", pensou Piers "se os homens que deveriam estar juntos são separados para sempre? Se entre eles a barreira é intransponível e tão alta que lhes impeça de se darem conta que deveriam estar unidos.. . até que seja muito tarde e sua vida desperdiçada?" E disse em voz alta:

- Por que deve acontecer tudo isso? Por que o que deveria estar unido é separado? Explicastes-me qual é a causa do sofrimento e como a dor é-lhe conseqüência, mas não me explicastes por que Deus permite a causa, isto é, a separação.

- Toda dor humana - explicou Tomás - tem origem na dor primitiva, na separação do homem de Deus.

Piers parou de repente, e só então percebeu estavam passeando pára baixo e para cima, no horto. Viu Robin um pouco longe, sentado num banco e pensou: "Esqueci-o completamente". Tomás lia nele como num livro aberto.. Sabia que Piers não percebera troca de olhares entre ele e Robin. especialmente aquela com a qual o escudeiro implorava ajuda do frade para o seu patrão. E agora disse:

- O sol lhe fará bem.

Piers retomou a caminhada e perguntou:

- O afastamento do homem de Deus é a história do pecado original rio paraíso terrestre, não?

- Sim.

- Coisas longínquas, padre Tomás. Que temos nós com isso!

- **Diante de Deus o tempo não existe: foi ontem e será amanhã.**
- **Não entendo.**
- **Compreendereis logo. Nós lemos a história do pecado no Gênesis, mas também os antigos, os gregos e outros povos, lembravam-se dele, e chamavam "idade de ouro" o tempo do paraíso terrestre. Lembrais as palavras da serpente: "Comei e tornar-vos-ei como Deus"? Nós comemos, e com aquele ato de rebelião afastamo-nos de Deus: cortamos o laço entre o mundo natural e o sobrenatural.**
- **E por isso fomos expulsos do paraíso e tivemos de sofrer e morrer. Foi esta a resposta de Deus.**
- **Não, amigo, esta foi a consequência inevitável da nossa ação. Deus, porém, deu outra resposta que se chama Cristo.**

**Seguiu-se uma pausa. Piers suspirou e no seu suspiro estavam a Inglaterra e Foregay e a voz cavernosa e impaciente do velho padre Thornton: Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis. E a mãe que lia, sentada ereta no banco da igreja, um livro de missa que sabia de cor, enquanto o pequeno Piers esperava impaciente que tudo acabasse e se pudesse ir almoçar.**

**Tomás disse:**

- **Nosso Senhor tomou sobre si toda a dor daquele afastamento. Medianeira entre Deus e o homem é a cruz.**

**"Soror Maria de Getsêmani" pensou Piers. "Padre Thornton e soror Maria de Getsêmani: um espaço de vinte anos entre um e outra ... e no entanto vivem juntos em minha mente. Pode ser que exista realmente um mundo fora do tempo".**

- **Dessa maneira a vida sobrenatural foi dada novamente ao homem,**
- **prosseguiu Tomás. - E assim Deus é a preciosa gleba em que prospera a semente humana, que tem três raízes com que se agarra ao solo: a fé, a esperança e a caridade. E todas três são atos de vontade: vontade de crer na verdade revelada por Deus, vontade de confiar nas promessas de Cristo, vontade de ver em Deus o Bem-supremo.**

**- Parece-me que estou compreendendo - disse Piers francamente. - Seria como ... o juramento de fidelidade da criatura... diante do amor de Deus.**

**E reviu o irresistível sorriso que introduzia num jubiloso mistério.**

**- Agora compreendereis também - prosseguiu Tomás - que sofrer significa ajudar Nosso Senhor a carregar a cruz. Se o amais, como podeis desejar subtrair-vos à dor? Quem ama não quer ignorar os sofrimentos do seu amor.**

**- E verdade, - murmurou Piers - é verdade.**

**- O homem ama tantas coisas: a riqueza, o poder, uma mulher. Mas se quisésseis dizer numa só palavra o que o homem deseja, seja como for, como vos exprimíeis?**

**- A felicidade - respondeu Piers após breve reflexão. - O homem quer ser feliz.**

**- De acordo, mas o que é a felicidade?**

**- Não o sei. Sei apenas o que seria para mim...**

**- Então existe algo que vós desejais mais de qualquer outra coisa.**

**- Sim, mas não a terei nunca.**

**- E se a tivésseis, seríeis feliz?**

**- De certo.**

**- Mas se a tivésseis, e devêsseis temer que pudessem vo-la arrebatam, seríeis ainda feliz?**

**- Não creio. Em todo caso, não o seria inteiramente.**

**- ,Então estamos de acordo no afirmar que a felicidade consiste em possuir o bem desejado, qualquer que seja, sem receio de o perder: é isso?**

**- Sim.**

**- Ora, na vida terrena temos não só o temor, mas a certeza de a perder, esta vida, porque um dia deveremos morrer. Logo, a verdadeira felicidade completa e perpétua não a podemos encontrar aqui. Nem poderia ser de outro modo, porque felicidade perpétua não é senão uma outra maneira de se designar Deus. - Os olhos de Tomás brilhavam. Compreendeis, agora? O desejo da felicidade perpétua está sempre no homem, em todos os homens. Mas depois do primeiro pecado este desejo desviou-se, e tolamente nós consideramos que a felicidade seja ora isto ora aquilo: o ouro ou o poder ou a união com outra criatura, enquanto na realidade só a podemos encontrar em Deus. Amar a Deus, eis o verdadeiro objetivo do homem. "Ama e faze o que quiseres", diz Santo Agostinho. E Nosso Senhor disse: "Buscai antes de tudo o reino de Deus, e o resto vos será dado por acréscimo".**

**- Frei Tomás, - murmurou Piers - creio ... creio que pela primeira vez em minha vida consigo pensar. Não vos afasteis! Quero dizer ... deixai-me ficar aqui convosco.**

**- Esta é precisamente a nossa atividade - explicou Tomás serenamente. - Nós queremos ensinar os homens a pensar. Mas não me tendeis em demasiada estima, porque a nossa fé não se funda no pensamento humano, mas sim no que o próprio Deus nos ensinou. Todavia é confortador saber que temos a razão do nosso lado, e não contra nós, como tantos falsos filósofos pretendem.**

**Ouviu-se o som do sino. -**

**- E Deus que chama - explicou Tomás, cujos olhos estavam irrequietos. - Vem, meu amigo.**

**Também Robin levantou-se do banco e os seguiu, enquanto de todo lado chegavam frades tranqüilos e sem pressa, mas bastante velozes. Piers viu-os organizar-se em fila e esperou que Tomás entrasse nela. f,**

**Robin alcançou-o:**

**- Senhor ...**

- Dize.

- Parece-me satisfeito. Vê-se que o consolastes.

Piers olhou-o em silêncio e, pela primeira vez após muitos meses, pôs-se a rir.

Depois entraram na capela.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO IV**

- Posso falar-vos, reverendo padre? - perguntou o jovem senhor.
- As vossas ordens, senhor; mas eu sou apenas um frade leigo ... e também há pouco tempo.
- Realmente. parecia-me que vestísseis o hábito com ares soldadescos.
- É verdade, pois a maior parte da minha vida fui soldado. Tendes bons olhos demais para serdes tão jovem, senhor ... Penso que não tereis ainda vinte anos.
- É verdade, mas já sou aquilo que vós não sois: casado. Perdoai ... talvez não devia tê-lo dito. Sinto-o, não queria ferir-vos.
- Não me feristes de modo algum.
- Espero-o. Quando passastes, entre tantos rostos estranhos. fiquei feliz de ver afinal um patrício.
- Então vós também sois inglês! Não tinha certeza.
- Claro e estou pela primeira vez nesta curiosa cidade, frei ... conto posso chamar-vos?
- Agora chamo-me frei Pedro. Assim me nomearam no convento. Antes era Piers. Piers ...
- Não precisa dizê-lo. Basta-me chamar-vos frei Pedro. Quanto a mim, digo-vos apenas que me chamo Eduardo. Dá-vos vontade de rir? Ride! Paris é uma cidade tumultuosa. Vós a conheceis bem?
- Vivo aqui há quatro anos.
- Gostaria que me indicásseis aquilo que o forasteiro sozinho não consegue ver ... talvez vossos deveres não o permitam, já abusei muito do vosso tempo ...

- Sois muito gentil, senhor Eduardo. Agora vou à universidade ... oh! não para estudar, meu pobre cérebro não está à altura ... mas para levar estes manuscritos a um de nossos padres que os esqueceu.

- Surgem como cogumelos, agora, as universidades, também lá na Inglaterra, especialmente desde que chegaram os dominicanos e os franciscanos. Gostaria de ver a vossa, da qual ouço falar há muito. Fundou-a o capelão do rei, não é?

- Sim, padre Roberto de Sorbon e, quando ele ainda vivia, chamaram-na Sorbona: ele se aborreceu muito, pois era homem grande e modesto. Porém, se pudesse ver os mestres que hoje ensinam nela, ficaria bem feliz.

- Ouvi dizer que agora na vossa universidade estourou uma guerra.

Achais graça? Vejo que vos estou entretendo. enquanto estais com pressa. Posso acompanhar-vos?

- Terei muito prazer, senhor Eduardo. Sim, há uma espécie de guerra. Houve uma briga entre estudantes e cidadãos (tanto uma parte como outra havia bebido demais) e, até aqui, nada de mal. Porém os estudantes agrediram os guardas que intervieram e foram presos. O reitor da universidade pediu sua liberdade imediata, mas não foi atendido. Fato semelhante já tinha acontecido outra vez: então mais de dez mil estudantes abandonaram a universidade em sinal de solene protesto. e as autoridade cederam. Desta vez, porém, o conflito continuou no seio da própria universidade. Os professores seculares queriam abandonar Paris ou, pelo menos, fechar a universidade. Os dominicanos e os franciscanos, porém, declararam que por causa de uma briga de estudantes embriagados não deixariam de difundir a ciência. E agora os frades estão sozinhos dando aula, enquanto os professores seculares não concordam com isso. Eis explicada a guerra.

E eis-nos na universidade. Posso entrar convosco? Claro, senhor.

Santo Deus, que barulho!

- Agora está se realizando um quodlibet dirigido por mestre Alexandre de Hales. Cada um pergunta o que quer., e o mestre deve responder a tudo. E às vezes as perguntas são...

- **Deixa-me assistir à aula. Quem é aquele professor? Um franciscano ao que parece. Nunca vi uma cabeça tão pequena.**
- **Deve ser padre Boaventura. Sim, é ele. Padre Boaventura é na Ordem franciscana o que frei Tomás é na Ordem de São Domingos.**
- **Ou seja?**
- **O coração, senhor Eduardo. ..**
- **Parece tenha nascido... sem pecado original.**
- **O mesmo pode-se dizer também de frei Tomás, embora seja difícil encontrar dois homens mais diferentes.**
- **Conhecem-se?**
- **São bons amigos, e diz-se que mesmo quando não falam. um sempre sabe o que o outro pensa.**
- **Gostaria de ficar um pouco aqui ouvindo padre Boaventura.**
- **Eu preciso ir entregar os manuscritos.**
- **Ah! sim, é verdade, tinha esquecido. Talvez na volta ... Vede quanta gente lá em baixo, na praça. Que estarão fazendo? Devem ser pelo menos uns quinhentos. Já sei, uma demonstração de protesto.**
- **Não, não; senhor. É uma lição de mestre Alberto de Ratisbona. É sempre assim. Agora deve dar aula na praça, porque nenhuma sala é suficiente. Os parisienses acostumaram-se, tanto assim que a praça agora é chamada de Place Maubert, praça de mestre Alberto. Aquele homenzinho sentado ... à direita da fonte ... é ele.**
- **Aqui começa de fato uma era nova.**
- **Que dizeis, senhor Eduardo?**
- **Oh! nada! Também mestre Alberto é um santo?**

- **Creio que sim, embora alguns duvidem, porque estuda cestos livros perigosos de alquimia, de necromancia, e coisas semelhantes. Muitos o tomem. Há também outro lá embaixo que muitos temem.**
- **Aquele de cara de pergaminho e de olhar cintilante? Franciscano ele também ...**
- **E nosso patrício. Frei Rogério Bacon.**
- **O quê é que está pondo no nariz daquele homem? Parecem dois anéis de ferro com um cabo ... Estará talvez explicando algum instrumento de tortura?**
- **Não, senhor. E verdade que dizem dar dor de cabeça. Trata-se de vidros polidos que servem para ver melhor.**
- **Obra de magia? Os franciscanos não deveriam cuidar disso.**
- **Ao invés parece que frei Rogério experimenta tudo que lhe vem à cabeça. Aqui, porém, não se trata de magia: ele explicou-me. Cada um dos dois anéis de ferro contém uma janelinha de vidro esmerilado e polido de modo especial, e assim quem tem a vista fraca por doença ou velhice pode ver de novo nitidamente. Mestre Rogério deu um desses aparelhos ao nosso velho padre Gaudêncio, que pôde novamente ler o breviário... embora lhe dê dor de cabeça.**
- **E uma invenção de mestre Rogério?**
- **Não sei com certeza, mas ele inventa sempre alguma coisa. a sua quarta ou quinta invenção que vejo. Tem-na no sangue, essa mania, e no seu gabinete há sempre uma tal fetidez que ninguém o vai visitar. Certa noite ouviu-se, vinda do seu quarto, uma tremenda explosão ...**
- **Meus Deus!**
- **E foi a custo que alguém decidiu ir ver do que se tratava. Encontraram a cela inteiramente destruída, como se meia dúzia de demônios tivessem pisado tudo, enquanto frei Rogério jazia num canto com as mãos e o rosto queimados e sangrando. Falou de não sei que invenção, mas ninguém se deixou enganar, e o reitor deu ordem de limpar tudo e jogar fora todas as substâncias venenosas.**

**Depois de duas semanas o quarto estava como antes. Frei Rogério está sempre sem um tostão (nem pode guardar dinheiro, como franciscano), mas tem muita disposição para esmolar, e acaba sempre por conseguir tudo que precisa. Ultimamente começou com afinco a estudar matemática porque, diz, o próprio Deus estudou-a. Ontem frei Tomás assegurava que mestre Rogério saberia construir uma tripeça com a qual o homem poderia voar como um pássaro.**

**- Deve ser louco.**

**- Sem dúvida, mas trata-se de loucura clarividente. Mestre Alberto gosta dele, embora discutam por causa de coisas que têm nomes compridos como a altura da catedral. Frei Tomás também gosta dele, e quer bem a todos, desde que não sejam hipócritas. Não pode suportar a hipocrisia.**

**- E onde está o vosso Tomás?**

**- Na última sala. Eis-nos chegados, finalmente.**

**- Bem, ide entregar vossos escritos. Espero-vos aqui.**

**- Volto logo.**

**- Não há pressa. Fico assistindo à aula.**

**- Mestre Tomás, qual é a definição da "vida"?**

**- Movimento autônomo. O que se move por si é vivo. Nós temos de morrer para sermos movidos por Deus.**

**- Mestre Tomás, eu tenho um amigo em contínuo perigo de pecar contra a castidade. Ele luta contra seus baixos desejos, mas esses parecem aumentar em vez de diminuir.**

**- Quando um cão ataca um homem e este volta-se para lutar com o cão, pode ser facilmente derrubado e mordido. Se, porém, prossegue em seu caminho, o animal desistirá. Dize ao teu amigo que procure não lutar com seus desejos, porque quanto mais os toma em consideração tanto mais aumentarão: dize-lhe que pense intensamente em Nosso Senhor, e sua força de vontade aumentará muito.**

- **Eis-me aqui, senhor Eduardo. Vamos indo?**
  
- **Preferiria ficar, mas esse homem deixa-me com a cabeça zonga, como se um gigante batesse nela com uma lança de sete pés.**
  
- **Então, vós também sois soldado, senhor Eduardo?**
  
- **Esperai um instante. Que pergunta aquele homem de cabelos vermelhos?**
  
- **Mestre, como podemos saber que a verdade existe de fato? Conheço alguém que duvida de tudo.**
  
- **Estás enganado. Não é possível que tu conheças um homem assim. Quem duvida de tudo deveria duvidar também que duvida de tudo. Deveria duvidar da própria existência. Mas quem duvida dela? Por outro lado, esse tal deve admitir que sua vida é uma contínua contradição a essa teoria. Duvidando que existe alimento, ele comerá. A posição do cético integral é absurda; portanto o cético integral não existe. Há, pelo contrário, pessoas que pretendem não ser possível conhecer a verdade porque esse conhecimento acarretar-lhes-ia certas obrigações morais. Após ter perguntado "que é a verdade?", Pôncio Pilatos condenou à morte um homem que ele reconhecia inocente.**
  
- **Mestre, como se define a verdade?**
  
- **Verdade é a concordância entre coisa e intelecto: erro é a sua não concordância.**
  
- **Podemos conhecer toda a verdade sôbre uma coisa?**
  
- **Não, Somente Deus a conhece. Isso, porém, não quer dizer que o nosso parcial saber não seja verdadeiro. Por exemplo, se tu apanhas na rua um pedaço de estanho e pensas "isto é prata", cometes um erro. Mas se pensas "isto é um metal", o teu pensamento é justo e permanece verdadeiro, ainda que não saibas se aquele pedaço de estanho perdi-o eu e que antes fazia parte de um copo. Eu, por minha vez, sei estas duas coisas, e o meu saber é verdadeiro, ainda que não saiba que tu passarás e apanharás o pedaço de estanho. Deus, porém, sabe o que tu sabes e o que eu sei e tudo que se**

**possa saber em torno daquele pedaço de estanho: sabe a sua origem, onde irá acabar na consumação dos séculos, e tudo que há entre o início e o fim dele. Conhece-lhe todas as qualidades, muitas das quais podem ser desconhecidas por nós, e sabe com precisão que parte tenha nos desígnios do universo. Todavia, o teu e o meu saber são verdadeiros, embora incompletos. Guarda-te, amigo, do filósofo para o qual a verdade não cai no âmbito do nosso conhecimento. Qualquer que seja a sua filosofia, levará à ruína e ao nada, e desta espécie de homens São Paulo diz: "Cuidado que ninguém vos leve ao engano com sua filosofia".**

**- Vinde, frei Pedro, mais que isto não posso digerir num dia. Aquele mestre é alto e gordo, mas é estranho que possa carregar o peso do seu cérebro. Preferiria combater sozinho com cinquenta pagãos a discutir um assunto com o vosso frei Tomás.**

**- Oh! não é fácil, especialmente quando não se está acostumado. De fato, minha pobre cabeça não consegue acompanhá-lo, mas é confortador pensar que temos cérebros desses capazes de defender a nossa fé. É um alívio, quando nos ocorrem certas dúvidas. Eis, se fossem homens vaidosos ocupados apenas em forjar a própria ciência...**

**- Frei Tomás não é vaidoso?**

**- A única coisa que sabe da vaidade é a sua definição.**

**- Guardai-a para vós. Prefiro crer-vos. Que dissestes? Que a vossa cabeça não consegue acompanhá-lo; mas sois feliz em vosso estado?**

**- E muito! Frei Tomás ensinou-me a pensar.. . até onde chego. E consegui fazer descansar meus sentimentos. Coisas ambas necessárias. Aqui há muito trabalho no horto ... para mim e para frei Robin, que a seu tempo foi escudeiro. Agora somos iguais em grau e muitas vezes penso ser ele o melhor de nós dois ... e não só no trabalho do horto. Não tinha nenhum motivo para retirar-se do mundo, salvo o desejo de permanecer junto de mim. Para ele é muito mais difícil chamar-me frei Pedro do que para eu chamá-lo frei Robin. Ademais, deixou cortar os bigodes de muita má vontade.**

**- E vós pensais permanecer frei Pedro por toda a vida? Pareceu-me**

**ouvir um suspiro. Emitistes os votos?**

**- Não, não me permitiram. Eu queria ... naquela ocasião.**

**- Quem sabe se um dia trocareis de novo a enxada pela espada e o burel pela couraça. Há muita alegria no lombo de um cavalo, e para mim não parece tendes nascido para monge. Não tendo emitido os votos, podeis ir a qualquer momento, não é? Eu conheço alguém que aceitaria vossos serviços, sir Piers Rudde.**

**- Como! vós sabeis meu nome?**

**- Fostes cavaleiro de meu tio, o conde de Cornualha. Depois combatestes na cruzada de rei Luís, o meu ótimo anfitrião. Sou Eduardo do Plantageneto.**

**- Sabia-o, príncipe. Quando estava em Londres e vós ainda éreis menino, vi muitas vezes a vós e ao vosso augusto pai. A princípio não tinha certeza, mas quando me dissestes chamar-vos senhor Eduardo pensei que o meu príncipe queria ver Paris a seu modo.**

**- Agradeço-vos pelo que me mostrastes. Pensai naquilo que vos disse, e se um dia tiverdes necessidade da minha ajuda. procurai-me. Agradeço-vos e vos cumprimento, sir Piers.**

**- Deus vos abençoe. alteza. Transmiti minha afeição à Inglaterra,**

**Guilherme de St.-Amour, cônego de Beauvais e doutor da Sorbona. estava sentado na poltrona graciosamente esculpida. Era um homem grácil, de rosto nobre e bem pronunciado, olhos cinzentos e frios, em que sempre havia um lampejo de ironia.**

**Nem seu inteligente amigo Cristiano, oriundo como ele de Beauvais, nem o encorpado Otão de Douai duvidavam da sua superioridade intelectual sobre todos os presentes, sem mesmo excetuar o reitor da Sorbona, João de Gecteville que, envolto num amplo manto, negro como numa nuvem de temporal, estava sentado à secretária.**

**- Gostaria de saber o que fará o papa - disse João de Gecteville.**

**- Meu caro amigo, - interveio Guilherme de St.-Amour com voz nasal - todos conhecemos vossa extraordinária capacidade de dizer**

**coisas óbvias. Vossos sermões brilhavam de banalidade, e com eles adquiristes fama de discreto. Todos nós quereríamos saber o que fará o papa. Nestas seis semanas procuramos identificar-nos com ele. Eu, pelo menos, fiz isso. O pior é que também ele tem seus desgostos. Rei Manfredo mostrou-se em vários modos digno filho do grande Frederico. Provavelmente incomoda mais o santo padre do que seu irmão Conrado, antes de ir para o outro mundo.**

**- Fala-se que Manfredo tenha-o envenenado - disse Cristiano.**

**- São os mesmos boatos que ouvimos na corte de Frederico - observou Guilherme. - E por que não? É sempre difícil crer que um tirano tenha morrido de morte natural. Admito que, apesar de tudo, não me era antipático. Era um monstro magnífico, o último dos megalômano.**

**- Falais a verdade? - perguntou João docemente.**

**- Explico-me: era um homem de espírito, qualidade que me leva a perdoar-lhe muita coisa. Lembrais quando mandou assaltar os navios que levavam todos aqueles prelados à França e Espanha? Naturalmente, foi um crime, mas lembrais suas palavras quando Berardo de Palermo o repreendeu: "Que podia fazer? Não queriam absolutamente caminhar sôbre as águas".**

**Otão de Douai abaixou a cabeça e explodiu numa gargalhada, enquanto os outros permaneciam sérios.**

**- Caro João, gostaria de saber se vós teríeis caminhado sôbre as águas - objetou Guilherme. -Mas, voltando ao assunto: na Itália as coisas vão mal, como sempre.**

**- No entanto o rei Luís não permitiu o papa enviar à Itália o duque d'Anjou - observou Cristiano.**

**- Todos sabem que o rei Luís tem bom coração. Não quis que os italianos fossem domesticados com os escorpiões - explicou Guilherme. E desta vez todos riram. - Alexandre IV - prosseguiu Guilherme - é novo na cátedra de Pedro, e tem muito que fazer com o pequeno Manfredo. Provavelmente por enquanto não quer grandes mudanças na Igreja... e, não resta dúvida, a abolição das Ordens mendicantes seria uma grande mudança. Precisamos, pois,**

**demonstrar-lhe que esses mendicantes não só exercem uma influência inquietante, mas representam mesmo um perigo para a vida da Igreja. Por isso mesmo intitulei minha obra Perigos do Nosso Tempo. Numa época em que é atacada de fora, não pode a Igreja permitir-se tais atividades demolidoras dentro de si mesma.**

**- Não o digo com gosto, - resmungou João - mas trata-se do ato de acusação mais brilhante que eu já tenha lido. E, graças a Deus, não é espirituoso.**

**- Tivemos de esperar bastante - disse Guilherme com amargura. - Juraria que os frades mendicantes ter-nos-iam assaltado pelas costas quando a universidade deu a única resposta possível à insolência das autoridades citadinas. Mas não bastava. O papa não é reitor da Sorbona e não compreende que, para nós, a universidade está acima de qualquer outra coisa. As rãs d'água benta poderiam ter vencido até com facilidade: bastava que dissessem, como disseram logo, que nada deve reter a difusão da ciência. Mas agora apanhamo-las.**

**- Sôbre quinze professores, nove são mendicantes - disse João de Gecteville. - E insuportável.**

**- Não consegui obter uma cátedra nem para meus sobrinhos murmurou Otão de Douai.**

**- Apanhamo-las - repetiu Cristiano. - Suponho que estás aludindo à tese do geral dos franciscanos sôbre Evangelho Perpétuo. Como pôde João de Parra escrever coisa semelhante, e por cima na posição que ocupa?**

**- Quando os deuses querem arruinar alguém começam por cega-lo - sentenciou Guilherme sorrindo. - A tese contém heresia suficiente para incendiar meia dúzia de Ordens mendicantes. Os dominicanos dividirão da sorte de seus irmãos marrons, e assim livrar-nos-emos de ambos. Na minha tese, como sabeis, admiti que antes eles tinham uma finalidade, e que a Igreja agiu sabiamente tolerando-os por algum tempo. Mas agora não precisamos mais deles. Pastores e mestres são os bispos e os padres, não mais os frades. Daqui há pouco irão pretender que nós todos vivamos como eles ... de nada. De minha parte recuso terminantemente mendigar. Não é costume na minha família. Por outro lado, no quartel-general do santo padre**

**encontraremos muitos amigos. Não fosse a situação política, não teria a menor dúvida sobre o êxito da coisa, por quanto difícil que seja.**

**- Quando devemos estar prontos para partir? - perguntou Cris**

**- Os mendicantes receberam hoje o convite para irem ter com o santo padre, assim como nós. A única coisa que conta é chegar antes: não muito, mas o quanto baste para preparar-lhes uma recepção cordial. Portanto, deixemo-los partir.**

**- Mas, não dissestes que é preciso chegar antes? - observou Otão.**

**- Sim, caro amigo, mas não há vantagem em precedê-los de alguns meses. Não creio que queiram fazer todo o caminho a pé: mesmo para aqueles fanáticos, um convite do santo padre deveria ser motivo suficiente para uma dispensa. De qualquer modo, como pensais que viajarão?**

**- Em lombo de mula - respondeu Otão rindo.**

**- Muito bem. Porém meus cavalos borgonheses não têm rivais em toda França. Deixemo-los partir; quando forem saberemos logo, pois terão de enviar suas melhores cabeças que, portanto, faltarão na universidade. Nós partiremos um dia depois, e chegaremos onde está o santo padre pelo menos uma semana antes: o que basta.**

**- Meus cumprimentos! - exclamou Cristiano. - Pensastes em tudo, e eles podem considerar-se perdidos.**

**- Assim seja - concluiu João de Gecteville.**

**- Não podemos suportar aquela gentalha - disse Guilherme. Odeio sua falsa humildade, seu ascetismo que não passa de prazer negativo, a louca e insaciável curiosidade de Rogério Bacon, a maneira com que todos deixam-se cativar pelo pequenino Boaventura, e aquela fantástica idéia de Alberto e Tomás de ensinar o catecismo a Aristóteles- Boa noite, amigos; vou-me antes de pecar contra a caridade para com o próximo. - E se afastou.**

**- Interessante aquele "antes"! - riu Otão. - No entanto, creio que fale seriamente.**

**- Concordo; não obstante sua ironia, nosso Guilherme é um idealista, - comentou Cristiano -além de ser a mente mais aguda do nosso tempo.**

**- Pouco me importa o que seja, desde que nos liberte dos frades mendicantes - disse João. - O que vale é a universidade.**

**- Meu amigo, este negócio é maior que a universidade - observou Cristiano.**

**- Não há nada maior - concluiu João de Gecteville.**

**Nada melhor do que trabalhar no horto quando não se consegue libertar dos próprios pensamentos, especialmente se estes rodam em volta procurando morder o próprio rabo. Frei Pedro trabalhava com a testa suada.**

**Não levantou o olhar nem mesmo quando frei Robin o alcançou, e continuou trabalhando em silêncio até que este não pôde mais deter os segredos que lhe oprimiam o coração.**

**- Houve temporal, um grande temporal a propósito da guerra com a universidade.**

**Frei Pedro resmungou algo de ininteligível.**

**- O frade cozinheiro diz que, ao que parece, o papa dissolverá a Ordem. Esse perigo, ele soube-o pelo prior. O doutor Guilherme de St.-Amour compilou uma acusação contra a Ordem e contra os franciscanos, e a enviou ao papa; é uma coisa séria, dizem o prior p o cozinheiro.**

**Frei Pedro grunhiu uma frase que continha o nome de St: Amour entre palavras incompreensíveis, mas certamente não muito gentis.**

**- E agora o papa convidou para Anágria o grande Guilherme bem como mestre Alberto e frei Tomás, que partem amanhã depois da segunda missa.**

**Frei Pedro virou ainda três pás de terra e depois perguntou:**

**- E o adversário? Digo St: Amour, quando parte?**

**- Não sei, senhor ... frei Pedro.**

**Este enterrou a pá na terra como um soldado finca a espada no corpo do inimigo e afastou-se. Pouco depois estava diante de mestre Alberto.**

**- Não pergunto como tenhas conseguido sabê-lo - disse o pequeno mestre com um lânguido sorriso. - Vivi muitos anos nos conventos. Não, não iremos a pé, porque empregariamos muito tempo e sua santidade tem pressa. Iremos com as mulas e a velha carruagem, que está numa das estrebarias.**

**- Podemos guiar, frei Robin e eu?**

**- Não é má idéia. Afinal, estais aqui há quatro anos: uni pouco de movimento far-vos-á bem.**

**- Obrigado, padre Alberto, mas a carruagem é muito velha e nada sólida; o mesmo pode-se dizer de Cunegunda e de Porciúncula: a primeira é gorda e preguiçosa, a segunda caprichosa.**

**- R verdade, frei Pedro, mas que se pode fazer?**

**- O doutor St.-Amour tem ótimos cavalos, eu os vi: raça de Bor**

**- Feliz dele! - retrucou Alberto sem se irritar.**

**- Mas chegará muito antes, e aproveitará o tempo.**

**- Tal eventualidade não me escapou e é deplorável. Infelizmente nada podemos fazer. Não temos dinheiro para adquirir uma carruagem e cavalos. Somos frades mendicantes.**

**- Compreendo, padre Alberto. Poderia dispensar-me esta tarde para ... para os preparativos?**

**- Pois não.**

**- Obrigado, padre Alberto.**

**"Que intenções terá ele?", pensou o pequeno mestre enquanto o porta fechava-se atrás de frei Pedro. Mas logo seus pensamentos voltaram ao grave perigo que ameaçava a Ordem. Ainda não tinha conseguido obter uma cópia dos Perigos do Nosso Tempo. St.-Amour, um adversário temível, ladino de primeira ordem, tinha enviado cópia ao papa e ao rei Luís. O papa tinha passado a dele ao geral da Ordem, o venerando Humberto de Romanis, e este não ousara enviá-la a Paris. Era um documento muito longo, e o copiá-lo requeria muito tempo: portanto o geral limitara-se a mandar para Paris apenas o sumário. .antes de chegarem a Anágnias Alberto e Tomás nada podiam fazer, e já teriam encontrado lá St.-Amour que, com seus amigos italianos, insistiria numa ação imediata.**

**Além da carta do geral dominicano havia a tese do geral franciscano: Introdução ao Evangelho Perpétuo, combatida por St.-Amour, e este era de fato um passo em falso que St.-Amour aproveitaria até o fim. Se o ataque desse resultado, a obra de S. Domingos e de S. Francisco podia ser considerada liquidadada juntamente com a de Tomás, Boaventura e Rogério Bacon. Era o fim da gloriosa imitação da pobreza de Cristo, o fim da Ordem.**

**Com a cabeça pesada apoiada nas mãos juntas, mestre Alberto orava com insólito fervor.**

**Frei Pedro há muito tinha deixado o mosteiro de São Tiago. Chegado ao palácio tomou à esquerda e entrou no amplo pátio das cudelarias reais onde abordou um homem que, mais que os outros, tinha no chapéu grandes galões de ouro, e pediu-lhe mandasse um recado a sua alteza o príncipe Eduardo de Inglaterra. O guardião (las cudelarias olhou-o atentamente. Poderia um frade dominicano estar bêbado? Não se falava que aqueles frades no refeitório juntavam água até na cerveja para que não ficasse forte? Que pensava este? Devia ser um criança, ignorante do mundo.**

**- Isso aqui, irmão, são as cudelarias reais ...**

**- Não sou cego nem perdi o olfato - interrompeu o frade, talvez um pouco menos paciente do que requeria a sua condição.**

**- A entrada ao Palácio é lá, não vedes? E se é de esmola que se trata, vinde amanhã às oito, quando o rei volta da missa. Todos os dias dá comida a quatrocentos pobres.**

**- Caro amigo, possam os santos dar-me muita paciência e a vós um pouco de sal para a cachola. Sei qual a diferença entre um palácio e uma estrebaria, e conheço os hábitos cristãos do rei, que Deus o abençoe. Não quero pedir-lhe nada, mas peço-vos mandar alguém ao príncipe Eduardo, que é hóspede do rei, e dizer-lhe que frei Pedro, aqui presente, sentir-se-ia muito feliz se obtivesse alguns minutos do seu precioso tempo.**

**- Como? Vós quereis que sua alteza venha aqui, às cudelarias... justamente por vossa causa?**

**- Finalmente conseguistes compreender!**

**- Certamente não virá.**

**- E verdade, especialmente se ninguém o for chamar. Justamente por isso rogo-vos enviar-lhe um recado: ele resolverá.**

**O guardião das cudelarias estava para explodir, mas lembrou-se a tempo que o rei tinha uma predileção absurda pelos frades mendicantes, que até comiam à sua mesa. Além disso, os ingleses tinham hábitos esquisitos. Talvez na Inglaterra fosse natural um príncipe encontrar-se com um frade nas estrebarias. Em todo caso, era o único meio de tirar daí o frade.**

**- Está bem - disse e, dadas as instruções a um de seus homens, voltou ao seu trabalho.**

**O frade começou a examinar os cavalos assobiando enquanto passava de um a outro. Raça borgonhesa! A concorrência não era fácil. E ainda estava examinando cabeças soberbas e pernas robustas quando ouviu lona alegre voz juvenil:**

**- Onde está o meu amigo, o frade mendicante?**

**- Eis-me, alteza. aspeto do príncipe Eduardo era muito diverso daquele do senhor Eduardo. Em vez de um simples manto preto, sem colarinho nem pelica, vestia um casaco de veludo azul, bordado de merlim, e um manto da mesma cor, enfeitado de safiras.**

**- Não imaginava ver-vos tão logo, frei Pedro. Mas estou contente: e**

**agora dissei-me por que me tirastes do baile com as belas damas da corte.**

**Era a mais amável das repreensões.**

**- Alteza, garantistes-me que poderia vir quando tivesse necessidade de ajuda ...**

**- Pela santa fé, claro que o disse. Que desejas, pois?**

**- Lembrais mestre Tomás de Aquino que na universidade ...**

**O príncipe riu.**

**- Seria difícil esquecê-lo, ainda que quisesse. Suas definições roubaram-me diversas horas de sono.**

**- Eis, pois. Agora ele precisa ir a Anágnia, a chamado do santo padre. A nossa Ordem foi caluniada pelos doutores leigos, que pretendem seja dissolvida. Eu preciso levá-lo com uma carruagem que ... parece construída com as relíquias da arca de Noé, e puxada por duas mulas perfeitamente adaptadas à carruagem. O doutor Guilherme de St.-Amour possui, porém, um belo coche com cavalos borgonheses ... e se chegar antes, colocará contra nós o céu e o inferno.**

**- Charles! - gritou o príncipe com voz imperiosa. - John!**

**Os dois homens chegaram correndo com o chapéu na mão.**

**- Uma das minhas melhores carruagens, carro para viagem, não de gala. E dois dos meus melhores cavalos. Ide buscar Falcão e Gavião. Rápido!**

**Charles e John saíram às pressas.**

**- Por Nossa Senhora - disse o príncipe - St.-Amour pesa provavelmente menos que mestre Tomás, mas não levará nenhuma vantagem. Em França não há cavalos que possam competir com Falcão e Gavião, exceto o meu Borea. Aposto com qualquer um. Pensais que o bravo St.-Amour se arrisque a apostar comigo cem libras de ouro?**

**- Tomo a liberdade de duvidar, Alteza, - respondeu frei Pedro radiante. - Deus vos abençoe. Oh! que belos animais!**

**Eram lobunos tão belos quanto fortes que, à carícia do príncipe, atiraram para trás a cabeça soberba.**

**- Este é Falcão e estoutro Gavião. São vossos enquanto deles precisardes, com uma condição, porém: terminada a missão trá-los-eis de volta pessoalmente.**

**Os olhos de frei Pedro brilhavam.**

**- Vós sabeis que não sou dono de mim mesmo, mas, cumprida a minha missão, pedirei aos superiores a permissão para trazer-vos Falcão, Gavião, a carruagem ... e a mim mesmo.**

**- Por minha fé, - disse Eduardo - isso é melhor que uma aposta. Estamos combinados. Comunica a mestre Tomás de Aquino meus respeitos, e dizei-lhe que seremos felizes em cumprimentando-o um dia na Inglaterra, se seus deveres lho permitirem. Sua visita honrará não só os dominicanos de Oxford e de Londres, mas a toda a Inglaterra.**

**- Este, alteza, é o vosso melhor presente.**

**- Apressai-vos, - exortou Eduardo rindo - e mandai àquele lugar o bandido que abuse do belo nome do amor. Do resto, cuidará mestre Tomás.**

**Os cavalos já estavam atrelados. Frei Pedro subiu à boléia com um salto, tomou das mãos de Charles as rédeas e das de John o chicote, estalou a língua e os nobres animais partiram como um raio. Poucos minutos depois o veículo entrava no pátio do convento e não foi por puro acaso que parou debaixo da janela de mestre Alberto. Este apareceu:**

**- Que acontece, frei Pedro?**

**Eis, padre Alberto, uma carruagem e dois cavalos dignos dos viajantes.**

- **Espero que o príncipe de Inglaterra esteja informado - disse Alberto.**
- **Deseja-nos feliz viagem. Mas como sabeis ...?**
- **Será oportuno tirar o emblema. Mas se tudo for tão bem como os teus preparativos, a vitória estará garantida.**
- **Asseguro-vos que chegaremos a Anágria antes do doutor St: - Amour. - Piers não cabia em si de alegria.**
- **Não se pode dizer que tu falas com humildade - observou Alberto. - mas assim me alegro.**

**Quatro cardeais, envoltos em longas capas cor de fogo, presidiam. Diante deles ondeava em largo semicírculo um mar de eclesiásticos de toda espécie e grau: padres e monges, prelados e abades, dignatários da Cúria, mestres de teologia e de filosofia. As cores dominantes eram o vermelho e o preto, enquanto o branco dos dominicanos e o marron dos franciscanos pareciam corpos estranhos.**

**A delegação dos franciscanos era composta pelo geral, João de Parra, frei Boaventura, dois abades de Roma e de Milão e alguns irmãos mais jovens. A dos dominicanos pelo geral, o velho e frágil Humberto de Romanis, mestre Alberto de Ratisbona e Tomás de Aquino. Os freis Pedro e Robin, sentados atrás deles e esmagados pela gala da assembléia, sentiam-se pouco à vontade.**

**Mestre Alberto convidara João de Parra e frei Boaventura , a fazerem a viagem no rápido veículo de que dispunha a Ordem, e os franciscanos, não mais ricos que os dominicanos, tinham aceito o convite com gratidão. Do doutor St.-Amour e de sua delegação não se via sinal.**

**- Se não sabem voar como pássaros, não nos alcançarão - garantia frei Pedro. Falcão e Gavião confirmaram suas palavras. Em compensação ele pedira, para si e para frei Robin, a permissão de assistir à reunião. - Não há inglês que não goste de assistir a uma bela batalha. -E mestre Alberto conseguira a permissão.**

**Parecia que a Cúria tivesse decidido superar em velocidade até**

**mesmo Falcão e Gavião. Os viajantes mal tinham anunciado sua chegada, quando veio uma carta do cardeal Eudes de Chateauroux com o lacônico convite para apresentarem-se dentro de trinta e seis horas diante do tribunal eclesiástico. Tratava-se provavelmente das preliminares, as quais, porém, podiam também ser decisivas.**

**Trinta e seis horas! Nem tinham ainda visto, e muito menos estudado, a acusação que pedia a dissolução das Ordens mendicantes. Entretanto, Humberto de Romanis tinha mandado fazer diversas cópias, e entregou-as a mestre Alberto e frei Tomás, que as receberam de joelhos, retirando-se às suas celas.**

**Na manhã seguinte, às sete horas, frei Robin apareceu com um jarro d'água na cela de frei Tomás e o encontrou ajoelhado diante do crucifixo. A cópia dos Perigos do Nosso Tempo, ainda estava enrolada sôbre a mesa. A cama intata. Tomás tinha passado em oração as primeiras doze das preciosas trinta e seis horas. Levantou-se, fez um aceno cortês a Robin, acompanhando-o com um sorriso distraído, pôs-se a trabalhar.**

**As doze horas de oração seguiram-se doze de trabalho e doze de sono.**

**Na manhã do processo ele estava pronto e aguardava, tranqüilo, ser chamado. Junto dele mestre Alberto parecia mais pequeno que nunca, finas a força magnética encerrada naquele corpo minúsculo era tão forte que ninguém, em volta dele, conseguia ficar parado, salvo Tomás. O próprio Alberto não se movia. O velho geral estava absorto, de olhos fechados. Depois começou a invocar o Espírito Santo e a orar para ser preservado do erro.**

**Antes falou o cardeal de Chateauroux, homem de cabelos brancos e olhos redondos. "Parece uma coruja", pensou Piers "mas não mansa".**

**Ao lado dele, o cardeal João Franciago, de rosto arredondado e gentil, parecia pouco à vontade. Os processos não deviam ser do seu gosto. Era mais fácil imaginá-lo preocupado a saciar e vestir os pobres, ou, como legado papal, prescrevendo a algum príncipe insatisfeito uma dose de cristianismo para sará-lo do seu mau caráter.**

O cardeal Hugo de St.-Cher, homem alto e magro, ossudo, com uma testa enorme, os olhos sempre semicerrados, o nariz longo, os lábios finos, não era (pensava Piers) o homem que se encontraria com prazer tendo a consciência pouco limpa.

O cardeal João de Ursini, baixo e truncado, com dois olhos negros e brilhantes, a quem nada escapava, um dos mais competentes em direito canônico, cérebro agudo como uma lâmina, era o mais jovem dos quatro juizes.

- ... e, por isso, convidamos para a defesa da citada acusação, frei Tomás de Aquino da Ordem dos pregadores.

Piers suspirou profundamente.

Tomás levantou-se segurando o rolo dos apontamentos, que parecia um pequeno bastão ou um cetro. Não dava, porém, a impressão de um capitão ou de um rei: era um homem alto, forte, amável, que falava com voz límpida e calina.

Quatro anos de vida como frade leigo não conferem vasto saber filosófico ou teológico, de modo que Piers não compreendia nem a metade do que Tomás ia dizendo. A maior parte de sua vida tinha sido soldado, vira esquadrões de cavaleiros encouraçados chocar-se, assistira a assaltos furiosos e fulminantes dos árabes e diversos duelos entre guerreiros famosos pela força e coragem. Mas nunca vira o que estava vendo agora. Parecia-lhe (e não só a ele) que entre Tomás e os quatro juizes surgisse uma figura gigantesca e nebulosa: a personificação da acusação adversária. Contra esse fantasma o homenzarrão, forte e amável, atirava-se, começando aquilo que se podia definir uma demolição. Mas não batia, não golpeava de ponta, nem parecia zangado com o fantasma: contentava-se em demoli-lo. Destacava um pedaço após outro e mostrava aos juizes com ares de quem deplorava serem de qualidade tão baixa. O espectro diminuía. Tomás extraiu-lhe o cérebro com cuidado científico e demonstrou com perfeita objetividade que estava cheio de tumores. Tirou-lhe delicadamente o coração e o apresentou de modo a que todos vissem nele não um órgão vivo, mas uma massa de pequenas chagas. Todas as citações da Sagrada Escritura incluídas nos Perigos do Nosso Tempo eram destacadas como pérolas contaminadas pelo ambiente, e postas aos pés dos juizes para que as limpassem.

**Enquanto aquele trabalho pacato, sistemático e feroz continuava, Piers, embora sem compreender os termos teológicos e acompanhar os raciocínios, pôde ver o andamento da batalha. Notou a calma impertubável de Tomás, seus gestos comedidos, mas significativos e eloqüentes. Viu o cardeal de Chateauroux aprovar com a cabeça e o cardeal Franciago inflar as bochechas como alguém que sofresse uma forte pressão. Os olhos pretos do cardeal Ursini pareciam transpassar o orador. Sómente o rosto comprido do cardeal St.-Cher permanecia imóvel.**

**Entretanto a demolição prosseguia desapiadada. O nome do doutor Guilherme de St: Amour não era pronunciado, a sua pessoa não era tocada. Não ele, mas seu escrito era o alvo do ataque, e já agora do fantasma gigantesco e nebuloso restavam apenas alguns pedaços. Tomás aprestou-se a migalhar também aqueles pedaços e pulverizá-los com uma paciência verdadeiramente angélica e sem nunca levantar a voz.**

**No fim, parecia alguém que tivesse mondado radicalmente um canteiro de flores das ervas más, e verificasse que flores não haviam nem uma.**

**Quando se terminou, ficou claro que entre ele e os juizes não havia uma ruína, não havia nem entulho, mas apenas um punhado de cinzas e alguma poeira para a qual era suficiente um golpe de vassoura. Inclinou-se diante dos juizes e tranqüilamente sentou-se.**

**O cardeal de Chateauroux olhou instintivamente para o cardeal Franciago que estava a seu lado, e este fez o mesmo. Seus olhares encontraram-se e rapidamente se afastaram. Piers teve de esforçar-se para não rir, enquanto Robin, que estava na mesma angústia, fixava os olhos no teto.**

**A posição mais difícil, porém, era a de mestre Alberto, que tinha acompanhado todas as fases da fantástica batalha, vira em ação a lógica como arma de um poder demolidor nunca visto, e queria abraçar o discípulo que tinha superado o mestre. Porém devia ficar sentado \* aguardar o seu momento.**

**Finalmente o cardeal de Chateauroux retomou a palavra:**

**- Agora o tribunal ouvirá frei Boaventura da Ordem dos frades**

**menores**

**O jovem monge adiantou-se e se inclinou. Sobre as cinzas do inimigo começou não um discurso, mas uma canção que pouco tinha a ver com os acusadores. Em vez de combater, fez a exaltação de Cristo que, no seu servo São Francisco, tinha plasmado de novo a própria vida na pobreza, que era o mais precioso dos tesouros: não era de admirar que suscitasse inveja. ele, porém, pediu que para ele e seus irmãos fosse permitido conservá-la porque só a serviço da senhora Pobreza, esposa ideal de São Francisco, o coração e a mente ficavam livres para o amor de Cristo ...**

**João de Parra chorava. Aquele era o canto de São Francisco, o santo trovador de Deus . e do céu. Tinham razão em dizer que compreendia a linguagem dos pássaros porque, como todos os pássaros, ele também cantava um único canto, o canto do amor. E só a morte podia fazê-lo calar.**

**Quando frei Boaventura voltou ao seu assento, o cardeal de Chateauroux abaixou a cabeça em direção do geral franciscano. Aquele gesto cortês significava que a defesa da Ordem dos frades menores tinha sido ouvida. Depois chamou mestre Alberto.**

**O grande homenzinho levou apenas alguns minutos para cativar a assembléia. Sómente ele nomeou o doutor Guilherme de St.-Amour e seus amigos, nomeou-o uma única vez, mas a sua observação era fulminante:**

**- Estes são daqueles que mataram Sócrates.**

**Depois evocou, em seu conjunto, o grandioso quadro da Ordem: o trabalho que dia a dia desenvolvia-se mais em tantos mosteiros e em tantos países: edifícios, livros, pregações, missões já enviadas ou apenas projetadas; e perguntou se toda a obra de São Domingos e de seus filhos devia ser destruída, e que valores os acusadores da Igreja tinham para oferecer em compensação de uma perda tão vasta ...**

**Quando se sentou, João de Parra levantou o olhar como se esperasse ser chamado, mas, para sua surpresa, o cardeal de Chateauroux levantou-se.**

**- A corte retira-se para deliberar. Sua Santidade será informado do nosso veredicto.**

**Depois de breve oração os quatro juizes saíram. Piers viu-os passar e pareceu-lhe notar um aceno quase imperceptível dirigido a Tomás pelo cardeal de Chateauroux. Aliás, tinha quase certeza que também o cardeal Ursini não só sorria, mas parecia satisfeitíssimo, enquanto que o cardeal Franciago também olhara para Tomás. Só o cardeal St. Cher passou mudo e profundamente sério.**

**Quando porém os juizes ficaram sozinhos, estando as portas fechadas, St.-Cher disse:**

**- Gostaria de saber se a Santíssima Trindade encontrará representantes melhores que os três defensores de hoje.**

**Depois de uma conferência de pouco mais de uma hora, os juizes disseram ao papa que não era necessários outros debates. O papa promulgou uma bula que declarava o libelo Perigos do Nosso Tempo mau e celerado. E em sua presença o escrito foi queimado publicamente.**

**Três dias depois St.Amour e seus amigos chegaram a Anágna.**

**- Cristiano de Beauvais, Otão de Douai e João de Gecteville retrataram-se por escrito - disse Humberto de Romanis.**

**- E St.Amour? - perguntou Alberto.**

**- Recusou assinar.**

**- Quer dizer que perde a cátedra.**

**- Sim. E é exilado às suas terras de Borgonha. Porém trago-te outras novidades, meu filho. A Cúria comunicou a João de Parra que sua obra Introdução ao Evangelho Perpétuo será submetida a frei Tomás para que faça dela uma relação.**

**Alberto torceu os lábios.**

**- Compreendo, não querem condenar a ninguém por proposta de St.-Amour e de seus amigos. É um gesto extraordinariamente cortês**

**para com a Ordem mendicante.**

**- A Ordem dos frades menores terá logo um novo geral, - comunicou Humberto de Romanis - e talvez se chame Boaventura.**

**- Boaventura tem apenas trinta e um anos, mas não se poderia escolher melhor.**

**- Logo que volte a Paris, frei Tomás tornar-se-á mestre de Teologia - disse o velho geral com um sorriso.**

**- Então preciso prepará-lo para isso - emendou Alberto. Não suporta honrarias e promoções.**

**- Sei como pensa - riu Humberto de Romanis. - Fiz o possível para ir-lhe contra. O santo padre queria nomeá-lo arcebispo e não me foi fácil dissuadí-lo.**

**- Padre Tomás, - começou Piers - venho para despedir-me. Mestre Alberto licenciou-me, e a Robin. Diz que vós voltareis a França por mar. Por outro lado, eu preciso devolver a carruagem e os cavalos ao príncipe Eduardo que, pelo que sei, já deixou Paris. Encontrá-lo-ei em Londres.**

**- Entrais para o seu serviço?**

**- Sim, padre Tomás.**

**Os vossos olhos redondos olhavam longe.**

**- Eu sou soldado, - explicou Piers - e há muito não vejo o meu país. Também Robin sente saudades desde que viu desaparecer as brancas costas da Britânia.**

**O outro ainda não responde.**

**- Certa vez citastes-me uma sentença - acrescentou Piers timidamente. - "Ama a Deus e faze o que queres". Lembrais?**

**Finalmente Tomás sorriu.**

**- Sentirei vossa falta - disse com simplicidade.**

**Piers estava radiante:**

**- Tenho um convite para vós, padre Tomás: o príncipe Eduardo manda-vos suas congratulações e comunica-vos que ficará feliz em ver-vos um dia na Inglaterra quando vossos deveres o permitam. Diz que isso será uma honra, não só para os dominicanos de Oxford e Londres, mas para todo o país. Vireis, padre Tomás?**

**- Espero que sim - respondeu Tomás; e naquele momento tinha os olhos dela.**

**Piers ajoelhou-se:**

**- A vossa bênção.**

**A voz que tinha demolido St.-Amour, começou a orar sôbre sua cabeça. Depois Piers levantou-se dizendo com voz trêmula:**

**- Ninguém pode ter um escudo mais seguro. Não me esqueçais de todo. - E saiu da cela correndo.**

**Robin esperava-o no corredor: - Um momento, senhor, - e correu liara a cela que Piers acabara de deixar. Depois de dois minutos estava de volta com o rosto em brasa e tentava mastigar os bigodes que não tinha. Piers fez o possível para não perceber: enquanto, porém, se encaminhavam para a pequena estrebaria do convento, Robin disse com voz rouca: - Há uma coisa que não compreendo em padre Tomás.**

**- Que é?**

**Que não seja inglês.**

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



## LIVRO IV

### ***CAPÍTULO I***

- Titio, titio ...
- Quê há?
- Titio, não consigo ver ...
- Nem eu vejo. Estão ainda todos na catedral. Fica quieto e espera.
- Mas eu queria ver os cavalos ...
- Santo Deus, estou perdendo a paciência. Há mais de uma hora estás sôbre meus ombros...
- Dê-mo um pouco, senhor falou.
- Arreponder-vos-eis, senhora. Ele pesa muito! Ei-lo. E tu, tem cuidado para não sujar o belo vestido da senhora com tuas pernas sujas...
- Os lindos cavalos!
- Sim, são as guardas do rei. Tu sabes que festa se celebra hoje? Claro que sei: Corpus Domini.
- Muito bem. Quem a instituiu?
- O santo padre.
- Ótimo. Como se chamava o santo padre?
- Titio, por que as guardas não têm escudo?
- Nas paradas não se levam escudos. Responde à pergunta da senhora e mostra o que aprendeste. Como se chamava o santo

**padre?**

**- Clemente.**

**- Sim, assim chama-se o papa de hoje: Clemente IV. Mas esta festa no-la deu o seu predecessor, Urbano IV. Antes dele era papa Alexandre IV e antes desse Inocêncio IV... todos quartos!**

**- Como estais bem informada, senhora ...**

**- Viúva Michard, às vossas ordens.**

**- Vejo que conheceis os papas em sua sucessão. Mas ... perdoai-me se vos corrijo: o santo padre promulgou a festa, sim, mas quem no-la deu foi o nosso mestre Tomás.**

**- Sim, podemos dizer assim.**

**- Podemos dizer? Assim é, senhora. Sem mestre Tomás esta seria ainda uma festa local, lá em Liège ... Quando, há dois anos, mestre Tomás voltou da Inglaterra, o papa chamou-o à Itália e queria fazê-lo cardeal por causa de todos os seus merecimentos, mas ele disse: "Não, obrigado, santo padre, deixai-me como sou; o chapéu cardinalício não é para mim". O santo padre diz que a modéstia é excessiva, e mestre Tomás responde que não, pelo contrário. "Como, pelo contrário?", Pergunta o papa. "Quero muito mais que o chapéu vermelho", diz Tomás. "O quê?", interrompeu o papa. "Quereis talvez ser papa no meu lugar?". "Deus me livre" responde Tomás. "Não faltaria mais nada! Queria que a festa do Corpus Domini fosse uma festa para toda a Igreja, a partir de agora para todos os séculos". Pois vejamos. Papa Urbano IV, seja abençoada sua memória, era de origem humilde: seu pai era sapateiro como eu, e a gente simples sabe que é preciso especular se quer obter o que nos cabe ou um pouco mais; fez como se estivesse refletindo e disse: "Mestre Tomás", diz "não í uma ninharia o que me pedis, mas vos quero dá-la... com uma condição deveis redigir-me a liturgia da festa". "Está bem, santo padre", diz mestre Tomás, que não é preguiçoso. "Escrevo-a com prazer". E estava satisfeito e feliz, porque assim tinha mais trabalho, pois ele só está bem quando tem o que fazer, coisa que não posso dizer do filho de minha mãe. Eis, senhora Michard, como foi a coisa e como temos a festa de Corpus Domini.**

- **Nunca vi tanta gente. O povo chega até lá em baixo no Sena.**
- **Não é todo dia que se vêem tantos príncipes juntos em Notre Dame, como hoje.**
- **Diz-se que estão aqui porque teremos em breve outra cruzada.**
- **Não o creio. Rei Luís ...**
- **Vereis que retoma a cruz.**
- **Não lhe bastou da outra vez?**
- **Não se deve esquecer que já passaram dezesseis anos.**
- **Não ficou mais jovem. Está pálido; não me parece estar com boa Saúde.**
- **Outra cruzada não, pelo amor de Deus!**
- **Não chores, vovózinha! Já tivestes dezesseis anos de paz.**
- **Graças a quê? Porque mantivemos os infiéis à distância; deixando de conflitos pelos lugares santos.**
- **Porém os pagãos estão muito longe, para lá do mar. Por que não deixa-los em paz?**
- **Falais assim porque não podeis julgar. Os pagãos não estão tão longe como pensais. Ocuparam metade da Espanha, e esta é bem perto. Apertaram um cerco em torno de nós e se de vez em quando não o rompermos, morreremos sufocados.**
- **Não me faleis em política!**
- **Que diríeis, vovózinha, se uma massa de pagãos de turbante chegasse a Paris e vós não pudésseis mais ir à missa em Notre-Dame porque eles a teriam transformado numa mesquita para Alá e Maomé?**
- **Não digamos bobagens, mestre Gaspard. Dar-lhes-ia curti a**

**frigideira no turbante. Mas não chegaremos a tal ponto.**

**- Talvez não, mas Notre-Dame será mais santa que Belém e Nazaré?**

**- Quem quer encontrar muçulmanos, pagãos e heréticos não precisa ir à cruzada. Pode -encontra-los aqui mesmo em França ...**

**- Em França? Na própria Paris. E os senhores eruditos são, às vezes, os piores.**

**- Ouvistes, pai?**

**- Infelizmente é verdade. O veneno muçulmano está em ação. Tenho ouvido até certos professores de universidade ensinar a estudantes e cristãos a heresia averroísta: que o mundo é eterno, que Deus não pode dar imortalidade pessoal, que a Providência divina não existe...**

**- Como? E por que rezamos, então?**

**- Muito bem! O pior é que não se pode demonstrar que eles não têm razão.**

**- Ora, pai, não conheceis mestre Tomás? Estive várias vezes nas suas aulas e vi como procede com os envenenadores. Dava gosto ouvi-lo. Sempre os punha com as costas à parede.**

**- Gostaria que pudesse combater com o mais perigoso de todo, mestre Sigério Brabante. Depois de Abelardo não se viu dialético igual.**

**- Mestre Tomás desafiou-o em público e ele não aceitou.**

**- Talvez seja melhor para ele; já ouvi mestre Sigério falar não posso imagina-lo derrotado numa discussão.**

**- Quer dizer que não conheceis mestre Tomás.**

**- Seria melhor que todos deixassem de discutir e voltassem à simples fé. Por que não confiam nos santos do passado como Santa**

**Agostinho, São Gregório e São João Crisóstomo? Esses sabiam o**

**quer diziam.**

**- Infelizmente eles não estão aqui para sustentar o que disseram. Demais, nem os santos são infalíveis.**

**- Ei, mocinho, que linguagem é essa? Quem vos ensinou tais coisas?**

**- Mestre Tomás, que diz não ser possível acorrentar a razão. Deus no-la deu para que a usemos ... de modo justo, é claro.**

**- Não sei, meu caro, se isso não estará errado desde a raiz. Quando se começa a duvidar dos santos é um mau sinal. Não sei se haverá grande diferença entre mestre Sigério e o vosso Tomás.**

**- Ide, ide ouvi-lo. Se não tendes coragem não é preciso que entreis na discussão. Bastará que ...**

**- Hoje pela manhã ouvi a sua missa. Seria pena se fosse herético.**

**- Se mestre Tomás for herético eu também o sou. Tenhamos cuidado, jovem, tenhamos cuidado.**

**- Eis, eis que estão saindo!**

**Quando a alta e esguia figura do rei Luís apareceu no limiar do portal, elevou-se um grito de alegria. Muitos, porém, notaram a palidez do rei, ressaltada pelo casaco de veludo vermelho e pelo manto da mesma cor, debruado de merlim. Como de costume, levava um chapéu deformado, já fora de moda.**

**Seguia-se um cortejo de esplêndidas personagens, junto com o príncipe Filipe, o filho do rei.**

**- Quem é aquele senhor alto e louro, de casaco azul?**

**- Não sei. Talvez seja o duque d'Anjou, irmão do rei.**

**- Tiago, não dê uma informação inexata ao forasteiro! Neste momento o duque d'Anjou não está em França: nomearam-no rei da Sicília, e está ensinando boas maneiras ao rei Manfredo.**

- **Compreendi.**
  
- **Não queria estar na pele do rei Manfredo. Aquele nobre senhor de casaco azul é o príncipe Eduardo de Inglaterra, bom amigo do rei Luís.**
  
- **Muito obrigado ...**
  
- **Não há de quê, amigo. Senhor magnífico, aquele príncipe Eduardo é um grande guerreiro, dizem. Deve ter vindo para participar da cruzada, agora que terminou a guerra civil no seu país.**
  
- **Eis o bispo Tempier ...**
  
- **Aqueles são nobres espanhóis, não?**
  
- **Como é linda aquela dama vestida de vermelho!**
  
- **Não é uma espanhola, mas vem da Itália. Vi-a recentemente na missa com o marido, aquele jovem elegante que está atrás dela. Sabes quem é? Disse-mo padre Lefèvre: é a irmã do nosso mestre Tomás.**
  
- **Deixa-me vê-la! Caramba, é tão maravilhosa como a inteligência dele.**
  
- **Toma, pelas tuas palavras.**
  
- **Que é? Que te deu ele?**
  
- **Uma bolsa cheia de ouro. Seis, oito, dez ducados!**
  
- **Felizardo! Que farás com eles?**
  
- **Parece-me sonhar. Agora poderei comprar livros, papel, dormir numa cama limpa ... parece até um sonho.**
  
- **Nem ao menos lhe agradeceste.**
  
- **Não deu tempo. Desapareceu logo. E agora tenho todo esse ouro.**

- Quem seria?
- Quem sabe? Falava sem sotaque estrangeiro, mas estava vestido como os ingleses. Talvez alguém da comitiva do príncipe Eduardo.
- É mesmo. Vestia azul, como todos os ingleses.
- Mas por que terá ele dado uma bolsa de ouro a um estudantezinho de Paris?
- Que adianta perguntar? Pode-se lá saber por que os ingleses fazem o que fazem? A isso nem mestre - Tomás saberia responder.
- Majestade, - disse 'o príncipe Eduardo, - permiti que vos apresente meu primo Henrique de Alamaine ... lorde Rudde de Foregay... sir Godofredo Langton ...
- Tenho realmente pouca sorte - disse Luís com um sorriso simpático. - Encontro esses excelentes cavaleiros, mas não me querem ajudar quando vou contra os inimigos da cruz.
- Eu também o sinto, majestade, - exclamou o príncipe Eduardo - mas as feridas causadas à Inglaterra pela guerra civil ainda são muito recentes. Meu pai não quer ainda deixar-me partir. Dentro de um ano ou dois, se Deus o permitir, irei convosco, e espero que reserveis para mim e meus cavaleiros alguns daqueles cães circuncisos.
- Vosso tio-avô Coração de Leão[/] não me teria dado resposta mais régia. Vejo que vossas gestas são iguais às deles.
- Rei Ricardo - replicou Eduardo - era capaz de partir uma clava de ferro com um golpe de espada. - A inveja que ressumava dessas palavras fez o rei Luís rir.
- Quando fazia essas façanhas era mais velho que vós, e na vossa idade ainda não tinha conquistado nenhuma cidade rebelde. Vós chegastes primeiro, dizem, sobre os baluartes de Northampton, e salvastes a vida do jovem Simão de Montfort.
- Perdendo quase a própria! - apartou o jovem Henrique de Almaine.

- Quer dizer que não estava ali lorde Rudde de Foregay - observou Luís. - Ele teria certamente afastado o perigo.
- É verdade - confirmou lorde Rudde. - Estava distante meia milha, e muito empenhado. Mas creio que a minha presença não teria valido. Estava com o príncipe quando desimpediui a estrada que de Londres leva a Winchester... eliminando o mais perigoso dos nossos cavaleiros rebeldes, Adão Gurdon, e seus homens. Maior que Adão devia haver somente o gigante Golias, mas o meu príncipe insistiu para bater-se em duelo com ele.
- Adão Gurdon tinha direito ao duelo: embora rebelde era de linhagem cavalheiresca.
- Mas ao meu príncipe não faltavam cavaleiros.
- Piers, - disse Eduardo - confessai que tendes ciúme. Majestade, ele quer sempre tomar sôbre si meus trabalhos.
- Então não mudou - disse o rei Luís. - Dava conta do trabalho de sete cavaleiros quando teve ocasião de combater sob a auriflama, perto de Damieta.
- Vossa majestade lembra ...? - exclamou Piers.
- Lembraria ainda de um homem mais humilde - replicou o rei Luís tranqüilamente. -Então vós éreis sir Piers Rudde e tínheis um escudeiro inglês, alto, com bigodes louros ...
- Que agora são prateados ... mas Robin Cherrywoode ainda vive e continua comigo - respondeu Piers, admirando honestamente, embora contra o cerimonial, a memória do rei.
- Tive sorte - riu Eduardo. - Quando vim pela primeira vez a Paris, Rudde caiu-me nas mãos; era então frade leigo dominicano, ele e o precioso Robin. A Ordem deixou-os livres, ambos, mas eu ainda tive de tratar com meu tio o conde de Cornualha, a cuja comitiva Rudde pertencia.
- Vós, lorde Rudde, frade leigo? Admira-me que tendes podido reencontrar o caminho do mundo - disse Luís com voz embargada.

**Eu também se o dever não me prendesse onde estou... Que não venhais a arrepender-vos por terdes abandonado a Ordem. Em que convento estivestes? São Tiago? O prior Hugo de Soissons participará hoje, com mestre Tomás de Aquino, do nosso banquete.**

**- Majestade, conheço mestre Tomás - disse Piers.**

**- Como sorris toda vez que se fala o seu nome! - exclamou Luís. - É um grande homem, e hoje temos motivos especiais para ser-lhe gratos. Hoje está conosco também sua irmã, a condessa de San Severino, com o marido. Vós a conheceis também? Já lhe apresentastes vossas homenagens?**

**- Até agora só a vi na catedral com seu marido.**

**- Creio que a encontrareis na sala veneziana - disse Luís gentilmente.**

**Com ou sem razão, enquanto se inclinava, Piers sentina que o rei lia nele como num livro aberto.**

**Luís começou a conversar com sir Godofredo Langton, e logo depois chegou o príncipe Filipe para apresentar-lhe um grupo de nobres flamengos.**

**- Está ficando velho - observou Eduardo quando se afastaram. Mas que homem! Gostaria poder acompanhá-lo desde já. Ide ter com vossos amigos, Piers. Sei que estais impaciente para revê-los. Mais tarde, durante o banquete, não tereis ocasião.**

**- Obrigado, alteza.**

**Qual seria a sala veneziana? Ah! contígua! Piers sentiu o coração disparar violentamente. Como era preciso mentir mesmo dizendo a verdade! Ainda não lhe tinha apresentado as homenagens e a tinha visto apenas durante a missa na catedral, mas fora um acontecimento mais perturbador que o assalto de Northampton. Ela também o havia visto e sorrira-lhe antes de volver o olhar para o altar onde seu irmão celebrava a missa. Naquele instante encontraram-se novamente, e tinham estado próximos. Por um átimo, por sôbre as cabeças abaixadas e os colos cintilantes de jóias, ele tinha posto sua vida aos pés dela, e ela aceitara. "Até agora**

**só a vi com seu marido na catedral..."**

**Agora estava aqui e podia vê-la de perto. Tinha nos cabelos um único cacho branco, enquanto seu irmão já estava todo cinzento: cinzentos eram a coroa interrompida aos lados e o topete no meio da fronte: Piers pudera verificá-lo quando mestre Tomás se voltara incluindo rei, príncipes e mendigos na sua bênção: "Dominus vobiscum".**

**Ela não era muito mais jovem que Tomás, o qual parecia envelhecido antes do tempo.**

**- Piers... Sir Piers... isto é, não, peço perdão... agora sois barão ... Rogério, eis aqui Piers. Tinha-te dito que estava na catedral. Estou feliz, muito feliz ...**

**Sim, tinha mudado. Amadurecido, não envelhecido: esbelta e sadia, radiante de alegria. Ele deixou de olhá-la para saudar Rogério, o jovem vestido com pompa esquisita, que sorria cortesmente.**

**- Por minha fé, - deixou escapar Piers - como estais diferentes do dia em que nos encontramos pela última vez! Parece-me ainda estar vendo as duas reverendas monjas que embarcavam na "Conchita" ...**

**A risada de Teodora não foi muito espontânea, enquanto Rogério sorriu friamente com ar quase hostil.**

**- Muito tempo passou desde então - disse. - Ouço dizer que o vosso príncipe não se junta à nossa cruzada.**

**- Não agora... - respondeu Piers surpreso. - Quer dizer que ... que vós ... tendes intenção . .**

**- Não é intenção, já tomei a cruz. Admirava-vos, lorde Rudde?**

**- Não, pois sois filho de vosso pai, - disse Piers inclinando-se. Não olhou para Teodora, mas compreendeu que nem tudo eram rosas e que seria difícil saber mais. - Chegastes da Espanha?**

**- Não, vemos de Roca-sêca - respondeu Teodora. - Fizemo-la reconstruir.**

- O rei Carlos foi muito generoso e munífico em ajudas - observou Rogério. Tratava-se do duque d'Anjou: era preciso prestar atenção aos numerosos títulos novos ... inclusive ao próprio.

- Tomás toma parte do banquete, - observou Teodora - mas não sei onde será seu lugar entre centenas de convidados. Eis a trompa.

Um arauto de casaco colorido e enfeitado com os lírios de França dava o sinal para o banquete. Outros arautos e funcionários do palácio tratavam de enfileirar os hóspedes do rei. Não era fácil, pois devia-se ir depressa e, ao mesmo tempo, observar todas as formalidades e as conveniências a que os hóspedes tinham direito.

- Creio que não terei ocasião de falar a Tomás - disse Teodora enquanto Rogério e Piers trocavam uma reverência. - Irei visitá-lo amanhã pela manhã no convento - acrescentou vendo que seu marido se impacientava. Inclinando-se diante dela Piers apanhou um lampejo rápido e, quando levantou de novo os olhos, ela já ia ao lado do marido com o olhar fixo diante de si.

Era preciso alcançar o cortejo do príncipe. Mas eis que Eduardo aparece, seguido pelo primo e, como era natural, por sir Joffrey, já que a sala do banquete estava além da sala veneziana, e os hóspedes passavam em ordem de importância, de modo a que o rei entrasse por,-, último e, à sua chegada, todos pudessem tomar seus lugares.

Somente então Piers pensou nas inúmeras vezes que rememorara o primeiro encontro com Teodora, quando ainda eram do mesmo grau, embora, é claro, os nomes de Aquino e de San Severino fossem não só muito mais antigos, mas ligados com parentescos reais e imperiais. Agora tudo isso tornava-se indiferente. Na manhã seguinte ela iria visitar seu irmão Tomás, no convento.

Também Rogério tinha mudado. Ostentava um tom rebelde e caprichoso ... ou tratava-se de orgulho ferido por não se conformar com o tempo em que fora "soror Beatriz"? Ainda tinha um ar de rapazola malcriado.

A sala do banquete era enorme. O rei estava sob um baldaquim armado no centro de uma das paredes menores. Quatrocentos ou quinhentos hóspedes sentavam-se às mesas, compridíssimas,

repletas de iguarias de todas espécies, um pouco escondidas por tufos de flores Cada comensal tinha diante de si um cálice, uma faca, uma colher e um vaso de prata artisticamente cinzelado. Copeiros em libré enchiam os copos, ofereciam pratos e de vez em quando perfumavam o ar com vaporizadores. Embora esculpidas com gosto, as cadeiras eram rígidas e aprumadas, para desgosto dos amantes do luxo, que prefeririam comer deitados.

- Dir-se-ia - suspirou a condessa de Châtillon - que o nosso amado rei governa Esparta em vez da França.

O senhor de Joinville, que assentava-se à sua frente, exclamou acariciando os bigodes prateados:

- Apostaria que os nossos caros monges são de opinião diversa.

- Oh! coitados, quem sabe como serão felizes de poder comer bem uma vez na vida! - Tirou com os dedos delicadamente um pedaço de peito de um magnífico pavão, no qual, depois de cozido, tinham sido recolocadas as penas da cabeça e da cauda, e após tê-lo passado na salsa ardente contida numa linda salseira de prata em forma de nave, pôs-se a comer.

Mais de cem pavões estavam distribuídos pela mesa dos hóspedes. Na galeria os músicos começaram a tocar e, a princípio, foi possível ouvi-los; depois, porém, a partir do terceiro ou quarto cálice, a conversa tornou-se tão ruidosa que ninguém mais os ouvia.

Piers pensava: "Amanhã de manhã irei visitar Tomás no convento". Tê-lo-ia dito porque desejava que ele também fosse? Era, talvez uma oportunidade para falarem a sós? Significava que Rogério não a acompanharia? Ou ele, Piers, procurava enganar a si próprio, e ela quisera dizer apenas o que havia dito?

Parecera-lhe tímida e retraída... talvez pela presença do marido. Entre os dois devia haver alguma coisa. Ela estava preocupada e, na presença de Rogério, não podia dizer por que. No dia seguinte iria visitar o irmão. Certamente queria que ele também fosse... por alguma razão. Essa razão, porém, não era Piers Rudde: devia referir-se, de algum modo, a ela e o marido. Que vantagem poderia advir para ele? Era óbvio que ela queria pedir conselhos a um irmão que não só era seu parente mais próximo, mas o homem mais sábio da

**época. E Rogério partia para a cruzada. Não seria talvez ...?**

**- Piers, Piers!**

**- Sim, alteza!**

**- Pensei que tivésseis adormecido. Chamei-vos cinco vezes. Não comeis, não bebei. Estamos em Paris há apenas um dia ... de outro modo pensaria que estais apaixonado.**

**Piers conseguiu sorrir:**

**- A última vez que me apaixonei já foi há muitos anos.**

**- E, ao que parece, tornastes-vos acérrimo inimigo das mulheres ... Não, é inútil negar. Quantas vezes tentei abrir-vos caminho para as mais belas inglesas que aspiravam a tornar-se lady Rudde de Foregay... e nunca consegui.**

**- Dir-vos-ei, alteza ...**

**- Deveríeis pelo menos poder comer e beber. Sois como mestre Tomás: vede-o.**

**Tomás estava um pouco longe, mas Piers pôde notar que os pensamentos dele estavam mais afastados ainda. Sentava corretamente, numa rigidez quase forçada, grande e robusto no hábito alvinegro; diante dele, o prato estava intato. Não podia ter ouvido as palavras do príncipe Eduardo, nem as tinha ouvido Teodora que, com Rogério, conversava com um cavaleiro e unia dama desconhecidos de Piers. Este olhou de novo o príncipe e, para seu alívio, viu que estava conversando com o rei.**

**Entre ele e o príncipe surgira uma amizade tão profunda quanto a diferença de grau podia permitir. Tinham vivido junto alegrias e tristezas, derrotas e triunfos. Eduardo era um senhor ao qual se podia servir com orgulho: justo, corajoso, generoso; mas suas brincadeiras nem sempre eram de bom gosto, especialmente desde quando não tinha conseguido fazer de lady Edith Norham a esposa de Piers. A coisa tinha-o posto de mau humor por alguns meses, pois lady Norham era uma criatura deliciosa, elegante, riquíssima, e não se podia compreender como um homem pudesse recusar casar-**

**se com ela.**

**Rei Luís fez encher o cálice: metade água e metade vinho, conforme o antigo ditado: "Põe água no teu vinho, não em teus olhos". Era um provérbio de monges e ele poderia ter sido de fato o padre guardião de um mosteiro, tanto era bom, sério, justo, piedoso e animado de caridade cristã. Não havia dúvida que teria preferido apenas para a glória de Deus, e se ficava no trono fazia-o apenas por dever.**

**Piers lembrou-se do livro de Platão, que um dia lhe mostrou mestre Tomás, onde se dizia que o melhor soberano é aquele que de fato não deseja reinar. Pensou também na história do misterioso monge que, tendo ido visitar Luís no castelo de Hyères, dissera-lhe que nenhum reino tinha ruído ou mudado de soberano, a não ser quando no país reinava a injustiça. O rei ficara horas ouvindo o frade, e o esconjurara a ficar com ele, mas aquele partira e nunca mais fora visto.**

**Todos, desde o mendigo ao nobre, podiam apresentar pessoalmente a Luís suas queixas, mas ninguém ousava fazê-lo se não tinha certeza de estar com a razão.**

**- Não obstante vossos cuidados, - dissera-lhe certa vez Eduardo - não obstante o enorme acúmulo de trabalho, os negócios de estado, a administração da justiça, a fiscalização de todos os vossos funcionários, a caridade pública e particular, as audiências, as recepções, a legislação, e cem outras coisas, não obstante tudo isso achais tempo cada dia para assistir a duas missas, às vésperas e às completas.**

**- Não é bem não obstante, - respondeu Luís - mas justamente por isso: de outra forma não poderia nunca desempenhar o meu trabalho.**

**O dourado pavilhão francês estava atrás da sua poltrona. Piers lembrou as grandes imagens de santos, pintadas em estilo bizantino, em fundo dourado, que vira nas antigas igrejas italianas. Muitos consideravam Luís um santo, embora não fosse direito falar assim de um homem que ainda não estava no paraíso.**

**A cabeceira de uma das mesas, o monge Hugo de Soissons, prior de São Tiago, parecia sempre mais preocupado. Era homem de sólidos**

princípios, tinha por mote "cada coisa a seu tempo". Quando rezava, rezava, quando trabalhava, trabalhava e quando, vez por outra, era convidado à mesa do rei, comportava-se. . : como devia comportar-se um hóspede. Comera bem, bebera dois copos de vinho com água e trocara algumas palavras corteses com a velha senhora de Nangis, à esquerda, e com o esmoler do rei, à direita. Frei Tomás, porém, fazia exatamente aquilo que muitas vezes fazia no refeitório: sonhava. E nem tentava dissimular que estava sonhando. Ei-lo, em toda a sua imponência, os olhos semicerrados, brincando com o copo. A certo ponto murmurara uma palavra, mas quando a dama à sua direita perguntara: -Que dizeis, padre? - nem lhe respondera. Uma coisa irritante.

No refeitório frei Reginaldo de Piperno cuidava ao menos que se alimentasse, mas aqui não se podia tomá-lo pelo braço e sacudi-lo. Eis que agora fazia estranho movimento com os dedos, movendo-os daqui para ali, como se estivesse pesando alguma coisa. Felizmente ninguém o observava. Todavia, era de se preocupar: eram hábitos que tinha contraído há muito, mas agora ia piorando.

Entretanto, o prior Hugo de Soissons não sabia que na sala do banquete estava-se travando áspera batalha: a batalha de um homem só contra um imenso fantasma que há séculos atravessava o mundo deixando atrás de si misérias, discórdias e sangue. Como muitas vezes no campo do pensamento e da ação, o ponto de partida fora um pequeno incidente.

A condessa de Châtillon oferecera a Tomás um pedaço de pavão assado. Ele recusara agradecendo, mas olhando bem para o pavão.

Sim, os pavões. Mestre Alberto não dissera, em seu livro De Avibus, que os pavões eram originários da Pérsia? Que os reis persas criavam-nos aos milhares em seus jardins, canteiros de flores de incrível beleza? Que só a sua voz era feia e ... que não sabiam voar? Jóias esplendorosas e cambiantes... enquanto não revelavam os próprios defeitos, como tantas outras coisas e pensamentos provenientes da mesma região: como os pensamentos do místico Mani, que cometera o crime de todos os crimes, cindindo o reino dos céus numa parte branca e noutra negra, e condenando a natureza, declarando-a ruim porque criada pelo reino negro. Com isso ele lançava uma acusação contra Deus, o Deus "negro", como origem do mal. Para ele o matrimônio era um vício, era a impureza legalizada. E essa heresia encontrava sempre novos sequazes. Já no

**século V o papa Leão I tivera de combater uma fé que, se difusa em toda a terra, teria significado o fim da humanidade. Justamente para combater aquela crença, ressurgida de novo com os albigenses, São Domingos fundara a Ordem dos pregadores. Desde então passaram-se cinqüenta anos. Os adeptos de Mani falavam de pureza, mas entendiam esterilidade: falavam de Deus ... mas entendiam Satã. A Sagrada Escritura levantava-se contra eles como a espada de um arcanjo. O matrimônio fora santificado pela presença de Cristo às núpcias de Canaá: não uma, mas muitas vezes São Paulo dera testemunho disso. A natureza humana achara um redentor em Cristo, que não recusara participar da mesma: em Cristo, que superara a morte. E, como fim da criação, a natureza fora boa, pois Deus observou todas as coisas e viu que eram bem feitas, assim a natureza humana podia elevar-se à glória da ressurreição.**

**A diferença entre cristãos e maniqueus era a diferença entre alegrias e dores, entre triunfo e desespero. Mas como documentar o erro desta heresia a quem não admitia a autoridade da Sagrada Escritura?**

**Como se poderia - demonstrar que o mal não é o que parece, um ser de poder e talvez de direito igual ao Bem?**

**Foi nesse momento que o prior Hugo de Soissons viu moverem-se os dedos de mestre Tomás como se pesassem alguma coisa. Rei Luís conversava ainda com o príncipe Eduardo. Joinville ria-se de uma graça da condessa de Châtillon. O vinho, aromatizado com mel e drogas, tinha solto a língua de todos. Na galeria os músicos pararam de tocar, já que as últimas músicas não eram ouvidas. Mas o ruído que as tinha encoberto não chegava aos ouvidos de Tomás.**

**Ser. Essência. Mas possui uma essência própria o mal? Qual é a causa do 'mal? Defeituosa ação de causa ... imperfeição do material ou do instrumento ... Não pode existir por si, não pode ser a própria causa, mas precisa do bem preexistente. \$ uma imperfeição do bem, nada mais. Em si ... não é nada. Não tem ser próprio. Não é uma essência.**

**O prior arregalou os olhos, primeiro pelo esturpor, depois pelo espanto. Joinville percebeu por acaso e ficou com a frase no ar. Admirada, a condessa de Châtillon olhou na mesma direção, outros seguiram-lhe o exemplo. Formou-se assim uma espécie de ilha de**

**silêncio que foi crescendo rapidamente. Poucos instantes depois toda a mesa e toda a sala emudeceram, embora ninguém soubesse por que, como acontece nas grandes assembléias.**

**O espanto do prior não era infundado, já que o monge gigantesco sentado ali na frente levantava lentamente o braço direito enquanto sua mão fechava-se formando um punho ... e que punho! Como a clava de Hércules aquele punho caiu no meio da mesa, fazendo-a estremecer: Pratos e copos chocaram-se, uma salseira virou e o pobre prior desviou-se rapidamente para evitar uma chuva de trutas cozidas que voava pela mesa.**

**- E assim os maniqueus estão liquidados! - berrou Tomás.**

**Silêncio profundo, interrompido apenas por algumas risadinhas. Todavia ninguém ousou rir abertamente. Todos fixavam o rosto calmo e tranqüilo do rei... Todos, menos o culpado, que parecia ainda no reino dos sonhos.**

**Luís olhou para Tomás e viu o seu rosto enorme transfigurado pela alegria, radiante, feliz, sem se dar conta de ter transgredido a etiqueta como nunca se vira naquela sala.**

**O rei apoiou-se ao espaldar e chamou:**

**- Briancourt!**

**A maior parte dos presentes não conhecia aquele nome: Seria talvez o oficial de guarda?**

**Uma pessoa simples e magra, de roupa preta, apresentou-se inclinando-se.**

**- Briancourt, aproxima-te de mestre Tomás e toma nota do argumento por ele encontrado, para que não lhe saia da memória.**

**Obsequioso, o secretário encaminhou-se ao longo da mesa até chegar junto de Tomás. A personalidade do rei era tão poderosa que ninguém interrompeu o silêncio.**

**Finalmente Tomás parecia voltar a si e viu Briancourt com o papel na mão. Este lhe murmurou alguma coisa ao ouvido. Tomás olhou o**

**rei e, embora sendo o colosso que era, fez uma reverência com a graça e elegância dos gentis-homens. O rei respondeu com um aceno de cabeça.**

**Piers, que seguia a cena, compreendeu como entre aquele rei que poderia ter sido um monge e aquele monge talhado para rei havia uma profunda compreensão pessoal. Tinham algo em comum, que os distinguia de todos os outros. E aquela qualidade comum tornava os outros como anões, ou os fazia desaparecer de todo. Em Piers essa sensação era atravessada em ziguezague por um estranho pensamento que parecia muito afastado: o pensamento que no paraíso devia reinar uma grande cortesia...**

**Com a máxima calma, Tomás começou a ditar ao secretário um rosário de pensamentos que arrancavam o mal do trono do ser, o privavam de um direito próprio e humilhavam-no ao estado de parasita.**

**Reencetou-se a conversa, primeiro timidamente, depois com vivacidade.**

**A condessa de Châtillon meneou a bela cabeça:**

**- Esta não a entendo. Há pouco ofereci àquele bom monge ou mestre ou sei lá o quê, um pedaço desse excelente pavão: quem sabe que pensamentos lhe sugeriu? -e explodiu numa risada.**

**A Joinville custou o guardar para si a resposta óbvia.**

**Tendo chegado ao convento de São Tiago na hora das visitas oficiais, Teodora teve de esperar muito. Aquela espera não contribuiu para melhorar o seu humor. Diante do portão olhara em torno mais de uma vez, mas sem ver Piers. Não lhe tinha feito compreender bastante claramente que o esperaria aí? E agora parecia que não iria ver nem seu irmão.**

**- Avisá-lo-ei logo - dissera o frade porteiro. No entanto já passara meia hora ... ou pelo menos assim lhe parecia, e pôs-se a andar irrequieta pela saleta.**

**Afinal a porta abriu-se ... mas em vez de Tomás apareceu um monge pálido, de cerca de quarenta anos, com o olhar espantado.**

- Nobre dama, eu sou frei Reginaldo de Piperno. Vós esperais vosso irmão, o mestre Tomás de Aquino ... .

- Sim, e já há algum tempo.

- Eu sei, eu sei ... mas ele ... estará aqui logo ... espero ...

De repente ela viu que as mãos do frade tremiam.

- Pelo amor de... aconteceu-lhe alguma coisa?

- Não... não... isto é.. .

- Está doente?

- Não, não está doente ... estará aqui logo, penso ... e agora ... perdoai-me... - e fugiu. Teodora ouviu os precipitados passos no corredor.

Preocupada pois que algo devia ter acontecido, sentou numa daquelas cadeiras pesadas e simples. Nunca vira um homem tão espantado, exceto Rogério naquela noite, a bordo da "Conchita", quando um marinheiro embriagado tentara introduzir-se na sua cabina. Mas não era a mesma espécie de medo. O frade tinha o aspeto de quem tivesse visto um espírito. Ela persignou-se, murmurou uma oração apressada, voltou a persignar-se e, preparada a tudo, esperou firme. Era exatamente o que teria feito sua mãe nas mesmas circunstâncias. Sem o saber, Teodora ia parecendo-se com ela cada vez mais.

Ruído de passos? Desta vez não era o apressado andar de frei Reginaldo. Ela levantou-se e, quando Tomás entrou, foi-lhe ao encontro dizendo:

- Estás aqui, finalmente! Graças a Deus. Que te aconteceu? Não estás bem? Estás doente?

Ele apertou-lhe as mãos:

- Não, não. Sinto ter-te feito esperar. Estava ocupado na capela.

**- Graças a Deus não estás doente! - Tinha lágrimas nos olhos. - Frei Reginaldo veio dizer-me ...**

**- Que disse ele? - perguntou Tomás olhando pela janela.**

**- Que não demorarias ... mas estava tão ... tão estranho ... parecia assustado ... E então eu também tive medo.**

**Ele olhou-a:**

**- Não há razão para ter medo - disse lentamente, e sorriu com naturalidade. - Sinto ter-te feito esperar! Sobra-me pouco tempo livre ...**

**Ela fez uma careta:**

**- Irei queixar-me ao prior e far-te-ei cair na desgraça. Espero que ele não tenha esquecido a tua tentativa de sepultá-lo sob uma avalanche de trutas e de tentar rachar a mais bela mesa do rei Luís. Escuta, meu caro, se não te arrependeres não te perdorei enquanto estiver viva. Se eu fosse uma mulher inteligente, perguntar-te-ia que coisa tão importante te veio à cabeça ... mas como sou o que sou, prefiro renunciar.**

**Tomás sorriu:**

**Ainda não és adulta, Teodora.**

**- Tem cuidado! - ameaçou ela. "Se não fordes como as crianças" ...**

**- Malcriadinha! - e se aproximou: - parece-me que pintaste o rosto.**

**- Se te agrada exprimir-te assim, não negarei. E pecado?**

**- Por que o fazes? - perguntou Tomás com seriedade.**

**- Tenho os lábios pálidos ... aliás, todo meu rosto está pálido. Não sou corada como tu, meu caro. E queria ser bela, se possível.**

**- Queres agradar a teu marido?**

**- Sim - respondeu ela tranqüilamente. - Quero agradecer a meu marido.**

**- Não é pecado - disse Tomás pensativo. - Sei que há escritores autorizados que não pensam assim ... até mesmo padres da Igreja ... Mas não vejo porque seja pecado.**

**- E se não fosse casada? Seria pecado?**

**- Que te cito a Sagrada Escritura:**

**Ele refletiu um pouco e decidiu:**

**- Se o fim é bom, deve ser lícito.**

**Ma comoveu-se:**

**- Es o melhor irmão que uma jovem possa ter. E pensar que achas tempo para as minhas bobagens! Estava orgulhosa de ti, ontem, na catedral. Dizem que foste tu que escreveste o hino que cantaram. Quero aprendê-lo de cor; não sei ainda todo, mas devo aprendê-lo, porque é cheio de alegria. Sit laus plena, sit sonora, sit jucunda, sit decora, mentis jubilatio: esta é a coisa que mais gosto em ti. Es como... como um querubim, um grande, gordo, enorme querubim. Não rias. Falo sério. Fizeste o que Rinaldo não pôde fazer... e que talvez devia ter , feito.**

**- Rinaldo é feliz - observou Tomás.**

**- Fizeste-o em lugar dele ... e para ele, eu o sei.**

**- Rinaldo é feliz. Mas tu, pequena, tu não o és. Por quê?**

**Houve uma pausa.**

**- Não podes compreender - respondeu Teodora. Mas depois pôs-se a rir: - Aposto que ninguém nunca te falou assim. No entanto ...**

**- Certa vez um estudante perguntou-me qual fosse, para mim, a maior graça que recebi de Deus. Respondi: a de ter sempre compreendido todas as páginas que lia.**

**- Eu não sou um livro - rebateu Teodora. - Sou uma mulher. E aproximando-se da janela, deu-lhe as costas: - Tu sabes que Rogério tomou a cruz?**

**- Sim, mas ...**

**- Está nas mãos de Deus, tanto na cruzada como a meu lado. E nós somos uma família de soldados.**

**- Esta não é, pois, a razão ...**

**- Não, não é certo, ou então o é apenas em parte. Mas por que tomou a cruz? E a vontade de Deus, dizem, e Rogério é um bom crente ... e também um bom marido... a seu modo. Eu deveria ser uma esposa feliz.**

**Ele aguardava sem dar sinais de impaciência.**

**- Mas não tomou a cruz porque Deus quer - acrescentou ela. Ou não apenas por isso. Provavelmente ele nem o sabe. Não é ... não é muito corajoso. E um homem delicado e mal acostumado, contrário a tudo o que é feio e doloroso. Ele não o ignora, porque sempre foi assim: seu pai mofava dele por isso, e nem sempre amigavelmente. Ele sofria com isso, mesmo sabendo que seu pai tinha razão. Como? Um San Severino covarde!**

**E bateu o pé. Naquele instante parecia-se como nunca com a sua mãe.**

**- E ele sabe ... que tu sabes? - perguntou Tomás.**

**- Este é o ponto crítico - disse ela mordendo os lábios. - Devo ter-lho feito compreender. Aliás, é inútil esconder: fi-lo compreender, e ele nunca me perdoou isso. Sabe que não posso suportar homens sem coragem. Eu sou da família de Aquino ... e agora ele tomou a cruz ...**

**- ... porque quer reconquistar a tua estima.**

**- Precisamente. E a estima de si próprio. Eu sou o espelho em que ele se olha ... nele viu algo que não lhe agradou e quer modificá-lo.**

**O toque agudo de um sino chegou até eles vindo de não se sabe**

**onde. Tomás levantou-se.**

**- Se lhe acontecesse alguma coisa ... Mas tu deves ir. Não, não digas nada. Reza por mim. Eu ... adeus, Tomás.**

**Saiu correndo e, quando ele chegou ao corredor, já tinha desaparecido.**

**Desceu as escadas, atravessou o verde jardim e chegou à rua onde a esperava a carruagem.**

**- Servo às vossas ordens, nobre dama, - disse Piers.**

**Ela levou a mão ao coração:**

**- Então, viestes?**

**Ele sorriu.**

**- Não devia ter-vos rogado viésseis - murmurou Teodora.**

**- Nem me rogastes.**

**- Em palavras não... mas cometi uma tolice. Aliás, pior, uma injustiça. Ai de mim, não sei o que fazer.**

**"Chorou" pensou Piers empalidecendo, enquanto seus dedos apertavam instintivamente o punho da espada.**

**- Quem vos ofendeu, senhora? Dizei-mo!**

**Ela sacudiu a cabeça;**

**- Ninguém. - E conseguiu esboçar um pálido sorriso. - Falais como se fosseis ainda um cavaleiro de Aquino.**

**- Vós nunca deixastes de ser a minha dama.**

**- Quisera que fosse verdade - murmurou ela. - Não, não me compreendais mal. Creio-vos, mas não é justo. Nunca poderei agradecer-vos bastante pelo que já fizestes. Peço-vos desculpas**

**pelas palavras de meu marido... aliás, pelo seu comportamento, mais que pelas palavras. Está em conflito consigo próprio, e eu me preocupo com isso mais de que possa dizer.**

**- Então foi ele que vos ofendeu? - observou Piers.**

**- Não, não! Já vo-lo disse: ninguém me fez mal.**

**- Houve tempo em que o consideráveis o vosso pior inimigo.**

**- E... - e a lembrança a fez sorrir. - E vós vos oferecestes para matá-lo. Éramos mesmo crianças, Piers. Em vez, Deus vos abençoe, matastes aquele horrível tudesco que o ameaçava. Depois, quando tudo parecia perdido, nos ajudastes a fugir, e sei os esforços que fizestes para salvar Rinaldo e Landolfo. E demais.**

**Com a intuição de quem ama, Piers compreendeu aquilo que ela não ousava dizer.**

**- Estais preocupada por sua vida ... porque vai tomar parte na cruzada!**

**- Não voltará mais, eu sei - disse ela com os olhos cheios de lágrimas.**

**- Teodora ... senhora ... como podeis dizer isso?**

**- Não é soldado.**

**- Suponho - acrescentou Piers pensativo - que se falasse com o príncipe Eduardo ele me permitiria partir logo ... em vez de mais tarde. Assim poderia ocupar-me dele.**

**Ela fitou-o com os olhos arregalados:**

**- Santa Mãe de Deus, como se pode desesperar do mundo se há homens como vós e Tomás?**

**- Tomás é um santo, - disse Piers - eu sou um homem comum. Tomo-vos e vos amei desde o primeiro momento, mas sempre sem esperança. Pelo menos, porém, posso servir-vos. Ficai tranqüila.**

**Obterei a permissão e partirei. Vereis que não lhe acontece nada. Deus vos abençoe!**

**E fugiu. Um pouco adiante esperava-o o escudeiro a cavalo, segurando pela rédea outro animal. Talvez fosse Robin. Piers saltou na sela e ambos partiram.**

**Ela ficou imóvel por algum tempo, e depois, branca e trêmula, subiu para a carruagem.**

**- Aqui há um monte de anotações - disse Reginaldo de Piperno. - Creio que haja também novas. Pertencem todas à Suma? ou a outra coisa?**

**Tomás deu-lhe uma olhadela e disse:**

**- Suma.**

**- Bem, muito bem.**

**-Tu ficas sempre contente quando achas alguma coisa que entra na Suma, e se não entra fazes cara feia. Por quê?**

**- Não sei, mas queria vê-la terminada - disse Reginaldo um pouco atrapalhado. - É uma obra tão vasta ... é a verdadeira suma de toda a teologia cristã. Não se poderá fingir de não a ter notado. Verás que em compensação oferecer-te-ão o chapéu vermelho. Bem sei que não fazes questão, porém deverias pensar também na tua família. Afinal de contas é a honra maior que ...**

**- Da minha família só restam as duas irmãs, e não creio que façam questão de ver-me cardeal. Só meu irmãozinho Reginaldo gostaria...**

**- "Se às mulheres é permitido pintar-se" - leu Reginaldo com estupor. - "A interpretação dos sonhos é lícita quando se trata de esclarecer as condições de um enfermo ... O influxo dos astros é mais forte sôbre as massas que sôbre os indivíduos ... Relação entre trabalho e diversão..."**

**- Tudo isso faz parte da Suma - confirmou Tomás brincando com uma pena de pato e olhando para o chão.**

**Reginaldo imaginava o resto e agitou-se na cadeira.**

**- Reginaldo ... em relação a esta manhã na capela ...**

**- Viste ... viste alguma coisa, não?**

**- Sim - respondeu Reginaldo trêmulo.**

**Tomás levantou-se:**

**- Reginaldo, meu querido filho: prometa não falar com ninguém ... com ninguém! ... antes da minha morte.**

**- Prometo-o - disse Reginaldo, e começou a chorar.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO II**

**- Repeti minhas palavras! - ordenou o mulah. - Allah il Allah, ve Mohammed rassul Allah!**

**A maior parte dos duzentos prisioneiros berrou alguma coisa que bem podia ser, para quem não escutasse atentamente, a fórmula sagrada do Islã, tanto mais que as primeiras três palavras eram bem compreensíveis.**

**Há muito que os prisioneiros estavam de acordo nesse ponto: não era pecado, para um cristão, confirmar que Deus é Deus. Mas confirmar que Maomé era o profeta de Deus já era outra coisa, e assim resmungavam sons inarticulados até chegarem à palavra Alá, que pronunciavam em voz bem alta.**

**Em Túnis, onde tinham passado os dois primeiros anos de prisão, aquela bravura acústica não lhes teria servido muito. Os eruditos sacerdotes do sultão de Túnis não se deixariam enganar com tanta facilidade. Mas lá longe ninguém pretendia que orassem assim. Na capital os escravos eram escravos e, orassem ao Deus cristão ou a um fetiche, pouco importava ao patrão.**

**Mas El Mohar não era Túnis. Era um minúsculo oásis com alguns milhares de palmeiras, a fonte e o casr, isto é, a fortaleza, que os prisioneiros estavam construindo em torno da nascente.**

**Setenta árabes da guarnição, sob as ordens do cádi Ornar ben Tavail, vigiavam-nos e dormiam num pequeno número de cabanas de barro à espera que se terminasse a fortaleza. Naturalmente, os prisioneiros dormiam ao relento, e passavam a noite acorrentados entre si. Cinqüenta deles tinham pago com a vida tal tratamento, mas os restantes bastavam para terminar a fortaleza.**

**Não havia pressa. Os jauros francos tinham sofrido tal derrota que passaria mais de um ano antes que pudessem voltar ao ataque: dissera-o o cádi, que conhecia bem os francos porque seu avô tinha servido o grande Saladino, e ele próprio combatera perto de El Dimiat (que os francos chamavam Damiette) contra o mesmo melek francês que agora tinha sido derrotado diante de Túnis.**

**De porte enorme aqueles jauros, mas delicados como mulheres. Alá investia-os com o sopro ardente do deserto e eles murchavam como flores. Até o rei franco não agüentara e acabara morrendo, e os francos asseveravam que se havia tornado um marabu, um santo.**

**O mulah era certamente um santo homem, mas era também um pouco louco ao pretender ensinar a verdade do Islã àqueles cães incircuncisos: era como ensina-la aos camelos ou às cabras. De fato, a instrução era tarefa dele e nada é impossível a Alá, embora o grande Saladino tivesse dito que o cristão disposto a tornar-se muçulmano é um mau cristão, e de um mau cristão não se pode esperar se torne um bom muçulmano.**

**Observando o mulah naquela faina cotidiana, o cádi Omar ria-se sózinho e mastigava tâmaras: já que os alunos não tinham respondido bem, deviam repetir muitas vezes a fórmula.**

**- Allah il Allah, va va va va va va va Allah!**

**- Agora, milorde, descobri com quem se parece - murmurou um prisioneiro compridão. -Estava procurando há muito.. Pois é, certa vez, em Nottingham. vi uma galinha preta muito velha ...**

**- Cale-se, Robin.**

**- E tal qual uma galinha com barba ...**

**- Fique quieto, agora ele te olha ...**

**- Tomara! - resmungou Robin. - Mas ainda olha para ele.**

**Piers suspirou. Já duas vezes o velho sacerdote tinha-se aproximado de Rogério convidando-o a pronunciar a fórmula sozinho. Rogério, Deus o abençoe, tinha recusado, mas seus olhos estavam cheios de medo e isso não tinha escapado ao velho. Este não podia recorrer à força, porque o cádi precisava dos seus trabalhadores e não permitia que fossem torturados; podia, porém, induzir o prisioneiro a dar uma resposta que soasse como blasfêmia ou ofensa ao grande sultão de Túnis e, nesse caso, o próprio cádi era obrigado a punir.**

**Robin tentara distrair a atenção do mulah, mas sem o conseguir.**

Vendo o velho aproximar-se de Rogério e murmurar alguma coisa, Piers mordeu os lábios. Eram ameaças ou talvez promessas: se um método não servia, recorria-se a outro. Desde que o mulah começara a se empenhar, pelo menos cinco ou seis prisioneiros tinham abraçado o Islã. Em primeiro lugar deviam "abjurar os erros do passado, a adoração do homem Jesus e os três deuses em lugar de um", depois deviam recitar solenemente o credo da nova religião e a primeira surata, isto é, o primeiro capítulo do Alcorão. Enfim sujeitavam-se à circuncisão, obtendo com isso o direito de usar o turbante e deixando de ser escravos, pois que nenhum "verdadeiro crente" podia ser escravo. Depois eram enviados a Túnis ou ficavam ali mesmo vigiando os outros. Deles podia-se fiar tranquilamente, já que ao desprezo dos prisioneiros cristãos opunham o pior ódio que haja, o ódio do mesquinho que se sabe culpado.

Piers via como Rogério estava cansado e esgotado: uma semana antes tivera um acesso de desespero, coisa bastante freqüente em El Mohar, mas sempre perigosa. Era noite e, felizmente, dormiam mais ou menos próximos, separados apenas por dois homens, de modo que Piers pudera falar-lhe e acalma-lo, como nas outras vezes. Mas a resistência de Rogério estava muito abalada e o velho mulah o sabia.

- Avançou um passo - murmurou Robin.

- Pela Santa Virgem, - gritou Piers -. força, Rogério!

O mulah virou-se despedindo chamadas dos olhos:

- Quem te permitiu, jauro, falar? - servia-se da "língua franca" e Piers respondeu-lhe do mesmo modo.

- Envergonha-te, mulah, - exclamou. - Dir-se-á que só sabes conquistar à tua fé apenas homens meio mortos de cansaço e privações. Manda dar a ele dupla ração e trabalhos leves durante um mês, depois repete a tua pergunta e vais ver o que te responde.

- Cão, filho de um cão - explodiu o mulah. - Deves ter nascido de uma meretriz e de um escravo de galé.

- O bom homem não tem lógico - murmurou Robin entre os dentes. - Só se pode ser ou uma ou outra coisa.

**Piers aprovou:**

**- Quando duas teses se contradizem, ou uma ou outra é falsa, ou são falsas ambas, mas não é possível que ambas sejam justas. Não fora à toa que haviam sido frades leigos do convento de São Tiago. - Com improperios ele não me convence.**

**O mulah, porém, não estava disposto a ceder**

**- Em nome de quem ouvi jurar ainda agora? - perguntou em voz muito alta. - Não se trata de uma mulher? Todos sabem que os homens do Franquistão tornaram-se mulheres desde que em suas práticas idólatras chegaram ao ponto de adorar uma mulher ...**

**- Milorde, é uma cilada, cuidado, ele quer apenas...**

**- . . e inventar toda sorte de mentiras em relação à sua pureza ...**

**- Acabemos com isso! - disse Piers com voz estranhamente calma adiantando-se, e num instante seus dedos apertavam o pescoço rugoso do velho mulah. Meia dúzia de árabes tentaram interpor-se, mas Robin foi-lhes por cima como um touro furioso e, tendo abatido um com um formidável soco por estar vibrando um golpe de punhal no amo, aceitou a luta com os outros. Não podia, porém, durar muito: dois minutos depois o mulah estava livre, Piers e Robin acorrentados, e trinta flechas ameaçavam o prisioneiro que tivesse a imprudência de intervir.**

**O cádi avançou:**

**- O chicote para estes dois - declarou aborrecido. - Trinta golpes para cada um. Vós, Kamil e Achmed, executai a sentença. Mulah, terminastes com os outros?**

**Esfregando o pescoço, o sacerdote voltou a tentar convencer Rogério, o qual, porém, estava bem mudado. Depois de ter levantado a mão um gesto de orgulhoso mal sucedido, voltou entre os companheiros.**

**- Muito bem! - gritou Piers. - Se tivesse comportado assim Adão no paraíso terrestre!**

**Robin pôs-se a rir, enquanto o cádi ordenava:**

**- A este cinco golpes a mais - mas acrescentava em voz baixa: -  
Cuidai de não os tornar incapazes de trabalhar.**

**Depois começou-se. O cádi fez assistir à punição os outros  
prisioneiros, pois que trinta e cinco chicotadas não faziam perder  
muito tempo e eram sempre um exemplo.**

**- Tolo, - disse Piers - quem mandou que te metesses na minha  
discussão com o sacerdote?**

**Como resposta Robin deu um grunhido.**

**- Sinto ter-te envolvido neste negócio - continuou Piers; nisso o  
chicote golpeou-o sibilando: era um chicote de pele de rinoceronte,  
e ele apertou os dentes.**

**- Uma - contou o cádi. - E uma duas aludo-. Alguém acabará mal -  
resmungou Robin. - Sabeis a quem**

**- Sei. Não é possível dizer o que ele disse e continuar vivendo.  
Encontraremos um meio.**

**- Três - contou o cádi. - E uma quatro.**

**Quando chegou a dezoito, Piers gritou:**

**- Nada temei, Rogério. Não tenhais medo. Vamos bem! - e desmaiou.  
Depois de mais três golpes desmaiou também Robin, fiel ao patrão e  
sempre pronto a segui-lo.**

**- Basta assim - sentenciou o cádi. - Bater no camelo morto não  
adianta. Levai-os à minha cabana. Decidirei mais tarde se devem  
receber o resto. Abdallah, conduz os prisioneiros ao trabalho. Pela  
Caaba, perdemos um tempo precioso. Jallah! Avante!**

**Voltando a si, Piers achou-se num velho divã desbotado. As costas  
apoiadas em almofadas doíam-lhe terrivelmente e, sem querer, levou  
a mão a trás e notou que estava enfaixado. Levantando 'os olhos viu  
o cádi que, diante dele, num outro divã, tomava um refresco. E eis**

**Robin, um Robin preocupado e enfaixado, mas consciente que ... por sua vez, tomava um refresco.**

**- Seja bendita Nossa Senhora - cumprimentou Robin.**

**Piers sorriu-lhe e voltou a olhar para o cádi.**

**- Tive de mandar chicotear-vos - disse este quase rudemente. Tu, que foste comandante entre os jauros, compreenderás. Toma, bebe.**

**- Não és mau, Omar bem Tavil - disse Piers cortesmente antes de tomar o copo. O refresco estava morno, mas nunca bebida alguma lhe agradara tanto. - Se em tua presença alguém tivesse blasfemado contra o que te é sagrado, tu também lhe terias ido ao pescoço.**

**- De fato, tenho sangue nas veias - replicou o cádi. - Ambos fizemos o que devíamos fazer. Não terás o resto das chicotadas, nem este teu homem, que te é fiel como o mulah ao Corão. Os mulah acrescentou lentamente - têm vista curta. Conhecem uma só espécie de verdade: a deles.**

**Ainda não era fácil respirar, porque as marcas das vergastadas doíam ao menor movimento.**

**- Uma espécie de verdade - repetiu Piers. - Parece-me já ter ouvido falar nisso. Cádi, crês que haja mais que uma verdade?**

**- Há duas, - ensinou o outro - a verdade da religião e a verdade da filosofia. Se chegam a resultados diversos, provam a variedade do mundo de Alá.**

**- É o êrro de Averróis - disse Piers.**

**- Ibn Roschd - confirmou o cádi. - Um sábio tunisino deu-me a conhecer seus escritos. Mas tu estás enganado: Ibn Roschd nunca cometeu êrro, nem seu mestre, o grego ...**

**-... Aristóteles, o qual, por seu turno, errou algumas vezes também. Averróis, ou seja Ibn Roschd, como tu o chamas, ensinava que há três verdades, não duas: a verdade do filósofo que deve ser demonstrada, a verdade do teólogo que só precisa de argumentos verossímeis, e a verdade do homem comum que crê no que se lhe**

**diz e fica satisfeito com isso.**

**- Alá! - exclamou o cádi. - Como sabes todas essas coisas? Eu também sabia que havia uma terceira verdade, mas não conseguia lembrar qual fosse. És tu também discípulo de Ibn Roschd? Creio que no Franquistão há mestres da sua sabedoria ...**

**- Há, realmente, e o maior deles chama-se Sigério de Brabante e ensina em Paris.**

**- Então é verdade! Seja louvado Alá! Finalmente as nações infiéis começam a buscar a verdadeira sabedoria. Logo perceberão que esta destrói todos os seus falsos dogmas, e que é uma loucura opor-se à difusão da verdadeira fé. Lendo Ibn Roschd pensava: pudessem conhecer todas estas coisas todos os infiéis! Abandonassem seu êrro, e o mundo inteiro estaria reunido sob a bandeira verde do profeta. E tu és discípulo daquele Siger ... como disseste?**

**- Sigério de Brabante. Não, cádi, não sou seu discípulo. Mas durante anos fui aluno de um mulah cristão que tinha estudado tanto Aristóteles quanto Ibn Roschd, descobrindo os erros de ambos.**

**- Não é possível!**

**- Aquele mulah, que tinha escrito um kitab, um livro de ciência chamado Summa contra Gentiles, convidou Sigério de Brabante para um duelo espiritual na escola de filosofia em Paris diante do supremo imane da cidade, o bispo Tempier. '**

**- E naturalmente foi derrotado.**

**- Tanto era o poder do seu nome e a fama da sua sabedoria que durante muito tempo Sigério evitou o combate. Mas afinal teve de aceitar o desafio para não ser ridicularizado pelos seus próprios discípulos. Aliás, ele também era um lutador muito temido, e diversos eruditos pensavam que no Franquistão ou mesmo em todo o Ocidente não houvesse ninguém simil a ele.**

**Os olhos do cádi cintilavam.**

**- Sei que os eruditos combatem com o cérebro como eu combato com a lança e a cimitarra. Embora não corra sangue, ou pelo menos**

**não em grande quantidade, é uma luta sem quartel. E como acabou?**

**- O combate teve lugar pouco antes que eu embarcasse com o exército do grande rei. Durou sete horas sem intervalos e Sigério foi derrotado tão decisivamente que o grande imane declarou nula e superada a sua doutrina.**

**- Pela Caaba! Por todos os califas! Aquele homem não devia conhecer a fundo as doutrinas de Ibn Roschd, senão teria vencido.**

**- Conhecia-as muito bem. Eu estive presente. Sigério combateu uma boa batalha. Mas não há no mundo ninguém que em questão de cérebro possa medir-se com Tomás de Aquino, que escreveu também outro kitab que destrói a teoria averroísta, especialmente o pensamento da existência de um único intelecto que se manifesta em todos os homens. - Alá é grande! Então também aquele mulah... Tomás, sabia, e tu também.**

**- Eu recolhi apenas as migalhas caídas de sua mesa - respondeu Piers.**

**O cádi suspirou:**

**- É preciso matá-lo logo, aquele mulah Tomás, se queremos que o Islã conquiste inteiramente o Franquistão: porém daria a minha melhor égua para tê-lo aqui e poder interrogá-lo horas seguidas. Estás em condições de caminhar?**

**- Piers levantou-se, sentindo dores lancinantes.**

**- Posso caminhar, cádi.**

**- E o teu homem?**

**Robin levantou-se sem visível dificuldade.**

**- Está bem - disse o cádi. - Hoje repousareis e amanhã voltareis ao trabalho. Se me jurardes por tudo que vos é sagrado que não fareis tentativas de fuga, esta noite, deixo-vos sem correntes.**

**- Juro - exclamou Piers - por tudo que me é mais sagrado que tentarei fugir na primeira ocasião.**

**O cádi sorriu:**

**- Pena. Porém, se eu fosse teu prisioneiro, teria dito a mesma coisa. E agora ide e não provoqueis de novo a cólera do mulah.**

**Naquela noite, estando acorrentados juntos, ficaram muito afastados de Rogério para poderem conversar, mas ele sorriu para Piers e esboçou uma comovente tentativa de persignar-se... sem conseguir porque a corrente era demasiado curta.**

**- Fica cada vez mais fraco - murmurou Piers.**

**Robin aprovou:**

**- Temo que não dure muito.**

**Piers suspirou:**

**- Prometi cuidar dele, Robin, prometi ...**

**- Não fostes vós, milorde, a propor o ataque, nem devíeis intervir.**

**- Que podia fazer? Rogério já estava na embrulhada.**

**- Quereis parar de fazer barulho, patifes? - grunhiu um dos vigias. - As costas não vos ardem bastante? - Era um francês, cristão renegado, a quem os prisioneiros, por tácito acordo, nunca respondiam. Piers e Robin calaram-se, torturados pelas dores.**

**De não muito longe chegavam os ruídos a que já estavam acostumados: a estrídula risada da hiena, que rondava cautelosamente em torno do oásis, o rouco latido dos chacais, o patear dos cavalos sob os compridos telheiros. Os cavalos eram muito preciosos para serem deixados expostos aos perigos das noites tunisinas.**

**O pior era que cada novo dia diminuía as possibilidades de fuga. A princípio, quando começaram os trabalhos em El Mohar, Piers esperara. Eram em número três vezes maior que os vigias e, logo que estivessem seguros de quem fiar-se, podia-se organizar uma**

**revolta. O trabalho esgotante e o alimento ruim e insuficiente enfraquecera logo os prisioneiros e, ainda que a revolta tivesse bom êxito, que se podia esperar? Entre eles e a Europa havia o mar, dominado pelos velozes navios árabes. Na verdade, o mar não era muito distante, mas era muito provável que tornariam a ser presos antes de se apoderarem de uma embarcação nalgum porto. A rebelião e a fuga eram punidas com a morte ... e com uma morte nada agradável.**

**Uma dúzia ou talvez duas de prisioneiros estavam prontos a tentar, os outros não. Portanto, se não se podia dar origem a uma ocasião, era preciso aguardá-la. Certamente era possível que o rei Filipe de França, e talvez mesmo o príncipe Eduardo oferecessem o preço do resgate, mas não se podia contar com isso. Que o príncipe Eduardo combatia na Terra Santa tinha-se sabido vagamente, mas não era fácil fazer chegar a ele a notícia da prisão do seu vassalo. O rei Filipe, por outro lado, não era o rei Luís. Ainda que conhecesse a sorte dos homens que no último e insensato ataque, antes da grande retirada, tinham caído prisioneiros, podia ser que os tivesse esquecido há muito. E por aqueles que não eram seus súditos não mexeria um dedo. Alguns corajosos tinham conseguido evadir de Túnis, entre ele o senhor de Murailles, cavaleiro nobre e corajoso: mas teriam alcançado a França?**

**Era preciso esperar, e esperar com confiança que surgisse uma boa ocasião. Mas Robin tinha razão: ainda que surgisse, Rogério estava esgotado. Talvez fosse melhor ficar e morrer com ele. El Mohar era um purgatório, mas o purgatório é preferível ao tremendo e insuportável inferno de encontrar-se diante de Teodora e ter de dizer-lhe que o seu cavaleiro não manteve a promessa e que seu marido morrera como morreram seus irmãos.**

**Após cerca de três semanas a sentinela postada sôbre a primeira torre do casr recentemente construído, deu o alarma da tempestade de areia. Os vigias mandaram logo interromper os trabalhos e abrigaram os prisioneiros atrás do muro, enquanto os árabes levavam os cavalos sob os telheiros.**

**O cádi subiu à torre.**

**- Uma tempestade de areia, Jakub? Nesta estação?**

**- Olha tu mesmo, cádi. Poderia tratar-se de uma caravana numerosa, mas não podem ser as caravanas dos Lagos Salgados, e esta vem do norte...**

**- Do norte? Por Alá, teu pai deve ter sido um patife sem um olho e tua mãe sem nariz. Aquilo que brilha entre as nuvens de areia é metal. São inimigos!**

**- Como podem ser inimigos, cádi, se ninguém ...**

**- As armas! - berrou o cádi. - Acavalo, filhos de heróis, eleitos de Alá, gloriosas espadas do Islã. Preparai-vos para o combate, abortos leprosos, mancos sem miolos, filhos de camelos sem corcova! Ali, o meu cavalo! Agora podia-se vislumbrar o inimigo: sem dúvida eram cavaleiros francos, enormes cavalos couraçados e homens gigantescos. Um deles agitava um pequeno tronco de árvore com um estandarte triangular. Mas, embora tivessem levantado enorme nuvem de poeira, parecia não fossem mais de cinquenta. O cádi desceu correndo enquanto Ali trazia-lhe o cavalo. Montou e reuniu seus homens.**

**Jallah! - gritou. - Devem ser prisioneiros escapos, mas nós estamos em maior número. Segui-me!**

**A massa de homens e cavalos saiu como um turbilhão pelo portão ainda não acabado do casr, gritando, relinchando, bufando e agitando armas.**

**- Não creio - disse Robin rindo.**

**Todos os prisioneiros olhavam para fora do muro, lobrigando o seu destino que chegava couraçado e envolto em nuvem de areia.**

**- Azul - exclamou Piers estonteado. - Azul e ... por todos os santos, a bandeira de Eduardo Plantageneto! Está distante mil milhas ... é um sonho, um sonho.**

**- Bom demais para ser um sonho - comentou. Robin. - Talvez estas cadeias possam servir para alguma coisa!**

**- Tens razão. - As correntes que os prendiam à noite não eram uma arma desprezível. Estava por dizê-lo aos prisioneiros, quando ouviu**

**uma voz rouca e febril:**

**- San Severino! San Severino!**

**Voltou-se, e vendo Rogério lançar-se furiosamente sôbre o mullah, correu em seu socorro, mas compreendeu que era tarde demais. O santo homem, de fato, tinha extraído um longo e recurvo punhal, enquanto um dos vigias seguiu-o brandindo o chicote. Sob o ímpeto de Rogério o mullah caiu, mas sem largar o punhal e ...**

**Fora de si, Piers atirou-se sôbre ele como um raio, bateu-lhe no rosto com o punhal e arrancou-lhe Rogério das mãos. Do vigia nem se preocupou: Robin, embora enfraquecido, teria despachado três. Continuou batendo no homem que blasfemara contra a mais pura das criaturas e matara aquele que lhe havia sido confiado; tendo-se levantado quando o mullah imobilizou-se, voltou-se para Rogério. Achou-o sôbre os joelhos de Robin, cujo rosto dizia claramente não haver mais esperanças. Depois viu que o punhal do mullah penetrara profundamente no peito de Rogério.**

**Abaixou-se murmurando:**

**- Vitória! Vencemos!**

**A sombra de um sorriso perpassou pelo rosto de Rogério, aquele rosto tão juvenil, quase infantil, e aproximando o ouvido aos lábios dele Piers pôde ouvir o nome que era tão caro a ambos e, quase imperceptível, o pedido de perdão. Seguiu-se a agonia, enquanto Piers e Robin, feito o sinal da cruz, recitavam as orações dos moribundos.**

**E Rogério expirou.**

**Eles continuaram a rezar, enquanto o terreno tremia sob seus pés. Depois, levantando os olhos, viram o que em outros momentos os teria enchido de alegria: um grupo de cavaleiros armados, montados em cavalos couraçados, entravam no pátio, enquanto em torno deles os prisioneiros gritavam e saltavam como loucos. E um cavaleiro alto e elegante, numa armadura de prata, montado em magnífico corcel ...**

**- Príncipe! - exclamou Piers, enquanto as lágrimas se lhe corriam.**

**Eduardo apeou-se e o abraçou. Ficaram longamente abraçados em silêncio, até que Piers conseguiu dizer:**

- Pensava que estivésseis em Acre. Como fizestes para achar-nos?**
- Estava em Acre, de fato. Derrotamos os sitiantes e marchamos até Nazaré. Estamos retirando-nos, mas o senhor de Murailles mandou-nos uma mensagem ...**
- Deus o abençoe!**
- ... comunicando-nos que estáveis prisioneiros dos tunisinos com grande número de outros cristãos. Então pensei que valia a pena desembarcar e procurar-vos e partir uma lança em memória do rei Luís. Fizemos alguns prisioneiros e estes nos revelaram onde vos encontraríamos. Eis-nos aqui.**
- A batalha está ganha?**

**Eduardo riu:**

- Não foi uma batalha, nem mesmo uma escaramuça. Pensavam que fôssemos apenas cinqüenta porque não podiam ver o grosso que vinha atrás de nós. A areia turbilhonava demais. Somos quinhentos, e mais quinhentos cobrem a retirada até o mar. Oito grandes navios estão ancorados para vós, lorde Rudde! Prendemos o chefe deste grupo, se não de engano.**
- O cádi Omar?**
- Assim diz chamar-se. Maltratou-vos? Se o fez, por minha fé...**
- Não, príncipe, - respondeu Piers com um estranho sorriso. - E um bom estudante de filosofia. Levai-o à França ou alhures, para que possa aprender que a verdade é uma. E um bravo homem. Há, porem, aqui três renegados e um sacerdote infiel...**
- Peço perdão, milorde, - interveio Robin respeitosamente. Os três renegados já chegaram a um lugar mais quente que a Tunísia.**
- O mullah - prosseguiu Piers - blasfemou contra a Santa Virgem.**

- Será um de turbante verde? - perguntou um jovem cavaleiro da escolta.

- Sim. Derrubei-o para salvar o meu pobre amigo San Severino, mas cheguei tarde.

- Vós o derrubastes? - perguntou o cavaleiro estupefato. - Com os punhos? Dir-se-ia que lhe pisotearam o rosto com cavalos. Está morto, milorde, morníssimo. E se um dia tiverdes de combater comigo num torneio, espero que useis uma lança sem ponta e apenas um décimo da vossa força.

- Parece que não nos deixastes muito que fazer - disse o príncipe, rindo. - E preciso dar de beber aos cavalos ... e penso que também aos homens ... Depois acho oportuno largar este reino de areia e de escorpiões antes que se acorde o sultão de Túnis. Que tendes? Não estais feliz de rever a Inglaterra?

- Deus vos abençoe, senhor, pelo que fizestes - respondeu Piers. - Mas em minha vida não há mais alegria possível, e preferiria ter morrido.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **CAPÍTULO III**

**Frei Reginaldo de Piperno estava totalmente feliz. Sua felicidade datava de quando entrara em Nápoles ao lado do seu mestre e amigo Tomás. Daquele dia em diante tudo correra como que automaticamente. O ingresso na cidade fora um triunfo sem par. Nunca um neodoutor em teologia fora recebido por dez mil pessoas que faziam alas pelas ruas, atiravam flores e beijos e externavam como selvagens o seu entusiasmo.**

**Tomás olhara em volta como se toda aquela confusão não fosse para ele, mas para alguém que o seguia... o duque d'Anjou ou mesmo o rei da Sicília, e sentira-se pouco à vontade. Como se pudesse aplaudir o rei da Sicília! Os napolitanos não o toleravam, apesar de não ter brincado com as últimas àguiazinhas suevas. Passavam de boca em boca as palavras que dera em resposta ao rei Manfredo que, pouco antes da batalha de Benevento, tinha-lhe enviado uma mensagem de paz. As tropas de - Manfredo eram formadas quase exclusivamente dos sarracenos da célebre colônia de seu pai perto de Lucerna.**

**- Levai ao sultão de Lucerna esta mensagem: - dissera o rei Carlos - Deus e a espada serão nossos juizes.- ou o sultão me enviará ao paraíso, ou eu o enviarei ao inferno.**

**Donde se compreendia que Carlos d'Anjou sabia com precisão aonde**

**iria, ainda que seus súditos estivessem menos seguros do mesmo. E ele cumpriu a palavra: no fim da jornada, catorze mil sarracenos jaziam mortos no campo, e o rei Manfredo com eles.**

**Quando, então, o jovem Conradinho, o último dos suevos, desceu à Itália para vingar Manfredo e reconstruir o reino de seu pai Conrado e do avô Frederico, Carlos bateu-o em Tagliacozo, capturou-o e fê-lo justicar numa praça de Nápoles.**

**Os napolitanos eram gente alegre a quem pouco importava se os tiranos eram tudescos ou francos. Não perdoaram a Carlos d'Anjou o tê-los libertados, enquanto talvez ter-lhe-iam perdoado se os tivesse libertado também de si próprio. Mas assim não era.**

**Em todo caso, Nápoles não tinha flores nem beijos para o rei Carlos e, se quando ele passava havia alguém que gritava, não o fazia por entusiasmo. Em seguida soube-se que o rei quisera conhecer a razão da incrível popularidade obtida por um simples doutor de teologia. Sabia quem era Tomás de Aquino? Quem não o sabia? Não só sabia que os nobres de Aquino eram os legítimos proprietários de meia província ao norte de Nápoles, mas que Tomás era pessoa caríssima ao rei Luís, que ainda vivia e era o único homem no mundo de quem Carlos temia a cólera. Mandou, pois, uma carta muito cortês e melíflua ao convento dos dominicanos, deu as boas-vindas a Tomás, "o ilustre novo mestre da universidade de Nápoles, cuja fama estava difundida por todo o mundo cristão, ao amigo e conselheiro do seu real irmão de França", e assegurou que "era também sua a alegria demonstrada por seus súditos napolitanos pela entrada do amado mestre na cidade que podia sentir-se orgulhosa de ser considerada o seu berço".**

**- E claro - resmungou o velho prior do convento. - Se alguém deve ser mais bem visto que ele, melhor um frade mendicante que um possível rival.**

**Após a morte do grande e santo irmão, seu regime tornou-se mais duro e mau. Afinal, não havia mais ninguém a quem Carlos devesse temer, exceto o novo papa, Gregório X, o primeiro papa italiano depois de três franceses. Teobaldo Visconti, de Placência, fora amigo íntimo do rei Luís e a muito custo conseguira-se convencê-lo a não participar da última infausta cruzada e a ficar em Liège, onde era arqui-diácono antes de ser chamado ao trono pontifício.**

**Poucos dias após a coroação, o novo papa publicara uma encíclica para convocar um concílio ecumênico em Lião, onde se trataria da questão do cisma grego. O concílio deveria ser inaugurado em 1 de maio do ano seguinte. O calendário marcava o dia 9 de dezembro e estava fora de dúvida que mestre Tomás seria convidado a participar dele e, desta vez, quisesse ou não, ter-lhe-iam conferido o chapéu vermelho, como se fizera com frei Boaventura.**

**Esta era uma das razões que tornavam feliz frei Reginaldo. A outra era a consideração de que o período decorrente até à partida para Lião seria suficiente para que o mestre levasse a termo a maior, a mais profunda, a mais gloriosa de suas obras, a Summa Theologica. As duas primeiras partes estavam prontas e Tomás trabalhava na**

**última, que tratava do Redentor.**

**Em Nápoles não era preciso que o mestre continuasse polemizando contra os erros e falsos argumentos alheios. Não era necessário que pela manhã combatesse os averroístas e à tarde os agostinianos. Nápoles não era Paris. Só de vez em quando ia visitar a irmã Teodora, cujo marido perecera na cruzada que vira também o fim do rei Luís. Finalmente Tomás estava livre para dedicar-se ao seu trabalho. Bastava providenciar que tivesse à mão todos os livros e todos os manuscritos necessários, que ao meio-dia comesse suficientemente e lhe fossem evitados os aborrecimentos. Melhor que isso não se podia viver: parecia estar no paraíso.**

**Mas não há paraíso sem serpente. A serpente napolitana, muito pequenina, chamava-se frei Domingos e era o sacristão do convento. Um homenzinho seco, cujos lábios finos pareciam sempre sorrir ironicamente, talvez pelo fato de ele não ter dentes e não querer que se notasse. Estava naquele encargo há trinta e cinco anos, e não admitia que outros pusessem o bedelho em suas funções. Sabia-se que tinha dado respostas um tanto enérgicas até ao prior e - o que era pior - sabia tão bem o seu ofício que quase sempre tinha razão: seus olhinhos agudos estavam em todo lugar e não deixavam escapar nada.**

**Frei Domingos era o único a quem frei Reginaldo não conseguia convencer da importância de Tomás. Quando o mestre, aprofundado em seus pensamentos, tomava a direção oposta e chegava ao pátio do convento em vez de ir ao refeitório, ou quando chegava às vésperas com um minuto de atraso, frei Domingos franzia o cenho, revelando claramente suas dúvidas sobre a saúde mental do grande filósofo. Sabia, porém, muito bem quais as liberdades que podia tomar e até onde podia ousar, de modo que era difícil apanhá-lo em falta.**

- Frei Domingos, tiraste os paramentos maiores para mestre Tomás?**
- Durante a semana não se podem usar os paramentos novos.**
- Mas bem sabes que mestre Tomás é de estatura excepcional ...**
- Não faz parte das minhas responsabilidades, frei Reginaldo.**

- ... seja fisicamente, como sob outros aspetos. Não disse que tu sejas responsável disso, mas o és quando se trata de preparar paramentos adequados.

- Hoje é dia 6 de dezembro, - replicou frei Domingos - festa de São Nicolau, patrono da Igreja, bispo e confessor. Branco.

- Eu nunca duvidei que saibas o teu dever. Queria apenas fazer-te notar que mais de uma vez mestre Tomás, durante a missa, sentiu-se embaraçado porque vestia paramentos adequados para mim e talvez também para ti, mas não para um homenzarrão como ele. Apelo para ... a tua fantasia, caro frei Domingos, e para o teu bom coração. Se a casula é muito estreita, frei Tomás não pode nem levantar os braços.

- Nesta igreja preparo as casulas há trinta e cinco anos.

- Eu sei, mas ...

- ...também para as missas solenes celebradas por sua eminência o cardeal de Nápoles ...

- Isto não vem ao caso. Queria apenas ...

- ... e por muitos outros príncipes da Igreja, sem ter nunca dado motivo a queixas.

- Eu não me queixei, dirigi apenas um apelo...

- A fantasia! - replicou frei Domingos. - Graças a Deus, eu não sofro desse mal. Precisão, caro frei Reginaldo! Ter na mente todas as particularidades, não esquecer nada, saber sempre onde estão as coisas ou onde deviam estar. Se tivesse fantasia, já teria perdido o cargo há trinta e cinco anos.

Reginaldo desistiu e voltou à cela do mestre para ver se tudo estava em ordem para o trabalho da manhã.

Frei Domingos entrou na igreja, onde Tomás devia estar no final da missa. Precisava apagar as velas, levar de novo o missal para a sacristia, lavar as galhetas ... Ordem, não fantasia!

Para desapontamento seu viu que mestre Tomás ainda estava no altar e não tinha acabado. Depois notou que, embora fosse alto, Tomás estava insolitamente alto, tão alto que sua cabeça estava ao nível dos pés do crucifixo. Frei Domingos supôs que o crucifixo tivesse saído do lugar e que frei Tomás tivesse subido num banquinho para pô-lo onde estava, coisa que não lhe dizia respeito, e sim a ele, frei Domingos, de cujas tarefas ninguém tinha que ocupar-se.

Aproximou-se, então, muito aborrecido. Depois percebeu que Tomás mantinha os braços esticados como em adoração e não tocava o crucifixo: só então notou que o frade não tinha os pés sôbre o banquinho ... mas em cima de nada! Entre os pés e o chão não havia nada, e aquele nada media alguns palmos, deixando ver em toda a sua extensão o tapete vermelho gasto e os brancos degraus de mármore.

Frei Domingos piscou os olhos: não era crível, não se pode ficar no ar! Aliás, Tomás nem ficava no ar, mas pairava no vácuo. Viam-se as solas de seus sapatos.

"Fantasia" pensou frei Domingos assustado. "E um ataque de fantasia". Mas o seu bom senso rejeitou logo toda relação entre o seu pequeno eu e aquela visão assustadora, a visão de uma massa envolta em hábitos sacerdotais, a visão daqueles pés pendurados, daqueles braços estendidos, daquela cabeça reclinada, tudo num silêncio de agonia. Frei Domingos suspirou, tentou dar um passo a trás, como para fugir, mas os pés não o obedeceram. Também os olhos rebelaram-se e ficaram fixos naquela cabeça grande reclinada. Era temor? susto? sofrimento? Precisava esclarecer a coisa. A passos miúdos e incertos, foi-se aproximando bem devagar ao altar. Estava de lado e podia ver o rosto de frei Tomás. Como estava mudado! A boca estava aberta, e os olhos emanavam uma luz terrível. Não era o rosto de quem vê uma coisa extraordinariamente bela, mas talvez a expressão de quem veja aproximar-se uma pessoa amada da beira de um precipício e a chame a si, mas receiosa de que caia. Parecia, mas não era exatamente assim.

Repentinamente frei Domingos começou rememorar quando tinha seis anos e ouvia pela primeira vez as histórias de Moisés, quando Deus lhe mostra a terra prometida e lhe diz: "Viste-a com teus olhos, mas não lhe porás o pé". E o pequeno Domingos chorava, porque o

**pobre Moisés, após tantas fadigas e tanto trabalho, não podia pôr os pés na terra prometida.**

**Tal parecia o homem que fora mestre Tomás: parecia o homem que vira a terra prometida sem poder entrar nela.**

**E frei Domingos, ainda pequeno, mas não mais criança, depois de sessenta e dois anos de vida, dos quais trinta e cinco passados na sacristia de S. Nicolau, mordeu a mão, não para não chorar, mas para que não se ouvisse o seu choro.**

**A nuvem branco-dourada que envolvia Tomás ainda pairava sobre os degraus do altar, mas o seu rosto ia-se modificando: da nostalgia dolorosa passava ao êxtase mais livre. As portas do limbo abriam-se e, finalmente, Moisés podia entrar na terra prometida. Juntou as mãos e começou a rezar. Mas se aquilo era oração, frei Domingos nunca vira alguém rezar. Era o menino que corre para os braços da mãe, a esposa que olha o homem amado, o herói que vê diante de si a vitória, o leproso que se sente curado, o homem que renasce noutra mundo. Assim parecia, e no entanto não era assim, já que, naquele momento, Tomás não tinha consciência de si. Parecia a lua, que brilha em virtude da luz solar ... e aquela luz vinha-lhe do crucifixo.**

**Frei Domingos ajoelhou-se pensando que lhe era concedido assistir àquela glória talvez por amor das lágrimas derramadas quando criança pelo pobre Moisés. Mas o seu pensamento interrompeu-se diante do que estava acontecendo e que se lhe imprimiu na mente por toda a vida. Pareceu-lhe ouvir palavras claras, vindas do altar, ou melhor, do crucifixo: Bene scripsisti de me, Thoma. Quam ergo mercedem accipies? - e a voz de Tomás respondia: -Nil nisi te, Domine.**

**Depois Tomás começou a descer lentamente. O mesmo aconteceu a frei Domingos, mas a seu modo: ele saltou de pé repentinamente, saiu cambaleando da igreja e voltou à sua cela.**

**Logo à tardinha, frei Domingos procurou frei Reginaldo e declarou que doravante daria a mestre Tomás as casulas mais amplas que pudesse conseguir. Era preciso mais alguma coisa? Se fosse o caso, que frei Reginaldo lhe ordenasse logo.**

**Admirado, frei Reginaldo notou que o paraíso terrestre estava sem a serpente. Maravilhou-se, embora estivesse ainda um pouco desconfiado.**

**Quando, meia hora depois, entrou na cela de Tomás sobraçando um manuscrito (o tratado de São Bernardo sobre a penitência), achou-o como sempre à escrivãzinha, sobre a qual, porém, não havia mais nem papéis, nem livros, nem penas de pato. Tudo havia sido tirado, menos o crucifixo.**

**- Finalmente achei o São Bernardo, - disse - e um exemplar completo. Assim, se ...**

**- Reginaldo, - interrompeu Tomás - és tu, não?**

**Reginaldo empalideceu:**

**- É claro, sou eu. Que há. Estás mal?**

**- Não, Reginaldo, não. Retoma o manuscrito e leva-o de volta. Também aqueles ali no canto.**

**- Levá-los de volta? Por quê? Não precisas para ...? Não, não terei mais necessidade de manuscritos.**

**- Mas, Tomás, tu estás doente. Vou chamar o prior. Precisas de alguns dias de descanso. Nunca te vi tão pálido ... ou então.. . aconteceu-te como em Paris quando ...**

**- Silêncio, Reginaldo. Prometeste-me não falarias até que eu tenha morrido. Agora não demorará muito.**

**- Não fales assim, Tomás, esconjuro-te. Agora repousarás, ficarás bom de novo e terminarás a Summa.**

**- Não escreverei mais, Reginaldo. Tudo o que escrevi é como palha ... em confronto com o que vi. Vai, meu filho, preciso ficar só.**

**Reginaldo saiu. Não só a serpente tinha desaparecido, mas todo o paraíso.**

**Afinal a guerra não é tão tremenda, quando se superou o primeiro susto que se prova à vista do coração humano; quando se sabe qual a forma das vísceras, do cérebro e do sangue e aquele a quem pertence não sabe nada ou, se sofre, com os sofrimentos é sempre possível fazer as contas: apertam-se os dentes, respira-se devagar, espremem-se as mandíbulas ... ou, melhor ainda, oferecem-se aqueles sofrimentos como esmola para os pobres do céu: e quando são insuportáveis, perdem-se os sentidos e tudo se arruma.**

**Mesmo a prisão não é tão pesada. Não se dispensa de bom grado o período sucessivo, com todas as esperanças e decepções. Mantém-se a força contra os ataques de fora e, deitando-se tem-se o céu estrelado sobre a cabeça. Quando, então, se aproxima a libertação, a alegria torna-se selvagem.**

**Só uma coisa é terrível e insuportável: o sofrimento da pessoa amada, a dor que se lhe leva e que não se pode revogar. Fica-se aí olhando, imóvel e pasmado.**

**Tais pensamentos acompanhavam constantemente Piers. Seguia-o até o pequeno posto onde aguardavam os navios do príncipe Eduardo, velejara com ele até a Espanha e depois à França, e agora acompanhava-o à Itália; estava na sela com ele e apunhalava-lhe as costas. Quanto mais se aproximava de Roca-sêca tanto pior sentia-se. E quando chegou soube que a condessa de San Severino tinha-se transferido para o castelo de sua sobrinha, Francisca Cecano, respirou aliviado. Era o tolo e instintivo alívio do condenado à morte que obtém um adiamento ele vinte e quatro horas.**

**Piers passou a noite em Roca-sêca, já reconstruída, mas muito mudada. Dormiu pouco porque parecia-lhe ouvir a voz dela, o alaúde de Rinaldo, o frufu da velha condessa, a voz profunda de Landolfo que pedia bebida ... estava lá também soror Maria Getsêmani, com o véu preto e o rostinho branco. Dos vivos, porém, só ela ... ela, a quem devia levar a notícia mais dolorosa, mais grave do que o anúncio da morte dos irmãos ...**

**Foi uma noite tremenda, aquela, entre as sombras de Roca-sêca, que se torciam de dor. O sol quente de fevereiro encontrou-o completamente desperto. "Hoje, então, irrevogavelmente". Em poucas horas podia estar em Magença.**

**Robin chegou com os cavalos e, dando o bom dia, nem levantou os olhos,. "Grisalho" pensou Piers. "Tornou-se grisalho e velho". E sumiu-lhe.**

**Chegaram a Magença à tarde. Servos em libré ajudaram-nos a descer elo cavalo e confirmaram que a condessa de San Severino estava de visita à patroa. Piers foi logo anunciado às senhoras.**

**Pouco depois. apareceu Francisca Cecano, uma jovem tímida e preocupada, de sorriso inquieto. Trocadas as primeiras cortesias, os visitantes foram introduzidos no átrio, rico e espaçoso, depois numa sala onde clamas e cavaleiros agrupados se inclinaram. Francisca Cecano caminhava ao lado de Piers com seu sorriso triste, já que tinha compreendido tudo. Vira que Piers e Robin tinham voltado ... sós.**

**Noutra sala encontraram uma pequena dama vestida de preto. Francisca murmurou-lhe algumas palavras e saiu, enquanto a outra permanecia imóvel.**

**Piers sentiu que o bater do seu coração enchia a sala. Aproximou-se lentamente: foi a empresa mais corajosa de toda a sua vida. Depois pôs-se de joelhos:**

**- Senhora, não pude manter a promessa.**

**Nenhuma resposta.**

**Com um esforço prodigioso ele conseguiu levantar-se e reviu o rosto da mulher à qual pertencia: era o mais belo que nunca, no entanto não o de antes: pálido, os olhos desproporcionadamente grandes e a expressão ... incompreensível. Pena, compaixão, ânsia ... e uma dor tão cruciante, que ele sentiu faltarem-lhe as forças. Mas havia mais: no seu âmago escondia-se um solene mistério que ele não devia penetrar. Ela estava ali, mas ao mesmo tempo muito longe, para lá de terras e mares.**

**- Querida patroa, não quereis perdoar-me? Fiz tudo que pude ...**

**Os pálidos lábios moveram-se e ele ouviu sua voz:**

**- Os santos vos abençoem! Não tendes culpa alguma.**

**Absolvido, absolvido! Mas, diante da sombra espectral de Teodora, a alegria era impossível.**

**- Senhora, não pode ter uma morte mais bela que a de Rogério de San Severino.**

**- Morreu ... com coragem?**

**- Nunca vi ato tão corajoso. Sem armas atacou um infiel que havia blasfemado contra a Santa Virgem e o derrubou. Mas o infiel estava armado ... e eu cheguei um instante atrasado.**

**- Morreu com coragem - repetiu Teodora com voz apagada. No seu rosto reapareceu aquela expressão estranha, inexplicável. Parecia tê-lo previsto e que fosse justamente o pior.**

**Ele prosseguiu:**

**- Pouco depois fomos libertados pelo príncipe Eduardo Plantageneto, meu senhor. Vosso marido teve a sepultura de um cristão. Setecentos valentes rezaram no seu túmulo marcado com uma cruz. Depois cobrimos de areia o túmulo e a cruz para que o inimigo não a achasse e profanasse. O capelão do príncipe Eduardo explicou-nos que é justo esconder sob a areia a cruz de um cavaleiro cristão: também a cruz de Nosso Senhor ficou trezentos anos sob a areia, até que Santa Helena a descobriu.**

**Ela abaixou a cabeça. Piers não temia nada no mundo, exceto suas lágrimas: no entanto, não a ver chorar parecia-lhe mais sinal. Soubesse, ao menos, o que ela pensava, pudesse ajudá-la!**

**Finalmente ela falou com voz tênue:**

**- Lorde Rudde ... Piers ... tenho que dizer-vos uma coisa que talvez vos faça sofrer. E, como sei o que seja a dor, quisera que este cálice coubesse a mim. A minha dor é igual à vossa, podeis crer.**

**Ele criou coragem:**

**- Que é, minha senhora?**

- Piers, raramente uma mulher teve tantas razões para ser grata a alguém quantas eu tenho em relação a vós. Tudo o que um homem de honra, corajoso e fiel podia fazer, vós o fizestes, e poucos poderiam imitar-vos ... talvez ninguém.

- Minha senhora ...

- Um dia dissestes-me que me amáveis. Embora fosse casada com outro homem, era uma honra, porque o vosso amor nada tinha que pudesse desgostar a Deus. Vossa lembrança e vossa imagem ficarão para sempre gravadas em meu coração, mas não devemos rever-nos nunca mais.

Ele levantou-se trêmulo:

- Por que, minha senhora, por quê?

- A esta pergunta, caríssimo amigo, não posso responder.

- Porque vos desiludi ...

- Não, não vos digo, não me desiludistes. E porque... sou eu que ... Santa Mãe de Deus, ajudai-me!

Ele olhava-a embaraçado. Depois, de repente voltaram a si ambos, porque do pátio chegava um patear cavo e repetido.

- Alguém bate à porta - murmurou Teodora, e se aproximou instintivamente da janela. - L Tomás! - exclamou. - Chegou Tomás! Piers alcançou-a. No pátio entravam dois homens montados em ululas. O maior dos dois, que envergavam o hábito da Ordem dominicana, estava derreado sobre a sela e três criados esforçavam-se para descê-lo, com grande dificuldade, como se tratasse de remover uma grande estátua de cima do pedestal. Era mesmo Tomás: embora estivesse de olhos fechados e parecesse muito doente, Piers reconheceu-o e partiu correndo, seguido por Teodora. Chegaram ao átrio justamente quando entravam com Tomás. O outro frade era Reginaldo de Piperno. Também a tímida Francisca chegou apressada, tomando providências com surpreendente energia:

- Trazei-o aqui, ao quarto dos hóspedes, não pelas escadas. Luís, vai

**chamar o doutor Guido que está na vila. Devagar, sustentai-lhe a cabeça!**

**Um minuto depois Tomás estava estendido no divã, e Reginaldo sentado a seu lado. Piers mandou com um aceno, saírem os servos, enquanto Teodora abaixava-se aos pés do irmão e olhava aterrada o rosto exangue do gigante caído.**

**- Que tem ele? Que aconteceu? - murmurou.**

**- E uma coisa freqüente - respondeu frei Reginaldo, muito triste. - Começou no dia de São Nicolau, e piora cada vez mais. Nas primeiras vezes o ataque durava um quarto ou, no máximo, meia hora. Desta vez, porém, está durando mais de duas horas. Graças a Deus encontramos algumas boas pessoas que nos ajudaram a pô-lo, na sela, de outro modo não poderíamos ter chegado ao castelo.**

**- Ouve-nos?**

**- Não minha nobre dama. Olhai! - E com os dedos levantou delicadamente a pálpebra direita de Tomás: apareceu apenas o branco dos olhos.**

**- Eis aqui o doutor Guido - disse da porta Francisca. O médico era um homem idoso, de olhar inteligente e maneiras gentis.**

**- Vosso servo - disse com um leve aceno dirigindo aos presentes. - Ser-vos-ia muito grato se por um instante pudésseis deixar-me a sós com o paciente.**

**Todos saíram; inclusive Reginaldo, que se afastava de má vontade.**

**- Que terá ele? - repetiu Teodora alarmada.**

**Reginaldo balançou a cabeça e tentou falar, mas não o conseguiu.**

**- Sentai-vos, frei Reginaldo, - convidou Piers trazendo uma cadeira... apenas a tempo. - Poderiam trazer-me um copo de vinho?**

**- Eis o vinho - respondeu Francisca. - Bebei, frei Reginaldo ... não, mais um pouco ... todo. Senti-vos melhor?**

- Obrigado, obrigado - dizia o frade, encabulado porque todos olhavam para ele. - Obrigado ... estou bem ... Como é forte este vinho.

- Podeis falar? - perguntou Teodora agitada.

- Certamente, mas eu mesmo pouco sei. Como disse, a coisa começou a 6 de dezembro, festa de São Nicolau, embora aquele não fosse bem o início ... Condessa ... lembrais o dia em que foste visitá-lo em Paris e tivestes de esperar ...

- Sim. Pensei que estivesse doente. Estáveis tão preocupado...

- Isso mesmo. E não era a primeira vez, embora antes não fosse bem como naquele dia ... minhas palavras são bem atrapalhadas, penso, mas não é fácil falar ... destas coisas.

- De que coisas? - perguntou Teodora impaciente. - Se alguém adoce no convento, não é tratado? Pensava ...

- Certamente, quando se trata de doença ... mas isso não é ... bem não ousou dizer mais, ele não me perdoaria. Tive de prometer, ma, estou tão preocupado! Estava trabalhando na última parte do mais importante de seus livros, quando, um dia, voltando da missa, aparece» mudado . . . quase como agora, mas consciente. Disse que depois do que tinha visto não escreveria mais nem uma palavra. E assim fez ... ele!

- Depois do que tinha visto!... - repetiu Teodora pensativa.

- Não escreveu mais nada - suspirou frei Reginaldo- A mais estupenda de suas obras fica incompleta. E pensar que tem a idade em que, segundo Platão, o homem deveria começar a tornar-se filósofo) Só quando chegou a carta do santo padre voltei a ter confiança

- Do santo padre?

- Sim, convidava mestre Tomás ao concílio de Lião. Tomás não estava em condições de viajar, mas fez questão; assim, nos pusemos a caminho com autorização para cavalgar... já que, a rigor, deveríamos ir a pé.

**- Não faltava mais nada! - murmurou Piers.**

**- O convite do santo padre pareceu fazer bom efeito tiro, seguiu Reginaldo. - Mestre Tomás falava um pouco mais e parecia alegre e feliz. Como o prior não permitia que ele saísse do convento antes de nos pormos em viagem, o rei da Sicília veio visitar-nos.**

**Teodora franziu o cenho:**

**- Que queria ele?**

**- Eu sei porque estava presente. Disse ter vindo desejar-nos boa viagem com a esperança que mestre Tomás falasse bem dele e do seu governo ao santo padre.**

**- Compreendo. E meu irmão?**

**Um sorriso passou rápido pelo rosto preocupado de frei Reginaldo:**

**- Mestre Tomás assegurou-lhe que diria a verdade.**

**Todos sorriram ... mas nisso apareceu o doutor Guido:**

**- Voltou a si.**

**- Quê foi? - perguntou logo Teodora.**

**O médico olhou para Reginaldo e respondeu com circunspeção:**

**- E difícil dizê-lo, nobre dama. Não temos nenhum sintoma que possa definir uma doença verdadeira e própria.. . No entanto é uma doença. ainda que não lhe conhecemos o nome.**

**- Não estará envenenado? - perguntou Teodora com um fio de voz.**

**Todos os presentes, menos o médico, compreenderam a alusão: o rei da Sicília era capaz de tudo, quando o trono lhe parecia em perigo.**

**- Não, condessa, não é envenenamento.**

**- Que será, então?**

**Novamente o médico olhou para Reginaldo:**

**- Suponho que não seja a primeira vez. Não é, padre?**

**- Não é a primeira vez.**

**- Já o imaginava. Antes de retomar consciência pronunciou poucas palavras, mas suficientes para dar-me a compreender que estamos diante de um caso, de certo modo, contrário ao envenenamento.**

**- Que quereis dizer, doutor Guido?**

**- Nós consideramos envenenado o homem no qual penetrou uma substância estranha, cuja atividade é danosa. Aqui parece tratar-se do contrário.**

**- Falais por enigmas, doutor, - protestou Francisca Cecano. Que vos impede falar de modo simples e claro?**

**- E o que está procurando fazer! - exclamou Frei Reginaldo.**

**Doutor Guido fez-lhe um aceno:**

**- Procurarei explicar-me melhor. No mundo físico "veneno" é uma expressão para indicar determinada quantidade, uma dose. Uma substância em pequena quantidade pode exercer ação benéfica, enquanto uma quantidade excessiva tem conseqüências danosas e venenosas.**

**- Que tem a ver isso tudo com meu irmão Tomás? - perguntou Teodora.**

**- No mundo do espírito e da alma a coisa é diversa - prosseguiu o médico calmamente. -Aqui não se trata de quantidade, mas de qualidade. Uma má paixão pode ser um veneno espiritual; mas, aqui está a dificuldade: como chamar o contrário? Só uma boa paixão, a forma mais alta das paixões, o amor de Deus ...**

**- Soli Deo - murmurou frei Reginaldo.**

**- Mas ele está enfermo, - exclamou Teodora - está fraco... desmaiou. Como pode ser isso efeito ...?**

**- Pode ser muito bem -disse o médico. - Tem-se sabido de almas eleitas cujo amor a Deus era tão grande e mais ardente que a pior das febres. Quanto maior é o amor, tanto maior o sofrimento, e tanto maior a aflição. E quando Deus, o amado, revela-se a quem o ama, a alma deste só tem um fito: unir-se o quanto antes ao amado. Tal obra só vive para morrer.**

**- E ele ... morrerá? - perguntou Teodora empalidecendo assustadoramente.**

**- Não sei, condessa ... mas se morrer ... morrerá de amor.**

**Seguiu-se uma pausa, porque todos tinham compreendido a grandiosa significação daquelas palavras O primeiro a falar foi frei Reginaldo:**

**- Há alguma esperança que mestre Tomás se refaça e possa prosseguir a viagem para Lião?**

**- Em tais casos o médico não pode julgar com segurança - respondeu o doutor Guido. - Nada é possível.**

**- Posso ir vê-lo?'- perguntou Teodora.**

**- De certo, condessa. Do ponto de vista médico ele está perfeitamente normal.**

**Deixaram-na ir sozinha. Quando ela entrou, Tomás estava sentado no leito e lhe sorriu:**

**- Querida pequena, sinto ter-te assustado. E uma coisa de nada. Como vês, estou muito bem. Preciso pedir desculpas também a Francisca. Onde está ela?**

**Quando Teodora esteve sentada na beira da cama, ele viu seus olhos e compreendeu que ela sabia. Então pôs-se a brincar com a franja do travesseiro de seda, fitando o teto.**

- Tomás ... querido Tomás, sei que sou egoísta, sei que não deveria perturbar-te, especialmente neste instante. Mas não posso deixar de te fazer uma pergunta que talvez possa resolver tudo.

- Fala, querida.

- Parecer-te-á uma pergunta tola. Como ... como alguém se torna santo?

- Basta querer.

Ela olhou-o incrédula.

-. Querer? Só isso?

- E tudo o que nós podemos fazer. Deus faz o resto. Ama ao Senhor, mas não esquece que o amor vem da vontade: amar é querer.

"Que se pode fazer quando a vontade está quebrada?" pensou amargamente Teodora. E perguntou:

- Qual é a coisa mais desejável na vida?

Ele respondeu tranqüilo:

- Uma boa morte.

Talvez tivesse razão. Certamente tinha razão. Ela tinha-a desejado mais de uma vez, quando os pensamentos rondavam-lhe o coração. Mas agora compreendia que não poderia seguir a Tomás, compreendia que ele estava muito longe, no cume de um monte tão alto em que ela não podia respirar. "Perdi meu direito à felicidade", pensava. "Perdi-o quando, recusando olhar de frente o meu amor, puni-me confrontando tudo que Rogério fazia com aquilo que o outro teria feito, simples cavaleiro e no entanto ... a medida de todas as coisas. E eu impus a sua imagem ao pobre Rogério que, por meu amor, atirou-se ao perigo e morreu. Mea culpa..."

- Cara Teodora, aqui em baixo não temos direito à felicidade, e nem mesmo na vida eterna: ela é um livre dom de Deus.

**- Como compreendestes, Tomás ...?**

**- E um livre dom de Deus, mas ele é muito generoso ...**

**O seu rosto grande e imponente estava iluminado por um quente sorriso; nele resplandecia a alegria do bem e a luz da inteligência. Depois os grandes olhos pretos fecharam-se e a cabeça caiu nos travesseiros. Por um momento Teodora teve medo, mas a sua respiração era regular e enérgica. Dormia.**

**No dia seguinte Tomás passou melhor, conversou com Francisca Cecano e não pareceu nada surpreso quando Piers entrou no quarto.**

**- Frei Pedro! - Chamou. - Isto é ... lorde Rudde, agora, não é?**

**- Peço-vos-que me chamais ainda frei Pedro. Nunca tive um nome mais honorífico que este.**

**Tomás pediu informações da cruzada e da morte do rei Luís, depois perguntou:**

**- Estavas presente, não é, meu filho, quando Rogério morreu? Disse-me Francisca.**

**- Sim.**

**O santo e o cavaleiro olharam-se.**

**- Disse-te já uma vez - falou Tomás - que não há triunfo nem derrota quando alguém faz o que deve. Mais uma vez cumpriste tua missão.**

**Piers suspirou:**

**- Padre Tomás, o médico diz que dentro de alguns dias estareis em condições de prosseguir viagem. Posso ir convosco? Lião está no caminho à Inglaterra. Seguimos, portanto, o mesmo itinerário, e ...**

**Interrompeu-se, mas Tomás parecia não ter ouvido, porque disse de repente:**

**- Desta vez, frei Pedro, não teremos à nossa disposição a melhor carruagem do príncipe Eduardo. - O seu sorriso era irresistivelmente contagioso,**

**- Falcão e Gavião - riu Piers. - Sabeis que em certo momento mestre Alberto pensou seriamente que eu tivesse roubado a carruagem e os cavalos?**

**Quando saiu do quarto ficou algum tempo pensativo; enquanto seus pensamentos cruzavam-se e se confundiam, os lábios sorriam ainda. "Somente aí dentro espande o sol" pensou, e meneou a cabeça ao estranho pensamento, enquanto o sorriso esmorecia.**

**Procurou Teodora para comunicar-lhe que acompanharia Tomás a Lião, e ela ouviu-o de olhos baixos.**

**- Portanto, se quiserdes permitir-me ficar aqui até que mestre Tomás esteja em condições de prosseguir ...**

**- Não é a mim que deveis pedir. Essa é a casa de Francisca.**

**Piers replicou com energia:**

**- Creio que não ficaria nem no paraíso, se percebesse que isso vos desgostaria.**

**Ela acrescentou amargamente:**

**- Temo que no paraíso serei menos ouvida que em Meganha. E logo prosseguiu: - Somos dois tolos. Esqueci minhas palavras. Sentir-me-ei muito tranqüila sabendo-vos ao lado de Tomás.**

**Inclinando-se, Piers afastou-se em silêncio. O resto do dia foi pesado como chumbo.**

**Na manhã seguinte Tomás melhorou ainda um pouco, embora o doutor Guido não estivesse muito satisfeito. Nos dois dias sucessivos a melhoria acentuou-se, de modo que Tomás resolveu prosseguir a viagem. Enquanto atravessavam a ponte levadiça, a esplêndida manhã prometia um lindo dia: Tomás e Reginaldo cavalgavam as mulas, seguidos por Piers e Robin e enfim por Teodora, Francisca e o doutor; esses últimos tinham resolvido**

**acompanhar os viajantes por um trecho do caminho. Passaram pela vila de Campânia, onde os homens tiravam o chapéu e as mulheres levantavam os meninos para que os frades os abençoassem. O cheiro de lenha queimada atravessava o ar fresco. Apareceram depois os prados e as colinas cobertas de oliveiras verde-azuladas. A certa distância, atrás de um tufo de pinheiros erguia-se a torre quadrangular de um mosteiro.**

**- A abadia de Fossanova - explicou Francisca. - Foi construída sobre as ruínas de Forum Appii, onde havia cristãos desde os tempos de Calígula. Uma deputação de Forum Appii deu as boas-vindas a São Paulo quando veio à Itália.**

**- A que Ordem pertence o mosteiro? - perguntou Piers, feliz e ao mesmo tempo triste por ter sido interrompido o longo silêncio.**

**- Aos cistercienses.**

**De repente frei Reginaldo deu um grito e, ao mesmo tempo, todos viram Tomás vacilar na sela: Piers esporeou o cavalo e chegou a tempo de impedir que ele caísse. Teodora chegou um segundo depois:**

**- Tomás, querido Tomás ... que tens?**

**O que tinha era até muito claro. O rosto estava terroso, os olhos cavados. Não podia falar. Doutor Guido desceu do cavalo e um olhar bastou-lhe para decidir**

**- A viagem terminou.**

**- Podemos levá-lo de novo a Magença? - perguntou Francisca em voz baixa.**

**- Espero - respondeu o médico.**

**Nisso Tomás levantou ligeiramente uma mão. Compreenderam que tentava falar e aguardaram ansiosamente. De fato, conseguiu articular algumas palavras que, apesar de tudo, eram claras e compreensíveis:**

**- Se Nosso Senhor vem buscar-me... é melhor que... me encontre**

**num convento.**

**- Frei Reginaldo - observou Piers - será bom irdes à abadia informar o abade. Robin tomará vosso lugar ao lado de mestre Tomás. Nós seguiremos lentamente.**

**Reginaldo aceitou a sugestão; daí à abadia eram, no máximo, dez minutos de cavalgada ... mesmo numa mula.**

**Partiu a pequena comitiva: Tomás entre Piers e Robin, enquanto o médico segurava pela rédea o animal do paciente. Teodora e Francisca seguiam logo atrás. Ninguém falava, o golpe fora improvisado. A própria natureza parecia reter a respiração. Ouvia-se apenas o patear dos animais. Para alcançarem o imenso edifício branco da abadia foi preciso quase meia hora. Era uma construção que incutia respeito, embora envolvido, como costumam ser os conventos dos cistercienses, numa atmosfera de sublime serenidade. Acharam o portão encarcerado e um grupo de monges de burel branco que aguardavam.**

**Quando o médico parou os animais, Tomás murmurou:**

**- Teodora ... a muitos ... levarei ... o teu amoroso cumprimento... a papai e mamãe... a Rinaldo e Landolfo... a Marta ...**

**- Tomás, Tomás! - exclamou ela tomando-lhe a mão direita que estava gelada.**

**- Deus te abençoe! - E, tomando a direita dela, pô-la na mão de Piers, dizendo com voz límpida e quase normal: - A ele ... confio-te.**

**Eles se olharam como se fosse um sonho, como dois meninos assustados e trêmulos, incapazes de formular um pensamento. Quando suas mãos se desprenderam, os cistercienses estavam tirando Tomás da mula para deitá-lo numa padiola onde estava estendido um cobertor de lã.**

**Piers viu Tomás dar a bênção a Francisca, depois ao médico e a Robin. Quatro monges levantaram a padiola e entraram pelo portão, que se fechou atrás deles.**

**Todos ficaram por algum tempo em silêncio, depois, como urna só**

**vontade, voltaram-se e se dirigiram para Magença.**

**Cada dia vinham juntos a Fossanova e assim fizeram por semanas a fio. Pelo menos uma vez por dia o doutor Guido ia a Magença com notícias sobre a saúde de Tomás, que quase sempre estava consciente.**

**O médico estava muito comovido pelo que tinha visto.**

**- São dignos de tê-lo sob o seu teto. Deram-lhe a cela do abade, e tudo que entra naquela cela só é tocado por mãos consagradas. Até a lenha para a lareira é apanhada por monges sacerdotes, não pelos leigos. Ele percebeu-o e protestou, mas os monges sorriam e continuaram como antes. Querem-lhe bem, como se tivesse descido do céu para ficar com eles, em vez de estar para subir.**

**Ninguém ousava perguntar ao médico se ainda havia um fio de esperança.**

**Quando Teodora cavalgava para Fossanova, Piers seguia-a à distância e não dizia palavra. Em Magença, em companhia dos outros, falavam com rígida cortesia, e quando estavam a sós nem tinha coragem de falar. Como muitas vezes nos homens cuja vida é a imitação de Cristo que leva à santidade, havia uma analogia, ou parecia houvesse, entre as palavras de Tomás e as de Jesus. Aquele "a ele te confio" parecia as palavras com que Cristo, na cruz, confiara a mãe ao discípulo predileto. Era um encargo sagrado que ultrapassava as normais relações humanas. Certamente as palavras de Cristo significavam muito mais: eram a dádiva que ele deixava à humanidade: João representava todos os homens e a todos os homens o Redentor deixava o mais precioso dos dons: sua Mãe, que assim tornava-se também a Mãe deles todos. Piers e Teodora pensavam nisso, mas sem o dizer.**

**Teodora não podia entrar na abadia porque a nenhuma mulher é permitido pôr os pés num mosteiro de cistercienses, nem a Piers ocorreu pedir um privilégio do qual a irmã de Tomás não podia participar.**

**Paravam os cavalos diante do grande portão branco e aguardavam até que um dos monges viesse trazer notícias. Tomás sabia que vinham cada dia, e ainda quando não mandava nenhum recado, eles**

**sentiam sua presença paternal como se nenhum muro os dividisse.**

**E não estavam sós. A notícia tinha-se propagado rapidamente de modo que, desde os primeiros dias chegavam camponeses de Campânia e de outras localidades. Logo vieram também de Nápoles, Roma, Viterbo, Orviedo, Cremona, Florença e até de Milão. Chegaram o prior do convento de Nápoles e muitos nobres de toda parte da Itália, e mesmo que seu parentesco com Tomás fosse apenas de terceiro ou quarto grau. Faltava apenas Adelásia, que estava na Espanha casada há alguns anos.**

**Todas vezes que chegavam a Fossanova, Piers e Teodora encontravam pequenos grupos e visitantes individuais a espera diante do portão. Só uma vez, enquanto voltavam para Magença e estavam quase chegando ao castelo, Teodora voltou-se improvisamente e disse a Piers com voz trêmula:**

**- Nunca me dissestes que por Rogério fostes cruelmente açoitado.**

**Ele enrubesceu:**

**- Robin não estava autorizado a revela-lo. Depois não é verdade. Fomos açoitados porque eu tinha agarrado pela garganta o mulah, o sacerdote infiel, e Robin correu em meu socorro. Eu agredi-o porque tinha blasfemado contra a Virgem.**

**- Eu sei, Piers, mas ele blasfemou porque tentáveis impedir que Rogério cometesse uma coisa horrível.**

**- Em nenhum caso tê-la-ia cometido, tão fraco como estava depois do que havia sofrido. Darei uma lição a Robin. Como se permitiu ...?**

**- Não, não, por caridade. Foi culpa minha. Fui eu a fazê-lo falar porque queria saber mais. Então, ele também apanhou de chicote: e não me disse. Rogo-vos não o repreender. Fazei-o por amor meu!**

**Sem aguardar resposta, esporeou o cavalo e entrou pela ponte levadiça a galope.**

**Em Fossanova continuaram a rezar pela saúde de Tomás. Reginaldo não se dava paz à idéia de perder o amigo que estava sob sua proteção desde quando recebera as ordens sacras. Quando estava a**

**sós com Tomás, exprimia com voz entrecortada a esperança de que alcançariam Lião para grande glória da Ordem. Tomás falava-lhe como a uma criança. Deus concedia-lhe aquilo que sempre implorava: de ir embora deste mundo assim como era.**

**- Deus concedeu-me a sua luz e a sua graça antes dos outros, encurtando o período do meu exílio e permitindo-me ir ter com ele mais rapidamente.**

**E quando Reginaldo fixava-o sacudindo a cabeça, Tomás acrescentava:**

**- Na sua imensa bondade, ele mesmo comunicou-mo. - Depois calaram-se os dois. O sol e o vento de março traziam à cela o suave perfume da erva fresca. Da capela chegava o salmodiar dos monges.**

**- Se me queres bem, - dizia Tomás docemente - alegra-te comigo porque a minha consolação é perfeita.**

**No mesmo dia quatro cistercienses vieram pedir-lhe uma coisa: desse-lhes o comentário à mais sublime das escrituras místicas,**

**Cântico dos Cânticos do Antigo Testamento.**

**Ele enrugou a fronte:**

**- Deixei de escrever.**

**Mas eles não desistiram. Não era preciso escrever;; files tomariam nota de suas observações; um dos mais jovens ousou lembrar-lhe que também São Bernardo tinha trabalhado até à última hora.**

**Tomás sorriu:**

**- Dai-me a mente de São Bernardo e eu também o farei.**

**Mas a idéia tinha lançado raízes. Aquele era um cântico de amor, aliás o cântico do amor. Por isso ele concordou, para grande gáudio dos monges. Aquela nova vontade de trabalhar podia ser indício de cura. Quem sabe se o trabalho não o curaria. Assim ele iniciou o comentário ao maior e mais belo de todos os cânticos do amor, que exalta, profético, o liame de Cristo com a sua esposa, a Igreja, no**

**céu e na terra. Quando adormecia, os frades se retiravam na ponta dos pés para voltar na manhã seguinte.**

**Quando chegou ao penúltimo capítulo e leu as palavras: "Vem, meu amigo, saiamos pelos campos..." o livro caiu-lhe das mãos e desmaiou. Mandaram chamar o doutor Guido, e depois de cerca de uma hora Tomás retomou consciência.**

**- Reginaldo, - disse com voz clara - os pecados de toda a minha vida ...**

**Compreenderam que desejava confessar-se e o deixaram a sós com o confrade. Pouco depois o frade saiu com o rosto alagado de lágrimas.**

**- Os pecados de um menino de cinco anos - murmurou. Meu Deus, em toda a sua vida, os pecados de um menino ...**

**Depois viu diante de si o abade com o viático e, atrás dele, em fila dupla, todos os cistercienses. Ajoelhou e deixou-os entrar na cela. Do interior ouvia-se a voz forte e alegre de Tomás:**

**- Tu és Cristo, o Rei da glória eterna.**

**No dia 6 de março, diante do portão os grupos eram mais numerosos que nunca. Espalhará-se a notícia que Tomás estava morrendo e tinha recebido a Extrema-unção: mas o dia passou e nada aconteceu. Quando anoiteceu, o povo começou a dispersar-se.**

**- Eu fico - disse Teodora a Francisca. - Tu podes voltar, eu preciso ficar.**

**Francisca demorou-se ainda algum tempo, depois encaminhou-se para o castelo. Era uma noite fechada, com pouquíssimas estrêlas. Aqui e ali encontrava-se alguém, um velho pastor, uma ou outra moça.**

**Incapaz de rezar e de pensar, Teodora sentou-se sobre a erva. Um pouco distante, Piers apoiava-se na espada: adiante os cavalos pastavam serenamente.**

**Nas trevas, o mosteiro parecia enorme, quase precisasse ter-se**

**ampliado para conter a alma do titã moribundo. Piers pensava de novo nas palavras do abade que, no dia anterior tinha saído especialmente para cumprimentar a irmã de Tomás:**

**- A sua maior obra é ter feito da filosofia uma arma a serviço de Cristo. Não só conseguiu a síntese entre ciência aristotélica e ciência cristã, mas fez muito mais. Deu à própria filosofia o sacramento do Espírito Santo.**

**Filósofo, teólogo, metafísico, doutor ... desde que, em vista disso tudo, os homens esquecessem o homem, amável, bom e maravilhoso! ...**

**Um sino argentino anunciou a meia-noite. Dia 7 de março: o dia em que tantos anos antes Piers fora ter com ele, em Paris, para anunciar-lhe a morte de seus irmãos. Fora para consolá-lo e saíra consolado.**

**De repente, outro sino começou a tocar, e outro ainda, depois os maiores, que se ouviam raramente. A noite estava cheia de sons do bronze.**

**Teodora levantou-se. persignaram-se e rezaram**

**Piers deu um passo. Ambos compreenderam, até que os sinos se calaram. Então Piers foi buscar os cavalos. Ele e Teodora montaram, taciturnos e solenes. Cavalgaram em silêncio, mas num certo ponto ela reteve o cavalo até que Piers se pôs a seu lado. Estendeu-lhe a mão, e quando ele a apertou na sua, apoiou a cabeça cansada no ombro dele.**

**Ele disse com voz tênue:**

**- Agora sei ...**

**- O quê?**

**- Que começou sua obra no céu.**

▪ *Autoria*

▪ *Índice*